UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS CLÁSSICAS

ALEX MAZZANTI JÚNIOR

**Com ou sem *ut*? Um estudo da complementação com subjuntivo
de *facio* e *uolo* em latim arcaico**

Versão Corrigida

São Paulo
2018

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS CLÁSSICAS

ALEX MAZZANTI JÚNIOR

**Com ou sem *ut*? Um estudo da complementação com subjuntivo
de *facio* e *uolo* em latim arcaico**

Versão Corrigida

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-graduação em Letras
Clássicas, do Departamento de Letras
Clássicas e Vernáculos da Faculdade de
Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo, como parte dos
requisitos para obtenção do título de Mestre
em Letras.

Orientador: Prof. Dr. José Marcos Mariani de Macedo

São Paulo
2018

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Ciência e Concordância do(a) orientador(a)

Nome do(a) aluno(a): Alex Mazzanti Júnior

Data da defesa: 06/12/2018

Nome do Prof. orientador: José Marcos Mariani de Macedo

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 28/01/2019

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

M477o   Mazzanti Jr., Alex
              Com ou sem ut? Um estudo da complementação com
              subjuntivo de facio e uolo em latim arcaico / Alex
              Mazzanti Jr. ; orientador José Marcos Mariani de
              Macedo. - São Paulo, 2018.
              264 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de Letras Clássicas e
Vernáculas. Área de concentração: Letras Clássicas.

1. Língua Latina. 2. Sintaxe. 3. Plauto. 4.
Terêncio. I. Macedo, José Marcos Mariani de, orient.
II. Título.

Nome: MAZZANTI JR., Alex

Título: Com ou sem *ut*? Um estudo da complementação com subjuntivo de *facio* e *uolo* em latim arcaico.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras Clássicas, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição _____

Julgamento _____

Prof. Dr. _____

Instituição _____

Julgamento _____

Prof. Dr. _____

Instituição _____

Julgamento _____

AGRADECIMENTOS

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), sem cujo apoio este trabalho não poderia ter sido feito, tanto pela bolsa regular (processo nº 2015/26060-5), quanto pela bolsa BEPE (processo nº 2017/06554-9).

Aos meus pais, pelo apoio e incentivo incondicionais de sempre, e à minha família.

Ao Zé, meu orientador, que, ainda durante minha graduação, foi quem sugeriu – acertadamente! – que eu procurasse algo da língua de Plauto para estudar e que, durante o mestrado, deu todo o apoio para que este trabalho se desenvolvesse. Também agradeço pelo incentivo aos (divertidos) estudos em linguística indo-europeia.

Ao Wolfgang de Melo, que me recebeu tão bem nos seis meses que passei em Oxford, disposto a se reunir comigo, me motivar e ler meus textos, mesmo tendo importantes atividades a cumprir por lá. Muito da alguma confiança que tenho nos achados desta pesquisa se deve a ele.

À Isabella Tardin Cardoso e ao Paulo Sérgio Vasconcellos, por participarem da minha defesa como banca examinadora, disponibilizando-se a ler meu trabalho com atenção e contribuindo com importantes observações e correções.

Ao Mário Viaro e ao Marcelo Fernandes, pelas importantes contribuições não só em minha banca de qualificação, mas também em minha formação na graduação: o primeiro me introduziu à linguística histórica – sempre esquecida nos cursos de linguística do Brasil, apesar de seus 200 anos de tradição! Muitos manuais de introdução à linguística sequer a citam! –; o segundo foi responsável por boa parte de minha formação em língua latina e foi em suas aulas que a pergunta de pesquisa deste trabalho começou a germinar.

Aos meus amados amigos, Alice, Ariadne, Barraca, Cíntia, Deborah, Enrico, Hallak, Isa, Isawa, Kura, Mari Marin, Pequeno, Rafinha, Tuca. Pelos bons e maus momentos, conversas, viagens, bares, baladas, discussões sobre qualquer assunto que dê curiosidade, além, claro, do apoio durante a loucura que é fazer uma dissertação.

Aos amigos da pós, Bárbara, Clara, Diogo, Mateus Ramos, Rodrigo, em especial do GELIEA, Caio, Rafael, Thiago, Victor. À Patrícia Schlithler e à Silvia Campanholo, por aguentarem minhas infundáveis dúvidas sobre a BEPE e a FAPESP em geral. E à Jasmim Drigo, pela importante interlocução no estudo das línguas itálicas!

Aos grandes amigos que fiz em Oxford, em especial, Adir, Camilla, Fabi, Tadeu, Fê, Homero, Vitor, Wesley, Tami, Thais, pelo enorme apoio mútuo, fundamental para todo exilado relembrar o aconchego do lar.

Ao *Faz Diferença? Discussões sobre desigualdades*, pela chance de agir politicamente (ainda que pouco) e escapar da alienação que uma pesquisa como esta poderia gerar em mim.

Tandem hercle gratias ago dis sempiternis, praesertim Baccho et Fortunae. Sicut usque adhuc, facite quaeso semper mihi propitii sitis.

*Résumons : les faits synchroniques, quels qu'ils soient, présentent une certaine régularité, mais ils n'ont aucun caractère impératif ; les faits diachroniques, au contraire, s'imposent à la langue, mais ils n'ont rien de général. [...] Que dans l'étude d'une langue l'observation se porte d'un côté ou de l'autre, il faut à tout prix situer chaque fait dans sa sphère et ne pas confondre les méthodes.*¹

Ferdinand de Saussure, *Cours de linguistique générale* (2005, p. 134 e 140)

---

¹ Em tradução: “Em resumo: os fatos sincrônicos, quaisquer que sejam, apresentam certa regularidade, mas não têm nenhum caráter imperativo; os fatos diacrônicos, ao contrário, se impõem à língua, mas nada mais têm de geral. [...] Ainda que no estudo de uma língua a observação se aplique ora a um aspecto ora a outro, é absolutamente necessário situar cada fato em sua esfera e não confundir os métodos.” (SAUSSURE, 2013, p. 137 e 142).

RESUMO

Esta dissertação tem por objetivo localizar, quantificar, descrever e explicar sincronicamente a variação entre presença e ausência da conjunção *ut* nas orações substantivas (completivas) com subjuntivo dos verbos *facio* e *uolo*, no latim de Plauto e Terêncio (latim arcaico). A partir dos resultados, buscou-se estudar essa estrutura diacronicamente, tanto retroagindo no tempo, ao se verificar hipóteses do surgimento da estrutura (período pré-histórico da língua latina), quanto avançando, ao se comparar os resultados do latim arcaico com os dados do latim de Cícero, especialmente suas cartas (latim clássico). Para tanto, o texto se inicia com uma introdução descrevendo sucintamente a estrutura em estudo. Segue-se com hipóteses de qual seria a situação em protoindo-europeu e no latim pré-histórico. Apresenta-se a etimologia da conjunção *ut* e a miríade de usos que ela teve em latim, dentre os quais a introdução de orações completivas de subjuntivo. Discute-se a ambiguidade do termo *parataxe* na bibliografia, decidindo-se por chamar a estrutura em estudo de *justaposição*. A metodologia e o recorte da pesquisa são descritos: todas as orações de subjuntivo que completam *facio* e *uolo* encontradas nas 21 peças de Plauto, nas seis de Terêncio e alguns textos de Cícero, numa abordagem tanto quantitativa quanto qualitativa, auxiliada por técnicas estatísticas. Uma série de critérios para verificar se há uma regra subjacente ao uso da conjunção foi aplicada, dos quais o mais relevante foi a morfologia do verbo principal. O verbo *facio* apresenta 36% de subjuntivos justapostos, número que aumenta a 55%, se considerarmos somente formas imperativas de *facio*. O verbo *uolo* apresenta 68% dos exemplares com justaposição, número que aumenta a 82%, se considerarmos somente o tipo *sequitur coniunctiuus*. Assim, entende-se que, quando o verbo principal tem uma forma deôntica (ordem, desejo, concessão), como um imperativo ou o próprio verbo *uolo*, há preferência pela justaposição, o que pode ser explicado pela origem paratática da estrutura. Além disso, já em latim arcaico a complementação com subjuntivo apresenta restrições que são intensificadas no latim de Cícero, no qual a justaposição está restrita a contextos formulares e pragmaticamente definidos. Isso mostra que, entre o latim arcaico e o latim clássico, ocorreu um processo de fossilização da justaposição de subjuntivo com os verbos *facio* e *uolo*.

Palavras-chave: Plauto. Terêncio. Cícero. Língua Latina. Parataxe. Sintaxe. Linguística histórica.

ABSTRACT

This dissertation aims to locate, count, describe and explain synchronically the presence and absence of the conjunction *ut* in substantive (completive) subjunctive clauses of the verbs *facio* and *uolo* in Plautus and Terence (Archaic Latin). Starting from the results, the structure was studied diachronically, not only back in time to check some hypothesis of the origins of the structure (pre-historic period of the Latin Language), but also forth in time, comparing the results with data from Cicero, specially his letters (Classical Latin). The text begins with an introduction about the structure studied. There follows some hypothesis concerning the state of affairs in Proto-Indo-European and pre-historic Latin. The etymology of *ut* is presented and the various uses it had in Latin, among which the introduction of subjunctive complement clauses. The ambiguity of the term *parataxis* in the bibliography is discussed, upon which we decided to call *juxtaposition* the structure under scrutiny. The methodology and corpus of research are described: all subjunctive clauses that complete *facio* and *uolo* found in the 21 plays of Plautus, six of Terence and some texts of Cicero. The approach is quantitative and qualitative and is supported by statistical techniques. Many criteria were applied to check if there was an underlying rule to the use of the conjunction. Morphology of main verb was the most relevant. The verb *facio* presents 36% of the tokens with juxtaposed subjunctives. The figure rises to 55%, if we only consider imperatives of *facio*. The verb *uolo* presents 68% of tokens with juxtaposition. The figure rises to 82%, if we only consider the *sequitur coniunctiuus* type. Then, when the main verb has a deontic form (command, wish, concession), like an imperative or the verb *uolo* itself, juxtaposition is preferred. This can be explained by the paratactic origin of the structure. Besides, already in Archaic Latin the subjunctive complements show some restrictions that are intensified in Cicero's Latin, in which juxtaposition is restricted to formulaic and pragmatically defined contexts. This shows that with the verbs *facio* and *uolo* a fossilization process of the juxtaposition of a subjunctive occurred between Archaic and Classical Latin.

Keywords: Plautus. Terence. Cicero. Latin Language. Parataxis. Syntax. Historical Linguistics.

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS

Línguas

PIE	protoindo-europeu
PIt.	protoitálico

Varia

p.s.	pessoa do singular

Símbolos

>	Mudança fonológica: foi para
<	Mudança fonológica: veio de
→	Alterações não fonológicas
*	Forma linguística não atestada
#	Mudança de turno/falante

Todas as abreviaturas de nomes de autores e obras seguem a convenção proposta no *Thesaurus Linguae Latinae* (TLL) (1904), exceção aos fragmentos. Como praticamente somente são citados Plauto, Terêncio e Cícero (*Epistulae ad Atticum*), preferiu-se quase sempre omitir seus nomes, para que as copiosas citações de trechos não dificultassem a leitura, citando-se somente a abreviação da obra. Caso algo fora desse escopo seja citado, será dada a citação plena, seguindo a convenção do TLL.

Plautus

	Plaut.
<i>Amphitruo</i>	<i>Amph.</i>
<i>Asinaria</i>	<i>Asin.</i>
<i>Aulularia</i>	<i>Aul.</i>
<i>Bacchides</i>	<i>Bacch.</i>
<i>Captivi</i>	<i>Capt.</i>
<i>Casina</i>	<i>Cas.</i>
<i>Cistellaria</i>	<i>Cist.</i>
<i>Curculio</i>	<i>Curc.</i>
<i>Epidicus</i>	<i>Epid.</i>
<i>Menaechmi</i>	<i>Men.</i>
<i>Mercator</i>	<i>Merc.</i>
<i>Miles Gloriosus</i>	<i>Mil.</i>
<i>Mostellaria</i>	<i>Most.</i>
<i>Persa</i>	<i>Persa</i>
<i>Poenulus</i>	<i>Poen.</i>
<i>Pseudolus</i>	<i>Pseud.</i>
<i>Rudens</i>	<i>Rud.</i>

	<i>Stichus</i>	<i>Stich.</i>
	<i>Trinummus</i>	<i>Trin.</i>
	<i>Truculentus</i>	<i>Truc.</i>
	<i>Vidularia</i>	<i>Vid.</i>
	<i>Fragmenta</i>	<i>frag.</i>
Terentius		Ter.
	<i>Adelphoe</i>	<i>Ad.</i>
	<i>Andria</i>	<i>Andr.</i>
	<i>Eunuchus</i>	<i>Eun.</i>
	<i>H(e)autontimorumenos</i>	<i>Haut.</i>
	<i>Hecyra</i>	<i>Hec.</i>
	<i>Phormio</i>	<i>Phorm.</i>
Cicero		Cic.
	<i>Epistulae ad Atticum</i>	<i>Att.</i>
	<i>Epistulae ad familiares</i>	<i>fam.</i>

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	17
2	PANORAMA DA ESTRUTURA: ALGUNS ELEMENTOS HISTÓRICOS	21
2.1	Etimologia da conjunção latina <i>ut</i>: levantamento bibliográfico e descrição de algumas propostas	25
2.1.1	de Vaan	26
2.1.2	Untermann e Buck	28
2.1.3	Schmidt e Sturtevant	30
2.1.4	Pokorny	32
2.1.5	Ernout & Meillet	32
2.1.6	Resumo e algumas conclusões	34
2.2	Desenvolvimentos da conjunção <i>ut</i> internos ao latim e seu estado no latim clássico	37
3	PARATAXE E JUSTAPOSIÇÃO	42
3.1	Teorizando Parataxe e Justaposição	42
3.2	Parataxe e/ou justaposição de orações completivas: o que (não) há na bibliografia	44
3.2.1	DAHL, B. <i>Die lateinische Partikel ut</i> . (1882)	45
3.2.2	WEISSENHORN, J.B. <i>Parataxis Plautina</i> . (1884)	46
3.2.3	SCHNOOR, H. <i>Zum Gebrauch von ut bei Plautus</i> . (1885)	48
3.2.4	DELBRÜCK, B. <i>Vergleichende Syntax der indogermanischen Sprachen</i> . (1893-1900)	50
3.2.5	GILDERSLEEVE, B. L.; LODGE, G. <i>Latin Grammar</i> . (1903 [1895])	51
3.2.6	ANTOINE, F. De la parataxe et de l'hypotaxe dans la langue latine. <i>Revue des Études Anciennes</i> (1899)	53
3.2.7	DURHAM, C. L. <i>The subjunctive substantive clauses in Plautus, not including indirect questions</i> . (1901)	55
3.2.8	ALLEN, J. H.; GREENOUGH, J. B. <i>New Latin Grammar</i> . (1903)	57
3.2.9	LINDSAY, W. M. <i>Syntax of Plautus</i> . (1907)	58
3.2.10	PATZNER, F. <i>De parataxis usu in Ciceronis epistulis praecipuo</i> . (1910)	60
3.2.11	WALLIN, A. R. <i>Parataxis in early Latin</i> . (1910)	60
3.2.12	BENNETT, C. E. <i>Syntax of early Latin</i> . (1982 [1910-1914])	62
3.2.13	ERNOUT, A.; THOMAS, F. <i>Syntaxe latine</i> . (2002 [1951])	64
3.2.14	FARIA, E. <i>Gramática superior da língua latina</i> . (1958)	65
3.2.15	WOODCOCK, E. C. <i>A new Latin syntax</i> . (1959)	66
3.2.16	HOFMANN, J. B.; SZANTYR, A. <i>Lateinische Syntax und Stilistik</i> . (1965)	66

3.2.17	PINKSTER, H. <i>Latin syntax and semantics</i> . (1990)	67
3.2.18	VASCONCELLOS, P. S. <i>Sintaxe do período subordinado latino</i> . (2013)	68
3.2.19	PINKSTER, H. <i>Oxford Latin syntax</i> . Volume 1: The simple clause. (2015)	70
3.2.20	Conclusões	71
4	RECORTE E METODOLOGIA	73
4.1	<i>Corpus</i> do latim arcaico: Plauto e Terêncio	73
4.2	<i>Corpus</i> do latim clássico: cartas de Cícero	75
4.3	Complementação com subjuntivo de <i>facio</i> e <i>uolo</i>	78
4.4	Primeira fase de análise: visão geral quantitativa	80
4.4.1	Recolha dos exemplares	80
4.4.2	Notação dos versos e critério de contagem dos exemplares	81
4.5	Da relevância estatística dos dados	82
4.6	Segunda fase de análise: qualitativa	86
4.7	Descrição dos critérios da análise qualitativa	87
4.7.1	Critérios morfossintáticos	87
4.7.1.1	<i>Morfologia verbal: principal e subordinado</i>	87
4.7.1.2	<i>Posição do verbo com subjuntivo em relação ao principal: ante ou post</i>	88
4.7.1.3	<i>Posição nos versos</i>	88
4.7.1.4	<i>Distância entre os verbos</i>	88
4.7.1.5	<i>Posição do ut na frase</i>	89
4.7.1.6	<i>Metro: cantica e deuerbia</i>	90
4.7.1.7	<i>Sexo do personagem</i>	92
4.7.1.8	<i>Tipo do personagem</i>	92
4.7.2	Casos especiais	93
4.8	Comentários	93
4.9	Traduções dos exemplares	94
5	VERBO <i>FACIO</i>: ANÁLISES SINCRÔNICA E DIACRÔNICA	96
5.1	Visão geral quantitativa	96
5.2	Análise qualitativa	99
5.2.1	Critérios que não afetam o uso da conjunção	99

5.2.2	Alguns casos especiais	103
5.2.3	Critérios relevantes para o uso da conjunção <i>ut</i> com o verbo <i>facio</i>	109
5.2.4	Perspectiva histórica: do latim arcaico a Cícero	120
5.3	Conclusão: o latim arcaico, entre a pré-história e o latim clássico	122
6	VERBO <i>UOLO</i>: ANÁLISES SINCRÔNICA E DIACRÔNICA	124
6.1	Visão geral quantitativa	124
6.2	Análise qualitativa	127
6.2.1	Tipo <i>in responso</i>	127
6.2.2	Critérios que não afetam o uso da conjunção	131
6.2.3	Alguns casos especiais	135
6.2.4	Critérios relevantes para o uso da conjunção <i>ut</i> com o verbo <i>uolo</i>	138
6.2.5	Perspectiva histórica: do latim arcaico a Cícero	144
6.3	Conclusão: o latim arcaico, entre a pré-história e o latim clássico	148
7	CONCLUSÕES	152
	REFERÊNCIAS	159
	APÊNDICE – DADOS UTILIZADOS NA PESQUISA	173
A.	Listas comparativas entre o <i>corpus</i> aqui adotado e o de outros estudos	173
B.	Introdução ao banco de dados: critérios e legenda	192
C.	<i>facio</i> – exemplares justapostos de Plauto	194
D.	<i>facio</i> – exemplares com <i>ut</i> de Plauto	205
E.	<i>facio</i> – exemplares justapostos de Terêncio	229
F.	<i>facio</i> – exemplares com <i>ut</i> de Terêncio	232
G.	<i>facio</i> – exemplares justapostos de <i>ad Atticum</i>	238
H.	<i>facio</i> – exemplares com <i>ut</i> de <i>ad Atticum</i>	238
I.	<i>facio</i> – exemplares justapostos das outras cartas de Cícero	241
J.	<i>facio</i> – exemplares justapostos das outras obras de Cícero	242

K.	<i>uolo</i> – exemplares justapostos de Plauto e Terêncio, tipo <i>sequitur coniunctiuus</i>	243
L.	<i>uolo</i> – exemplares com <i>ut</i> de Plauto e Terêncio, tipo <i>sequitur coniunctiuus</i>	253
M.	<i>uolo</i> – exemplares justapostos de Plauto e Terêncio, tipo <i>in responso</i>	256
N.	<i>uolo</i> – exemplares com <i>ut</i> de Plauto e Terêncio, tipo <i>in responso</i>	258
O.	<i>uolo</i> – exemplares justapostos das outras obras de Cícero	262
P.	<i>uolo</i> – exemplares com <i>ut</i> das outras obras de Cícero	263

1 INTRODUÇÃO

Na história da língua latina, como bem se sabe, a variedade de maior prestígio foi o chamado latim clássico, uma língua muito padronizada, encontrada, por exemplo, nos trabalhos de Cícero e César. Por outro lado, o latim de séculos anteriores apresentava uma gama muito mais variada de elementos morfológicos e sintáticos, alguns não completamente estudados. A pequena porção de dados epigráficos dos primeiros séculos de material escrito não permite uma visão geral confiável do sistema da língua, de modo que somente os séculos III e II a.C. (de agora em diante chamado aqui de latim arcaico) oferecem dados suficientes, especialmente as 21 peças de Plauto e as seis de Terêncio que sobreviveram.²

O elemento sintático objeto deste estudo é a oração completiva com subjuntivo, uma oração que ocupa um argumento verbal³ geralmente ocupado por um substantivo, conhecida também como oração substantiva.⁴ Tais orações podem ser introduzidas pela conjunção *ut*, além de *ne*, *quin*, *quominus* e *quod* (estas últimas possibilidades não serão abordadas aqui). Enquanto no latim clássico a regra padrão seria a presença da conjunção *ut* introduzindo essas orações, em latim arcaico essa conjunção pode estar quer presente, quer ausente. Esse tipo de alternância pode também ser encontrado em estruturas similares em inglês:

(1) He **said** he **would come**.

(2) He **said** that he **would come**.⁵

Nesses exemplos, o verbo principal é *said* e um de seus argumentos é uma oração substantiva que pode, não obrigatoriamente, ser introduzida pela conjunção *that*. Em português não temos paralelo em que a oração subordinada tenha seu verbo

² Sobre a periodização e os autores a ela relevantes, veja o Capítulo 4 – Recorte e Metodologia.

³ Argumento verbal é um elemento semanticamente obrigatório de uma oração para que se complete o sentido do verbo (PINKSTER, 2015, p. 11).

⁴ Veja, por exemplo, Cart et al. (2007, p. 130-135) e Allen & Greenough (1903, § 560). Para uma discussão sobre a bibliografia com mais referências, veja o Capítulo 3 – Parataxe e Justaposição.

⁵ Em português teríamos com a conjunção “ele disse que viria” e uma versão agramatical ilustrativa “ele disse viria”.

desenvolvido (em forma finita) sem a conjunção,⁶ mas a título de ilustração apresento a forma com a conjunção e a forma agramatical (*) sem a conjunção:

(3) Eu **quero** que você **venha**.

(4) *Eu **quero** você **venha**.

O verbo principal *quero* tem como seu argumento uma oração subordinada cujo núcleo é o subjuntivo *venha*. Isso é o mesmo que ocorre em latim arcaico:

(5) *quid fuit officium meum me facere? **fac** sciam;* (Trin. 174)

“O que era meu dever fazer? Faz com que eu saiba.”

(6) *si a uiro tibi forte ueniet nuntius, **facito** ut sciam.* (Stich. 148)

“Se por acaso uma mensagem vier de seu marido, faz com que eu saiba.”

Além da mudança de tempo do verbo principal (de imperativo presente para imperativo futuro), a única diferença entre esses exemplos é a presença e ausência da conjunção *ut*. Nos próximos capítulos, essa construção será estudada e buscarei verificar se há algum sentido que norteie a presença ou a ausência dessa conjunção em latim arcaico.

O Capítulo 2 oferece um panorama histórico sobre a complementação com subjuntivo, trazendo visões sobre a questão no protoindo-europeu e quais teriam sido seus desenvolvimentos no período pré-histórico da língua latina, que resultariam nas regras do latim arcaico. Em seguida, há uma discussão sobre hipóteses para a etimologia da conjunção *ut*, as quais, infelizmente, não contribuem para determinar se a complementação com subjuntivo se desenvolveu em latim ou em protoitálico, terminando com os múltiplos usos do *ut* no latim clássico, tal como descrito pelas gramáticas.

A construção sem a conjunção, em muitos estudos, é considerada um tipo de parataxe. Assim, o Capítulo 3 está interessado na teorização existente sobre parataxe e

---

⁶ Em sua gramática, Bechara (2004, p. 485) indica a possibilidade da “omissão da conjunção integrante”, por razões estilísticas, quando há mais de um *que* no enunciado. Um dos exemplos citados é de Alexandre Herculano: “aconselhava-o não tentasse nada de leve”. Logo, temos exemplos, na literatura, de justaposição de um subjuntivo a seu verbo principal, embora, ressaltamos, se trate aparentemente de recurso estilístico. Agradeço ao professor Paulo Sérgio Vasconcellos pela indicação da referência.

justaposição e como gramáticas e outros estudos aplicaram esses termos, com enfoque na estrutura estudada aqui, especialmente no que se refere aos verbos *facio* e *uolo*, verbos em que me deterei mais à frente. Isso foi feito, porque, obviamente, essa estrutura já foi comentada e estudada por muitos autores, mas esses estudos têm duas principais dificuldades.

Primeiramente, há certa ambiguidade sobre como classificá-la: alguns autores chamam-na de parataxe e reconhecem haver uma relação de hipotaxe que meramente não é expressa por um subordinador. É o caso de dois importantes trabalhos sobre a sintaxe do latim arcaico, Lindsay (1907, p. 66) e Bennett (1910-1914). Outros estudos consideram que somente sentenças que não têm uma relação de subordinação devem ser consideradas paratáticas, como Weissenhorn (1884). A fim de evitar essa ambiguidade de longa data, a qual se relaciona com o estatuto sintático das sentenças às quais é aplicado, preferirei utilizar, em vez de parataxe, o termo mais neutro *justaposição* para descrever a estrutura de verbo principal seguido de subjuntivo sem subordinador.

Em segundo lugar, os trabalhos sobre esse tema comumente tentam fazer uma tipologia geral das orações substantivas, sem prover uma análise exaustiva dos dados disponíveis. Os únicos trabalhos que oferecem dados completos são Durham (1901) e Bennett (1910-1914), o qual foi orientador do primeiro e usa seus dados com algumas adições. Embora os dados de orações substantivas com subjuntivo, não só de *facio*, mas de todas as outras construções, possam lá ser encontrados, os objetivos dos autores e, assim, suas análises divergem das aqui pretendidas. Eles buscam relíquias linguísticas, formações supostamente sobreviventes de um estado da língua original e não registrado, em que só havia a parataxe, e não buscam nenhuma descrição do estado da questão no latim arcaico. Uma análise sincrônica completa dessas construções é ainda necessária e mesmo esse tipo de análise pode oferecer nova luz ao desenvolvimento histórico da estrutura, como veremos. Meu estudo busca suprir parcialmente essa lacuna, ao analisar os verbos *facio* e *uolo*.

O Capítulo 4, por sua vez, detalha o *corpus* deste estudo (o qual já comentei brevemente acima) e questões metodológicas. Destas ressalto a escolha por fazer minhas análises a partir da distribuição (porcentagens) dos exemplares segundo determinados critérios. Como sabemos, os fenômenos sintáticos são muito mais variáveis do que fenômenos fonológicos ou morfológicos, pois, ao contrário das unidades materialmente mais “palpáveis” destas duas áreas (o fonema e o morfema), a sintaxe lida com padrões. Vejamos um exemplo ilustrador:

(7) *fac te patrem esse sentiat; fac ut audeat*

tibi credere omnia, (Haut. 925-926)

“Faz com que ele sinta você ser seu pai; faz com que ele ouse confiar tudo a você [...].”

A exata mesma estrutura *fac* + subjuntivo é usada no mesmo verso em suas versões, uma com e outra sem a conjunção. Alguns autores, como Bennett (1910-1914), dizem que o *ut* seria um advérbio para ênfase. Todavia, ao lermos os versos acima, não podemos garantir que um seja mais enfático do que o outro, algo que somente um falante nativo conseguiria julgar. Desse modo, esse exemplo isoladamente parece sugerir que o uso da conjunção nessa construção em latim arcaico seja aleatório ou sem critérios muito definidos.

Entretanto, a abordagem que verifica a distribuição do uso num conjunto de exemplares permite que visualizemos tendências, quais padrões de uso são priorizados pelas regras sintáticas a partir de determinados contextos.

Os Capítulos 5 e 6 aplicam essa metodologia ao apresentar e analisar, respectivamente, a presença e ausência da conjunção *ut* na complementação de subjuntivo dos verbos *facio* e *uolo* em Plauto, Terêncio e Cícero.

Por fim, o Capítulo 7, a título de conclusão, resume os principais achados, oferecendo uma visão conjunta do que foi desenvolvido pela pesquisa.

2 PANORAMA DA ESTRUTURA: ALGUNS ELEMENTOS HISTÓRICOS

As chamadas orações substantivas ou completivas são orações subordinadas, ou seja, são sintagmas com um núcleo verbal que ocupam uma função sintática em outra oração, formando um período subordinado. Por isso, a subordinação também é chamada de hipotaxe, palavra de origem grega, que significa algo como “a colocação sob”, já que uma oração estará sintaticamente “colocada sob” a estrutura de uma oração principal. Nos registros que sobreviveram do latim, podemos ver a existência da subordinação de modo claro em variadas construções, ao mesmo tempo em que estruturas paratáticas (parataxe, também do grego, significa algo como “a colocação ao lado”) são abundantes. A questão que muitos pesquisadores já colocaram é: se, do ponto de vista sincrônico, seja no latim arcaico, seja no latim clássico, a subordinação é uma realidade, então, do ponto de vista diacrônico, qual a origem das orações subordinadas? Como colocado na introdução, afirmações sobre o desenvolvimento histórico da sintaxe são muito menos verificáveis do que na fonologia ou morfologia, pois estamos lidando com padrões, algo menos concreto e constante do que o fonema ou o morfema. Ainda assim, vejamos algumas das ideias que já foram construídas a respeito dessa questão.

Sendo o latim uma língua indo-europeia, podemos, em primeiro lugar, nos perguntar se a língua-mãe que deu origem a todas as línguas indo-europeias já tinha subordinação. Se tomarmos os materiais mais antigos que temos e aplicarmos o método histórico-comparativo, como com muito sucesso se faz para a fonologia, veremos que os dados das línguas filhas são contraditórios e não permitem conclusões robustas sobre qual seria a situação em PIE. Morfologicamente, é possível, a partir do grego e das línguas indo-iranianas, reconstruir uma raiz comum a seus pronomes relativos: a raiz PIE **h₂io-* deu origem ao grego *ὅς* e ao sânscrito *yás* (WEISS, 2009, p. 347). Os dados contraditórios das línguas indo-europeias, somados à impossibilidade de se reconstruir qualquer conjunção em PIE,⁷ fizeram com que alguns estudiosos defendessem a inexistência de subordinação em PIE, de modo a somente haver parataxe. Um estudo

---

⁷ Todas foram formadas em cada língua individual a partir de raízes de outras classes, como pronomes e advérbios; veja a discussão mais à frente sobre a conjunção latina *ut*. Ainda assim, deve-se advertir que a impossibilidade de se reconstruir uma conjunção para o PIE não significa que elas não possam ter existido. O exemplo clássico para argumentar nesse sentido encontra expressão, em português, no manual de Vasconcellos (2013, p. 28): “se não tivéssemos registro escrito algum do latim, como não temos do indo-europeu, e fôssemos reconstituir conjunções subordinativas latinas a partir das línguas românicas, jamais suporíamos a existência de *ut*, que desapareceu em todas elas, embora fosse a conjunção de emprego mais frequente e diversificado!”.

focado sobre a questão, feito por Hermann (1895), colocava em seu título a questão: “Gab es im Indogermanischen Nebensätze?”.⁸

Essa ideia também está presente na monumental obra de Delbrück (1893-1900) sobre a sintaxe das línguas indo-europeias e parte de uma visão bem difundida na época de como a linguagem se desenvolveu: o pensamento primitivo se expressava com estruturas rudimentares e simples, e foi a partir do simples que, paulatinamente, se chegou ao complexo (DELBRÜCK, 1893-1900, v. 3, p. 412). Assim:

Die geschichtliche Auffassung hat, wie jetzt wohl allgemein angenommen wird, von der Hypothese auszugehen, dass es einmal eine Zeit gab, in welcher nur Hauptsätze vorhanden waren. [...] Der Satz, dass die Hypotaxis aus der Parataxis entstanden sei, ist Gemeingut der Wissenschaft geworden. (DELBRÜCK, 1893-1900, v. 3, p. 412-413).⁹

Também no estudo de Bennett sobre a sintaxe do latim arcaico essa visão sobre a linguagem e sua consequência na estrutura das línguas está presente: “In most primitive stages of language there are no formal subordinate clauses. Subordinate *relations*, however, exist, being indicated by the juxtaposition of independent sentences [...]” (BENNETT, 1910-1914, v. 1, p. 208).¹⁰

A hipótese da inexistência de orações subordinadas, persistindo por décadas, pode ser encontrada ainda na obra de Hoffman & Szantyr (1965, p. 526): “In der ältesten idg. Zeit gab es keine ‘Nebensätze’, sie sind in allen Sprachen aus der Beiordnung hervorgegangen.”.¹¹

Todavia, o ponto é polêmico por sua dificuldade de comprovação, como já comentado. É o que diz Pinkster (1990, p. 139) sobre esta última citação: “General

---

⁸ Em tradução: “Existiam em PIE orações subordinadas?”. Lehmann (1974, Capítulo 4) comenta: “Hermann therefore concluded in his celebrated article that there were no subordinate clauses in PIE (1895).”. Em tradução: “Hermann, portanto, concluiu em seu celebrado artigo que não havia orações subordinadas em protoindo-europeu (1895).”.

⁹ Em tradução: “A concepção histórica, como já de modo geral se assume, parte da hipótese de que houve um tempo em que somente orações principais existiam. [...] A proposição de que a hipotaxe tenha surgido da parataxe tornou-se um bem comum da ciência.”.

¹⁰ Em tradução: “Nos estágios mais primitivos da língua, não há formalmente orações subordinadas. *Relações* subordinadas, todavia, existem, sendo indicadas pela justaposição de sentenças independentes [...]”.

¹¹ Em tradução: “No período indo-europeu mais antigo não existiam ‘orações subordinadas’, em todas as línguas elas são originadas da coordenação.”.

statements such as ‘In der ältesten indogermanischen Zeit gab es keine Nebensätze’ (‘In the oldest Indo-European period there were no subordinate clauses’) are unfounded.”¹²

No que se refere ao PIE, a discussão é bem resumida por Baldi (2002, p. 91):

It is an open question whether PIE structurally marked the subordination of sentences to each other [...] or whether the language simply juxtaposed independent clauses to each other with loose, pragmatically controlled semantic relationships [...]. The issues surrounding complementation in PIE are complex, especially considering the many different complement types found in the IE languages and the wide range of grammatical devices available for their expression. [...] Some analysts have taken this lack of homogeneity to mean that PIE had no means of expressing complementation, and that the original strategy was the coordination of independent sentences. The development of grammatical devices for expressing complementation is then an independent matter in the various languages (though there is an obvious relationship between relative and subordinate clauses in several of the descendant groups). Those analysts who argue in favor of subordinating structures in PIE point primarily to the fact that among the world’s languages, none has ever been found in which complementation is not expressible, i.e. in which it is impossible to say something like “Mary thinks that John will be late”. For PIE it would have been no different. (BALDI, 2002, p. 91).¹³

---

¹² Em tradução: “Declarações genéricas como ‘In der ältesten indogermanischen Zeit gab es keine Nebensätze’ (‘No período indo-europeu mais antigo não existiam orações subordinadas’) são infundadas.”

¹³ Em tradução: “É uma questão aberta se o PIE marcava estruturalmente a subordinação de sentenças entre si [...] ou se a língua simplesmente justapunha sentenças independentes entre si com relações semânticas soltas e pragmaticamente controladas [...]. Os problemas ao redor da complementação em PIE são complexos, especialmente considerando os muitos tipos diferentes de complemento encontrados nas línguas indo-europeias e a vasta gama de mecanismos gramaticais disponíveis para sua expressão. [...] Alguns analistas têm tomado essa falta de homogeneidade para dizer que o PIE não tinha nenhum modo de expressar a complementação e que a estratégia original era a coordenação de sentenças independentes. O desenvolvimento de mecanismos gramaticais para expressar a complementação é, então, uma questão independente nas várias línguas (embora haja uma relação óbvia entre orações relativas e subordinadas em vários dos grupos descendentes). Aqueles analistas que argumentam em favor de estruturas subordinantes em PIE apontam primeiramente o fato de que entre as línguas do mundo nenhuma jamais foi encontrada na qual não se possa expressar a complementação, *i.e.* na qual seja impossível dizer algo como ‘Maria pensa que João se atrasará’. Para o PIE isso não teria sido diferente.”

No caso específico do latim, como já dito, nós somente temos registro de um período da língua em que a subordinação estava claramente estabelecida. Ainda assim, algumas características do latim arcaico, em especial, dão-nos indicações de como teria sido o estado das coisas no período pré-histórico da língua. Nos Capítulos 5 e 6 deste estudo, nos quais analiso respectivamente os verbos *facio* e *uolo*, trato em detalhe como a distribuição sincrônica de seus padrões de uso dão indícios de como era a língua no período pré-histórico. Partindo de dados similares, pesquisadores desde o século XIX hipotetizam sobre como seria esse estado de coisas: a existência de um número elevado de orações subordinadas substantivas justapostas sugere que a justaposição fosse a regra anteriormente; há inclusive estudos indicando que a posição da conjunção também indica sua introdução tardia (ROWLAND, 1918). Tal era já há mais de século essa crença que Lindskog (1896, p. 1), na primeira sentença de seu estudo, assim resume o ponto: “E paratactico genere dicendi esse subinde ortum hypotacticum hodie uix quisquam est qui neget.”¹⁴ Em outras palavras, de modo similar ao que se diz sobre o PIE, muitos estudiosos acreditam que, num período pré-histórico da língua latina, não haveria subordinação, de tal modo que “Subordinate clauses originated in the placing side by side of two independent sentences, one of which came to be felt as dependent on the other” (WOODCOCK, 1959, p. 98).¹⁵ No caso das orações substantivas, após a reanálise do subjuntivo como subordinado a (e não independente de) um verbo principal, a partícula *ut*, que originalmente seria um advérbio (veja sua etimologia na próxima seção), passou a ser interpretada como uma conjunção. O latim arcaico apresenta construções ora com a conjunção, ora sem, sendo, assim, um estágio intermediário, ao passo que o latim clássico apresenta o fim do processo de generalização do uso da conjunção em orações substantivas.

Apesar de haver dados e exemplos que sugerem a formação da subordinação a partir de orações independentes, há uma enorme quantidade de exemplos que nunca poderiam ter se originado de duas sentenças independentes. A explicação comum é que,

---

¹⁴ Em tradução: “Difícilmente há alguém hoje que negue que o modo de falar hipotático se originou do modo paratático.”

¹⁵ Em tradução: “Orações subordinadas originaram-se na colocação de duas sentenças independentes lado a lado, uma das quais passou a ser percebida como dependente da outra.”. Veja também, por exemplo, Petersmann (1973, p. 98, comentário a *Stich.* 47): “**memineris facito**: Die Herkunft dieser Konstruktion aus ursprünglicher Parataxe ist noch deutlich zu sehen: *Memineris! facito* = denk daran! tu es in Zukunft! Beispiele und zum Ursprung dieser Konstruktion s. Bennett I, 224f.”. Em tradução: “**memineris facito**: a proveniência dessa construção de uma parataxe original pode ser claramente vista: *Memineris! facito* = lembre disso! faça isso no futuro! Para exemplos e sobre a origem dessa construção, veja Bennett I, 224f.”.

após a reanálise de alguns subjuntivos como subordinados, por analogia, a construção teria passado a ser utilizada com combinações verbais impensáveis parataticamente.¹⁶ Como em muitos casos, explicações dependentes da analogia são difíceis de provar materialmente, o que não resolve a questão de modo satisfatório. Apesar dessas conhecidas críticas, as análises sobre os verbos *facio* e *uolo* seguiram a extensa tradição que entende que, se não paratáticos (no sentido de coordenados), os estágios pré-históricos do latim tinham a justaposição (ausência de conjunção) das orações substantivas como regra, tal como os dados fortemente sugerem.

Tendo discutido as hipóteses sobre a origem das orações subordinadas substantivas, vejamos agora hipóteses etimológicas para a conjunção *ut*.

2.1 Etimologia da conjunção latina *ut*: levantamento bibliográfico e descrição de algumas propostas

Os estudos etimológicos em latim apresentam amplo desenvolvimento desde principalmente o século XIX, quando avançaram muito os estudos de linguística histórica comparada, e seus resultados têm sido agrupados e atualizados em importantes obras de referência. O objetivo desta seção é visitar essas principais obras e buscar detalhar as propostas etimológicas para a conjunção *ut* que nelas estão presentes, evidenciando os passos fonológicos suprimidos. Além disso, procuro reescrever as hipóteses apresentadas em fórmulas que sintetizem o cerne de cada proposta e as tornem comparáveis.

---

¹⁶ Após retomar exemplos de uma gramática que supostamente poderiam ser interpretados como paratáticos, Pinkster os analisa e demonstra quão inusual tal leitura seria. E conclui: “In giving these examples I do not intend to prove that subordination could never have arisen from originally independent sentences; on the contrary, it is evident that examples may be found. But the postulated development often presupposes forms and constructions which deviate rather essentially from Latin as it is known to us, and a too ready use is made of seemingly plausible paraphrases in a modern language.” (PINKSTER, 1990, p. 140). Em tradução: “Ao dar esses exemplos, eu não pretendo provar que a subordinação nunca poderia ter surgido de sentenças originalmente independentes; pelo contrário, é evidente que exemplos podem ser encontrados. Todavia, o desenvolvimento hipotetizado frequentemente pressupõe formas e construções que desviam essencialmente do latim como conhecido por nós, e, muito prontamente, faz-se o uso de paráfrases em uma língua moderna aparentemente plausíveis.”.

2.1.1 de Vaan

Da bibliografia a que tive acesso, o dicionário de de Vaan (2008) é o mais recente e atualizado, de modo que partirei dele. Em sua introdução (p. 3-4), ele sintetiza alguns princípios etimológicos descritos por Eichner (1992):

1. An etymological discussion should preferably give access to “die volle Fachdiskussion” (p. 61).
2. On a synchronic level, etymologies should take into account the phonological system of Latin, and, in our case, the other Italic languages.
3. A reliable etymological discussion must refer to the relative chronology of sound changes between Proto-Indo-European and Latin (termed “Glass-box-Verfahren” by Eichner, p. 72).¹⁷

Para seguir esses pontos, ele diz basear-se principalmente em Walde & Hofmann, além de Ernout & Meillet, comentando outros autores que os precederam, e diz em quais reconstruções ele está se baseando: protoindo-europeu (PIE); protoindo-europeu tardio (*i.e.* sem ramo anatólico); protoitalo-céltico; protoitalico (PIt.); protolatim-sabélico; protolatim-falisco. Então descreve os sistemas fonológicos do protoindo-europeu, do protoitalico e do latim (no dicionário ele se centrará nessas sincronias), de modo que possamos saber a cronologia de mudanças fonológicas com as quais opera.

Vejamos a proposta para *ut* de de Vaan (2008, p. 646):

ut, utī ‘how, as, so that’ [adv., cj.] (*utī* Lex XII+, *ut* Andr.+)

Derivatives: *utinam* ‘if only’ (Pl.+), *utīque* ‘absolutely, certainly’ (Varro+), *utpote* ‘as one might expect’ (Pl.+), *utut* ‘however’ (Pl.+).

PIt. **k^wutV(s)* ‘how’. It. cognates: O. **puz**, *pūs*, *pous*, U. **puze**, *puse*, *pusi*, *pusei* ‘that’ [+sb.], ‘as’ < **k^wuti-s* (O.), **k^wuti-s-ī*.

PIE **k^wu-* ‘where, how’.

¹⁷ Em tradução: “1. Uma discussão etimológica deveria preferencialmente dar acesso à ‘discussão inteira do assunto’ (p. 61). 2. Num nível sincrônico, etimologias deveriam levar em consideração o sistema fonológico do latim e, no nosso caso, das outras línguas itálicas. 3. Uma discussão etimológica confiável deve se referir à cronologia relativa das leis fonéticas entre o protoindo-europeu e o latim (chamado por Eichner de ‘procedimento da caixa de vidro’ p. 72).”.

Whereas Sabellic points to $*k^w utVs$ (Untermann probably posits $*i-$ because of Lat. *utī*), Latin *utī* may reflect $*k^w utei$ or $*k^w utī$. The latter form might have $-ī$ in analogy to *quī* ‘how’ (see s.v. *quī*, *quae*, *quod*). The original stem may then have been $*k^w u-tos$, with $*-tos$ ‘from’ as in *intus* and Skr. *kútas* ‘where from?’; the semantic shift from interrogative to relative is trivial. But other options are conceivable, e.g. $*k^w u-ti$ ‘how?’ with $*-ti$ as in *et* < $*eti$ and *aut* < $*auti$.

Bibl.: WH II: 846, EM 756f., IEW 644-648, Sihler 1995: 399, Untermann 2000: 627f. → *ubī*, *usquam*, *uter*¹⁸

Quanto à proposta etimológica, de modo resumido, temos:

PIE $*k^w u-$ → PIt. $*k^w utV(s)$ > latim *utī*, *ut*

A raiz PIE de pronomes interrogativo-indefinidos era $*k^w o/e-$ e $*k^w i-$, funcionando a forma acentuada como interrogativo e a enclítica como indefinido (WEISS, 2009, p. 348). Esses pronomes apresentam uma variante $*k^w u-$ (WEISS, 2009, p. 78), usada como advérbio (POKORNY, 1959, p. 644),¹⁹ o que tem se mostrado consensual na bibliografia.

Essa raiz é a mesma que a presente em *ubi*, o que costuma ser justificado pela proximidade com $-cubī$ em *nē-cubī*, *sī-cubī*, *ali-cubī* etc., indicativos de que *ubi* também iniciava com $*k^w$ (POKORNY, 1959, p. 644). Todavia, no começo de palavra, $*k^w$ foi suprimido diante de *u*, o que pode ser verificado em outras palavras oriundas dessa variante $*k^w u-$ da raiz interrogativo-indefinida (WEISS, 2009, p. 78):

$*k^w u-d^h e-i$ ‘onde?’ > latim *ubei* > *ubī* > *ubi*

$*k^w u-teros$ ‘qual dos dois?’ > latim *uter*

¹⁸ Em tradução: “**ut**, **utī** ‘de que modo, como, de modo que’ [adv., cj.] (*utī* Lex XII+, *ut* Andr.+). Derivados: *utinam* ‘se ao menos’ (Pl.+), *utīque* ‘absolutamente, certamente’ (Varro+), *utpote* ‘como se pode esperar’ (Pl.+), *utut* ‘todavia’ (Pl.+). Protoitálico: $*k^w utV(s)$ ‘de que modo’. Cognatos itálicos: osco **puz**, *puz*, *pous*, úmbrio **puze**, *puse*, *pusi*, *pusei* ‘that’ [+sb.], ‘como’ < $*k^w uti-s$ (osco), $*k^w uti-s-ī$. PIE $*k^w u-$ ‘onde, de que modo’. Enquanto o sabélico aponta para $*k^w utVs$ (Untermann provavelmente põe $*i-$ por causa do latim *utī*), latim *utī* pode refletir $*k^w utei$ ou $*k^w utī$. Esta última forma talvez tenha $-ī$ em analogia a *quī* ‘de que modo’ (veja *quī*, *quae*, *quod*). O radical original pode então ter sido $*k^w u-tos$, com $*-tos$ ‘de’ [origem] como em *intus* e sânscrito *kútas* ‘de onde?’; a mudança semântica de interrogativo a relativo é trivial. Mas outras opções são concebíveis, e.g. $*k^w u-ti$ ‘de que modo?’ com $*-ti$ tal como *et* < $*eti$ e *aut* < $*auti$.”

¹⁹ Sihler (1995, p. 399) diz advérbios e conjunções.

A presença desse $*k^w$ ainda no protoitálico é explicada pelos correspondentes em sabélico, osco **puz** e úmbrio **puze**, nos quais se perde o traço velar enquanto que o traço de labialização se mantém, ou seja, labiovelar tornando-se labial, algo comum nas línguas sabélicas (WEISS, 2009, p. 467, nota 11). Assim, a perda desse som inicial ocorreu após a separação do latim com o sabélico.

A forma intermediária, colocada por de Vaan no protoitálico, é muito controversa e de difícil determinação, de modo que a solução pela qual ele optou foi algo mais genérico $*k^w utV(s)$. O uso de “V” (vogal) e “(s)” foi a forma de sintetizar múltiplas teorias não consensuais, embora, por conta do significado comum, se entenda que tanto o *ut* latino quanto as formas sabélicas sejam cognatos.

Por sua vez, a mudança de interrogativo-indefinido para relativo,²⁰ comentada por de Vaan como trivial, também ocorreu independentemente em hitita, inglês (who < $*k^w o-$), balto-eslavo e tessálio, provavelmente por conta das interrogativas indiretas (WEISS, 2009, p. 351).

Seguirei o percurso que de Vaan utilizou para explicar a origem de *ut*, de modo que constantemente, conforme for detalhando propostas de outros autores, sempre retornarei à síntese oferecida por esse autor.

2.1.2 Untermann e Buck

A primeira possibilidade aventada é de que as línguas sabélicas apontam para $*k^w utVs$, já que se espera a síncope dessa vogal V,²¹ gerando osco **puz** e úmbrio **puze** (o grafema <z> é entendido como indicação de uma dental seguida de um sibilante).

De Vaan retoma a hipótese formatada por Untermann em seu dicionário etimológico de osco-úmbrio (2000, p. 627-628) para a entrada “O.u.puz”:

Et. o. **puz** < $*q^h uti-s$, im Umbr. durch eine Ptk. $-\bar{i}$ erweitert; fast = lat. $ut(\bar{i})$ < $*q^h ut\bar{i}$, das ebenfalls ‘wie’ und ‘daß’ bedeutet; $-s$ -Erweiterung wie in $\rightarrow$ o. **ekss** ‘so’, $\rightarrow$ **az** < $*ati-s$.

²⁰ Vejamos, nos exemplares dados mais à frente como *terminus a quo* de *ut*, os usos como relativo/correlativo.

²¹ “the syncope (loss) of short vowels in final closed syllables” (FORTSON, 2010, item 13.62, comentando as línguas sabélicas). Em tradução: “a síncope (perda) de vogais breves em sílabas finais fechadas.”.

Planta I 229f., II 459, Buck 86, 149, Poultney 116, 321; $*q^uuti-$ oder $*q^uuta-$ (vgl. lat. *aliuta*): Benediktsson 222f.

Anders WH II 844, Pokorny 648, EM 757, Cerri 405: q^uut-s wie lat. *us-* in *uspīam*, *usque* usw.; Pisani 143: $< *q^uōd-s =$ gr. $\pi\tilde{\omega}\varsigma$ (aber o.-u.z setzt Synkope zwischen *t* und *s* voraus); J. Schmidt KZ 32(1893)408f., Sturtevant Language 11(1935)3f.: $< *q^uu-$ *tos*, = ai. *kútaḥ* ‚woher‘ (Bd. schwer vereinbar).²²

Em osco:

$*k^wuti-s >$ osco **puz**

Em úmbrio, estendido por uma partícula $-\bar{i}$:

$*k^wuti-s \rightarrow *k^wuti-s-\bar{i} >$ úmbrio **puze**

Em latim, quase igual, inclusive no significado:

$*k^wut\bar{i} >$ latim *ut(\bar{i})*

O autor entende que as formas que deram origem às palavras em osco e em úmbrio têm a mesma origem que a forma que deu origem à palavra em latim, com a adição, de modo independente no sabélico, de um $-s$, mas a função deste, se há uma, seja morfológica, semântica ou outra, não é clara. Ele reporta à entrada “O.az”, **az** $< *ati-s$, sendo essa uma das possíveis etimologias; apresenta também como etimologia provável *ad + s*, construída como o latim *abs-*, *subs-*, os quais alternam com formas não sigmáticas. Compara ainda com a preposição do grego $\epsilon\iota\varsigma < *ε\upsilon\varsigma$. Enfim, também se reporta ao advérbio osco **ekss**, cuja origem é um pronome ao qual se adicionou $-s$.

Ainda que seja compreensível, pela busca por concisão típica de um dicionário desse porte, a fórmula para o latim, apresentada por Untermann, não é adequada, pois indica a possibilidade da queda de uma vogal longa final $-\bar{i} > \emptyset$. Todavia, ele cita na bibliografia Buck (1904, p. 149), que detalha a proposta, assim:

²² Em tradução: “Etimologia osco **puz** $< *q^uuti-s$, estendido em úmbrio por meio de uma partícula $-\bar{i}$; quase igual latim *ut(\bar{i})* $< *q^uut\bar{i}$, o qual também significa ‘como’ e ‘que’; extensão $-s-$ como em osco **ekss** ‘então’, **az** $< *ati-s$. Planta I 229f., II 459, Buck 86, 149, Poultney 116, 321; $*q^uuti-$ ou $*q^uuta-$ (compare com latim *aliuta*): Benediktsson 222s. Diferentemente, WH II 844, Pokorny 648, EM 757, Cerri 405: q^uut-s como latim *us-* em *uspīam*, *usque* etc.; Pisani 143: $< *q^uōd-s =$ grego $\pi\tilde{\omega}\varsigma$ (mas osco **-u.z** pressupõe síncope entre *t* e *s*); J. Schmidt KZ 32(1893)408s., Sturtevant Language 11(1935)3s.: $< *q^uu-$ *tos*, = védico *kútaḥ* ‚woher‘ (significado dificilmente conciliável).”.

O. **puz**, *pous* (mistake for *pus*; see footnote, p. 40), U. **puz-e**, *pus-e*, *pus-ei*, etc. ‘ut’ (in Umbrian also ‘quasi’). This stands for **pu-t-s* (137,2), in Umbrian with added *-ī*, containing the stem **q^uu-* (200, 3) and an adverbial ending *-the* (cf. Av. *ku-θa* ‘how’) or *-ti* (as in *au-ti* etc.), with loss of the final vowel and addition of *-s* (as in L. *ab-s*, O. **az**, i.e. *ad-s*, etc.).

L. *ut* is the same form without the added *s*, the latter appearing in *usquam* etc. L. *utei*, *utī*, is like *ubei* etc.²³

Considerando que de Vaan cita apenas *-ti* como possibilidade, para resumir, podemos reformular a proposta para o latim:

$$\begin{aligned} &*k^w uti > \text{latim } ut \\ &(*k^w utei > ?) \text{ latim } utei > utī^{24} \end{aligned}$$

2.1.3 Schmidt e Sturtevant

Outra possibilidade colocada por de Vaan para o PIt. **k^wutVs*, seguindo bibliografia presente na entrada **puz** de Untermann acima copiada, notadamente Schmidt (1893, p. 408 ss.) e Sturtevant (1935), é de que àquela raiz na variante adverbial foi adicionado o sufixo **-tos*, o mesmo de latim *intus* < PIE *entós* (POKORNY, 1959, p. 314), de modo que podemos reformular a proposta:

$$\text{PIE } *k^w u- \rightarrow \text{PIt. } *k^w utos > \text{osco } \mathbf{puz}, \text{ úmbrio } \mathbf{puze}$$

²³ Em tradução: “Osco **puz**, *pous* (erro para *pus*; veja nota p. 40), úmbrio **puz-e**, *pus-e*, *pus-ei* etc. ‘ut’ (em úmbrio também ‘quasi’). Isso representa **pu-t-s* (137,2), em úmbrio com um *-ī* adicionado, contendo o radical **q^uu-* (200, 3) e uma terminação adverbial *-the* (cf. avesta *ku-θa* ‘de que modo’) ou *-ti* (como em *au-ti* etc.), com perda da vogal final e adição de *-s* (como em latim *ab-s*, osco **az**, i.e. *ad-s* etc.). Latim *uti* é a mesma forma sem o *s* adicionado, este aparecendo em *usquam* etc. Latim *utei*, *utī* é como *ubei* etc.”

²⁴ Buck fala que essa forma modelou-se como *ubei*. Sobre esta forma, por sua vez, à p. 149 diz: “In L. *ubi*, *ibi*, the final *i* is not the original short vowel, but is shortened from *-ī*, this from *-ei* (cf. early L. *ubei*), which arose under the influence of the adverbs in *-ei* representing Locatives of *o*-stems.”. Em tradução: “Em latim *ubi*, *ibi*, o *i* final não é a vogal breve original, mas é abreviação de *-ī*, e este de *-ei* (cf. latim arcaico *ubei*), que surgiu sob a influência dos advérbios em *-ei* representando locativos de temas em *-o*.”. Deve-se ressaltar que, por essa explicação dada por Buck, não é claro se é lícito formular **k^wutei* (o que remontaria ao PIt.) ou se a influência de *-ei* somente ocorreu internamente ao latim, ou seja, já sem a labiovelar inicial. Daí eu ter optado pela fórmula desse jeito.

Talvez a primeira referência a essa possibilidade seja Schmidt, em artigo de 1893. Vejamos o trecho:

So führen osk. p u z, umbr. p u z- e auf ital. q u u t. s oder q u ũ t. s (der punkt bezeichne einen qualitativ nicht zu ermittelnden vocal), d. h. auf skr. *kútas* “woher”. Ein diesem entsprechendes ital. **quutos* musste osk. umbr. p u z werden (vgl. osk. h ú r z aus *hortos*, umbr. t a ç e z aus *tacetos*) und konnte lat. **uts* werden wie skr. *ápas* zu *abs*; **uts* ergab lautgesetzlich *us* wie **damnāts* *damnās*. Die bedeutungen stimmen auch. [...] Lat. *ūs-*, osk. p u z, umbr. p u z- e stehen aber ihrer bildung nach so völlig vereinzelt, dass sie aller wahrscheinlichkeit nach aus der ursprache stammen. (SCHMIDT, 1893, p. 409-410).²⁵

Essa explicação ocorre enquanto comenta a raiz *us-*, presente nas formas *usque*, *usquam*, *nusquam*, *uspiam*, como cognato de osco **puz**.

Por outro lado, essa hipótese da terminação **-tos* por si só se mostra incapaz de explicar a etimologia de latim *ut*, por causa do *-s* que não poderia ter sido perdido no latim.

Para *ut*, Schmidt comenta:

Dass *ut* nicht aus *utei* verkürzt sein kann, hat schon Bugge [...] gesehen; er sucht darin ein **quoti*, welches ja aber schon in lat. *quot*, *quotiens* vorliegt, also nicht noch einmal als *ut* erscheinen kann. [...] In abaktr. erscheint *kutha* “wie”. [...] Nehmen wir ursprüngliche kürze an, dann verhalten sich *kutha*: lat. *ut* : *utei* = skr. *kúha* : osk. p u f : lat. *ubei*. *ut* kann sich *e* verloren haben wie *nec*, *ac*, *hīc*. (SCHMIDT, 1893, p. 408).²⁶

²⁵ Em tradução: “Então osco **puz**, úmbrio **puz-e** levam ao ital. *quut.s* ou *quūt.s* (o ponto designa uma vogal de qualidade não determinável), isto é, ao sânscrito *kútas* ‘de onde’. Um ital. **quutos* correspondente teve de tornar-se osco úmbrio **puz** (compare osco **húrz** de *hortos*, úmbrio **taçez** de *tacetos*) e pôde tornar-se latim **uts* como sânscrito *ápas* em relação a *abs*; **uts* resultou pela lei fonética *us* como **damnāts* *damnās*. Os significados também concordam. [...] latim *ūs-*, osco **puz**, úmbrio **puz-e** estão porém tão isolados em relação a sua construção que eles, de acordo com toda probabilidade, se originam de uma protolíngua.”

²⁶ Em tradução: “Que *ut* não pode ser encurtado de *utei*, Bugge [...] já viu; ele procura lá um **quoti*, o qual, no entanto, já se apresenta no latim *quot*, *quoti-ens*, portanto [*utei*] de forma alguma pode aparecer como um *ut*. Em abaktr. aparece *kutha* ‘como’. [...] Se nós assumimos a brevidade original, então se tem *kutha*: latim *ut*: *utei* = sânscrito *kúha* : osco **puf** : latim *ubei*. *ut* pode ter perdido um *e* como *nec*, *ac*, *hīc*.”

Ou seja, pressupõe-se (paralelo a **quoti*) **uti* > **ute* > *ut*. Por sua vez, *utei*, paralelo a *ubei*, o que será mais bem desenvolvido a seguir.

Dáí chegamos à outra afirmação de de Vaan, que o latim *utī* pode refletir **k^wutei* ou **k^wutī*. Vejamos o que mais a bibliografia diz a respeito.

2.1.4 Pokorny

Para Pokorny (1959, p. 647-648) há as formas *ut* (associada a *uti-nam* e *uti-que*) e *utī*, cuja forma em latim antigo é *utei*, ambas oriundas de **k^wu-ti*. Ou seja:

$$*k^w u-ti > \text{latim } *uti > *ute > ut$$

$$*k^w u-ti > *uti > *ute \rightarrow utei > utī$$

Segundo ele, a forma do latim antigo tem uma construção como em *ubī*: houve a queda do **k^w* inicial; já sobre a terminação, ele coloca a pergunta: foi *ubi* construído do locativo em *-ī* (**ei*, **oi*) de **ubē* = védico *kúha*, avesta *kudā*, tal como osco **puf** “onde”? Já vimos acima a reconstrução proposta por Weiss, ao que podemos adicionar que, em latim, segundo ele, **(k^w)u-d^he²⁷* foi estendido pela partícula *-i* e se tornou *ubei* (WEISS, 2009, p. 353).

Na proposta acima descrita, entendemos, então, que **-ti* > **-te*,²⁸ ao que se adicionou *-i*.

Para Pokorny, *us-piam*, *us-quam* vêm de *ut* + adv. *s*, assim como osco **puz**, úmbrio **puz-e**, de **k^wut-s*.

2.1.5 Ernout & Meillet

A última proposta que será detalhada é a de Ernout & Meillet (2001, p. 756-757). Vejamos um trecho:

²⁷ Protossabélico **pu-fe* > osco **puf**, úmbrio **pufe**; o **-fe* pode ser comparado com *-ha* do ved. *kú-ha*, concordando com Pokorny, acima. (WEISS, 2009, p. 353).

²⁸ “71. SHORT VOWELS IN FINAL SYLLABLES. [...] the unrounded vowels **i*, **e*, **a* fall together as *e*” (SIHLER, 1995, p. 65). “In nominal morphology *-i* was not apocopated and was eventually reduced to *-e*.” (WEISS, 2009, p. 146). Em tradução: “71. VOGAIS BREVES EM SÍLABAS FINAIS. [...] as vogais não arredondadas **i*, **e*, **a* convergem em *e*”; “Na morfologia nominal, *-i* não sofreu apócope e foi eventualmente reduzido a *e*.”

Le *t* final de *ut* suppose qu'il s'est amui une voyelle finale, *-a* à en juger par *ita* et *aliuta*; cette voyelle subsiste, altérée, dans *uti-nam*, *uti-que* et dans *utei*, *utī* (de **uta-i*). En regard, l'osco-ombrien a osq. *p u z*, ombr. *p u z- e*, *pus-ei*, *pus-e*, donc un ancien **q^wut-s* qui se retrouve dans lat. *uspiam*, *usquam*, *usque*. Le radical **k^wu-* est celui qui figure dans *ubī*, etc. (v. ce mot). Le suffixe apparaît en indo-iranien sous la forme non expressive *-ti* dans skr. *īti* (v. *ita*) et avec *-th-* expressif et forme pleine de la voyelle dans gâth. *iθā* « ainsi », véd. *itthā* (avec gemination expressive). La forme attestée par osq. *p u z* et lat. *usquam* résulte de ce qu'un *-ə* final était susceptible de s'amuir en indo-européen. L'emploi d'un radical **k^wu-* doit être une innovation italique : cf. skr. *kathā* et gâth. *kaθā* ; mais, à côté de *kaθa* « comment », d'après *kuḍa*, *kuθra*, etc. Le modèle était fourni par *iθa*, puisque, en face de *kuḍa*, il y avait *iḍa* « ici » ; c'est, de même, *ita* qui a dû fournir le modèle de *ut(a)*, en face de *ibī*, *ubī*.²⁹

Entende-se que *ut* seja cognato do morfema inicial de *uti-nam*, *uti-que*, além dos já comentados *utei* e *utī*. Como esses cognatos apresentam uma vogal sobrevivente, logo *ut* também deveria ter uma, de modo que os autores reconstroem como **uta*. De fato, o resultado seria o dos cognatos já que, pelas leis fonéticas, **utai* > *utei* > *utī*,³⁰ e nas composições *utinam* (de **utānam*), *utique* (de **utāque*) espera-se a redução do *a* a *i*.³¹ Além disso, a escolha da vogal *a* é motivada pela possível sobrevivência de **uta* em

²⁹ Em tradução: “O *t* final de *ut* pressupõe que se emudeceu uma vogal final, *-a* a se julgar por *ita* e *aliuta*; essa vogal subsiste, alterada, em *uti-nam*, *uti-que* e em *utei*, *utī* (de **uta-i*). Em comparação, o osco-úmbrio tem osc. **puz-e**, umbr. **puz-e**, *pu-ei*, *pus-e*, daí um antigo **q^wut-s* que se encontra em latim *uspiam*, *usquam*, *usque*. O radical **k^wu-* é aquele que figura em *ubī* etc. (v. essa palavra). O sufixo aparece em indo-iraniano sob a forma não expressiva *-ti* em scr. *īti* (v. *ita*) e com *-th-* expressivo e forma plena da vogal em avesta *iθā* “assim”, véd. *itthā* (com geminação expressiva). A forma atestada por osc. **puz** e latim *us-quam* resulta de que um *-ə* final era suscetível de se emudecer em indo-europeu. O emprego de um radical **k^wu-* deve ser uma inovação itálica: cf. scr. *kathā* e avesta *kaθā*; mas, ao lado de *kaθa* ‘como’, a partir de *kuḍa*, *kuθra* etc. O modelo era fornecido por *iθa*, já que, frente a *kuḍa*, havia *iḍa* ‘aqui’; é, do mesmo modo, *ita* que forneceu o modelo de *ut(a)*, diante de *ibī*, *ubī*.”

³⁰ “Those [diphthongs in non-initial syllables] which did not monophthongize (*ai*, *au*) undergo standard closed syllables weakening to **ei* and **eu* and then are monophthongized in the same fashion as those diphthongs are. [...] In final syllables the treatments are the same as in medial unstressed syllables with the probable exception of **-oi* [...]” (WEISS, 2009, p. 119-120). Em tradução: “Aqueles [ditongos em sílabas não iniciais] que não se monotonguizaram (*ai*, *au*) sofreram o enfraquecimento normal de sílabas fechadas a **ei* e **eu* e, então, se monotonguizaram do mesmo modo que aqueles ditongos. [...] Em sílabas finais, os tratamentos são os mesmos que em sílabas mediais átonas com a provável exceção de **-oi* [...]”.

³¹ “In a non-initial open syllable, all short vowels merge with *i*.” (WEISS, 2009, p. 116). Em tradução: “Em uma sílaba aberta não inicial, todas as vogais breves convergem a *i*.”. Para mais detalhes, dos processos de enfraquecimento e síncope no latim, ver o “Capítulo 13 Weakening and Syncope,” dessa mesma obra.

aliuta, forma atestada, com o sentido de *aliter*, numa frase de Numa Pompílio (séc. VIII a.C.),³² registrada por Pompeu Festo (provável séc. II d.C.).

Por sua vez, a forma **uta* teria se formado tendo como modelo *ita*. Na entrada para *ita* do dicionário de de Vaan (2008, p. 311), a partir da comparação com sânscrito *íti* “desse modo”, *itthā* “aqui” e avesta *iθā* “assim”, coloca-se como uma das possibilidades de etimologia que o latim *ita* poderia refletir PIE **h₁ith₂*. É justamente à terminação dessa etimologia que os autores se reportam e entendem *-ti* < **-th₂*, um desenvolvimento normal do sânscrito. Em latim, essa laringal **h₂*, notada pelos autores sem especificar a qualidade da laringal como *-ə*, seria, segundo eles, suscetível de emudecer-se em posição final em indo-europeu, uma afirmação um tanto genérica e que conflita com os desenvolvimentos de laringais majoritariamente aceitos na atualidade.

É de se notar que Ernout & Meillet oferecem uma hipótese baseada no morfema do sânscrito *-ti*, enquanto que a proposta já detalhada acima de Buck (1904, p. 149) entende que *-ti* possa ser um morfema adverbial encontrado, por exemplo, em osco *auti*.

Por fim, termina-se o verbete, enfatizando-se que *ita* deve ter fornecido o modelo a *ut(a)*, em oposição a *ibī* e *ubī*, o que se afasta das propostas que vimos anteriormente, que, na verdade, partiam de *ubī*.

2.1.6 Resumo e algumas conclusões

Após detalhar as propostas dos principais autores, abaixo há um quadro em que se procurou resumir o principal delas:

---

³² Segundo Plutarco, ele nasceu no mesmo dia em que Roma foi fundada, 21 de abril de 753 a.C. (PLUTARCH, 1914, p. 315).

Quadro 2.1 - Resumo das propostas etimológicas apresentadas

PIE	Proposta genérica para o PIIt. ³³	Propostas especificadas para o PIIt. ³⁴ e desenvolvimentos	Paradigmas relacionados	Autor(es)
$*k^w u-$ →	$*k^w utV(s)$	$*k^w uti > \text{latim } ut$ ($*k^w utei > ?$) latim <i>utei</i> > <i>utī</i> $*k^w uti-s > \text{osco } \mathbf{puz}$ $*k^w uti-s \rightarrow *k^w uti-s-i > \text{úmbrio } \mathbf{puze}$	$*auti > aut$ <i>ubei</i> <i>abs-</i> , osco az grego εἰς	Untermann / Buck
		$*k^w uti > \text{latim } *uti > *ute > ut$ $*k^w uti > \text{latim } *uti > *ute \rightarrow utei > utī$ $*k^w utos > \text{osco } \mathbf{puz}$, úmbrio puze , latim <i>us-</i>	$*quoti > quot$ <i>ubi</i> sânscrito <i>kútas</i>	Schmidt
		$*k^w u-ti > \text{latim } *uti > *ute > ut$ $*k^w u-ti \rightarrow \text{latim } utei > utī$ $*k^w ut-s- > \text{osco } \mathbf{puz}$, úmbrio puze , latim <i>us-</i>	<i>utinam, -que</i> <i>ubi</i>	Pokorny
		$*k^w ut- \rightarrow \text{latim } *uta > ut$ $*k^w ut- \rightarrow \text{latim } *uta \rightarrow *utai > utei > utī$ $*k^w ut-s > \text{osco } \mathbf{puz}$, úmbrio puz-e , latim <i>us-</i>	<i>utinam, -que</i> <i>ita</i> <i>aliuta</i>	Ernout & Meillet

Vemos, assim, que há consenso quanto à raiz do protoindo-europeu, mas não quanto à forma do protoitálico, na qual se busca reconstruir o(s) sufixo(s) que deu (deram) origem às formas atestadas em latim, osco e úmbrio. De Vaan, no verbete de seu dicionário, sintetizou em PIIt. $*k^w utV(s)$ essa pluralidade de hipóteses que foram detalhadas neste capítulo a partir de seus principais autores, tomando como base o próprio dicionário de de Vaan, o mais recente e atualizado sobre o tema. Deve-se advertir, porém, que outras variantes dessas hipóteses existem na bibliografia, cuja indicação há nas obras aqui citadas, evidenciando a dificuldade de se chegar a uma hipótese una e definitiva.

Das quatro propostas sintetizadas no quadro acima, podemos organizar dois grupos: (i) Untermann/Buck; (ii) Schmidt, Pokorny, Ernout & Meillet. Por um lado, Untermann/Buck reconstroem a mesma sufixação tanto para o latim quanto para o ramo

³³ Ou seja, a formulação genérica de de Vaan, que busca dar conta da pluralidade de hipóteses usando as indicações genéricas “V” e “(s)”, conforme explicado no desenvolvimento desse assunto.

³⁴ Ou seja, especificação da hipótese genérica $*k^w utV(s)$, em que se aponta alguma vogal em vez de V ou sua ausência e também se há ou não o “s”, de acordo com a proposta de cada autor.

das línguas sabélicas (osco e úmbrio), de modo que o *-s* próprio de **puz** etc. foi uma intervenção morfológica interna ao ramo sabélico. Por conseguinte, conclui-se que em protoitálico havia uma palavra já constituída que então teria sofrido uma intervenção somente após a separação entre o latim e o ramo sabélico. Um exemplo parecido é o que ocorreu com as preposições do grego ático *εἰς* e *ἐν* que, sincronicamente diferentes, remontam a um anterior **(h₁)en*. Originalmente, **(h₁)en* > grego *ἐν* era seguido tanto de dativo, quanto de acusativo. O ático-jônico inovou ao adicionar *-s* para o uso com acusativo, **(h₁)en -s* > ático *εἰς* e jônico *ἐς*.

Por sua vez, as hipóteses de reconstrução sugeridas por Schmidt, Pokorny e Ernout & Meillet indicam não ser possível (ou desejável ou preferível) reconstruir uma mesma palavra no protoitálico que tenha originado ao mesmo tempo as formas **puz** etc. do ramo sabélico e a conjunção latim *ut*, mas que essas palavras surgiram a partir de operações morfológicas diversas. Supondo isso estar correto, é possível sugerir uma consequência lógica: as estruturas que utilizam essas conjunções no período atestado das línguas (tanto em sabélico como em latim, e note-se que em geral são quase os exatos mesmos usos) não poderiam utilizá-las no período protoitálico da mesma maneira, pois: (a) ou essas palavras ainda não tinham sido constituídas, podendo estar em vias de se constituir, o que implicaria que todas as construções que as utilizam de modo sistemático em outros períodos da história das línguas itálicas não o faziam no protoitálico; (b) ou existiam mas tinham usos especializados não intercambiáveis que só foram se generalizar dentro de cada ramo, tendo se fixado, no sabélico, a forma **puz** etc. e, no latim, a forma *ut*.

No que se refere ao objeto deste estudo, as orações completivas introduzidas por *ut* e seguidas de subjuntivo, a certeza dessas últimas hipóteses seria um argumento extra para o entendimento de que a justaposição era generalizada num período de que não temos registro e que o uso da conjunção *ut* foi um fato mais recente na língua. Soma-se a isso, obviamente, o fato de que no latim arcaico, a frequência de justaposição do subjuntivo ao verbo principal ainda era alta (veja os próximos capítulos), embora a generalização da conjunção introduzindo essas orações já mostrasse avanço. Isso nos sugere que, muitos séculos antes do latim arcaico, num período pré-histórico, a justaposição seria a regra, como também veremos mais à frente.

Ainda assim, devemos ter em mente que tanto as hipóteses do grupo (i), que entende uma origem morfológica comum às conjunções dos ramos sabélico e latino, quanto as do grupo (ii), segundo as quais essas conjunções seriam oriundas de processos

morfológicos diversos, são válidas e não podem ser descartadas, o que relativiza as conclusões acima esboçadas, visto que não temos elementos, quer comparativos, quer fonomorfológicos, que consigam determinar de modo seguro qual das hipóteses é a mais provável.

2.2 Desenvolvimentos da conjunção *ut* internos ao latim e seu estado no latim clássico

A fim de focarmos agora no latim e seus desenvolvimentos internos, lembremos que de Vaan (2008, p. 646) indica que o *terminus a quo* da forma *utī*, ou seja, o registro mais antigo de que temos notícia, está na *Lei das Doze Tábuas*,³⁵ datada tradicionalmente de 450-451 a.C., em que encontramos dois exemplares:

Tábua V: *Uti legassit super [familia] pecunia tutelaue suae rei, ita ius esto.*³⁶

Tábua VI: *Cum nexum faciet mancipiumque, uti lingua nuncupassit, ita ius esto.*³⁷

Em ambos os exemplos, notamos que a conjunção *ut*, seguida de um futuro arcaico sigmático,³⁸ aparece em correlação com *ita*, numa fórmula com imperativo futuro.

Já para a forma *ut*, indica-se que o *terminus a quo* está em Lívio Andronico (ca. 284-204 a.C.), no qual encontramos três exemplares:

1. *Nam ut Pergama / accensa et praeda per participes aequiter / partita est, / Tum autem lascium Nerei simum pecus / ludens ad cantum classem lustratur.*³⁹

³⁵ Walde & Hofmann (1954, p. 846) marcam que a forma presente na *Lei das Doze Tábuas* é *utei*. Todavia, foi colocada aqui somente a forma *utī*, pois, além de ser o que a edição consultada da Loeb fornece, é a forma apontada por de Vaan, cuja pesquisa é mais recente, além de ele próprio ter consultado Walde e Hofmann.

³⁶ Em tradução ao inglês: “According as person shall bid regarding his [household,] chattels or guardianship of estate, so shall right be.” (REMAINS OF OLD LATIN, 1938, p. 446-447). Em tradução do latim ao português: “Conforme alguém delegar sobre a família, os bens e a tutela de sua propriedade, assim será justo.”

³⁷ Em tradução ao inglês: “When party shall make bond or conveyance, according as he has named by word of mouth, so shall right hold good.” (REMAINS OF OLD LATIN, 1938, p. 456-457). Em tradução do latim ao português: “Quando alguém fizer um contrato ou transferência, conforme nomear com a língua, assim será justo.”

³⁸ De Melo (2007b, p. 72) coloca ambos os exemplos sob o título “The Remaining Sigmatic Indicatives in Archaic Latin”. Do mesmo modo, Ernout (2014, p. 151) cita ambas as formas verbais sob o título “Futur en -so”.

2. *haut ut quem Chiro in Pelio docuit ocri.*⁴⁰

3. *Topper facit homones ut prius fuerunt.*⁴¹

No primeiro exemplo, há uma correlação entre *ut* e *tum*, motivando um valor temporal a *ut*. Nos outros dois exemplos, há o sentido conformativo-comparativo.

É interessante notar que, dos exemplares de Lívio Andronico (o primeiro da tragédia *Aegisthus*, o segundo *ex incertis fabulis*), somente temos a fonte do terceiro, *Odisseia* X, 395: ἄνδρες δ' ἄψ ἐγένοντο νεώτεροι ἢ πάρος ἦσαν, traduzível literalmente como “e tornaram-se de novo homens, mais jovens do que antes eram”. Por mais que *πάρος* seja paralelo a *prius*, ambas as expressões ἢ πάρος e *ut prius* não o são, ou seja, ἢ não equivale a *ut* em forma e em função, além, é claro, das outras diferenças: em grego, voz média, adjetivo comparativo, em latim, voz ativa (e com valor causativo), advérbio *topper* ligado ao verbo principal.

Esses, portanto, são os primeiros usos de *ut* de que temos registro na história do latim. Ernout & Meillet (2001, p. 756)⁴² nos oferecem um panorama histórico dos usos de *ut*, dos quais ressaltam: como par correlativo com *ita*, *ita... ut* ou *ut... ita*, “assim como”, comparativo, podendo o *ita* ser substituído por seu sinônimo *sic* (daí também vem *sicut*, *sicuti*); com redobro *utut* “de qualquer maneira que”; acompanhado de partículas generalizantes como o pronome indefinido *utcumque*, “de qualquer maneira que”, “de todo modo”; *utique*, “em todo caso”, “especialmente”; entre outras composições.

Ainda seguindo Ernout & Meillet, *ut* também serviu para introduzir frases causais ou explicativas, por exemplo, *ut cynicus*, “como um cínico” (Cic. *Tu.* 5, 33, 92); daí *utpote*, “como é possível”, *utpote qui*, “como é possível a alguém que” (por exemplo, *Rud.* 462); *utpote cum*. Também o uso para indicar tempo e lugar feito o grego ὥς e ἵνα: *ut*, *ut primum*, *statim ut*, *ut... tum* etc.

³⁹ Em tradução ao inglês: “For, Pergama being burnt out, the booty shared / Fairly amongst the men partaking of it, / But then the frisky snub-nosed herd of Nereus / Ranged round the vessels, sporting to our songs.” (REMAINS OF OLD LATIN, 1936, p. 2-3). Em tradução do latim ao português: “Pois, quando Pérgamo foi incendiada e o botim foi repartido igualmente entre os participantes, então, por outro lado, o alegre rebanho de nariz chato de Nereu circundou a frota, divertindo-se com o [nosso] canto.”

⁴⁰ Em tradução ao inglês: “Not like the man whom Chiron taught / On Pelion the rugged craig.” (REMAINS OF OLD LATIN, 1936, p. 14-15). Em tradução do latim ao português: “Não como a quem Quíron ensinou no Pélio, rochedo escabroso.”

⁴¹ Em tradução ao inglês: “With all speed she made them into men as they were before,” (REMAINS OF OLD LATIN, 1936, p. 36-37). Em tradução do latim ao português: “Rapidamente, faz [deles] homens, como antes foram.”

⁴² Veja também Hofmann & Szantyr (1965, p. 630 ss.).

Enfim, há o uso com subjuntivos de suposição, possibilidade ou intenção, o que, segundo se depreende da explicação dos autores, teria num primeiro momento um *status* de coordenação. Em seguida, “La langue a tendu à considérer cet *ut* ainsi employé comme une conjonction subordonnante qui introduisait le subjonctif, ayant le sens de ‘pour que, afin que, que’.” (ERNOUT; MEILLET, 2001, p. 756).⁴³ A partir disso, houve o sentido completivo de verbos que marcavam esforço, como *curare*, *dare operam*, *facere ut*, além de verbos que marcavam ordem, desejo, medo, possibilidade e eventualidade, como *fit*, *accidit*, *sequitur ut* etc. e, “par une extension nouvelle”, como consecutiva: *ut, ita ut (tantus, tot, is... ut)*, “de modo que”.

A explicação acima sobre o processo de reinterpretação do *ut* como uma conjunção subordinativa coincide com outros autores e difere de outros, como esperado em reconstruções com pouca base material. Vejamos um resumo presente num excerto de de Melo (2007, p. 212) do que outros autores dizem:

Diachronically, *ut*-clauses seem to be derived from relative clauses functioning as sentence appositions, see Hettrich (1987). Leumann (1973: 424) holds a different opinion: he thinks that modal *ut* ‘as’ was reanalysed as final in some contexts. In either case, the subjunctive must originally have had ‘jussive’ function.⁴⁴

Em outras palavras, independentemente de qual foi a reanálise primeira, o subjuntivo tem um papel importante nesse desenvolvimento. Isso ficará claro quando analisarmos os verbos *facio* e *uolo* seguidos de subjuntivo, em especial quando *facio* está no imperativo, quando retomaremos a citação acima.

Por fim, Ernout & Meillet concluem:

Il s’est constitué ainsi deux conjonctions qui, dans l’emploi, n’avaient plus rien de semblable: 1° *ut* “comme”, avec une série de sens dérivés, mais voisins, et où le mode, là où un verbe était exprimé, était l’indicatif; 2° *ut* “afin que, de sorte que”, où le mode était le

⁴³ Em tradução: “A língua tendeu a considerar esse *ut* assim empregado como uma conjunção subordinante que introduzia o subjuntivo, tendo o sentido de ‘para que, a fim de que, que’.”

⁴⁴ Em tradução: “Diacronicamente, orações com *ut* parecem ter sido derivadas de orações relativas funcionando como aposições de sentenças, veja Hettrich (1987). Leumann (1973: 424) sustenta uma opinião diferente: ele acha que o *ut* modal ‘como’ foi reanalisado como final em alguns contextos. Em qualquer dos casos, o subjuntivo deve originalmente ter tido uma função ‘jussiva’.”

subjonctif. Le même développement se trouve en grec pour ὥς, qui a tous les sens de *ut* latin. (ERNOUT; MEILLET, 2001, p. 756).⁴⁵

Tal como a organização proposta nessa última citação, em Vasconcellos (2013, p. 172-173) encontramos um bom resumo dos usos da conjunção *ut* em latim clássico, adaptado a seguir:

Com indicativo:

- a. comparativa-conformativo: (*assim*) *como, conforme*
Muitas vezes em correlação com *ita, sic...*
- b. causal: *porque* (com subjuntivo: causa alegada ou falsa, reportada pelo locutor)
- c. temporal: *quando*
- d. espacial: *onde*

Com subjuntivo:

- a. completiva ou integrante: *que*; após verbos e expressões de temor: *que não*
- b. final: *para que, a fim de que*
- c. consecutiva: *de tal forma que*
Muitas vezes precedido por palavras como *ita, adeo, is...*
- d. concessiva: *embora, ainda que*

Esse panorama dos usos de *ut* acima traçado diz respeito a um recorte de muitos séculos. Vejamos, por exemplo, que os exemplares tomados anteriormente como *terminus a quo* datam do século V a.C. (*utī*) e III a.C. (*ut*) e seus usos são com indicativo e sem subordinação. Por outro lado, o latim de Cícero emprega *ut* naturalmente, seja com substantivos (sem verbo), com verbo no indicativo, ou ainda com verbo no subjuntivo, com os variados valores semânticos do esquema acima.

Em meio a esse processo, de um período não registrado ou pouco registrado da língua até o latim clássico, temos o latim arcaico, um estágio intermediário, no qual alguns dos processos acima estão em curso. Sendo intermediário, portanto, o *ut*, enquanto conjunção, não está generalizado em todos os usos, notadamente no objeto deste estudo, as orações substantivas ou completivas. Estas ora apresentam a conjunção,

---

⁴⁵ Em tradução: “Constituíram-se, assim, duas conjunções que, em seu emprego, não tinham nada de parecido: 1º *ut* ‘como’, com uma série de derivados, ainda vizinhos, cujo modo, no caso em que se utilizava um verbo, era o indicativo; 2º *ut* ‘a fim de que, de modo que’, cujo modo era o subjuntivo. O mesmo desenvolvimento se encontra em grego para ὥς, que tem todos os sentidos do *ut* latino.”.

ora não, ou seja, aparecem numa estrutura que a bibliografia às vezes chama de paratática.

3 PARATAXE E JUSTAPOSIÇÃO

3.1 Teorizando Parataxe e Justaposição

A fim de evitar mal-entendidos terminológicos, antes de prosseguir, julgo importante deixar claro o significado dos termos “parataxe” e “justaposição” que aqui estão sendo usados.

Ao longo da tradição de estudos do latim, o termo “parataxe” tem sido usado com uma enorme variação de definições, muitas vezes não muito esclarecidas pelos autores. Inclui-se nisso, por exemplo, a mera coordenação assindética: duas orações de mesmo estatuto sintático, ou seja, nenhuma exerce função sintática na outra, e sem o uso de conjunção alguma, como em *Most. 566 hic ad me it, saluos sum*, “ele vem até mim, estou salvo”. Nesse exemplo, embora haja dependência semântica entre as orações, pois uma relação de causa e efeito é estabelecida, não há dependência sintática: ambas as orações estão no mesmo plano sintático, coordenadas entre si. O termo pode ainda ser utilizado para designar orações que, embora possam ser entendidas como subordinadas por utilizarem geralmente o subjuntivo e exercerem alguma função sintática relacionada a um verbo dito principal, não apresentam uma conjunção ou qualquer partícula subordinante, estando, portanto, justapostas à oração principal, como em *Cas. 544 uin uocem?* “você quer que eu [a] chame?”. Sendo aplicado pela tradição a tão diversas estruturas, o termo “paratático” foi e ainda pode ser objeto de polêmica, de modo que, neste trabalho, utilizo sempre a terminologia derivada do termo “justaposição”: enquanto o termo “paratático” gera ambiguidade quanto ao julgamento do estatuto sintático (Deve ser aplicado somente onde não há subordinação? Pode também ser aplicado quando há subordinação não evidenciada pelo subordinador?), o termo “justaposto” simplesmente descreve a ausência de um mediador, sem entrar no mérito do estatuto sintático dos termos, o que é funcional para esta pesquisa, já que ela visa justamente a verificar a presença ou ausência do *ut* completivo.

De qualquer modo, para deixar claro qual é meu objeto de estudo, coloco mais alguns exemplos do que acabamos de discutir:

(1) Parataxe “real” ou sentenças assindéticas:

(a) *Tantas diuitias habet;*

nescit quid faciat auro

(*Bacch.* 333-334)

“Tão grandes riquezas tem; não sabe o que fazer com o ouro”

(b) *credo hercle adueniens nomen mutabit mihi*

facietque extemplo Crucisalum me ex Chrysalo

(*Bacch.* 361-362)

“Creio, por Hércules, que retornando ele mudará meu nome e imediatamente me transformará de Crísalo em Pula-cruz”

Em (a), tanto *habet* quanto *nescit* estão no indicativo e não estão conectados por nenhum tipo de conjunção, de modo que não se pode falar em subordinação, no âmbito sintático-formal. Todavia, percebemos uma relação de causa e consequência entre esses verbos, o que é enfatizado pelo intensificador *tantas*, comum quando há uma oração subordinada consecutiva. Em (b), o verbo *credo* está justaposto aos verbos no indicativo *mutabit* e *faciet*, de modo que os elementos que comumente caracterizam a subordinação não estão presentes. Inclusive podemos traduzi-lo tanto como o fizemos, usando a subordinação no português, ou como se o *credo* fosse o que se chama de parentética, um trecho que comenta outro. O fato é que, mesmo havendo interdependência semântica, há a ausência de marcas morfossintáticas que as explicitem e enfatizem. Esse tipo de relação não me interessará.⁴⁶

(2) Hipotaxe (marcada com conjunção):

Fac iam Amphitruonem aduenientem ab aedibus ut abigas

(*Amph.* 978)

“Trata de afastar Anfitrião da casa, quando ele chegar”

(3) “Parataxe” ou justaposição:

I sane, et quantum potest parata fac sint omnia

(*Amph.* 971)

“Vai sim e faz com que tudo esteja preparado o quanto antes”

---

⁴⁶ Cf. Weissenhorn (1884), que se detém somente sobre esse assunto. Mais à frente, teço breves comentários sobre seu estudo.

Enquanto em (2) há a conjunção subordinativa *ut* e o uso do subjuntivo *abigas*, em (3) o subjuntivo passivo *parata sint* encontra-se justaposto ao verbo principal *fac*, ou seja, temos a presença de *ut* em (2) e sua ausência em (3).

Para generalizar, tanto a hipotaxe quanto a justaposição são modos de organização de estruturas que apresentam relação de subordinação: há um verbo tradicionalmente chamado de principal e um verbo, obrigatoriamente no subjuntivo, chamado de subordinado. Este, por sua vez, é núcleo de uma oração que exerce alguma função sintática relacionada ao verbo principal, ou seja, seria equivalente a um sujeito (nominativo) ou a um objeto (acusativo), por exemplo. A diferença entre hipotaxe e justaposição, repito, seria respectivamente a presença e a ausência da conjunção *ut*.

Quando essas orações equivalem a um nominativo ou a um acusativo, recebem o nome de oração completiva ou oração substantiva (CART, 2007, p. 130-135; ALLEN; GREENOUGH, 1903, § 560; FARIA, 1958, p. 403-406). Desse modo, chamo de *ut* completivo a conjunção que introduz orações de subjuntivo que ocupam o lugar de nominativos ou acusativos de outros verbos e sua ausência chamo de justaposição, já que um subjuntivo estará justaposto a outro verbo.

3.2 Parataxe e/ou justaposição de orações completivas: o que (não) há na bibliografia

Nesta seção, procuro fazer uma revisão bibliográfica a fim de montar um panorama do que já foi dito sobre justaposição em orações completivas e também sobre parataxe, em qualquer dos sentidos. De modo geral, direcionarei a leitura ao recorte de meu estudo, que mais à frente será detalhado, notadamente o que se refere aos verbos *facio* e *uolo*. De modo algum intento ser exaustivo, mas apenas apresentar algumas das obras consultadas, sejam antigas, recentes, especializadas ou mais abrangentes, e comentar como se abordou a questão e com quais profundidade e método a se tratou. As obras são apresentadas, tendo a ordem cronológica como critério de organização.

Por fim, três são os objetivos: (i) apresentar de modo resumido o que já foi dito sobre o assunto e como ele foi tratado; (ii) com isso, termos uma breve visão historiográfica sobre o tema; (iii) oferecer ao leitor algumas das principais referências bibliográficas no estudo da língua latina.

3.2.1 DAHL, B. *Die lateinische Partikel ut*. (1882)⁴⁷

Trata-se do estudo especializado sobre a partícula *ut* mais antigo a que tive acesso⁴⁸ e ele fala em partícula, pois busca analisar todos os usos desse vocábulo nos seguintes capítulos: “*Ut interrogativum*”, “*Ut relativum*”, “*Ut temporale*”, “*Ut consecutivum*”, “*Ut finale*”, relativos a usos adverbiais dessa partícula. Além desses, há os capítulos “*Gegenstandssätze mit coniunctivus generis*” e “*Gegenstandssätze mit coniunctivus finalis*” em que estuda a oração de *ut* como objeto. Note-se a bipartição no tratamento do assunto também encontrada em outros autores: orações completivas consecutivas e orações completivas finais. Nesses capítulos, encontram-se os objetos de meu estudo, *uerba faciendi* (p. 233 ss.) e *uerba uoluntatis* (p. 272 ss.).

É notável, por exemplo, que em relação ao verbo *facio* o autor ressalte a proeminência da construção quando o verbo principal está no imperativo e também traga separadamente exemplares em que há prolepse do sujeito da subordinada como objeto da principal (abordarei esses tópicos na análise qualitativa, no Capítulo 5).

Todavia, o estudo é sobre a partícula *ut* e não sobre sua ausência, de modo que somente os exemplares com a conjunção são apresentados e estudados.

Além disso, aparentemente ele não visa a ser exaustivo na recolha dos exemplares. À página 272-273, em que ele estuda a complementação de *uolo*, diz que “**volō** wird in der älteren sprache nicht selten, in der klassischen zeit ausnahmsweise mit *ut* konstruirt.”,⁴⁹ após o que apresenta alguns poucos exemplares de Plauto, Terêncio e outros autores, muito menos do que eu recolhi. Essa afirmação é confirmada no Capítulo 6, no qual quantifico os vagos “não raramente” e “excepcionalmente” ditos pelo autor.

Por fim, é de se notar que, à época do estudo, importantes edições críticas, ainda referência hoje em dia, não tinham sido feitas e algumas ainda estavam sendo editadas, o que com certeza torna insuficientes as recolhas de exemplares empreendidas.

⁴⁷ Veja também a crítica de M.W. (1882).

⁴⁸ A bibliografia de estudos plautinos, compilada por Hughes e que retrocede até meados do século XIX, confirma isso na seção “The use of adverbs, conjunctions and particles” (HUGHES, 1975, p. 116-117), pelo que se pode depreender da leitura dos títulos dos estudos. Ainda assim, sobre a sintaxe de autores arcaicos, temos, por exemplo, Holtze (1862), que à página 166 comenta sobre o uso do subjuntivo justaposto sem detalhes (“*ut coniunctio saepe tamen in enuntiationibus obiectivis omittitur solusque coniunctivus ponitur.*”, “a conjunção *ut* é frequentemente omitida em enunciados objetivos e o subjuntivo desacompanhado é colocado.”), oferecendo então uma extensa lista de exemplos.

⁴⁹ Em tradução: “*uolo* é construído na língua antiga não raramente com *ut*, na época clássica excepcionalmente.”.

3.2.2 WEISSENHORN, J.B. *Parataxis Plautina*. (1884)

Como o título diz, o objetivo do autor é investigar especificamente a parataxe em Plauto. Vejamos os parágrafos iniciais:

In oratione perpetua duplicem enuntiata coniungendi rationem sequimur; unam grammatici coordinationem, alteram subordinationem appellare consuerunt. Hae autem structurae a nonnullis Graecis Latinisque scriptoribus, potissimum ab eis, qui aut a litterarum incunabulis non longe remoti sunt aut cotidiani sermonis consuetudinem imitantur, ita commiscentur atque confunduntur, ut enuntiata, quae alteri enuntiato sensu atque sententia subnexa sunt, uerborum constructione, quasi sint pari dignitate, adnectantur. Quam quidem dicendi formam parataxeos nomine comprehendere uolumus.

E Latinis quidem scriptoribus, qui linguam primi ad litteras accommodarunt, cum Liuium Andronicum, Cn. Naevium, Q. Ennium tum T. Maccium Plautum laudandum esse, nemo est qui ignoret.

Atque ille Plautus sua natura atque ingenio excitatus id litterarum genus amplexus est, cuius liberior quidam sententiarum nexus proprius esse uidetur. Imitatur enim comoedia uel maxime homines humili genere ortos eorumque agrestem uulgaremque sermonem.

Duae igitur causae apud Plautum conspirasse mihi uidentur ad structuram paratacticam efficiendam, quarum una in litterarum aetate, altera in litterarum genere est posita. (WEISSENHORN, 1884, p. 3).⁵⁰

---

⁵⁰ Em tradução: “Em um discurso ininterrupto, obedecemos a dois modos de unir os enunciados; a um os gramáticos costumaram chamar de coordenação e ao outro de subordinação. Porém, estas estruturas são misturadas e confundidas, por alguns escritores gregos e latinos, principalmente por aqueles que ou não foram tão afastados das origens das letras ou imitam o hábito da conversa cotidiana, de tal modo que os enunciados que estão subordinados a outro enunciado pelo sentido ou pelo pensamento estejam, por meio da construção das palavras, coordenados, como se tivessem igual valor. De fato, queremos compreender esta forma de dizer pelo nome Parataxe. A partir dos escritores latinos, que primeiro acomodaram a língua às letras, não há quem ignore que se devem citar não só Lívio Andronico, Gneu Névio, Quinto Ênio, mas também T. Mácio Plauto. E o célebre Plauto, estimulado por sua natureza e engenho, abraçou aquele gênero de letras do qual parece ser mais próprio uma conexão de sentenças mais livre. Pois a comédia imita quer os homens oriundos principalmente de gênero humilde, quer a conversação vulgar e agreste destes. Portanto, duas causas em Plauto parecem-me concordar para que uma estrutura paratática seja estabelecida, das quais uma é atribuída pela idade das letras, a outra no gênero literário.”.

Aqui, o autor introduz a ideia de parataxe sugerindo causas para que ela exista em Plauto: a antiguidade de seus textos (relacionando o tema, parece-me, a um estágio mais antigo da língua) e também ao gênero (parataxe seria um modo rústico e menor de se falar; depreende-se um julgamento de valor, em que a parataxe seria mais simples, menos desenvolvida).

O autor divide seu estudo em três categorias (WEISSENHORN, 1884, p. 4):

(I) Enunciados que dependem de verbos, subdivididos em:

1. Enunciados declarativos;
2. Enunciados finais e consecutivos, chamados pelos gramáticos de transitivos;
3. Enunciados interrogativos;

(II) Enunciados que são contidos na relação causal, subdivididos em:

1. Enunciados finais;
2. Enunciados consecutivos;
3. Enunciados causais;

(III) Enunciados que são contidos na relação condicional e temporal, subdivididos em:

1. Enunciados condicionais;
2. Enunciados concessivos;
3. Enunciados temporais.

A categoria que se relaciona de algum modo com meu estudo é a “(I) 2. Enunciados finais e consecutivos, chamados pelos gramáticos de transitivos”, na medida em que são categorias relacionadas aos verbos *facio* e *uolo*, meu recorte que, no próximo capítulo, será detalhado. Lá encontramos uma explicação clara do que o autor entende por parataxe e como ele classifica o objeto de meu estudo.

Weissenhorn estuda os exemplares formados pelos verbos *quaeso* e *obsecro* colocados ao lado de imperativos. Mais à frente, diz:

Inueniuntur etiam loci, ubi apud uerbum quaeso imperatiui loco coniunctiuus positus est. Sed hic modus sine coniunctione ut usurpatus, qui in omnibus enuntiatis, quae a uerbis dependent, sexcenties occurrit, aut ad hypotaxin pertinet aut certe transitum parataxeos in hypotaxin significat. (cf. Holtze synt. II, 166. n. 20, et

Schnoor, *questiones Plautinae*, 1878). Quare neque ea exempla, neque illa, qua coniunctionem ut ostendunt, ad meam prouinciam pertinere existimo. (WEISSENHORN, 1884, p. 9).⁵¹

Mais à frente:

Priusquam huic paragrapho finem faciamus, ne quis exempla desideret, iterum monemus, coniunctiui solute positi structuram, quam praebent uerba oro, uolo, malo, sino, ago e. a. s., a quaestione nostra esse secretam. Quae cum ita sint, ad en. consecutiva transire licet. (WEISSENHORN, 1884, p. 10).⁵²

Ou seja, o conceito de parataxe que o autor usa é o conceito que mais acima chamei de parataxe “real”. Em outras palavras, o objeto de estudo de Weissenhorn difere do meu e ele, na realidade, o exclui de sua ocupação.

3.2.3 SCHNOOR, H. *Zum Gebrauch von ut bei Plautus*. (1885)

O objetivo do trabalho é estudar o uso de *ut* em Plauto. Desse modo, assim, como em outras obras, o uso justaposto do subjuntivo ao verbo principal é praticamente ignorado.

A obra está dividida em duas partes e, como outras, busca dar conta de sistematizar o conjunto de uso do *ut*, sem buscar a exaustão dos exemplos: “A. Ut in selbständigen Sätzen” (*ut* em frases independentes) e “B. Das abhängige ut” (o *ut* dependente). A segunda parte, que mais interessa a este estudo, após uma brevíssima introdução sobre o surgimento da estrutura com *ut* a partir do uso paratático (dois verbos no indicativo), o autor divide em várias categorias semânticas, das quais destaco duas. Em “1. Wollen und wünschen” (querer e desejos), compara a construção de *uolo*

⁵¹ Em tradução: “Também são encontrados lugares onde o subjuntivo é posto no lugar do imperativo junto ao verbo *quaeso*. Mas esse modo empregado sem a conjunção *ut*, o qual ocorre centenas de vezes em todos os enunciados que dependem de verbos, ou pertence à hipotaxe ou certamente indica o trânsito da parataxe à hipotaxe. (cf. Holtze synt. II, 166. n. 20, e Schnoor, *questiones Plautinae*, 1878). Por isso, nem esses exemplares nem aqueles que apresentam a conjunção *ut* julgo pertencer a minha ocupação.”

⁵² Em tradução: “Antes de pôr fim a esta seção, para que ninguém reclame exemplares, aviso novamente que a estrutura de subjuntivo posto livremente, a qual apresentam os verbos *oro*, *uolo*, *malo*, *sino*, *ago* etc., foi segregada de nossa investigação. Sendo assim, convém avançar para os enunciados consecutivos.”

ut + subjuntivo com *uolo* + (acusativo) infinitivo, mas sequer fala do uso justaposto. Vejamos:

Außer der Konstruktion mit dem infin. oder acc. c. infin., welche später häufiger nach *velle* gebraucht wurde, findet sich bei Plautus auch sehr oft nach diesem Verbum die Verbindung mit der Konjunktion *ut*. Durch *ut* wird der Wunsch nur mehr urgiert; es wird dadurch kräftiger ausgedrückt, daß etwas geschehen, daß einer etwas thun soll. Ein weiterer Unterschied in der Bedeutung ist nicht zu erkennen. (SCHNOOR, 1885, p. 5).⁵³

Mais à frente, há a categoria “11. Machen, bewirken, geschehen” (Fazer, tratar de, acontecer), iniciada pela explicação: “Wenn derartige Verba mit *ut* verbunden werden, so wird dadurch ausgedrückt, daß etwas geschehen, daß jemand etwas thun soll; das *ut* zeigt den beabsichtigten Zweck an, den man beim Handeln hat.”⁵⁴ (SCHNOOR, 1885, p. 19). Trata-se justamente de entender esses verbos como causativos, ou seja, como formadores de uma expressão em que se enfatiza um “causador” e um “causado”.⁵⁵ Em relação às ocorrências do verbo *facio*, o autor nota e ressalta a quantidade expressiva de imperativos, algo que será relevante em minha análise. Ele ainda avança e entende que *facere ut* + subjuntivo é uma forma parafrástica de um imperativo, mas que seria mais enfática.⁵⁶ O único comentário que faz sobre a justaposição é um exemplo em que há a coordenação desta com uma oração com *ut*: “Ein Beispiel mag noch besonders angeführt werden, wo nach *fac* die Konjunktion *ut*

⁵³ Em tradução: “Com exceção da construção com infinitivo ou de acusativo com infinitivo, que foi usada mais tarde com frequência com *velle*, encontra-se em Plauto muito frequentemente nesse verbo a ligação com a conjunção *ut*. Por meio de *ut*, o desejo só é mais urgente; com isso, expressa-se mais enfaticamente que algo deve acontecer, que alguém deve fazer algo. Não há outra diferença de sentido a se reconhecer.”.

⁵⁴ Em tradução: “Se tais verbos são conectados com *ut*, então, por meio disso, expressa-se que algo deve acontecer, que alguém deve fazer algo; o *ut* indica o propósito intencionado que se tem na ação.”.

⁵⁵ Veja Dixon (2000) para detalhes da estrutura.

⁵⁶ “Was nun zunächst *facere ut* angeht, so findet dieses Verbum beim Plautus ganz besonders in den Formen des Imperativs seine Verwendung, und es dient dann oft lediglich zur Umschreibung des Imperativs von dem Verbum im *ut*-Satze, wodurch der Befehl etwas mehr Kraft erhält. Den Wendungen *face ut*, *fac ut*, *facito ut*, *facite ut*, die, wie gesagt, beim Plautus am häufigsten vorkommen, liegt die Bedeutung „sorge dafür, sieh zu, daß“ zu Grunde. Doch können wir in den Fällen, wo die Formen von *facere* nur zur Umschreibung eines Imperativs dienen, kürzer und ganz treffend dieselben mit „ja“ übersetzen.” (SCHNOOR, 1885, p. 19). Em tradução: “No que em seguida concerne a *facere ut*, esse verbo encontra em Plauto seu uso particularmente na forma de imperativos e frequentemente serve somente como paráfrase do imperativo do verbo da oração com *ut*, através do que a ordem recebe um pouco mais de força. Para as expressões *face ut*, *fac ut*, *facito ut*, *facite ut*, as quais, como dito, ocorrem mais frequentemente em Plauto, há como base o significado ‘cuidar para que, assegurar-se que’. Todavia, nos casos em que as formas de *facere* somente servem como paráfrase de um imperativo, nós podemos interpretá-las de modo mais curto e completamente apropriado com um ‘sim’.”.

und der bloße Konjunktiv koordiniert neben einander stehen.”,⁵⁷ ao que dá de exemplo *Amph.* 981.⁵⁸

Assim, não é sequer colocada a questão de por que em certos momentos Plauto usa *ut* e em outros não, embora isso diga respeito de algum modo ao uso do *ut*.

3.2.4 DELBRÜCK, B. *Vergleichende Syntax der indogermanischen Sprachen.* (1893-1900)

Às páginas 412 e 413 da terceira parte de seu estudo sobre a sintaxe das línguas indo-europeias, Delbrück expõe sua compreensão sobre *parataxe*. Para tal, cita um trecho de um estudioso chamado Thiersch, o qual a entende como pensamentos que se seguem, sem que um pressuponha ou toque o anterior, e que são dispostos utilizando-se as conjunções mais simples das línguas, como “e”, “mas”. Conclui seu entendimento dizendo que “Die Wissenschaft hat diesen Ausdruck aufgenommen, weicht aber insofern von Thiersch ab, als wir der παράταξις, nicht, wie Thiersch thut, die σύνταξις, sondern die ὑπόταξις entgegenstellen.” (DELBRÜCK, 1893-1900, v. 3, p. 413).⁵⁹ Em outras palavras, para Delbrück, a construção objeto deste estudo, as orações subordinadas substantivas com subjuntivo, mas sem conjunção, não seria considerada *parataxe*, mas *hypotaxe*.

Seguindo esse raciocínio, ainda na terceira parte de sua obra, encontramos à página 418 e seguintes a seção “§ 196 Unbezeichnete Hypotaxe”, *i.e.* *hypotaxe* não marcada. A primeira subseção trata do caso em que “Der erste Satz ist der Hauptsatz, der zweite schliesst sich an.”, *i.e.* em que a primeira frase é a oração principal e a segunda se conecta a ela. Ao tratar do latim, Delbrück comenta justamente as estruturas que são objeto deste estudo, subjuntivos justapostos a um verbo principal. Entre seus exemplos, há tanto o verbo *facio* quanto o verbo *uolo*.

Ferner als das Griechische steht dem Altindischen das Lateinische.
Das Verbum des ersten Satzes bedeutet ‚bewirken‘ u. ähnl., es steht

⁵⁷ Em tradução: “Um exemplo pode ainda ser particularmente apontado, no qual ao lado de *fac* estão coordenados a conjunção *ut* e o subjuntivo sozinho.”.

⁵⁸ Seguindo de Melo (2007b, p. 33, nota 124), considere em minhas contagens *ut ministres* independente e não subordinado ao verbo *fac* em *Amph.* 982.

⁵⁹ Em tradução: “A ciência adotou essa expressão, mas afasta-se de Thiersch no fato de que nós não opomos παράταξις a σύνταξις, como Thiersch faz, mas a ὑπόταξις.”.

oft im Imperativ, aber nicht selten auch in anderen Formen (neben *fac facito* findet sich auch *facio faciam faxo faxim*), das des zweiten steht in einer der drei Personen des Konjunktivs; doch habe ich die erste Pluralis nicht angeführt gefunden. Einige Belege aus der grossen Masse sind: *fac noscam* Plautus, *conficias face* Cato, *facito siet* C., *sine sedeam* Pl., *quid tibi uis reddam* Pl., *uolo occupes* Pl., *uerum sit uelim* Pl., *dato uinum atrum bibat* C. (DELBRÜCK, 1893-1900, v. 3, p. 419-420).⁶⁰

3.2.5 GILDERSLEEVE, B. L.; LODGE, G. *Latin Grammar*. (1903 [1895])

A teorização sobre parataxe está no parágrafo 472:

2. Coordination (**Parataxis**) is that arrangement of the sentence according to which the different clauses are merely placed side by side.

3. Subordination (**Hypotaxis**) is that arrangement of the sentence according to which one clause depends on the other. (GILDERSLEEVE; LODGE, 1903 [1895], § 472).⁶¹

Essa é a única referência com alguma definição. Não está claro o que a ausência do *ut* é considerada e, nos poucos momentos em que isso é citado, não há teorização, como veremos nos trechos a seguir.

Em relação às orações completivas de substantivo, os autores seguem uma divisão encontrada em outros também.

O parágrafo 546 trata de “Complementary Final Sentences” (sentenças completivas finais), especificamente de “Verbs of Will and Desire” (verbos de vontade e desejo), no que se encaixa o verbo paradigmático *uolo*. De particular interesse é a

⁶⁰ Em tradução: “Além disso, como o grego, o latim se relaciona ao védico. O verbo da primeira frase significa ‘afetar’ e similares, ele fica frequentemente no imperativo, mas não raramente também em outras formas (ao lado de *fac facito* se encontram também *facio faciam faxo faxim*), o verbo da segunda fica em alguma das três pessoas do subjuntivo; todavia, eu não encontrei indicada a primeira do plural. Algumas atestações de uma grande quantidade são: *fac noscam* Plauto, *conficias face* Catão, *facito siet* C., *sine sedeam* Pl., *quid tibi uis reddam* Pl., *uolo occupes* Pl., *uerum sit uelim* Pl., *dato uinum atrum bibat* C.”.

⁶¹ Em tradução: “2. Coordenação (**Parataxe**) é aquele arranjo de sentença, de acordo com o qual as diferentes orações são meramente colocadas lado a lado. 3. Subordinação (**Hipotaxe**) é aquele arranjo de sentença de acordo com o qual uma oração depende da outra.”.

seguinte colocação: “When the idea of Wishing is emphatic, the simple Subjv., without **ut**, is employed, and the restriction of sequence to Pr. and Impf. is removed.”.⁶² Enquanto alguns autores (como Bennett [1910-1914]) consideram que o *ut*, sendo de origem adverbial, teria algum valor enfático, aqui vemos o contrário: justamente sua ausência é vista como ênfase. Como veremos no Capítulo 6, sobre o verbo *uolo*, o uso mais frequente é sem a conjunção, de modo que essa seja a forma não marcada. Sendo assim, é estranho considerar a ausência da conjunção, a forma mais comum, como um modo de veicular ênfase.

Já o parágrafo 553 trata de “Complementary Consecutive Sentences” (sentenças completivas consecutivas), especificamente de “Verbs of Effecting” (verbos causativos):

553. Verbs of Effecting belong partly to the Consecutive, partly to the Final Sentence. The negative is **non** or **ne**; the sequence, final.

Such verbs are:

1. Verbs of Causation: **facere**, **efficere**, **perficere**, *I make, effect, achieve*; **assequi**, **consequi**, *I attain, accomplish*, and many others.

[...]

Facere ut is often little more than a periphrasis; especially in the forms **fac ut** and **faxo**, **faxit** (both peculiar to Comedy). (GILDERSLEEVE; LODGE, 1903 [1895], § 553).⁶³

Nessa parte, nenhum comentário sobre a justaposição é feito. A opinião sobre a construção ser perifrástica, entendimento compartilhado por outros autores e comentadores, também está no parágrafo 271:

271. PERIPHRASES. – I. **Cura (curato) ut**, *take care that*; **fac (facito) ut**, *cause that*; **fac (facito)**, *do*, with the Subjunctive, are common circumlocutions for the Positive Imperative.

⁶² Em tradução: “Quando a ideia de querer é enfática, o simples subjuntivo, sem **ut**, é empregado e a restrição de sequência [de tempos] a presente e imperfeito é removida.”.

⁶³ Em tradução: “553. Verbos causativos pertencem parte às sentenças consecutivas, parte às finais. A negativa é **non** ou **ne**; a sequência, final. Tais verbos são: 1. Verbos causativos: **facere**, **efficere**, **perficere**, *eu faço, efetuo, alcanço*; **assequi**, **consequi**, *eu atinjo, consigo*, e muitos outros. [...] **Facere ut** é frequentemente pouco mais do que uma perífrase; especialmente nas formas **fac ut** e **faxo**, **faxit** (ambos peculiares à comédia).”.

Cura ut quam primum (303, R. i) **venias**, C., *Fam.*, IV. 10, 1; *manage to come as soon as possible*. **Fac cogites**, C., *Fam.*, XI. 3, 4, *Do reflect !*

NOTES. – 1. **Facito** is almost wholly confined to early Latin, especially PLAUTUS ; so also **curato**.

2. Early Latin also shows **vide** and **videto** with Subjv. TERENCE introduces **volo**, **velim**, with Subjv., which is found also in later times; as, C., *Fam.*, IX. 12, 2. (GILDERSLEEVE; LODGE, 1903 [1895], § 271).⁶⁴

3.2.6 ANTOINE, F. De la parataxe et de l'hypotaxe dans la langue latine. *Revue des Études Anciennes* (1899)

O artigo se inicia com uma narrativa sobre o desenvolvimento da linguagem, seguindo um expediente similar ao de outros textos da mesma época que pretendiam o mesmo.⁶⁵ De gritos e onomatopeias, vieram as palavras, entendidas em classes. O substantivo se uniu ao adjetivo. Então, veio o verbo de ligação (cópula) unindo essas palavras, depois a justaposição de orações. A partir disso, existiam no pensamento do falante relações entre as orações que não eram expressas (nomeado pelo autor como justaposição). Em seguida, a ordem passou a ser um instrumento de marcar essa relação, culminando no surgimento das conjunções. Nesse trajeto, a subordinação seria o último estágio de uma trajetória ao aperfeiçoamento e desenvolvimento pleno da língua.

No que se refere ao desenvolvimento do período, o autor nos oferece um bom resumo (p. 33):

Donc résumons : le processus ou passage de la parataxe à l'hypotaxe est le suivant :

1° Coordination pure et simple, dans la forme et dans l'esprit : *Ad me veni; oro.*

⁶⁴ Em tradução: “271. PERÍFRASES. – I. **Cura (curato) ut**, *cuida para que*; **fac (facito) ut**, *faz com que*; **fac (facito)**, *faz*, com subjuntivo, são circunlocuções comuns para o imperativo positivo. **Cura ut quam primum** (303, R. i) **venias**, C., *Fam.*, IV. 10, 1; *trata de vir o mais rápido possível*. **Fac cogites**, C., *Fam.*, XI. 3, 4, *Trata de pensar !* NOTAS. – 1. **Facito** é quase completamente confinado ao latim arcaico especialmente PLAUTO; veja também **curato**. 2. Latim arcaico também apresenta **vide** e **videto** com subjuntivo. TERÊNCIO introduz **volo**, **velim**, com subjuntivo, o que também é encontrado em períodos posteriores, como C., *Fam.*, IX. 12, 2.”

⁶⁵ Veja, por exemplo, Delbrück (1893-1900, v. 3, p. 412).

2° Coordination dans la forme, subordination dans l'esprit non marquée par un signe extérieur : *Oro, ad me veni*.

3° Coordination dans la forme, mais subordination dans l'esprit marquée seulement par le mode : *Oro ad me venias*. (Ces trois premières formes constituent la parataxe, telle que nous sommes convenus de l'entendre.)

4° Subordination dans la forme et dans l'esprit marquée par le mode et par la conjonction : c'est l'hypotaxe. (ANTOINE, 1899, p. 33).⁶⁶

Nesse excerto, o autor deixa claro que reserva o termo *hypotaxe* somente para quando a conjunção está presente. O estágio em que somente o modo marca a relação de subordinação (3°) é chamado em outro trecho de “parataxe des propositions subordonnées”, “parataxe de orações subordinadas” (p. 32).

O uso da parataxe (em todas as suas formas, notemos) mesmo quando a hipotaxe já era disponível está associado à língua popular, a qual se aproxima da natureza e que se rebela à complicação, presente nos cômicos, no diálogo e na língua da conversação.

A certo ponto o autor comenta especificamente o verbo *facio*. Vejamos (p. 34): “[Le verbe *facere*] a passé par les trois phases que nous avons indiquées plus haut, à savoir : a) la coordination pure et simple, ou juxtaposition ; b) la subordination sans conjonction, ou parataxe ; c) la subordination avec *ut, ne*, ou hypotaxe.”.⁶⁷ Vemos aqui o uso do termo *parataxe* para a subordinação sem conjunção.

Outro trecho que nos interessa está à página 39: “[Il résulte que] la parataxe des propositions finales, la forme b) *volo venias*, est restreinte au dialogue, au langage populaire et familier, dont nous retrouvons une image chez les comiques et dans le style épistolaire.”.⁶⁸ O estudo apresentado nos Capítulos 5 e 6 mostrará que esse tipo de afirmação não se sustenta de modo firme, na medida em que a morfologia do verbo

⁶⁶ Em tradução: “Então resumamos: o processo ou passagem da parataxe à hipotaxe é o seguinte: 1° Coordenação pura e simples, na forma e no pensamento: venha (imperativo) a mim; eu peço. 2° Coordenação na forma, subordinação no pensamento, não marcada por um signo externo: Peço, venha (imperativo) a mim. 3° Coordenação na forma, mas subordinação no pensamento, marcada somente pelo modo: Peço venha (subjuntivo) a mim. (Essas três primeiras formas contituem a parataxe, tal como concordamos compreendê-la). 4° Subordinação na forma e no pensamento, marcada pelo modo e pela conjunção: é a hipotaxe.”.

⁶⁷ Em tradução: “[O verbo *facere*] passou pelas três fases que nós indicamos mais acima, a saber: a) a coordenação pura e simples, ou justaposição; b) a subordinação sem conjunção, ou parataxe; c) a subordinação com *ut, ne*, ou hipotaxe.”.

⁶⁸ Em tradução: O resultado é que a parataxe de proposições finais, a forma b) *uolo uenias*, é restrita ao diálogo, à linguagem popular e familiar, cuja imagem encontramos nos cômicos e no estilo epistolar.”.

principal será determinante, além do fato de que a distribuição de exemplares com e sem a conjunção varia de acordo com o verbo principal.

3.2.7 DURHAM, C. L. *The subjunctive substantive clauses in Plautus, not including indirect questions*. (1901)

Este é o principal estudo para a questão deste trabalho, na medida em que seus objetos são justamente os mesmos, as orações substantivas subjuntivas. Todavia, tanto os objetivos quanto a metodologia de Durham são bem diferentes do aqui adotado. O autor teve a orientação de Bennett, o qual, por sua vez, utilizou a pesquisa de Durham em seu livro *Syntax of early Latin* (1982 [1910-1914]), de modo que, ao compartilharem a mesma visão sobre o assunto, muito do que aqui for comentado também será encontrado no comentário sobre o livro de Bennett mais à frente.⁶⁹

Sua preocupação fundamental é com a origem dessas construções, de modo que organiza as orações substantivas tendo como critério o entendimento de Delbrück sobre os valores semânticos do subjuntivo e do optativo indo-europeus:

Chapter I. Substantive clauses developed from the jussive;

Chapter II. Substantive clauses developed from the subjunctive of determined resolution;

Chapter III. Substantive clauses developed from the deliberative subjunctive;

Chapter IV. Substantive clauses developed from the optative subjunctive;

Chapter V. Substantive clauses developed from the subjunctive of contingent futurity.⁷⁰

Essa divisão de acordo com o valor original do subjuntivo fez com que um mesmo verbo principal aparecesse em mais de um capítulo.

Cada capítulo foi subdividido pelo autor especialmente de acordo com a semântica do verbo principal ou por expressão e organiza os exemplares de acordo com

⁶⁹ No prefácio do livro de Durham (1901), lê-se: “The following study was undertaken at the suggestion of Professor Charles E. Bennett, and has throughout received his most generous attention.”. Em tradução: “O seguinte estudo foi executado por sugestão do Professor Charles E. Bennett e recebeu por inteiro sua mais generosa atenção.”.

⁷⁰ Em tradução: “Capítulo I. Orações substantivas desenvolvidas do jussivo. Capítulo II. Orações substantivas desenvolvidas do subjuntivo de resolução determinada. Capítulo III. Orações substantivas desenvolvidas do subjuntivo deliberativo. Capítulo IV. Orações substantivas desenvolvidas do subjuntivo optativo. Capítulo V. Orações substantivas desenvolvidas do subjuntivo de futuridade contingente.”.

a presença ou ausência de um subordinador, com a ordem em que aparecem os verbos e com o fato de o exemplar apresentar um uso original (por exemplo, “clauses in which the subjunctive may be conceived as having been at one time an independent jussive in paratactic use”,⁷¹ Durham, 1901, p. 10) ou um uso derivado (por exemplo, “subjunctives where the assumption of an original independent jussive is impossible”,⁷² Durham, 1901, p. 10). Em sua exposição, não são absolutamente claros os critérios para fazer essa distinção entre original e derivado. Independentemente disso, sua preocupação é completamente diversa da deste estudo, em que busco principalmente uma análise sincrônica do latim arcaico.

Além disso, o objetivo fundamental de meu estudo, a presença ou ausência do *ut*, é declaradamente irrelevante para o estudo do autor:

But whatever meaning we may advocate as original for *ut*, its presence or absence as a special sign of subordination in a substantive clause is immaterial to the question of coordination or subordination between the parts. [...] The original difference between *volo abeas* and *volo ut abeas* must have been approximately that between ‘I want you to go away’ and ‘I want you just to go away’. (DURHAM, 1901, p. 7).⁷³

Ainda assim, sua listagem foi importantíssima na consolidação do *corpus* deste estudo e uma comparação completa e comentada pode ser encontrada no apêndice.

---

⁷¹ Em tradução: “orações em que o subjuntivo pode ser concebido como tendo sido em algum momento um jussivo independente em uso paratático”. Sua definição de parataxe vem direto de Bennett (*Critique of some recent subjunctive theories* apud Durham, 1901, p. 4): “In order to exhibit parataxis, the two sentences assumed to have paratactic relation must each be capable of possessing an independent value. Just so soon as one of the two clauses is not capable of functioning alone, but only in conjunction with its neighbor, we have subordination or hypotaxis.”. Em tradução: “A fim de exibir parataxe, as duas sentenças que se presumem estar em relação paratática devem cada uma ser capaz de possuir um valor independente. Logo que uma das duas orações não é capaz de funcionar sozinha, mas somente em conjunção com sua vizinha, nós temos subordinação ou hipotaxe.”. Entretanto, não é claro no estudo de Durham quais critérios fazem ser possível discernir se duas sentenças podem existir independentemente ou não, o que torna a distinção bem subjetiva.

⁷² Em tradução: “subjuntivos em que a pressuposição de um jussivo independente original é impossível”.

⁷³ Em tradução: “Mas qualquer que seja o significado de *ut* que possamos advogar como original, sua presença ou ausência como um sinal especial de subordinação em uma oração substantiva é imaterial para a questão da coordenação ou subordinação entre as partes. [...] A diferença original entre *uolo abeas* e *uolo ut abeas* deve ter sido aproximadamente aquela entre ‘Eu quero que você vá embora’ e ‘Eu quero que você simplesmente vá embora’.”.

3.2.8 ALLEN, J. H.; GREENOUGH, J. B. *New Latin Grammar*. (1903)

Primeiramente, chamo a atenção ao fato de que, assim como Gildersleeve & Lodge, eles também consideram a construção *fac* + subjuntivo como um substituto de imperativo, “often used, specially in colloquial language” (“frequentemente usada, especialmente na linguagem coloquial”; v. § 449).

A parataxe não é o objeto principal dessa gramática de referência, mas o tema, sendo importante ao latim, não passa despercebido aos autores. Ao falar das orações substantivas, afirmam:

The simplest and probably the earliest form of such sentences [substantive clauses] is to be found in the paratactic use (see § 268) of two verbs like *volo abeas*, *dicamus censeo*, *adeam optimum est*. (ALLEN; GREENOUGH, 1903, § 560).⁷⁴

Na nota introdutória à seção sobre sintaxe, fazem a narrativa típica aos livros do período sobre o surgimento da linguagem. Interessa-nos o seguinte trecho:

Originally sentences were simple. But two simple sentence-forms may be used together, without the grammatical subordination of either, to express a more complex form of thought than could be denoted by one alone. This is *parataxis* (arrangement side by side). (ALLEN; GREENOUGH, 1903, § 268).⁷⁵

A hipotaxe, por sua vez, encontra sua forma explícita no uso de uma conjunção, conforme este outro trecho:

Thus, to express the complex idea *I beseech you to pardon me*, the two simple sentence-forms *quaeso* and *ignoscas* were side by side, *quaeso ignoscas*; then the feeling of grammatical subordination found

⁷⁴ Em tradução: “A mais simples e provavelmente mais antiga forma das orações substantivas pode ser encontrada no uso paratático (veja § 268) de dois verbos como *uolo abeas*, *dicamus censeo*, *adeam optimum est*.”

⁷⁵ Em tradução: “Originalmente, as sentenças eram simples. Mas duas formas-sentença podem ser usadas juntas, sem a subordinação gramatical de nenhuma, para expressar uma forma mais complexa de pensamento do que poderia ser denotada por uma só. Isso é a *parataxe* (arranjo lado a lado).”

expression in a conjunction, *quaeso ut ignoscas*, forming a complex sentence. (ALLEN; GREENOUGH, 1903, § 268).⁷⁶

No que se refere aos verbos aqui estudados, vejamos o que há no parágrafo 565:

565. **Volo** and its compounds, the impersonals **licet** and **oportet**, and the imperatives **dic** and **fac** often take the Subjunctive without *ut* [...]

Note 1. – In such cases there is no ellipsis of **ut**. The expressions are idiomatic remnants of an older construction in which the subjunctives were *hortatory* or *optative* and thus really independent of the verb of *wishing* etc. In the classical period, however, they were doubtless felt as subordinate. Compare the use of **cave** and the subjunctive (without **ne**) in Prohibitions (§ 450), which appears to follow the analogy of **fac**. [...]

a. Verbs of *commanding* and the like often take the subjunctive without **ut** (ALLEN; GREENOUGH, 1903, § 565).⁷⁷

A justaposição de um subjuntivo é, portanto, considerada pelos autores como sendo subordinação; o termo *parataxe* se restringe ao uso de sentenças independentes. Por sua vez, as afirmações em geral vagas (“often take the subjunctive”, “frequentemente tomam o subjuntivo”) serão precisadas nos capítulos de cada verbo, *facio* e *uolo* (Capítulos 5 e 6).

3.2.9 LINDSAY, W. M. *Syntax of Plautus*. (1907)

À página 66, o autor tem um parágrafo dedicado à *parataxe*, a qual diz ser característica: (i) do estado inicial de uma língua, (ii) da linguagem coloquial, em

⁷⁶ Em tradução: “Assim, para expressar a ideia complexa *Eu imploro que você me perdoe*, as duas formas sentenciais *quaeso* e *ignoscas* eram colocadas lado a lado, *quaeso ignoscas*; então, o sentimento de subordinação gramatical encontrou expressão na conjunção, *quaeso ut ignoscas*, formando uma sentença complexa.”.

⁷⁷ Em tradução: “565. **Uolo** e seus compostos, os impessoais **licet** e **oportet**, e os imperativos **dic** e **fac** frequentemente tomam o subjuntivo sem *ut* [...] Nota 1. – Nesses casos não há elipse de **ut**. As expressões são resquícios idiomáticos de uma construção mais antiga em que os subjuntivos eram *hortativos* ou *optativos* e, portanto, realmente independentes do verbo de *querer* etc. No período clássico, entretanto, eles eram sem dúvida percebidos como subordinados. Compare o uso de **caue** e o subjuntivo (sem **ne**) em Proibições (§ 450), o qual parece seguir uma analogia com **fac**. [...] a. Verbos de *comando* e similares frequentemente tomam o subjuntivo sem **ut**”.

oposição à literária. Dá como exemplo *Trin.* 161: *alium fecisti me, alius ad te ueneram*, traduzível como “você me fez diferente; diferente eu viera a você”, com dois verbos no indicativo. Em seguida, fala da oscilação, no que em latim clássico é chamado de interrogativa indireta, entre o indicativo (interrogativa direta) e subjuntivo (indireta).

O que mais nos interessa é o que diz em seguida:

Even where the Subj. appears, there may often be Parataxis, e.g. *Stich.* 333 A. *quid agis?* B. *quid agam rogitas?*, for a similar Subj. is found in independent sentences [...]. Similarly with other dependent Subjunctives [...]. Compare lines like *Trin.* 485 *semper tu hoc facito Lesbonice, cogites*, *Trin.* 59 *uin commutemus?*, *Poen.* 909 *ita di faxint, ne apud lenonem hunc serviam*. (LINDSAY, 1907, p. 66).⁷⁸

Lindsay, portanto, também considera a justaposição do subjuntivo a um outro verbo como parataxe (dando exemplos inclusive com os verbos *facio* e *uolo*), estrutura que pode ser aproximada ao uso independente do subjuntivo, de modo que haja casos em que há dúvidas quanto à separação entre duas sentenças ou ao entendimento de que uma é objeto da outra. Termina dizendo: “Of recent years a great deal has been done in the way of tracing back the use of a Subj. in Dependent Clauses to a similar use in Early Latin in Independent Sentences.”.⁷⁹ Outros estudos da mesma época comentados neste capítulo indicam essa tendência, por exemplo, Durham (1901) e Bennett (1982).

Todavia, nada diz sobre a relação dessas estruturas com subjuntivo justaposto com as que apresentam a conjunção. Inclusive não deixa claro se, no caso do subjuntivo justaposto, se trata somente do estado inicial da língua ou se também julga se tratar de linguagem coloquial.

⁷⁸ Em tradução: “Mesmo onde o subjuntivo aparece, pode haver com frequência parataxe, e.g. *Stich.* 333 A. *quid agis?* B. *quid agam rogitas?*, pois um subjuntivo similar é encontrado em sentenças independentes [...]. De modo similar, com outros subjuntivos dependentes [...]. Compare versos como *Trin.* 485 *semper tu hoc facito Lesbonice, cogites*, *Trin.* 59 *uin commutemus?*, *Poen.* 909 *ita di faxint, ne apud lenonem hunc seruiam*.”.

⁷⁹ Em tradução: “Nos anos recentes, muito tem sido feito na direção de relacionar o uso de um subjuntivo em orações dependentes a um uso similar, em latim arcaico, em sentenças independentes.”.

3.2.10 PATZNER, F. *De parataxis usu in Ciceronis epistulis praecipuo*. (1910)

A obra oferece uma recolha completa de todos os exemplares de justaposição de subjuntivo nas cartas de Cícero. O autor declara que seu entendimento é similar ao de Lindskog.

unum genus dicendi, quod inter parataxin et hypotaxin esse puto, in Lindskogii libello desidero, verba: *uolo, uelim, uellem, malim, mallem, oro, rogo, peto, caue*, cetera cum coniunctivo hortandi uel optandi iuncta particula non interposita, ut: *uelim scribas*. Quibus in exemplis, quoniam etiam omisso uerbo optandi uel hortandi eadem sententia enuntiationi hortatiuae uel optatiuae remanet, hanc iuxtapositionem uerborum subordinationem esse credere non possumus; neque tamen dicere uolumus nullam prorsus rationem inter duas illas enuntiationes *uelim* et *scribas* interesse. (PATZNER, 1910, p. 121).⁸⁰

Compreende, portanto, a necessidade de se conceber um *status* sintático intermediário entre a parataxe e a hipotaxe, no qual se encontram as sentenças em que um subjuntivo é justaposto a um verbo entendido como principal: “Nam Herm. Paulii sententiae inter coordinationem et planam subordinationem nonnullos gradus esse interponendos, ubi neque uera coordinatio logica neque uera subordinatio cernatur, plane adsentior.” (PATZNER, 1910, p. 124).⁸¹

3.2.11 WALLIN, A. R. *Parataxis in early Latin*. (1910)

Sendo o autor claro em buscar uma definição, apenas transcrevo seu texto. Vejamos o que Wallin nos explica:

---

⁸⁰ Em tradução: “Examino, no livro de Lindskog, um modo de dizer que julgo estar entre a parataxe e a hipotaxe, as palavras *uolo, uelim, uellem, malim, mallem, oro, rogo, peto, caue* e outras unidas ao subjuntivo exortativo ou optativo, sem uma partícula interposta, como *uelim scribas*. Nesses exemplos, porque, ainda que omitido o verbo optativo ou exortativo, a mesma ideia permanece ao enunciado exortativo ou optativo, não podemos crer que essa justaposição de verbos seja subordinação; nem, por outro lado, queremos dizer que não haja nenhuma relação direta entre os dois enunciados *uelim* et *scribas*.”.

⁸¹ Em tradução: “Pois concordo plenamente com a opinião de Herm. Paulius de que algum grau deve ser interposto entre a coordenação e a subordinação plena, quando nem a verdadeira coordenação lógica nem a verdadeira subordinação podem ser discernidas.”.

The relation between the simple sentences placed in juxtaposition was then, according to the belief of the present writer, either coordinate or complex [subordinate]. [...] Coordinate sentences are entirely aside from this discussion. Of complex sentences we shall deal with only those in which the complex relation is either not at all or only slightly indicated by the language. These sentences are by the present writer included under the term parataxis, while the term hypotaxis is applied to complex sentences in which the relation of the propositions to each other is expressed by a subordinate conjunction or a relative pronoun. [...] By parataxis, therefore, is here understood that juxtaposition of two simple sentences, of which one is subordinate in thought to the other, though this subordination is either not at all or only slightly indicated by the written language. There is, of course, nothing in the etymological meaning of the term, parataxis, which would hinder us from applying it also to asyndetic sentences. The term has, however, by almost universal consent of the foremost writers on parataxis been limited to the class of sentences just described, and it is desirable that it should be so fixed. Two terms are needed, one for the juxtaposition of simple coordinate sentences, (Asyndeton), and one for the juxtaposition of simple sentences of which one is subordinate, (Parataxis). (WALLIN, 1910, p. 11-13).⁸²

Em seguida, o autor apresenta, entre outros tipos, as orações substantivas, divididas entre *consecutivas* e *finais*, como outros estudos.

---

⁸² Em tradução: “A relação entre sentenças simples colocadas em justaposição era, então, de acordo com a crença do presente escritor, ou coordenada, ou complexa [subordinada]. [...] Sentenças coordenadas estão completamente fora desta discussão. Das sentenças complexas, nós lidaremos somente com aquelas em que a relação complexa é ou de modo algum ou somente um pouco indicada pela língua. Essas sentenças são incluídas pelo presente escritor sob o termo parataxe, enquanto que o termo hipotaxe é aplicado a sentenças complexas em que a relação das proposições entre si é expressa por uma conjunção subordinativa ou um pronome relativo. [...] Por parataxe, portanto, entende-se aqui aquela justaposição de duas sentenças simples, das quais uma é subordinada em pensamento à outra, embora essa subordinação seja de modo algum ou somente um pouco indicada pela língua escrita. Não há, obviamente, nada no significado etimológico do termo parataxe que nos impediria de aplicá-lo também a sentenças assindéticas. O termo tem, todavia, por quase consenso universal dos mais destacados estudiosos de parataxe, sido limitado à classe de sentenças agora mesmo descrita e é desejável que assim seja mantido. Dois termos são necessários, um para a justaposição de sentenças coordenadas (assíndeto) e um para a justaposição de sentenças simples uma das quais é subordinada (parataxe).”.

3.2.12 BENNETT, C. E. *Syntax of early Latin*. (1982 [1910-1914])

Bennett, a partir da página 208 do volume 1 de sua obra, se debruça sobre a parataxe no latim arcaico. No que diz respeito a Plauto, diz seguir Durham (1901), o qual foi seu orientando, e adiciona exemplos de Terêncio e outros escritores do latim arcaico. Vejamos seu entendimento do termo parataxe:

In most primitive stages of language there are no formal subordinate clauses. Subordinate *relations*, however, exist, being indicated by the juxtaposition of independent sentences [...]. The name ‘parataxis’ is used to designate the primitive grammatical structure above referred to. [...]

In a narrower sense the name ‘parataxis’ is applied to those specimens of paratactic structure which ultimately develop in the history of a given language into subordinate clauses. Hypotaxis is merely another name for subordination, convenient as marking the contrast with its opposite parataxis.

It must not be thought, however, that the absence of a special subordinating particle is necessarily the mark of a paratactic form of expression and that where such particles are lacking we are to recognize independent uses. The subordinate relation often established itself without the help of special subordinate conjunctions. (BENNETT, 1910-1914, v. I, p. 208-209).⁸³

Em outras palavras, o termo parataxe se relaciona à ausência de subordinação. As orações que chamo de justapostas, em que há subordinação sem ela ser explicitada por um subordinador, são relíquias indicadoras desse antigo estágio paratático não registrado:

---

⁸³ Em tradução: “Nos estágios mais primitivos da língua, não há formalmente orações subordinadas. *Relações* subordinadas, todavia, existem, sendo indicadas pela justaposição de sentenças independentes [...]. O nome ‘parataxe’ é usado para designar a estrutura gramatical primitiva acima referida. [...] Num sentido mais restrito, o nome ‘parataxe’ é aplicado àqueles exemplos de estrutura paratática que por último se desenvolvem na história de uma dada língua em orações subordinadas. Hipotaxe é meramente outro nome para subordinação, conveniente para marcar o contraste com seu oposto parataxe. Não se deve pensar, todavia, que a ausência de uma partícula subordinante especial seja necessariamente a marca de uma forma paratática de expressão e que onde não se tem essas partículas devamos reconhecer usos independentes. A relação subordinada frequentemente se estabelecia sem a ajuda de conjunções subordinativas especiais.”.

In Early Latin we find many such subordinate clauses without an introductory conjunction. While these were undoubtedly at one time at the paratactic stage, they are at present best regarded as but relics of an earlier parataxis. (BENNETT, 1910-1914, v. I, p. 209).⁸⁴

Nesse sentido, o estudo das orações com subjuntivo justapostas particularmente lhe interessa, na medida em que ofereceriam a oportunidade de acessar características sintáticas de um latim muito antigo e inacessível.

Todavia, há uma importante questão metodológica: Bennett tem alguns pressupostos não avalizados pela linguística contemporânea. O autor, explicando a sintaxe do latim arcaico, entende que as línguas passam por trajetórias evolutivas, de momentos mais primitivos a outros mais sofisticados. Veja à página 208: “In course of time every language develops certain types of independent sentences into subordinate clauses.”.⁸⁵ Sendo assim, seu objetivo é fazer uma teoria da origem (“theory of origin”, p. 212), buscando exemplos de períodos paratáticos que, segundo seu juízo, são primitivos e, a partir dos quais, por analogia, outros exemplos são extensões.

Our object will be to determine as far as possible the original paratactic usage out of which the several varieties of subjunctive constructions have arisen, and to give the material belonging under each. (BENNETT, 1910-1914, v. I, p. 209).⁸⁶

Inclusive, algo que é fundamental para meu trabalho, as distinções entre períodos que usam o *ut* e períodos que o não usam, é desprezado por ele, por ser irrelevante a seu objetivo: “Whether *ut* is present or absent is immaterial to our present purpose” (p. 210). *Ut* seria apenas uma partícula adverbial enfática.

O elemento que o autor ignora é o quanto a distribuição sincrônica da presença ou ausência da conjunção pode também ser um indicativo de desenvolvimentos

---

⁸⁴ Em tradução: “Em latim arcaico encontramos muitas orações subordinadas sem conjunção introdutória. Enquanto elas estiveram sem dúvida em algum momento no estágio paratático, são, no presente, melhor consideradas somente como relíquias de uma parataxe anterior.”.

⁸⁵ Em tradução: “No curso do tempo, toda língua desenvolve certos tipos de orações independentes em orações subordinadas.”.

⁸⁶ Em tradução: “Nosso objetivo será determinar o quanto possível o uso paratático original a partir do qual as muitas variedades de construções de subjuntivo surgiram e oferecer o material pertencente a cada uma.”.

históricos, sobre o que comento brevemente, mas, não sendo o foco de meu estudo, não me detenho.

Assim, o trabalho de Bennett é importante para esta pesquisa por ser uma recolha dos exemplares com essas estruturas, abrangendo o latim arcaico, mas nada acrescenta no que diz respeito ao seu cerne, a existência ou não de regras que rejam a presença ou ausência do *ut* completivo no latim arcaico.

3.2.13 ERNOUT, A.; THOMAS, F. *Syntaxe latine*. (2002 [1951])

Nas anotações preliminares à terceira parte do livro, lemos (p. 291, § 298):

Le latin laisse entrevoir encore dans certains tours l'ancienne autonomie des propositions : des constructions comme *caue cadas* «prends garde de tomber », *uolo facias* « je veux que tu fasses » signifiaient proprement « prend garde, tu pourrais tomber », « fais-le, je le veux ». Les subjonctifs *cadas*, *facias* se justifiaient par eux-mêmes comme marquant la possibilité ou la volonté, et ils étaient simplement juxtaposés. De cet état, qui est celui de la **parataxe** (gr. παρατάσσειν « placer auprès »), il subsiste des traces dans des formules ; et la langue parlée ne s'en est jamais entièrement départie. (ERNOUT ; THOMAS, 2002 [1951], p. 291, § 298).⁸⁷

Pelas traduções oferecidas da leitura paratática dos exemplos, em que os subjuntivos foram lidos como independentes, entende-se que os autores compreendem a parataxe como ausência de subordinação.

A partir da página 299, os autores falam das orações completivas introduzidas por *ut*. Dentre vários pontos comuns a outros autores, ressalto a organização. Na seção “En dépendance d'un énoncé volitif” (“em dependência a um enunciado volitivo”), encontramos a justaposição com o verbo *uolo* e também os imperativos *fac*, *facite*, além das formas arcaicas *faxo* e *faxim*, “mais non avec les autres formes de *facio*” (“mas não

⁸⁷ Em tradução: “O latim permite entrever ainda em certos casos a antiga autonomia das orações: construções como *caue cadas* ‘tome cuidado de não cair’, *uolo facias* ‘eu quero que você faça’, significavam propriamente ‘toma cuidado, você pode cair’, ‘faz isso, eu o quero’. Os subjuntivos *cadas*, *facias* se justificam por si só ao marcarem a possibilidade ou a vontade e eles eram simplesmente justapostos. Desse estado, que é aquele da **parataxe** (grego παρατάσσειν ‘colocar ao lado’), persistem traços nas fórmulas e a língua falada nunca dele se afastou completamente.”

com as outras formas de *facio*”); essa mesma afirmação aparece em Vasconcellos (2013), conforme comento mais à frente. Todavia, os dados, como veremos, mostram exemplos, ainda que poucos, em que a justaposição aparece com outras formas de *facio* (*Amph.* 63, *Amph.* 876, *Epid.* 412, *Merc.* 895, *Mil.* 1399, *Stich.* 177).

3.2.14 FARIA, E. *Gramática superior da língua latina*. (1958)

O Capítulo XXX, “O Verbo – Emprego dos Tempos e dos Modos na Oração Subordinada” (p. 403 ss.), trata das orações completivas ou substantivas. Após um preâmbulo em que o autor segue a *communis opinio* de que a subordinação surgiu da simples justaposição, que ele vê como um processo paralelo ao surgimento das preposições regendo casos, abre uma seção sobre “Orações Substantivas Justapostas no Subjuntivo”.

Nessa seção, segue expediente similar à tradição: fala do possível sentido original do subjuntivo e divide os exemplos segundo categorias: verbos volitivos (*uolo*, *nolo*); ordem, pedido etc.; verbos ou expressões impessoais; origem optativa.

Antes de seguir com o estudo das “Orações Substantivas Introduzidas por Conjunção Integrante”, o autor conclui:

Cumpre notar que estas construções que examinamos nos ns. 4, 5, 6 e 7 representam, mesmo no latim arcaico, vestígios de antiga construção paratática, sendo, pois, mais comum no latim arcaico, e com maior razão no latim clássico, virem tais orações introduzidas por *ut*, como veremos adiante. Enfim, faremos notar igualmente que estas construções de orações justapostas em subjuntivo, como vestígios de antiga parataxe, não se devem explicar por uma simples elipse, da conjunção *ut*, como geralmente se faz, mas como a construção original que precedeu, pois, a forma de subordinação por meio de um conectivo. (FARIA, 1958, p. 406).

O autor, portanto, parece resguardar o termo *parataxe* para a construção original e preferir justaposição para a construção presente no latim arcaico e clássico. Quando fala ser mais comum serem seguidas por *ut*, pelo menos no que se refere ao verbo *uolo*, o autor se equivoca, como mostram os dados do Capítulo 6.

3.2.15 WOODCOCK, E. C. *A new Latin syntax*. (1959)

O trecho relevante está à página 98 (§ 131-133), onde lemos:

The placing of two independent sentences side by side is called *Parataxis* (co-ordination), and the subordinating of one to the other called *Hypotaxis* (subordination). [...] When clauses became subordinate, it was felt that a connecting word was required to link them to the main clause. Such connecting words are the *Subordinating Conjunctions*. New words were not invented for the purpose, but old indefinite pronouns and adverbs were pressed into use. Their new function made them *relative*. Thus [...] *uti* and *ut*, instead of meaning ‘somehow’, ‘in some way’, now meant ‘in *which* way’ or ‘as’. (WOODCOCK, 1959, p. 98).⁸⁸

O entendimento do autor sobre o conceito parataxe pressupõe a ausência de uma relação de subordinação. Em tal situação, um subjuntivo teria seu sentido independente prevalecendo. Numa subordinação (com ou sem conjunção [p. 99, § 134]), uma oração exerce uma função em outra.

3.2.16 HOFMANN, J. B.; SZANTYR, A. *Lateinische Syntax und Stilistik*. (1965)

No parágrafo 288 (p. 526-528), encontramos a explicação dos autores para o surgimento da subordinação, em acordo com o que parte da tradição, como temos visto, compreende: orações subordinadas teriam se desenvolvido da coordenação. Às páginas 529 e 530, encontramos comentários sobre os verbos *facio* e *uolo*.

As seções relativas à conjunção *ut* e seus usos estão nas páginas 630-648. Os autores iniciam com a etimologia da conjunção e resumem os desenvolvimentos de uso

---

⁸⁸ Em tradução: “A colocação de duas sentenças independentes lado a lado é chamada de *parataxe* (coordenação) e a subordinação de uma à outra, *hypotaxe* (subordinação). [...] Quando orações se tornaram subordinadas, sentia-se que um conectivo era necessário para uni-las à oração principal. Tais conectivos são *conjunções subordinativas*. Novas palavras não foram inventadas para esse propósito, mas antigos pronomes indefinidos e advérbios foram postos em uso. Sua nova função os tornou *relativos*. Portanto, [...] *uti* e *ut*, em vez de significar ‘de algum modo’, agora significava ‘modo no qual’ ou ‘como’.”.

que ela teve. As orações completivas seguem a típica divisão entre as orações consecutivas e as de orações finais (§ 349-350).

3.2.17 PINKSTER, H. *Latin syntax and semantics*. (1990)

A partir do índice de assuntos, não se encontra nada relevante sobre parataxe. Sobre o assunto da pesquisa, temos à página 138 e seguintes o § 7.6 “Historical approach to the phenomenon of complex sentences and of certain types of complex sentences” (“Abordagem histórica ao fenômeno de sentenças complexas e de certos tipos de sentenças complexas”) e, em seguida, o § 7.6.2 “Specific complex sentences”, “(i) Clauses introduced by a subordinator” (“Sentenças complexas específicas”, “(i) Orações introduzidas por um subordinador”). Após apresentar exemplos com estruturas comumente utilizadas para demonstrar uma origem paratática do período composto em latim, o autor questiona o quanto essas sentenças permitem tirar esse tipo de conclusão, já que as análises que leem esses exemplos como indícios de parataxe pressupõem, em geral, formas e construções que se afastam significativamente da língua latina tal qual conhecida por nós, além do uso um tanto automático de glosas aparentemente plausíveis em línguas modernas.⁸⁹ O autor afirma que não pretende afastar essa hipótese, mas julgo louvável o questionamento do quanto os materiais linguísticos de que dispomos permitem afirmações tão peremptórias quanto as que encontramos na literatura sobre o assunto.

Após discutir as hipóteses para a origem da construção de acusativo com infinitivo, apresenta sua conclusão:

From this section it must be concluded that the existing hypotheses concerning the origin of complex sentences are too simple. This is not to say, of course, that I have as yet offered an alternative explanation for the situation as we find it. (PINKSTER, 1990, p. 140).⁹⁰

⁸⁹ A citação pode ser encontrada em nota ao fim da seção 2.0, pouco antes do início da seção 2.1 deste trabalho.

⁹⁰ Em tradução: “A partir dessa seção, deve-se concluir que as hipóteses existentes sobre a origem de sentenças complexas são simples demais. Isso não serve para dizer, claro, que eu já ofereci uma explicação alternativa à situação como a encontramos.”.

Seu livro de 2015 (veja mais à frente) promete um segundo volume sobre período composto. Aguardemos para ver se alguma alternativa será oferecida.

3.2.18 VASCONCELLOS, P. S. *Sintaxe do período subordinado latino*. (2013)

O livro de Vasconcellos, um manual, em português, muito prático sobre as construções subordinadas em latim clássico, inicia-se com uma introdução focada em “Parataxe e Hipotaxe na Língua Latina”. Às páginas 22 e 23, resume os principais conceitos:

A relação entre orações pode se dar:

a. quanto ao papel sintático:

coordenação: orações no mesmo plano sintático, sem que uma exerça função sintática com relação ao predicado da outra, sem encaixe de uma em outra;

subordinação: orações em diferente plano sintático, pois a subordinada exerce uma função (sujeito, objeto etc.) com relação ao predicado da outra, encaixando-se na outra.

b. quanto à forma de conexão entre as orações:

parataxe: justaposição, ou seja, ausência de conectivo;

hipotaxe: presença de conectivo ligando orações.

Note-se que o conceito de parataxe recebe significados diferentes nos estudos gramaticais; é comum, por exemplo, vê-lo empregado como sinônimo de coordenação assindética. Adotamos, como se vê acima, outro conceito, mais abrangente, segundo o qual há parataxe de coordenação e de subordinação, ou seja, orações em plano sintático igual ou diverso, mas num caso e no outro ligadas sem conectivo.

Para melhor visualizar, adaptamos ligeiramente um quadro que se encontra na gramática *Sintassi Normativa della Lingua Latina – Teoria*. Ei-lo:

Coordenação

explícita (com conjunções) hipotaxe (de coordenação)

implícita (sem conjunções) parataxe

Subordinação

implícita (sem conjunções) parataxe

explícita (com conjunções) hipotaxe (de coordenação)
(VASCONCELLOS, 2013, p. 22-23).

A necessidade de o autor precisar definir o termo parataxe só reforça a ambiguidade histórica do termo que a bibliografia mostra. O que é positivo é que, tendo reconhecido, o autor define com clareza e adota sua definição: parataxe é sinônimo de justaposição, seja com subordinação, seja com coordenação.

Digna de nota também é a breve atenção à desconstrução de uma ideia evolutiva das línguas, tão presente nos autores do fim do século XIX e começo do XX: “Insistamos: não se deve pensar na passagem da parataxe à hipotaxe como uma evolução do primitivo para o mais refinado; os dois modos de conexão de frases convivem lado a lado em qualquer estágio da língua.” (VASCONCELLOS, 2013, p. 27).

Dada sua definição, ao comentar o uso expressivo da parataxe (p. 28-33), considera tanto subordinação quanto coordenação.

Ainda nesse capítulo introdutório, apresenta a seção “Orações Subordinadas Substantivas Paratáticas em Latim”. Sua organização de uso se aproxima, embora difira, da de outras gramáticas: “1. com verbos que denotam volição” (no que se inclui o *uolo*); “2. com certos verbos e expressões impessoais”; e “3. com certos verbos no imperativo” (no que se inclui o *facio*).

Sobre o verbo *facio*, somente comenta seu uso com o imperativo *fac* e as formas sigmáticas *faxo* e *faxim*, o que é desmentido pelos dados, como veremos. O mesmo ocorre, como já comentado, em Ernout & Thomas (2002 [1951]).

Outro ponto controverso é quando afirma, ao explicar a preponderância de imperativos de *facio* na construção justaposta, que “o imperativo tem força exclamativa evidente e, em casos assim, deve funcionar como uma espécie de interjeição” (VASCONCELLOS, 2013, p. 42). Todavia, lemos em de Melo (2007, p. 123): “We may compare *fac ut* + subjunctive and *fac* (without *ut*) + subjunctive; there is no reason why *fac* without subordinator should be deverbalized.”.⁹¹ Com “desverbalizado”, entenda-se: ter perdido seu caráter verbal e não estar sob as regras que regem verbos como, por exemplo, *consecutio temporum* ou concordância, como ocorre, por exemplo, em alguns casos do uso de *caue* (DE MELO, 2007, p. 119 ss.; VASCONCELLOS, 2013, p. 42-43).

---

⁹¹ Em tradução: “Podemos comparar *fac ut* + subjuntivo e *fac* (sem *ut*) + subjuntivo; não há qualquer razão por que *fac* sem subordinador deva ser desverbalizado.”.

3.2.19 PINKSTER, H. *Oxford Latin syntax. Volume 1: The simple clause.* (2015)

Como o subtítulo diz, esse primeiro volume trata somente da sintaxe do período simples. O segundo volume sobre o período composto ainda não foi lançado. Ainda assim, esse primeiro volume já traz algumas informações sobre as construções que são objeto de meu estudo.

Em primeiro lugar, gostaria de retomar um aspecto organizacional de Bennett (1982 [1910-1914]). Buscando a origem das construções com subjuntivo, o autor fala de uma origem volitiva para *facio* e alguns casos de *uolo*, e, para os outros casos de *uolo*, uma origem optativa. Todavia, o autor não detalha quais os critérios semânticos que permitem esse tipo de divisão, restringindo-se a falar de “fundamental volitive uses (jussive, prohibitive, deliberative)” (“usos volitivos fundamentais [jussivo, proibitivo, deliberativo]”) (1982, v. 1, p. 210). Ao início de cada construção analisada, apenas oferece exemplos de construções mais próximas do “original”.

Pinkster, por sua vez, ainda que se foque numa análise sincrônica (ele analisa muitos séculos, de fato, mas não se preocupa com a origem), utiliza termos parecidos. O grande diferencial é que oferece critérios, com algum caráter subjetivo como qualquer análise semântica terá, mas que são úteis no entendimento das estruturas. O que a tradição chama de “volitivo” é descrito na seção “6.28 Imperative sentences with a directive illocutionary force”, na qual se explica que “Imperative sentences with a directive illocutionary force are normally restricted to states of affairs that are controllable” (PINKSTER, 2015, p. 349).⁹² Por sua vez, o que a tradição chama de “optativo” é descrito na seção “6.33 Imperative sentences with an optative illocutionary force”, na qual se explica que “Unlike directive utterances, wishes do not presuppose that the subject of the sentences has control over the event.” (PINKSTER, 2015, p. 359).⁹³

A seção mais diretamente relacionada a meu estudo é a “7.130 *Ut* argument clauses in which the subjunctive is regular” (“7.130 Orações argumentais com *ut* em que o subjuntivo é regular”) (p. 621 ss.). O autor oferece uma descrição sincrônica a

⁹² Em tradução: “6.28 Sentenças imperativas com uma força ilocucionária diretiva. Sentenças imperativas com uma força ilocucionária diretiva são normalmente restritas a estados de coisas que são controláveis”.

⁹³ Em tradução: “6.33 Sentenças imperativas com uma força ilocucionária optativa. Diferentemente de enunciados diretivos, desejos não pressupõem que o sujeito da sentença tenha controle sobre o evento.”.

partir da proximidade entre os valores semânticos de um subjuntivo numa oração argumental com *ut* e os de subjuntivos independentes.

In imperative argument clauses (often called ‘final’ noun clauses) with manipulation verbs and expressions (verbs of ordering, asking, advising, resolving, and causation [...]), the use of the subjunctive is ‘harmonic’ with the deontic use of the subjunctive in simple sentences. [...] An overt subordinator is often absent, especially in Early Latin. (PINKSTER, 2015, p. 621).⁹⁴

Sendo o tema do livro somente o período simples, não se têm muitos detalhes; esperemos um segundo volume devotado ao período composto com mais detalhes e explicações.

3.2.20 Conclusões

As obras que tratam do tema nos últimos 150 anos são inúmeras e nas mais variadas línguas. Neste capítulo, busquei apresentar certa quantidade de estudos de diversas épocas e tradições para que pudéssemos ver que as abordagens em geral têm sido muito similares.

Em muitos estudos, busca-se uma tipologia semântica, tentando organizar o sistema da língua como um todo. Temos como exemplo a bipartição das orações completivas entre consecutivas e finais, encontrada, entre outros, em Dahl (1882), Gildersleeve & Lodge (1903 [1895]), Allen & Greenough (1903), Wallin (1910) e Hofmann & Szantyr (1965). Outras tipologias semânticas são usadas por outros autores também.

Outro ponto comum é que a maioria dos estudos, ao ilustrar as estruturas, inventaria poucos e esparsos exemplos, em vez de se deter em análises minuciosas sobre os dados, de modo que não sejam exaustivos e não abordem a questão

---

⁹⁴ Em tradução: “Em orações argumentais imperativas (frequentemente chamadas de orações substantivas ‘finais’) com verbos e expressões de manipulação (verbos de ordem, pergunta, conselho, resolução e causação [...]), o uso do subjuntivo é ‘harmônico’ com o uso deontico do subjuntivo em sentenças simples. [...] Um subordinator é frequentemente ausente, especialmente no latim arcaico.”. Definição de deontico: “three types of deontic use are distinguished: ‘commands’, ‘wishes’, and ‘concessions’.” (PINKSTER, 2015, p. 497). Em tradução: “três tipos de uso deontico são distinguíveis: ‘comandos’, ‘desejos’ e ‘concessões’.”.

quantitativamente. Os que se aproximam disso, Durham (1901) e Bennett (1982 [1910-1914]), o fazem com objetivos diversos do que pretendo alcançar aqui.

Vimos também que Schnoor (1885), Durham (1901) e Bennett (1982 [1910-1914]) consideram que a partícula *ut* pode ser um indicador de leve ênfase. Por sua vez, Gildersleeve & Lodge (1903 [1895]) dizem que a ausência de *ut* na complementação de *uolo* indica ênfase. Há, portanto, uma contradição entre as afirmações. Quanto à presença da conjunção ser fator de ênfase, não acredito podermos afirmar nada com certeza. Quanto à segunda afirmação, veremos no Capítulo 6 que a ausência de conjunção com *uolo* é a forma não marcada e, portanto, não poderia ser veículo de ênfase.

Gostaria de enfatizar também que a bibliografia aponta, acertadamente, como veremos, uma preferência do verbo *facio* ter uma forma imperativa, quando seguido por subjuntivo; veja Dahl (1882), Schnoor (1885), Delbrück (1893-1900), Allen & Greenough (1903). Todavia, não se aponta, quantitativamente, o grau dessa preferência, o que veremos em detalhes no Capítulo 5.

Como vimos, nesse breve sobrevoo sobre alguns estudos de referência, a terminologia é variada e não consensual. Alguns reservam o termo parataxe para a coordenação assindética, como Weissenhorn (1884), Patzer (1910). Em muitos dos casos, a parataxe está relacionada a um suposto estágio paratático da língua, muito antigo, de onde a hipotaxe se desenvolveu, ou seja, depreende-se o uso do termo em meio a essa narrativa da origem da construção, muitas vezes sem clara aplicação do termo ao período atestado da língua. Nesse grupo, encontramos, entre outros, Durham (1901), Allen & Greenough (1903), Delbrück (1893-1900), Bennett (1982 [1910-1914]), Ernout & Thomas (2002 [1951]), Faria (1958), Woodcock (1959). Temos também autores que utilizam o termo tanto para a coordenação assindética quanto para a subordinação sem subordinador, como Antoine (1899), Lindsay (1907), Wallin (1910), Vasconcellos (2013).

Por conta dessa instabilidade conceitual, em meu estudo não utilizo o termo parataxe e prefiro utilizar *justaposição*, para evitar ambiguidades.

4 RECORTE E METODOLOGIA

4.1 *Corpus* do latim arcaico: Plauto e Terêncio

Do período que aqui vem sendo chamado de latim arcaico, chegou-nos notícia e testemunho de um conjunto variado de autores. Ainda assim, o período não apresenta uma quantidade relevante de textos que não sejam de Plauto e Terêncio. Weiss (2009, p. 23) sugere uma periodização do latim, comentando os textos mais relevantes; o que ele chama *Old Latin* é o que aqui tem sido chamado latim arcaico:

B. **Old Latin** (OL): 3rd-2nd century. We have a considerable number of texts from this period, both epigraphical and literary (most importantly Plautus, Cato, and the fragments of Livius Andronicus, Naevius, Ennius, Pacuvius, and Lucilius). (WEISS, 2009, p. 23).⁹⁵

Pode-se pensar que todos esses autores citados forneçam dados substanciais, mas isso deve ser repensado se levamos em conta o que de Melo diz, considerando seu objeto de estudo, formas verbais extraparadigmáticas, e que é relevante para qualquer pesquisa sobre a língua do latim arcaico. Além de Plauto e Terêncio:

the only other Archaic Latin author of whose work a substantial amount has survived is Cato, but he has hardly any extra-paradigmatic forms; it is unclear whether this is because he is more progressive than is often stated, or because the forms, not being protected by metre, were edited out in antiquity. Writers like Ennius made more extensive use of them, but the number of fragments is too small to give us a proper corpus, and often the context cannot be established. Besides, such fragments may not be representative of an author at all. Many were preserved in the grammarians, who cite them because of their grammatical peculiarities. If all we had from Plautus were the fragments of the works outside the Varronian canon, and if we tried to reconstruct Plautine language on the basis of these, we should get a

---

⁹⁵ Em tradução: “B. **Latim Arcaico**: séculos III-II [a.C.]. Nós temos um número considerável de textos desse período, ambos epigráficos e literários (os mais importantes Plauto, Catão e fragmentos de Lívio Andronico, Nêvio, Ênio, Pacúvio e Lucílio).”.

completely wrong picture and end up with an over-archaic collection of oddities. (DE MELO, 2007, p. 13).⁹⁶

Isso significa que os *corpora* mais seguramente relevantes e representativos do latim arcaico são Plauto e Terêncio. Em outras palavras, por conta da restrição de materiais que sobreviveram desse período, analisar Plauto e Terêncio permite que tenhamos, dadas as circunstâncias, a mais ampla conclusão possível sobre o latim arcaico.

Além de esgotar os *corpora* mais confiáveis e relevantes estatisticamente do período, estudar tanto Plauto quanto Terêncio tem como vantagem a possibilidade de encontrarmos resultados diferentes para ambos os autores, seja por conta de estilo, seja pelas poucas décadas de diferença entre eles, que pode demonstrar mudanças diacrônicas (Plauto teria vivido de 254-184 a.C. e Terêncio, 185-159 a.C.). Vejamos:

Differences in usage between Plautus and Terence can be explained in several ways. As both writers have the same subject matter, most phenomena found in only one of them are due to different stylistic preferences or diachronic changes, and often it is difficult to decide between these two possibilities. (DE MELO, 2007, p. 161).⁹⁷

---

⁹⁶ Em tradução: “o único outro autor do latim arcaico de cuja obra uma quantidade substancial sobreviveu é Catão, mas ele quase não tem qualquer forma extraparadigmática; não é claro se isso ocorre porque ele é mais progressivo do que geralmente se diz ou porque as formas, não protegidas pelo metro, foram editadas na antiguidade. Escritores como Ênio fizeram uso mais extensivo delas, mas o número de fragmentos é pequeno demais para nos dar um *corpus* apropriado e frequentemente o contexto não pode ser estabelecido. Além disso, tais fragmentos podem sequer ser representativos de um autor. Muitos foram preservados nos gramáticos, os quais os citam por causa de suas peculiaridades gramaticais. Se tudo o que tivéssemos de Plauto fosse os fragmentos fora do cânon varroniano e se nós tentássemos reconstruir a língua de Plauto baseados neles, nós obteríamos uma imagem completamente errada e terminaríamos com uma coleção sobremaneira arcaica de estranhezas.”

⁹⁷ Em tradução: “Diferenças de uso entre Plauto e Terêncio podem ser explicadas de alguns modos. Como ambos os autores têm a mesma matéria como assunto, a maioria dos fenômenos encontrados somente em um deles ocorre devido a diferentes preferências estilísticas ou mudanças diacrônicas e, frequentemente, é difícil decidir entre essas duas possibilidades.”. Cito, a seguir, dois exemplos em que pesquisas verificaram haver diferença entre eles e qual foi a argumentação usada para justificar isso: “But mere stage convention could not wholly account for the relationship between Plautus’ and Terence’s representation of female speech. We have seen that both assign *obsecro te* + imperative to men, but *obsecro* without *te* + imperative mainly to women. This subtle distinction is more likely to derive from the spoken language than from an artificial convention. And there are differences between Plautine and Terencian practice which are best explained as due to changes which had taken place in the real language (notably the decline of *(m)ecastor*, and also of *amabo*, the use to which *edepol* was put, and the increase of *au*). Such differences would be difficult to account for if both writers were drawing on a fossilized stage language.” (ADAMS, 1984, p. 76-77). Em tradução: “Mas a mera convenção de palco não poderia dar conta da relação entre a representação do discurso feminino em Plauto e Terêncio. Nós vimos que ambos atribuem *obsecro te* + imperativo a homens, mas *obsecro* sem *te* + imperativo principalmente a mulheres. Essa distinção sutil é mais provavelmente derivada da língua falada do que de uma convenção

Mais à frente, na análise dos dados (Capítulos 5 e 6), verificaremos isso.

***

O *corpus* plautino consiste nas 21 comédias que, segundo Varrão, são genuínas, sendo as que nos chegaram por direta tradição manuscrita, também chamado *corpus* varroniano: *Amphitruo*, *Asinaria*, *Aulularia*, *Bacchides*, *Captiui*, *Casina*, *Cistellaria*, *Curculio*, *Epidicus*, *Menaechmi*, *Mercator*, *Miles Gloriosus*, *Mostellaria*, *Persa*, *Poenulus*, *Pseudolus*, *Rudens*, *Stichus*, *Trinummus*, *Truculentus* e *Vidularia*.

Consultei, principalmente, os livros da Loeb Classical Library atualizados em edição recente (PLAUTUS, 2011a, 2011b, 2011c, 2012, 2013) e, em especial, as edições críticas de Leo (1895-1896) e Lindsay (1903 e 1905).

Por sua vez, o *corpus* terenciano consiste em seis comédias: *Andria*, *Heauton Timorumenos*, *Eunuchus*, *Phormio*, *Hecyra*, *Adelphoe*.

Consultei, principalmente, os livros da Loeb Classical Library em edição recente (TERENCE, 2001) e especialmente as edições críticas de Kauer e Lindsay (1958).

4.2 *Corpus* do latim clássico: cartas de Cícero

Além do estudo sincrônico da estrutura em latim arcaico, também será feito um estudo sincrônico do latim clássico, para que, então, se possa comparar o que houve e se houve mudança entre os dois períodos: a complementação de subjuntivo de *facio* e *uolo* ainda é frequente no latim clássico, tal como era em latim arcaico? Quando ocorre, prefere-se justaposição ou o uso com *ut*? Os critérios relevantes em latim arcaico ainda

---

artificial. E há diferenças entre a prática plautina e terenciana que são melhor explicadas devido a mudanças que ocorreram na língua real (notadamente o declínio de *(m)ecastor* e também de *amabo*, o uso que *edepol* passou a ter, e o crescimento de *au*). Tais diferenças seriam difíceis de serem explicadas se ambos os autores se pautassem numa língua fossilizada de palco”. E também: “[S]ubtle correspondences between Terence and Plautus ... suggest that both were imitating the real language.” Now, as the work of Haffter, Wright, and Karakasis has shown, Terence strives to set himself apart from Plautus and indeed the rest of the *palliata* authors. It is therefore unlikely, as Adams argues, that Terence would copy Plautus in a subtle particular, such as men’s preference for *te obsecro*. More likely is the hypothesis that both authors are reflecting an aspect of the spoken language.” (BARRIOS-LECH, 2016, p. 12). Em tradução: “Correspondências sutis entre Terêncio e Plauto ... sugerem que ambos imitavam a língua real.’ Agora, como os trabalhos de Haffter, Wright e Karakasis mostraram, Terêncio se esforça em se apartar de Plauto e de fato dos autores restantes da *palliata*. Portanto, é improvável, como Adams sustenta, que Terêncio copiaria Plauto numa sutileza particular, tal qual a preferência masculina por *te obsecro*. Mais provável é a hipótese de que ambos os autores estão refletindo um aspecto da língua falada.”.

o são em latim clássico? O uso se restringiu a estruturas fossilizadas ou ainda é produtivo?

Para se responder a isso, um *corpus* do latim clássico precisa ser escolhido. Vejamos novamente a periodização do latim usada por Weiss (2009, p. 23), mas agora sobre o latim clássico:

C. Classical Latin (CL): 1st century BCE to 3rd/4th century CE. In the works of Cicero and Caesar the morphological and syntactic variation found in earlier Latin has been greatly reduced. The norms developed in this period became a fixed standard for many centuries. (WEISS, 2009, p. 23).⁹⁸

A primeira questão é que o latim clássico compreende um período considerável, do qual uma grande quantidade de obras de variados autores sobreviveu, ou seja, trata-se de um *corpus* vasto, de modo que um primeiro recorte deva ser feito.

Mesmo com essa vasta gama de autores e obras, o maior problema em se fazer uma comparação linguística entre o latim arcaico e o clássico é o fato de que aquele está atestado quase que somente em comédia e este não apresenta comédia alguma. Assim, uma gama de fatores dificulta a comparação: não somente o estilo pessoal de cada autor influencia a língua, mas também todas as normas estilísticas e de registro que são empregadas em cada gênero, sob o princípio do *decus* entre *res* e *uerba*.

Cícero foi escolhido, por ser um dos mais representativos autores do que veio a ser chamado de latim clássico. Por sua vez, no vasto catálogo de obras de Cícero, o que pode melhor prover um *corpus* adequado para comparação linguística são suas *Epistulae*, por duas principais razões. Em primeiro lugar, sendo a comédia o *corpus* do latim arcaico, espera-se, naturalmente, que, devido a seus diálogos, uma quantidade enorme de exemplares apresente as 1ª e 2ª pessoas, o que pode ser balanceado pela estrutura dialógica das cartas. Em segundo lugar, as cartas são o que há de registro mais baixo dentre todas as obras de Cícero. Vejamos: “It is usual to rank Cicero’s works on a

---

⁹⁸ Em tradução: “C. **Latim Clássico**: século I a.C. ao século III/IV d.C. Nas obras de Cícero e César, a variação morfológica e sintática encontrada no latim mais antigo foi muito reduzida. As normas desenvolvidas nesse período se tornaram um padrão fixo por muitos séculos.”.

scale of formality, with the letters to Atticus, say, at the colloquial end [...]” (DICKY; CHACHOUD, 2010, p. 165).⁹⁹ A explicação para isso vem numa nota de rodapé:

The cue for this comes doubtless from Cicero himself, who for example refers to his exchanges of letters with Atticus as ‘familiar conversation’ (*sermo familiaris*, *Att.* 1.9.1). In an often quoted passage written to his friend Papirius Paetus (*Fam.* 9.21.1) Cicero distinguishes the ‘everyday’ and ‘plebeian’ language of informal letters from the language of political or forensic oratory, and also the ‘more subtle’ language of private lawsuits from the ‘more ornate’ style of criminal trials [...] (DICKY; CHACHOUD, 2010, p. 165, nota 7).¹⁰⁰

Em seu estudo linguístico, Risselada (1993, p. 19) faz a mesma escolha:

In fact, however, the Latin that is used by Cicero in his personal letters appears to be much closer to the spoken (colloquial) Latin than to the literary Latin of his days. If, therefore, we find occasional differences in directive expressions between the comedies and Cicero’s correspondence, they are likely to be due to changes in the spoken language rather than to the development of literary Latin. (RISSELADA, 1993, p. 19).¹⁰¹

Além disso, a presença da estrutura em estudo, a justaposição de oração subjuntiva, é de longa data estudada nas cartas de Cícero, como no estudo de Patzner, *De parataxis usu in Ciceronis epistulis praecipuo*, em que se comenta:

⁹⁹ Em tradução: “É comum classificar as obras de Cícero numa escala de formalidade, com as cartas a Ático no extremo coloquial [...]”.

¹⁰⁰ Em tradução: “A dica para isso vem sem dúvida do próprio Cícero, o qual, por exemplo, se refere a suas trocas de cartas com Ático como ‘conversação familiar’ (*sermo familiaris*, *Att.* 1.9.1). Numa passagem frequentemente citada escrita a seu amigo Papirius Paetus (*Fam.* 9.21.1), Cícero distingue linguagem ‘cotidiana’ e ‘plebeia’ das cartas informais da linguagem da oratória política e forense e distingue também a linguagem ‘mais sutil’ dos processos privados do estilo ‘mais ornado’ dos julgamentos criminais [...]”.

¹⁰¹ Em tradução: “De fato, entretanto, o latim usado por Cícero em suas cartas pessoais parece ser muito mais próximo ao latim falado (coloquial) do que do latim literário de seus dias. Se, portanto, encontramos diferenças ocasionais em expressões diretivas entre as comédias e a correspondência de Cícero, elas provavelmente ocorrem antes devido a mudanças na língua falada do que devido ao desenvolvimento do latim literário.”.

Sermo cotidianus vetustiore[m] sane illam et simpliciore[m] orationis structuram, paratacticam dicimus, diutius servavit. Scriptores, qui huius sermonis testes nobis sunt, partim consulto hunc adhibebant (poetae scaenici), partim inscii et minus intenti verborum constructioni, cum epistulas familiarissimis solis destinatas in publicum edere nollent, illo sermone utebantur (epistularum scriptores). (PATZNER, 1910, p.122-123).¹⁰²

Adequando-se, consequentemente, melhor ao *genus dicendi* da comédia, embora não perfeitamente,¹⁰³ foram escolhidas como *corpus* as *Epistulae ad Atticum*, de Cícero. A elas, aplicou-se a mesma metodologia aplicada ao *corpus* do latim arcaico.

Consultei principalmente os livros da Loeb Classical Library atualizados em edição recente (CICERO, 1999). Os dados de outras cartas, retirei de Patzner (1910) e os dados de outras obras de Cícero retirei de Merguet (1877-1884 e 1887-1894).

4.3 Complementação com subjuntivo de *facio* e *uolo*

É muito comum na bibliografia haver a organização das orações substantivas ou completivas de acordo com a semântica do verbo principal (e.g. Dahl, 1882; Weissenhorn, 1884; Gildersleeve & Lodge, 1903 [1895]; Durham, 1901; Hofmann & Szantyr, 1965; entre outros).

Em sua gramática, Allen & Greenough (1903, § 562) também o fazem. Classificam as orações substantivas em: orações de indicativo com *quod*; interrogativas indiretas; orações de infinitivo; e orações de subjuntivo. Este último tipo, o qual me interessa, é subdividido por eles em: de finalidade (“of purpose”, o que complementa com “command, wish, fear”, comando, desejo, medo) e de resultado (“of result”, o que

¹⁰² Em tradução: “O modo de falar cotidiano conservou mais longamente aquela estrutura de oração certamente mais antiga e mais simples, a que chamamos paratática. Os escritores, que nos são testemunhas desse modo de falar, em parte deliberadamente o empregavam (poetas cênicos), em parte sem saber e menos atentos à construção das palavras, quando não quisessem editar ao público cartas destinadas somente aos mais íntimos, utilizavam desse modo de falar (escritores de cartas).”

¹⁰³ Deve-se advertir: “Letters to close friends, above all those to Atticus, are by contrast full of the vulgar terms, neologisms and diminutives that have come to be seen as the distinctive features of Cicero’s informal letter-writing. This latter style is of course no less self-conscious and carefully worked.” (EDWARDS, 2005, p. 272). Em tradução: “Cartas a amigos próximos, sobretudo aquelas a Ático, são, por outro lado, cheias de termos populares, neologismos e diminutivos que têm sido vistos como o traço distintivo do modo informal de escrever cartas de Cícero. Este último estilo é, obviamente, não menos autoconsciente e cuidadosamente trabalhado.”. Hutchinson (1998, p. 5-9) faz uma discussão mais aprofundada sobre isso.

complementa com “happen, effect etc.”, acontecimento, efeito; também chamado por eles no título do parágrafo 567 de orações consecutivas, “consecutive clauses”). A fim de oferecer conclusões acerca de ambos os tipos semânticos de orações de subjuntivo sugeridos por essa tradição, esta pesquisa tem como foco verificar o uso desse tipo de oração com os verbos principais *uolo* e *facio*, respectivamente os principais representantes das categorias supramencionadas “de finalidade” e “de resultado”, e que também são verbos de alta frequência, o que permite que se garantam dados suficientes para embasar qualquer conclusão.

Após a recolha dos exemplares e havendo sua contabilização global (a análise detalhada pode ser verificada nos itens Visão Geral Quantitativa de cada verbo mais à frente), verifiquei que os verbos *facio* e *uolo* apresentam comportamentos não só diferentes, mas opostos, no que se refere ao uso do *ut* completivo, conforme podemos verificar nas frequências totais, seja considerando somente Plauto, somente Terêncio, ou ambos juntos:

Tabela 4.1 - Frequência da presença e ausência do *ut* completivo nos verbos *facio* e *uolo* em Plauto

	<i>facio</i>		<i>uolo</i>		Total	
Com justaposição	88	35,92%	81	66,94%	169	46,17%
Com <i>ut</i>	157	64,08%	40	33,06%	197	53,83%
Total	245	100,00%	121	100,00%	366	100,00%

Tabela 4.2 - Frequência da presença e ausência do *ut* completivo nos verbos *facio* e *uolo* em Terêncio

	<i>facio</i>		<i>uolo</i>		Total	
Com justaposição	23	36,51%	20	71,43%	43	47,25%
Com <i>ut</i>	40	63,49%	8	28,57%	48	52,75%
Total	63	100,00%	28	100,00%	91	100,00%

Tabela 4.3 - Frequência da presença e ausência do *ut* completivo nos verbos *facio* e *uolo* no latim arcaico

	<i>facio</i>		<i>uolo</i>		Total	
Com justaposição	111	36,04%	101	67,79%	212	46,39%
Com <i>ut</i>	197	63,96%	48	32,21%	245	53,61%
Total	308	100,00%	149	100,00%	457	100,00%

Enquanto, para *facio*, a generalização do *ut* parece estar em curso avançado, para *uolo* a situação é o contrário, pelo menos se consideramos apenas as frequências

globais. Por conta disso, a análise de cada um dos verbos se encontra separada em dois capítulos diferentes.

4.4 Primeira fase de análise: visão geral quantitativa

4.4.1 Recolha dos exemplares

O primeiro passo na recolha dos exemplares se deu por meio do programa de computador Diogenes. Trata-se de uma ferramenta que pode ser obtida *on-line*¹⁰⁴ e que permite pesquisar textos em base de dados. A pesquisa que empreendi usava a função de busca morfológica, a qual, ao se colocar os verbos *facio* e *uolo*, sugere todas as variações morfológicas registradas no sistema e, em seguida, os exemplares que contêm essas formas. Cada exemplar apresentado pela ferramenta foi lido e brevemente analisado. Interessaram-me os exemplares em que havia complementação de subjuntivo acompanhando esses dois verbos. Outras formas foram descartadas.

As edições presentes na base de dados utilizadas no programa Diogenes são as seguintes: para Plauto, a edição de Leo (1895-1896); para Terêncio, a edição de R. Kauer, W. M. Lindsay (1958, com adições de O. Skutsch); para Cícero, *Epistulae ad Atticum*, a edição de D. R. Shackleton Bailey (CICERO, 1965-1968).

Por conta da antiguidade de algumas das edições e para não se fiar somente na ferramenta, cada exemplar relevante encontrado com a ferramenta (*i.e.* que apresentava complementação de subjuntivo) foi cotejado com edições mais recentes, a fim de que se aproveitassem as riquezas dos estudos das últimas décadas, tendo em vista o desenvolvimento filológico na leitura e fixação dos textos empreendido nesse meio tempo, o que nos seria impedido pelo uso exclusivo das edições mais antigas.

Para Plauto, o cotejo foi feito com as edições da Loeb Classical Library atualizadas recentemente (PLAUTUS, 2011a, 2011b, 2011c, 2012, 2013).

Para Terêncio, o cotejo foi feito com as edições da Loeb Classical Library atualizadas recentemente (TERENCE, 2001).

Para Cícero, o cotejo foi feito com as edições da Loeb Classical Library atualizadas recentemente (CICERO, 1999).

Além disso, a fim de minimizar a possibilidade de eu ignorar algum exemplar, comparei minhas recolhas com recolhas similares já feitas.

¹⁰⁴ Disponível em: <<https://community.dur.ac.uk/p.j.heslin/Software/Diogenes/>>.

Para Plauto, comparei minha recolha com as feitas por Durham, em seu estudo *The subjunctive substantive clauses in Plautus, not including indirect questions* (1901), e por Lodge, em sua obra *Lexicon Plautinum* (1971).

Para Terêncio, comparei minha recolha com as feitas por McGlynn, em sua obra *Lexicon Terentianum* (1963-1967), e Bennett, em seu estudo *Syntax of early Latin* (1910-1914).

Para Cícero, comparei minha recolha com as feitas por Patzner, em seu estudo *De parataxis usu in Ciceronis epistulis praecipuo* (1910), de onde retirei os dados de *facio* presentes em outras cartas que não as *Epistulae ad Atticum* e os dados relativos a *uolo*; para as outras obras que não as cartas, eu usei as recolhas feitas por Merguet, em *Lexikon zu den Reden des Cicero* (1877-1884) e em *Lexikon zu den philosophischen Schriften Cicero's* (1887-1894).

4.4.2 Notação dos versos e critério de contagem dos exemplares

Todas as abreviaturas de nomes de autores e obras seguem a convenção proposta no *Thesaurus Linguae Latina* (TLL) (1904).¹⁰⁵ Como praticamente somente são citados Plauto, Terêncio e Cícero (*Epistulae ad Atticum*), preferiu-se quase sempre omitir seus nomes, para que as copiosas citações de trechos não dificultassem a leitura, citando-se somente a abreviação da obra.

O número do verso localiza sempre o verbo principal *facio* ou *uolo*. Por sua vez, ao se recolherem as frases, houve possíveis casos de ambiguidade da localização do exemplar.

Houve casos em que se encontraram versos com dois verbos principais diferentes. Esses foram desmembrados em duas entradas e, ao lado da localização do verso, adicionados [1] e [2], de acordo com a ordem de aparição. Houve também casos em que se encontraram versos com um verbo principal que apresenta dois verbos subordinados. Eles também foram desmembrados em duas entradas e, ao lado da localização do verso, adicionados [1] e [2]. Exemplo: *Bacch.* 754 [1] e *Bacch.* 754 [2]; *Haut.* 925 [1] e *Haut.* 925 [2].

Há casos em que encontramos dois verbos regidos, mas apenas uma conjunção *ut* no trecho. O critério geral adotado é que se a conjunção precede a ambos os verbos no

¹⁰⁵ A lista completa de abreviações pode ser encontrada nas páginas iniciais deste trabalho.

subjuntivo, então ambos estão regidos por *ut*, mesmo havendo somente uma conjunção. Exemplo: *Capt.* 385 [1] e [2].

A causa dessa notação se deve ao fato de que escolhi adotar como elemento de contagem, ou seja, como base da quantificação (método básico desta pesquisa), o verbo subordinado no subjuntivo. Como o estudo se detém sobre a presença ou ausência da conjunção *ut* e há critérios que têm o subjuntivo como referência (por exemplo, a distância entre principal e subordinado), a unidade básica da pesquisa são as orações subordinadas.

Assim, cada verbo subordinado no subjuntivo recolhido conta como uma unidade, como um exemplar. Esse é o critério que norteia as quantificações apresentadas nas listas e tabelas desta pesquisa.

4.5 Da relevância estatística dos dados

O objetivo primeiro da pesquisa é recolher, nos autores estudados, todos os exemplares do fenômeno em questão e verificar seu comportamento, cristalizado nesses limitados textos. Em outras palavras, um estudo restrito aos dados que nos restaram, ínfimos se comparados a tudo que de fato foi escrito e falado à época.

Ainda assim, apesar dos restritos dados, gostaríamos de poder, de algum modo, obter conclusões, ainda que não peremptórias, acerca justamente dessas regras mais gerais de dada sincronia. A metodologia que permite generalizações a partir de dados quantificados (como são os dados desta pesquisa) é a estatística, a qual subsidiará, sem suplantá-la, a análise detalhada dos dados, a verificação da relevância das análises, em termos quantitativos. A seguir, descrevo brevemente os pressupostos teóricos que permitem as generalizações, falo detalhadamente sobre o intervalo de confiança (basilar na visão geral quantitativa de cada verbo ao confirmar a relevância global dos dados) e comento superficialmente sobre a independência de critérios e outros testes estatísticos que utilizarei no que chamo de análise qualitativa.

Em termos estatísticos,¹⁰⁶ o que os textos nos permitem obter é uma amostra (os exemplares que recolhi) de uma dada população estatística (o latim arcaico). O processo que nos permite, a partir de uma amostra limitada de dados, obter conclusões mais gerais sobre uma população chama-se *inferência estatística* e tem como principal

---

¹⁰⁶ A discussão, a seguir, baseia-se fundamentalmente em Woods, Fletcher & Hughes (1996).

condição que a amostra tenha um número significativo de exemplares, para que os dados possam ser aproximados à distribuição normal, de acordo com o Teorema do Limite Central. Satisfazer essa condição e poder se basear na distribuição normal é importante na medida em que o comportamento estatístico da distribuição normal é conhecido. Portanto, torna-se possível, com esse modelo, que se obtenham conclusões (sempre probabilidades, ora maiores, ora menores) sobre a população a partir da amostra, do latim arcaico como um todo a partir dos textos que nos restaram.

Vejamos parte da discussão sobre o Teorema do Limite Central, em Woods, Fletcher & Hughs (1996, p. 103, 7.5.1 Central Limit Theorem):

In the discussion of the theorem in chapter 6 we pointed out on several occasions that it is only in ‘large’ samples that we can feel secure that the sample will be normally distributed. [...] Only when the variable in question is highly skewed or has a markedly bi-modal histogram will much larger samples be required. Even then, a sample of, say, 100 observations ought to be large enough. (WOODS; FLETCHER; HUGHS, 1996, p. 103).¹⁰⁷

Como veremos mais à frente, os dados globais relativos aos verbos *facio* e *uolo* renderam amostras maiores que 100 exemplares, o que garante sua relevância estatística. Nos casos em que analiso subgrupos das amostras e aplico testes (explicados mais à frente), busquei considerar pelo menos uma amostra de 30 exemplares ou próxima disso, a partir da recomendação de McClave & Sincich (2009, p. 290):

For most sampled populations, sample sizes of $n \geq 30$ will suffice for the normal approximation to be reasonable. We will use the normal approximation for the sampling distribution [...] when the sample size is at least 30. (MCCLAVE; SINCICH, 2009, p. 290).¹⁰⁸

---

¹⁰⁷ Em tradução: “Na discussão sobre o teorema [do limite central] no capítulo 6, nós ressaltamos em várias ocasiões que é somente com amostras ‘grandes’ que nós podemos nos sentir seguros de que a amostra terá distribuição normal. [...] Somente quando a variável em questão é altamente enviesada ou tem um histograma marcadamente bimodal é que amostras bem maiores serão necessárias. Mesmo assim, uma amostra de, digamos, 100 observações deverá ser grande o suficiente.”.

¹⁰⁸ Em tradução: “Para a maioria das populações amostradas, tamanhos de amostras com $n \geq 30$ serão suficientes para uma aproximação normal ser razoável. Nós usaremos a aproximação normal para a distribuição da amostra quando o tamanho da amostra for pelo menos 30.”.

Considerando que a maior parte dos dados deste estudo será apresentada enquanto proporções, vejamos:

Thus $\hat{p}$ is in fact a sample mean and we know, therefore, from the Central Limit Theorem, that the population of values of $\hat{p}$ will have a normal distribution for large samples. (WOODS; FLETCHER; HUGHS, 1996, p. 99).¹⁰⁹

Sendo $\hat{p}$ a proporção da amostra, quando há uma amostra grande, temos que, se tomamos várias proporções $\hat{p}$ a partir de parte dessa grande amostra, o conjunto dessas proporções terá uma distribuição normal, e isso permite que obtenhamos conclusões sobre p , a proporção da população.

Isso significa que, sendo a amostra global deste estudo grande, tendo em vista os critérios acima colocados, há indicativos estatísticos de que as conclusões obtidas sobre a amostra, notadamente Plauto e Terêncio, poderão ser generalizadas para a população, ou seja, para o latim arcaico. Ressalto que esse método oferece indicativos, apresentados como probabilidades. Por mais que a língua de Plauto e Terêncio esteja sob a regência do gênero textual, da língua “artística”, da métrica, ela é uma expressão do latim arcaico e inclui suas regras. Assim, indica-se a probabilidade de certo fenômeno não ser uma prática localizada de um gênero ou autor, mas estar possivelmente relacionado com uma regra mais ampla.

Um método estatístico que utilizarei mais à frente é o cálculo do intervalo de confiança. Ele serve para firmar qual a probabilidade de um determinado dado estatístico estar dentro de um determinado intervalo. A equação para 95% de probabilidade é (WOODS; FLETCHER; HUGHS, 1996, p. 99-101):

$$\hat{p} \pm 1,96 \sqrt{\frac{\hat{p}(1 - \hat{p})}{n} + \frac{1}{2n}}$$

O resultado oferece os dois extremos de um intervalo em que há 95% de chance de uma proporção da amostra corresponder à proporção da população. Farei os cálculos no programa Microsoft Excel, utilizando as duas fórmulas a seguir, que são

---

¹⁰⁹ Em tradução: “Então $\hat{p}$ é na verdade uma média da amostra e nós sabemos, portanto, a partir do Teorema do Limite Central, que a população de valores de $\hat{p}$ terá uma distribuição normal para amostras grandes.”.

transposições da fórmula matemática exposta acima para os códigos do programa, respectivamente para o limite inferior e para o limite superior do intervalo de confiança:

$$\begin{aligned} &=p-(1,96*(RAIZ((p*(1-p))/n)))+(1/(2*n)) \\ &=p+(1,96*(RAIZ((p*(1-p))/n)))+(1/(2*n)) \end{aligned}$$

Para fazer o cálculo, deve-se substituir p pela porcentagem, por exemplo, para 61% coloca-se 0,61, e deve-se substituir n pelo número de exemplares considerados.¹¹⁰

Há também dois conceitos que serão muito importantes na análise qualitativa: probabilidade condicional e independência estatística (WOODS; FLETCHER; HUGHS, 1996, p. 61-66). Basicamente, o que será feito na análise qualitativa são probabilidades condicionais. Dada uma certa condição (por exemplo, métrica, sexo de personagem etc.), qual a distribuição que os exemplares com *ut* e sem *ut* apresentam? Exemplificando: dado o personagem ser masculino, há preferência pela presença ou ausência da conjunção? Ou ainda, verbos principais no imperativo “preferem” a justaposição ou o uso da conjunção? Caso a distribuição com e sem *ut* seja a mesma distribuição do total (apresentada na visão geral quantitativa), dizemos que as variáveis “(i) algum dos critérios” e “(ii) a presença ou não de *ut*” são estatisticamente independentes.¹¹¹ Em termos práticos, isso significa que um dado critério não é relevante e condicional para a presença e ausência da conjunção. O contrário (discrepâncias nas distribuições de acordo com o critério condicional) indica que aquele critério é relevante para a presença e ausência da conjunção, caso em que temos variáveis dependentes.

Ao se recolher dados de um certo fenômeno, é comum que os números variem. Essa variação pode ocorrer por dois motivos: ambos os números dizem respeito à mesma população e são fruto de variação aleatória e comum, ou cada um dos números se refere a populações diversas e, portanto, tem comportamentos diversos. Para verificar de qual das duas situações se trata, há testes estatísticos. O teste-t serve para verificar se as médias de duas amostras pertencem à mesma população ou se são de populações diferentes. O teste-z serve para verificar se duas proporções de amostras pertencem à mesma população ou se são de populações diferentes. Utilizarei esses testes

¹¹⁰ Na versão em inglês, no lugar de RAIZ, temos o comando SQRT, referente a *squared root*, raiz quadrada.

¹¹¹ O uso prático nas análises deixará mais claro o que isso significa.

especialmente na análise qualitativa para verificar se os dados e as proporções são estatisticamente relevantes de modo a demandarem uma análise detalhada. Por eu usar mais, apresento, sem entrar em detalhes, a fórmula do teste-z:¹¹²

$$z = \frac{\hat{p}_1 - \hat{p}_2}{\sqrt{\bar{p}(1 - \bar{p})\left(\frac{1}{n_1} + \frac{1}{n_2}\right)}}$$

Em que:

$$\bar{p} = \frac{x_1 + x_2}{n_1 + n_2}$$

Em suma, dado que a pesquisa tem como base a quantificação de fenômenos, é importante que esses dados sejam referendados por uma metodologia quantitativa adequada, a estatística. Por sua vez, essa metodologia permite que a pesquisa dê um passo além, não somente verificar as distribuições dos fenômenos linguísticos que os textos oferecem, mas também verificar a probabilidade de que essas distribuições sejam (ou não sejam) relevantes para descrever seja o latim de Plauto, Terêncio, seja o latim arcaico como um todo.

Ainda assim, ressalto que se trata de um subsídio exigido pelo modo com que os dados são tratados que não substitui a análise linguística de cada exemplar, individualmente e coletivamente, mas a complementa.

4.6 Segunda fase de análise: qualitativa

A fase chamada, ao longo deste estudo, de qualitativa visa a olhar com mais detalhe as peculiaridades dos exemplares. Essa fase não deixa de ser quantitativa, na medida em que os exemplares, de acordo com suas características peculiares, ainda serão reunidos em subgrupos e contados, para comparação. A diferença é que as análises serão mais profundas do que simplesmente identificar a presença ou ausência do *ut*, conforme feito na visão geral quantitativa, de modo que possamos qualificar melhor suas conclusões mais genéricas.

---

¹¹² Ferramentas *on-line* podem auxiliar nos cálculos, por exemplo: <<https://mathcracker.com/z-test-for-two-proportions.php>>. A fórmula pode ser encontrada no manual de McClave & Sincich (2009, p. 445).

Mais à frente, apresento os critérios que nortearam a análise. Cada um dos exemplares foi listado em planilhas do Microsoft Excel e recebeu classificações de acordo com esses critérios, tabuladas nessas planilhas. A lista completa dessas classificações pode ser encontrada no apêndice deste trabalho. Após a classificação, fez-se uma filtragem dos critérios, ou seja, reorganizaram-se os exemplares de acordo com subgrupos, a fim de que novas tabelas pudessem ser montadas para análise. Alguns exemplares notáveis ou peculiares são selecionados e explicados em detalhe. Mesmo que os dados demonstrem que certo critério é irrelevante para a distribuição, a tabela é apresentada.

4.7 Descrição dos critérios da análise qualitativa

A leitura da bibliografia, em especial o estudo de de Melo (2007), e a análise preliminar dos dados, oriunda do processo de construção da recolha de exemplares, sugeriram uma série de critérios de análise linguística que julgo terem a possibilidade de ser, do ponto de vista sincrônico, relevantes e condicionais à presença ou ausência do *ut*. A verificação se de fato o são será apresentada nos capítulos referentes aos verbos *facio* e *uolo*. Apresento abaixo os critérios usados na organização e na classificação dos exemplares efetuadas em planilha do Microsoft Excel, como já foi dito, e que podem ser conferidas no apêndice.

4.7.1 Critérios morfossintáticos

4.7.1.1 Morfologia verbal: principal e subordinado

A análise preliminar dos dados, somada a análises presentes na bibliografia, indicou haver uma predominância de certas formas verbais nas construções de complementação com subjuntivo, de modo que esse parece ser um fator restritivo à presença ou não do *ut*. Ou seja, verificar-se-á se, dependendo da forma quer do verbo principal, quer do verbo no subjuntivo, há alguma preferência pelo uso ou não do *ut*.

4.7.1.2 *Posição do verbo com subjuntivo em relação ao principal: ante ou post*

Um dos critérios de organização adotados por Durham (1901), em sua busca por construções mais próximas do que teria sido o suposto estágio paratático da língua (anterior à emergência da subordinação), é a posição relativa dos verbos: o subjuntivo antecede ou segue o principal?

Verifico, então, se as distribuições sincrônicas da posição afetam a presença ou ausência da conjunção.

4.7.1.3 *Posição nos versos*

Este critério tem em vista a posição do verbo principal e do verbo subordinado nos versos: eles podem estar no mesmo verso ou em versos diferentes. Isso servirá para verificarmos se há alguma correlação entre a maior distância entre os verbos, ocasionada pela transposição da unidade organizativa do metro, e a necessidade de marcação da subordinação com o *ut* para maior coesão.

4.7.1.4 *Distância entre os verbos*

Quanto mais distantes dois elementos, há maior possibilidade de serem necessários mais elementos de coesão. Esse critério verificará se há correlação entre o uso do *ut* e a distância entre os verbos principal e subordinado. Para contagem, utilizo como medida o número de palavras entre os verbos. Considero sempre o verbo conjugado (há casos em que o verbo no subjuntivo é uma forma composta; se o outro elemento estiver entre o principal e o subjuntivo conjugado, este também é contado) e desconsidero o(s) *ut* completivo(s) nos exemplares em que ele está presente. Desconsidero também os efeitos que a mudança de verso podem ter, por serem verificados em outro critério. Por fim, levo em conta todas as palavras apresentadas nas planilhas; influências de alterações textuais, como exclusões ou adições, não sendo excessivas no *corpus*, acabam se diluindo, tendo em vista a grande quantidade de exemplares, assim como as raras ambiguidades de divisão de palavras. Nos poucos casos em que há *numquid* sem o verbo *uolo*, considero a distância da expressão interrogativa ao verbo no subjuntivo.

4.7.1.5 Posição do *ut* na frase

Evidentemente, esse critério só se aplica às orações com *ut*. O tema da posição de *ut* e *ne* foi estudado por Rowland (1918). Há quatro posições possíveis:¹¹³

Posição 1: *fac* [*ut*] -----[subj.]-----: posição conjuncional

Posição 2: *fac* -----[*ut*]-----[subj.]-----: posição conjuncional intermediária

Posição 3: *fac* -----[*ut* subj.]-----: posição adverbial (pré-verbal)

Posição 4: *fac* [*ut* subj.]-----: ambíguo (embora ainda pré-verbal)

Antes de se tornarem conjunções, ambas as partículas historicamente teriam vindo de advérbios, e Rowland mostra que a comparação entre as posições dessas partículas no latim arcaico com suas posições no latim clássico claramente apresentam um desenvolvimento histórico, no qual, em latim clássico, em maior grau do que em latim arcaico, é preferível utilizar essa partícula na posição conjuncional.

Nossos *corpora* e métodos divergem (ele considera todas as orações substantivas em somente algumas das peças e também Catão). Como ele não considerou outras distribuições senão as totais, uma grande quantidade de informações importantes foi perdida, notadamente a verificação da posição da conjunção de acordo com critérios específicos. Para os objetivos deste estudo, é suficiente considerar dois grupos: Posições 1 e 2, e Posições 3 e 4, chamadas de agora em diante, respectivamente, de modo resumido, Posição Conjuncional e Posição Adverbial.

Verificar sua posição será um modo de descrever o funcionamento da subordinação com subjuntivo, podendo indicar o estado histórico da construção: exemplares com posição adverbial são resquícios de uma estrutura mais arcaica, exemplares com posição conjuncional são inovadores.

¹¹³ Uma referência adicional para a posição regular de advérbios imediatamente antes do termo qualificado pode ser encontrada em Marouzeau (1949, p. 16). Ele também comenta a tendência da posição conjuncional em latim clássico (p. 121-122).

4.7.1.6 *Metro: cantica e deuerbia*

A correlação entre tipo de metro e tipo de gênero (e, portanto, de registro) na poética antiga é encontrada nos mais variados contextos. Desde a antiguidade, os metros de Plauto eram assim caracterizados:

In antiquity, *deuerbia*/*diuerbia* ('spoken passages') were distinguished from *cantica* ('musical passages'):

(3) Deuerbia histriones pronuntiabant, cantica uero temperabantur modis non a poeta sed a perito artis musicae factis. (Don. *de com.* 9. 9.)

The actors spoke the *deuerbia*, but the *cantica* were modified by tunes composed not by the poet, but by an expert in music.

[...] According to Ps. Mar. Victorin. *gramm.* vi. 2. 2, the *deuerbia* consists of trimeters, that is senarii, while the *cantica* consist of the other metres.

[...] In the manuscripts, the senarii are often marked *DV* (*deuerbium*), while the other types of verse are marked *C* (*canticum*). (DE MELO, 2007, p. 8-9).¹¹⁴

Em outras palavras, apesar da imensa variedade de metros utilizados por Plauto, eles podem ser organizados segundo duas categorias: os versos falados (*deuerbia*), ou seja, os senários jâmbicos, e os outros versos (*cantica*). Estes últimos, por sua vez, são categorizados pelos estudiosos modernos (pelo menos desde o começo do século XX) em dois subgrupos: (i) setenário trocaico, setenário jâmbico e octonário jâmbico, os quais seriam acompanhados por música, mas recitados em vez de cantados (também chamados de versos longos); e (ii) os versos líricos, que seriam acompanhados por

¹¹⁴ Em tradução: "Na antiguidade, *deuerbia*/*diuerbia* ('passagens faladas') eram diferenciadas de *cantica* ('passagens musicais'): (3) *Deuerbia histriones pronuntiabant, cantica uero temperabantur modis non a poeta sed a perito artis musicae factis.* (Don. *de com.* 9. 9.). Os atores falavam os *deuerbia*, mas os *cantica* eram modificados por tons compostos não pelo poeta, mas por um especialista em música. [...] De acordo com Pseudo Marius Victorinus *gramm.* vi. 2. 2, os *deuerbia* consistem em trímetros, ou seja, senários, enquanto que os *cantica* consistem nos outros metros. [...] Nos manuscritos, os senários são frequentemente marcados *DV* (*deuerbium*), enquanto que os outros tipos de verso são marcados *C* (*canticum*)."

música e cantados (também chamados de *mutatis modis cantica*, “canções em metros que mudam”).

O que nos interessa para este estudo é a distinção entre *deuerbia* e *cantica*. Vejamos:

Haffter (1934) demonstrated that Terence’s language is relatively uniform, whereas Plautus has more elements of the elevated style in the two types of *cantica* than in the *senarii*. In *cantica*, that is all verses apart from *senarii*, high-register elements can occur without any particular reason, while in *senarii* they are normally restricted to marked passages such as prayers. Consequently we expect colloquialisms to be more frequent in the *senarii*, and high-register forms to predominate in the *cantica*.

There are twice as many lines in the *cantica* as in the *senarii*, but the lines of the *cantica* are often longer than those of the *senarii*. For this reason, Happ assumes that the ratio of *cantica* to *senarii* is 3:1. If so, stylistically unmarked forms should be distributed accordingly, colloquialisms should be more frequent in *senarii*, and high-register forms should be more frequent in *cantica*. (DE MELO, 2007, p. 10).¹¹⁵

A proporção 3:1, indicada na citação acima, portanto, equivale a 75% das ocorrências estarem em *cantica* e 25%, em *deuerbia*, caso em que uma determinada forma não seria marcada quanto a registro, podendo ser utilizada não importa em que contexto estilístico.

Essa técnica muito interessante não deve ser tomada como determinante na avaliação do registro de uma determinada forma, já que há outros importantes fatores que podem influenciar, como os dos critérios a seguir. Ainda assim, é um indicativo

---

¹¹⁵ Em tradução: “Haffter (1934) demonstrou que a linguagem de Terêncio é relativamente uniforme, enquanto que Plauto tem mais elementos do estilo elevado nos dois tipos de *cantica* do que nos *senários*. Nos *cantica*, que são todos os versos com exceção do *senário*, elementos de registro elevado podem ocorrer sem qualquer razão em especial, enquanto que nos *senários* eles estão normalmente restritos a passagens marcadas, como preces. Consequentemente, nós esperamos que coloquialismos sejam mais frequentes nos *senários* e formas elevadas predominem nos *cantica*. Há duas vezes mais versos em *cantica* do que em *senário*, mas as linhas de *cantica* são frequentemente mais longas do que as de *senário*. Por essa razão Happ assume que a razão entre *cantica* e *senário* é 3:1. Se for assim, formas estilisticamente não marcadas deveriam ser distribuídas da mesma maneira, coloquialismos deveriam ser mais frequentes nos *senários* e formas elevadas deveriam ser mais frequentes em *cantica*.”

relevante e comprovado para alguns objetos de pesquisa e pode render algumas conclusões para o objeto desta pesquisa.

Como dito, a técnica só é válida para Plauto e não para Terêncio. Quanto a este, aplicarei a mesma técnica que para os outros critérios, na qual, para cada tipo de verso (*cantica* ou *deuerbia*), verifico a distribuição de justaposição.

4.7.1.7 *Sexo do personagem*

Sendo a variedade de discursos de línguas antigas limitadas a poucos gêneros, o teatro e, especialmente em latim, a comédia se tornam uma fonte importante no estudo dos usos sociais e pragmáticos de uma língua morta. A presença de personagens masculinos e femininos permite que se estude como o uso da língua e a interação eram feitos de acordo com o sexo de uma pessoa. Exemplo consagrado desse tipo de estudo é Adams (1984). Todavia, devido ao fato de o meu objeto de estudo ser de natureza sintática, é pouco provável que haja esse tipo de variação, como veremos. Ainda assim, dada a importância desse critério nos estudos plautinos e terencianos, os dados são avaliados e apresentados.

4.7.1.8 *Tipo do personagem*

Uma característica marcante e bem conhecida da comédia nova é o fato de que ela utiliza personagens-tipo. Não seria de se estranhar que diferentes tipos de personagens apresentem variantes linguísticas diversas. Um exemplo de estudo que chegou a conclusões linguísticas a partir desse critério foi Barrios-Lech (2016). Com esse critério, será possível verificar se o uso do subordinador *ut* nas orações completivas com subjuntivo é característico da linguagem de determinados tipos de personagem. Vejamos algumas das categorias (DE MELO, 2007, p. 7; 2011, p. XXXVI):

- *adulescens* (homem jovem apaixonado);
- *ancilla* (escrava jovem);
- *coquus* (cozinheiro);
- *leno* (cafetão);
- *matrona* (mulher casada, pode ser boa ou má);

- *meretrix* (prostituta);
- *miles gloriosus* (soldado fanfarrão/vangloriador);
- *parasitus* (parasita/agregado);
- *senex* (velho);
- *seruus* (escravo);
- *uirgo* (mulher núbil).

Para a classificação deste estudo, sigo as listas de personagens apresentadas no início de cada peça da edição Loeb (PLAUTUS, 2011a, 2011b, 2011c, 2012, 2013; TERENCE, 2001), que apresentam o nome e, ao lado, a descrição do tipo.

4.7.2 Casos especiais

A partir da análise dos exemplares, verificou-se que certos fenômenos, presentes nos dados de um dos verbos, mas ausentes ou diversamente expressos no outro, se repetiam a tal ponto ou mesmo apresentavam um comportamento tão idiossincrático que categorias específicas puderam ser pensadas para cada um dos verbos principais *facio* e *uolo*. Esses subgrupos, assim, também são objeto de análise, e seus detalhes e justificativa são apresentados nos capítulos correspondentes.

4.8 Comentários

Uma das principais fontes de análise e interpretação dos textos clássicos se dá por meio de comentários que estudiosos fazem sobre eles, que podem tratar desde questões interpretativas até questões filológicas, quer as relativas à fixação do texto, quer as relativas a características linguísticas. Utilizar esses comentários é fundamental por acrescentar a tradição de leituras e interpretações à análise e abrir espaço ao diálogo e controvérsia em alguns casos de divergência. Quando há algum comentário pertinente ao exemplar, anoto-o na coluna “Comentário Analítico” do apêndice em que apresento os dados classificados. Listo, a seguir, os comentários consultados.

Amphitruo: Christenson (2000).

Asinaria: Bertini (1968); Gray (1894).

Aulularia: Thomas (1913); MacLennan & Stockert (2016).

Bacchides: Barsby (1986).

Captiui: Lindsay (1900); Brix & Niemeyer (1910).

Casina: MacCary & Willcock (1976); Rocha (2013).

Cistellaria: Stockert (2012).

Curculio: Collart (1962); Monaco (1969); Wright (1993).

Epidicus: Duckworth (1940); Gray (1893).

Menaechmi: Gratwick (1993); Thoresby Jones (1918).

Mercator: Enk (1932); Dunsch (2001).

Miles Gloriosus: Hammond, Mack & Moskalew (1970).

Mostellaria: Lorenz (1883); Sonnenschein (1884).

Persa: Woytek (1982).

Poenulus: Gratwick (1968); Maurach (1988); Moodie (2015).

Pseudolus: Sturtevant (1932); Willcock (1987).

Rudens: Sonnenschein (1891); Fay (1969).

Stichus: Fennell (1893); Petersmann (1973); Cardoso (2006).

Trinummus: Brix (1879); Nutting (1908).

Truculentus: Enk (1953); Hofmann (2001).

Vidularia: não há exemplares para serem verificados.

Andria: Shipp (1960).

Heauton Timorumenos: Gray (1895); Brothers (1988).

Eunuchus: Barsby (1999).

Phormio: Martin (1959); Maltby (2012).

Hecyra: Carney (1963); Goldberg (2013).

Adelphoe: Martin (1976).

4.9 Traduções dos exemplares

A pesquisa empreendida neste trabalho tem por foco compreender o funcionamento da língua latina. Mesmo sendo a tradução ao português dispensável para atingir esse objetivo, forneço traduções à maioria dos exemplares, seja no corpo do texto, seja no apêndice. Todavia, devo alertar que essas traduções não têm a menor pretensão literária

e artística. Sua única função é servir de guia ao melhor entendimento da estrutura da língua latina. Por consequência, muitas traduções são literais e nem sempre perfeitamente padronizadas, tendo como referência meu idioleto e as traduções ao inglês consultadas. Uma consequência disso, por exemplo, é certa alternância entre pronomes oblíquos de segunda pessoa e de terceira referindo-se à segunda. Reforço que sua função é de mero apoio à compreensão das estruturas sintáticas, auxiliando, em especial, o leitor pouco acostumado ao latim.

5 VERBO *FACIO*: ANÁLISES SINCRÔNICA E DIACRÔNICA

5.1 Visão geral quantitativa

A Tabela 5.1 resume a quantidade de todos os exemplares de complementação com subjuntivo do verbo *facio*, organizados segundo a ausência ou presença da conjunção *ut*, em cada peça de Plauto. São apresentadas também as frequências relativas por peça. Ao final, temos os resultados totais.¹¹⁶

Tabela 5.1 - Frequência de todas as ocorrências de complementação subjuntiva do verbo *facio* em cada peça de Plauto de acordo com a ausência ou presença da conjunção *ut*

	Justaposto	Com <i>ut</i>	Total	J/T	ut/T
<i>Amphitruo</i>	10	22	32	31,25%	68,75%
<i>Asinaria</i>	3	7	10	30,00%	70,00%
<i>Aulularia</i>	3	9	12	25,00%	75,00%
<i>Bacchides</i>	4	5	9	44,44%	55,56%
<i>Captiui</i>	2	12	14	14,29%	85,71%
<i>Casina</i>	5	4	9	55,56%	44,44%
<i>Cistellaria</i>	0	4	4	0,00%	100,00%
<i>Curculio</i>	4	6	10	40,00%	60,00%
<i>Epidicus</i>	2	1	3	66,67%	33,33%
<i>Menaechmi</i>	8	4	12	66,67%	33,33%
<i>Mercator</i>	3	6	9	33,33%	66,67%
<i>Miles Gloriosus</i>	4	11	15	26,67%	73,33%
<i>Mostellaria</i>	5	6	11	45,45%	54,55%
<i>Persa</i>	5	12	17	29,41%	70,59%
<i>Poenulus</i>	7	13	20	35,00%	65,00%
<i>Pseudolus</i>	8	12	20	40,00%	60,00%
<i>Rudens</i>	4	9	13	30,77%	69,23%
<i>Stichus</i>	2	6	8	25,00%	75,00%
<i>Trinummus</i>	5	5	10	50,00%	50,00%
<i>Truculentus</i>	4	3	7	57,14%	42,86%
<i>Vidularia</i>	0	0	0	0,00%	0,00%
Total	88	157	245	35,92%	64,08%

Os resultados totais em Plauto foram os seguintes: 35,92% dos exemplares (88 de 245) apresentam justaposição, enquanto que, complementarmente, 64,08% (157 de 245) apresentam a conjunção *ut*.

¹¹⁶ A lista completa de quais versos foram considerados pode ser consultada no apêndice deste trabalho.

Dada a amostra de 245 exemplares, há 95% de probabilidade de a proporção da população (ou seja, do latim de Plauto como um todo) que apresenta *ut* estar no seguinte intervalo de confiança: entre 58,28% e 70,29%. Isso reforça a hipótese de que, em Plauto como um todo e não somente nessas 21 peças, prefere-se a complementação subjuntiva com *ut* à justaposição.

Olhando detidamente para os dados de cada uma das peças, vejamos que *Vidularia* não apresentou nenhum exemplar, algo aceitável visto o estado incompleto do texto, e *Cistellaria* apresentou 100% de uso com *ut*, mas com apenas quatro exemplares, o que torna seu resultado pouco relevante. Das 19 peças restantes, 15 apresentam a preferência pelo *ut* completivo como tendência principal, variando de 54,55% de *Mostellaria* a 85,71% no *Captiui*. De modo complementar, nesse grupo o uso de justaposição varia entre 14,29% em *Captiui* e 45,45% em *Mostellaria*.

A exceção de *Casina*, *Epidicus*, *Menaechmi*, *Trinummus*, *Truculentus* pode ser facilmente explicada pelo baixo volume de dados na visão individual de cada peça, o que faz a amostra ser menos representativa, em oposição ao conjunto de dados de todas as peças.

Gostaria ainda de ressaltar que as peças com maior número de exemplares (*Amphitruo* [32], *Pseudolus* [20] e *Poenulus* [20]) apresentam uma proporção próxima da do total, respectivamente, 68,75%, 60,00% e 65,00%, como é de se esperar que aconteça. Lembremos a discussão acima sobre a importância de se ter uma amostra significativa: quanto mais exemplares, mais fiel à população é a amostra.

A primeira conclusão que esses dados oferecem é que a língua de Plauto já demonstra um estado avançado da generalização da conjunção *ut*, no que se refere ao verbo *facio*. Como foi discutido, o estado inicial pré-literário seria somente a justaposição, enquanto que no latim clássico haveria a generalização do uso.

Por sua vez, a Tabela 5.2 resume a quantidade de todos os exemplares de complementação com subjuntivo do verbo *facio*, organizados segundo a ausência ou presença da conjunção *ut*, em cada peça de Terêncio. São apresentadas também as frequências relativas por peça. Ao final, temos os resultados totais.¹¹⁷

¹¹⁷ A lista completa de quais versos foram considerados pode ser consultada no apêndice deste trabalho.

Tabela 5.2 - Frequência de todas as ocorrências de complementação subjuntiva do verbo *facio* em cada peça de Terêncio de acordo com a ausência ou presença da conjunção *ut*

	Justaposto	Com <i>ut</i>	Total	J/T	ut/T
<i>Adelphoe</i>	10	4	14	71,43%	28,57%
<i>Andria</i>	1	7	8	12,50%	87,50%
<i>Eunuchus</i>	9	5	14	64,29%	35,71%
<i>H(e)autontimorumenos</i>	3	6	9	33,33%	66,67%
<i>Hecyra</i>	0	13	13	0,00%	100,00%
<i>Phormio</i>	0	5	5	0,00%	100,00%
Total	23	40	63	36,51%	63,49%

Ao contrário de Plauto, temos menos peças e aconteceu de os dados não estarem igualmente distribuídos pelas peças. Isso é completamente normal e esperado, do ponto de vista estatístico, posto o *corpus* ser menor do que o de Plauto.

Dada a amostra de 63 exemplares, há 95% de probabilidade de a proporção da população (ou seja, do latim de Terêncio como um todo) que apresenta *ut* estar no seguinte intervalo de confiança: entre 52,39% e 76,17%.

A fim de compararmos os dados mais facilmente, apresento na Tabela 5.3 os totais e a distribuição da presença e ausência do *ut* no *corpus* analisado.

Tabela 5.3 - Distribuição dos complementos de *facio* justapostos e com *ut* em Plauto e Terêncio

	Plauto		Terêncio		Total	
Com justaposição	88	35,92%	23	36,51%	111	36,04%
Com <i>ut</i>	157	64,08%	40	63,49%	197	63,96%
Total	245	100,00%	63	100,00%	308	100,00%

O fato mais notável de perceber é que a distribuição é exatamente a mesma em Plauto e Terêncio. Há vários elementos linguísticos, *e.g.* o uso de juramentos por personagens masculinos e femininos estudado por Adams (1984), que sofreram mudança histórica, apesar da pequena diferença de poucas décadas entre Plauto (morreu em 184 a.C.) e Terêncio (suas peças foram escritas entre 166-160 a.C.). Portanto, esses resultados poderiam indicar que a estrutura não passou por qualquer mudança histórica no período entre os dois autores. Uma análise mais detalhada mostrará que essas distribuições são sutilmente enganadoras, embora a visão geral permaneça muito similar.

Essa tabela também informa o quão generalizado é o uso da conjunção com esse verbo. É amplamente reconhecido que, num estágio muito antigo e não registrado da língua latina, o uso normal seria o justaposto, sem qualquer conjunção, sendo o uso de *ut* como conjunção relativamente recente na história da língua, como visto nos capítulos iniciais deste estudo. No caso de *facio*, 64% do *corpus* apresenta a conjunção, mas é notável que 36% do *corpus*, mais de um terço, apresenta justaposição, revelando que esta é ainda produtiva no latim arcaico. Deve-se atentar que as conclusões são limitadas ao verbo *facio*, já que outros verbos principais apresentarão distribuições totais diversas.¹¹⁸

5.2 Análise qualitativa

Após a visão geral, podemos detalhar as análises a partir dos critérios relevantes anteriormente descritos. Todos os dados foram tabelados e classificados, conforme foi descrito na seção em que discuti a metodologia. Os resultados dessas classificações estão a seguir. Primeiro mostro os critérios que não afetaram o uso da conjunção. Em seguida, discuto alguns fatos peculiares da construção, em especial os que foram classificados como “casos especiais”. Por fim, apresento os critérios realmente relevantes que governam a presença e a ausência da conjunção do latim arcaico, com as análises tanto retrocedendo à reconstrução de estágios anteriores da língua a partir da análise sincrônica do latim arcaico, quanto avançando aos desdobramentos da mudança histórica no latim clássico.

5.2.1 Critérios que não afetam o uso da conjunção

Em primeiro lugar, por estarmos lidando com um fenômeno morfossintático, critérios desse tipo são discutidos. Então, discuto outras abordagens tipicamente consideradas nos estudos plautinos e terencianos.

Eu testei se a posição relativa dos verbos poderia exercer alguma influência. Considerando o caso em que o verbo subordinado está após o verbo principal, os valores são os mesmos dos do total em Plauto, Terêncio e ambos juntos.

---

¹¹⁸ Cf. os dados referentes a *uolo* no próximo capítulo.

Tabela 5.4 - Posição relativa dos verbos em Plauto

	<i>ante</i>		<i>post</i>		Total	
Com justaposição	9	47,37%	79	34,96%	88	35,92%
Com <i>ut</i>	10	52,63%	147	65,04%	157	64,08%
Total	19	100,00%	226	100,00%	245	100,00%

Tabela 5.5 - Posição relativa dos verbos em Terêncio

	<i>ante</i>		<i>post</i>		Total	
Com justaposição	3	37,50%	20	36,36%	23	36,51%
Com <i>ut</i>	5	62,50%	35	63,64%	40	63,49%
Total	8	100,00%	55	100,00%	63	100,00%

Tabela 5.6 - Posição relativa dos verbos em latim arcaico

	<i>ante</i>		<i>post</i>		Total	
Com justaposição	12	44,44%	99	35,23%	111	36,04%
Com <i>ut</i>	15	55,56%	182	64,77%	197	63,96%
Total	27	100,00%	281	100,00%	308	100,00%

Os exemplares com o verbo subordinado antes do verbo principal são muito menos numerosos, o que enviesa os resultados. Assim, tomando os exemplares do latim arcaico, encontramos 27 no total, com 44% de justaposição. Todavia, como um teste-z pode mostrar, a diferença de valores para quando o verbo está antes ou depois não é estatisticamente significativa.

Como normalmente feito em outros estudos linguísticos de comédia latina, foi testado se o sexo do falante influenciou a presença e ausência da conjunção.

Tabela 5.7 - Sexo do personagem em Plauto¹¹⁹

	Masculino		Feminino		Total	
Com justaposição	76	36,02%	12	36,36%	88	36,07%
Com <i>ut</i>	135	63,98%	21	63,64%	156	63,93%
Total	211	100,00%	33	100,00%	244	100,00%

¹¹⁹ Foi excluído da contagem o exemplar com *ut Capt.* 65 por ser a fala do *Prologus*.

Tabela 5.8 - Sexo do personagem em Terêncio¹²⁰

	Masculino		Feminino		Total	
Com justaposição	17	34,69%	4	50,00%	21	36,84%
Com <i>ut</i>	32	65,31%	4	50,00%	36	63,16%
Total	49	100,00%	8	100,00%	57	100,00%

O resultado é que personagens masculinos e femininos em Plauto apresentam a mesma distribuição: 36% com justaposição e 64% com *ut*. Essa é exatamente a mesma distribuição, caso o critério “sexo” não seja aplicado (veja tabela acima). Em termos estatísticos, isso mostra que as variáveis “sexo” e “presença ou ausência da conjunção” são estatisticamente independentes, *i.e.* uma não muda a distribuição da outra (WOODS; FLETCHER; HUGHS, 1996, p. 61-66). Os exemplares femininos de Terêncio são insuficientes para qualquer resultado relevante (somente oito, metade dos quais justapostos), enquanto que os masculinos, em maior número, mostram a mesma distribuição que Plauto (35% justapostos e 65% com *ut*). Para o latim arcaico, nós temos os valores a seguir. A diferença entre as distribuições masculina e feminina não é estatisticamente significativa, como mostra um teste-z.¹²¹

Tabela 5.9 - Sexo dos personagens em latim arcaico¹²²

	Masculino		Feminino		Total	
Com justaposição	93	35,77%	16	39,02%	109	36,21%
Com <i>ut</i>	167	64,23%	25	60,98%	192	63,79%
Total	260	100,00%	41	100,00%	301	100,00%

Outra característica comumente analisada é tipo de personagem. Dados para Terêncio são mínimos e, além disso, seu uso dos personagens é diferente do de Plauto, o que torna a comparação difícil.

Em Plauto, o tipo *seruus* (escravo) usa 29% de justaposição, enquanto que todos os outros tipos juntos usam 39%,¹²³ e este era o único tipo com dados suficientes com alguma diferença significativa. Embora a diferença pareça significativa, é possível

¹²⁰ Foram excluídos da contagem os exemplares com justaposição *Ad.* 24 e *Haut.* 28 e os com *ut* *Andr.* 17, *Hec.* 12, *Hec.* 36, *Hec.* 47, por serem a fala do *Prologus*.

¹²¹ A probabilidade de essa diferença ser estatisticamente significativa é de apenas 66%.

¹²² Seguindo as notas anteriores, os valores totais aqui são diferentes dos totais da visão geral quantitativa, pois os exemplares falados pelo *Prologus* (Prólogo, sete no total) foram excluídos, já que a ele não se pode atribuir um sexo definido, ao qual se possa relacionar um socioleto.

¹²³ Como mostra um teste-z, a probabilidade de essa diferença ser estatisticamente significativa é de 92%.

explicá-la pelo fato de que, em Plauto, os *serui* são extremamente importantes para o movimento da ação e, portanto, é esperado que eles falem mais sobre ações futuras e passadas (facilmente expressas com qualquer forma de *facio*) já que elas são centrais para o que foi feito e o que será feito. Como será visto em breve, formas diferentes do imperativo geralmente usam a conjunção. De todos os 54 *faciam*, 12 são ditos por um *seruus* e também seis de todas as 14 formas de *perfectum*. Isso já engloba 27% (18 de 66) de todos os exemplares ditos por um *seruus*. Portanto, o tipo *seruus* apresenta mais exemplares com o subordinador, não por causa do tipo de personagem, mas porque o tipo *seruus* usa, mais do que outros tipos de personagem, formas de verbo principal que geralmente apresentam o subordinador. Como forma de controlar esse argumento, podemos pegar somente o uso de imperativos ditos por um *seruus*: 17 com justaposição e 14 com *ut*. Essa é quase que a exata distribuição para imperativos em geral, que será vista logo mais: 55% e 45%, respectivamente. A conclusão é que tipo de personagem não influencia o uso da conjunção.

Outro critério que tem sido de grande uso nos estudos plautinos é o critério métrico.¹²⁴ O metro plautino pode ser dividido em *cantica* (versos líricos e versos longos) e *deuerbia* (senário jâmbico). Um fenômeno linguístico não marcado teria a distribuição 3:1, respectivamente. Se a frequência em *cantica* é maior do que 75%, o fenômeno seria de registro elevado e normalmente uma forma mais arcaica, e o oposto, se a frequência em *deuerbia* é maior do que 25%. A distribuição de estruturas justapostas e com *ut* é exatamente igual à distribuição total: 67% em *cantica* e 33% em *deuerbia*, algo próximo da proporção não marcada.

Tabela 5.10 - Critério métrico específico de Plauto

	Com justaposição		Com <i>ut</i>		Total	
<i>cantica</i>	59	67,05%	105	66,88%	164	66,94%
<i>deuerbia</i>	29	32,95%	52	33,12%	81	33,06%
Total	88	100,00%	157	100,00%	245	100,00%

Como isso é restrito a Plauto, podemos aplicar a mesma metodologia aplicada nos outros critérios, *i.e.* a distribuição de construções justapostas e com *ut*, dado certo critério. Conforme o esperado, os valores para Plauto, Terêncio e ambos juntos são

¹²⁴ No Capítulo 4, sobre metodologia, foi dada uma explicação detalhada desse critério, a qual tem por base de Melo (2007, p. 9-10). Para o desenvolvimento da metodologia, veja Haffter (1934) e Happ (1967).

muito próximos da distribuição total: 36% para justapostos e 64% para com *ut*. Novamente, estamos lidando com variáveis independentes. Vejamos:

Tabela 5.11 - Distribuição segundo métrica em Plauto

	<i>cantica</i>		<i>deuerbia</i>		Total	
Com justaposição	59	35,98%	29	35,80%	88	35,92%
Com <i>ut</i>	105	64,02%	52	64,20%	157	64,08%
Total	164	100,00%	81	100,00%	245	100,00%

Tabela 5.12 - Distribuição segundo métrica em Terêncio¹²⁵

	<i>cantica</i>		<i>deuerbia</i>		Total	
Com justaposição	7	26,92%	16	43,24%	23	36,51%
Com <i>ut</i>	19	73,08%	21	56,76%	40	63,49%
Total	26	100,00%	37	100,00%	63	100,00%

Tabela 5.13 - Distribuição segundo métrica em latim arcaico

	<i>cantica</i>		<i>deuerbia</i>		Total	
Com justaposição	66	34,74%	45	38,14%	111	36,04%
Com <i>ut</i>	124	65,26%	73	61,86%	197	63,96%
Total	190	100,00%	118	100,00%	308	100,00%

5.2.2 Alguns casos especiais

Ao analisarmos o *corpus*, podemos notar que algumas das construções se repetem particularmente. Apresento, a seguir, alguns desses casos, tendo por base a recorrência de certos verbos subordinados que formam espécies de expressões (mais ou menos) fixas. Os exemplares apresentados são agrupados na seguinte ordem: primeiro, de acordo com o verbo subordinado; em segundo, de acordo com o verbo principal.

Alerto de início que, diferentemente do que tem sido utilizado nos critérios em geral, trataremos aqui de casos com pouca representatividade estatística, dada a parca atestação, de modo que as análises não podem ser facilmente generalizadas. Ainda assim, são casos que chamam a atenção por suas características repetitivas.

¹²⁵ Como mostra um teste-z, a probabilidade de essa diferença ser estatisticamente significante é de apenas 90%.

O primeiro caso é a expressão *facito (ut) cogites*. Vejamos todos os exemplares existentes:

Plauto com Justaposição

- Most.* 216 [SCA] *at hoc unum facito cogites*: [...] “Mas trata de pensar nesta única coisa”
- Trin.* 485 [PHIL] *semper tu hoc facito, Lesbonice, cogites, id optimum esse tute uti sis optumus*; “Lesbônico, trata de sempre considerar isto ser ótimo, para que você seja ótimo.”

Plauto com *ut*

- Merc.* 565 [...] [LYS] *quod opust facto facito ut cogites*. “Trata de pensar o que é necessário [ser] feito.”
- Stich.* 519 [...] *nam hoc tu facito ut cogites*: “Pois trata de pensar nisto”

Terêncio (somente Justaposição)

- Ad.* 500 [HEG] *sed, Demea, hoc tu facito cum animo cogites*. “Mas, Demea, trata de ter em mente isto.”
- Ad.* 808 [...] *quaeso, hoc facito tecum cogites*. “por favor, trata de pensar consigo isto.”

Primeiramente, na configuração de verbo *facio* + verbo *cogito*, repito que essas são todas as ocorrências em Plauto e Terêncio. Temos, portanto, uma expressão fixa do imperativo futuro com o subjuntivo presente na segunda pessoa do singular. Além disso, o verbo subordinado está no fim de verso em cinco dos seis exemplares e, na exceção (*Most.* 216), ele está numa fronteira sintática, já que a oração iniciada com *si* é a explicação de *hoc unum*, i.e. ele ocupa a mesma posição relativa no período. Também o objeto acusativo do período ocupa em todos os casos a mesma posição anterior ao verbo principal *facito*: *hoc unum*, *quod opust facto* e *hoc* nos restantes. Todos esses elementos enfatizam um caráter quase formular da construção. Por sua vez, dois dos seis exemplares apresentam a conjunção *ut*. Sua presença ou ausência não interferem em nada na métrica, ao mesmo tempo em que não há motivos filológicos para retirá-las do texto (o único exemplar que exige metricamente sua ausência é *Trin.* 485).

O próximo caso é o do verbo *facio* + verbo *memini*. Vejamos:

Plauto com Justaposição

- Mil.* 806 [...] [PAL] *hoc facito, miles domum ubi aduenerit, memineris ne Philocomasium nomines.*
 “Quando o soldado tiver chegado, trata de lembrar isto: de não chamar Filocomásio pelo nome.”
- Stich.* 47 [...] [PAMPHILA] *at memineris facito.*
 “Mas trata de se lembrar.”

Plauto com *ut*

- Aul.* 257 [...] *illud facito ut memineris, conuenisse ut ne quid dotis mea ad te afferret filia.*
 “Trata de lembrar isto: ter concordado que minha filha não levaria nenhum dote.”
- Bacch.* 328 [...] [CHRY] *anulum gnati tui facito ut memineris ferre. [...]*
 “Trata de se lembrar de trazer o anel do seu filho.”
- Curc.* 210 [PLA] *facito ut memineris. [...]*
 “Trata de lembrar.”
- Mil.* 354 [PAL] *praecepta facito ut memineris. [...]*
 “Trata de lembrar minhas instruções.”
- Pseud.* 515 [...] [PSEV] *facito ut memineris.*
 “Trata de lembrar.”
- Persa* 494 [...] *faciam ut mei memineris, dum uitam uiuas. [...]*
 “Garanto que você se lembrará de mim, enquanto viver.”
- Capt.* 800 [ERG] *faciam ut huius diei locique meique semper meminerit.*
 “Farei com que ele se lembre deste dia, deste lugar e de mim para sempre.”

Apresento todos os exemplares do *corpus* plautino. As características formulares vistas no caso anterior se repetem: há a preferência pelo verbo principal *facito*; o verbo subordinado, com exceção do último exemplo, está na segunda pessoa do singular no subjuntivo perfeito; a forte tendência de o verbo subordinado estar nos limites de alguma pausa grande, de período, de mudança de turno de fala, fim de verso. As mesmas características são encontradas em Terêncio:

Terêncio com Justaposição

- Haut.* 550 [...] [SYR] *at heus tu facito dum eadem haec memineris,*
 “Mas veja, trata de se lembrar dessas mesmas coisas”

Terêncio com *ut*

- Eun.* 801   [...] *si quicquam hodie turbae coeperis,*
                   faciam *ut huius loci dieique meique semper **memineris**.*
                   “Se você começar hoje alguma confusão, farei com que você se lembre
                   deste lugar, deste dia e de mim para sempre.”
- Eun.* 815   [...] [GNA] *Sanga, ita ut fortis decet*
                   *milites, domi focique fac uicissim ut **memineris**.*
                   “Sanga, assim como convém a um bravo soldado, trata de se lembrar, por
                   sua vez, da casa e do fogo.”

Não devemos deixar de notar que *Eun.* 801 é cópia quase exata de *Capt.* 800.

Do conjunto dos exemplares, podemos observar, resumidamente, que:

- *facito ut memineris* tem a tendência forte de ter uma ordem mais rígida, apresentando objetos acusativos: *Mil.* 806 *hoc*; *Aul.* 257 *illud*; *Bacch.* 328 oração infinitiva com *ferre* (analisável como um acusativo verbal); *Mil.* 354 *praecepta*; *Haut.* 550 *eadem haec*.
- *facito* com justaposição apresenta maior liberdade na ordem: *Mil.* 806 inicia novo verso; *Stich.* 47 tem *memineris* antes do verbo principal; *Haut.* 550 tem elementos interpostos entre os verbos.
- *faciam ut* ganha valor causativo pela morfologia do verbo principal e que o verbo *memini* é completado por genitivo.

Por fim, *Eun.* 815 apresenta também genitivos objetivos, mas note-se que ainda assim a construção inovadora com *ut* e um verbo principal diverso da fórmula, no caso *fac*, são utilizados.

O fato de a complementação de genitivo só ser vista em construções inovadoras não nos permite afirmar nada sobre esse uso ser também mais inovador, por causa do reduzido número de exemplares, mas isso não deixa de chamar a atenção do analista.

Por fim, comento a expressão mais numerosa (com exceção de quando o verbo subordinado é o *sum*, que não forma por si só fórmulas): verbo *facio* + verbo *scio*.¹²⁶

¹²⁶ Nos exemplos a seguir, deixo de colocar a tradução, a qual pode ser conferida no apêndice deste trabalho, pois o que complementa o verbo *scio* não é relevante ao argumento. Basta saber que são limitadas variações de “fazer com que alguém saiba”: *fac [ut] sciam* e *facito [ut] sciam*, “faz com que eu saiba”; *faxo [ut] scias* e *faciam ut scias*, “farei com que você saiba”; etc.

Plauto com Justaposição

Curc. 414	[LYCO] <i>Summane, salue. qui Summanu's? <u>fac</u> sciam.</i>
Curc. 617	[PHAE] <i>quis tibi hanc dedit mancupio? aut unde emisti? <u>fac</u> sciam.</i>
Men. 890	<i>num laruatust aut cerritus? <u>fac</u> sciam.</i>
Mil. 277	<i>uolup est conuenisse. [PAL] quid iam? aut quid negoti est? <u>fac</u> sciam.</i>
Pseud. 696	[CHAR] <i>commemini omnia: id tu modo, me quid uis facere, <u>fac</u> sciam.</i>
Rud. 1023	<i>quo argumento socius non sum, et fur sum? <u>facdum</u> ex te sciam.</i>
Trin. 174	<i>quid fuit officium meum me facere? <u>fac</u> sciam;</i>
Men. 644	<i>et quid tristis <sim> et quid hic mi dixerit <u>faxo</u> scias.</i>
Trin. 882	<i>et meum nomen et mea facta et itinera ego <u>faxo</u> scias.</i>

A estrutura é formular, quase sempre ao fim de verso. Note-se que a fórmula com justaposição se deu justamente com as construções mais arcaicas: seis *fac sciam* (veremos mais à frente que a justaposição com o verbo principal *fac* está relacionada à origem da estrutura), dois *faxo scias* (*faxo* é uma forma arcaica já em desuso na época de Plauto). Esse caráter arcaico é enfatizado pelo fato de haver uma configuração ainda mais arcaica não presente no *corpus* deste estudo: *faxo scies*, em que, no lugar de um subjuntivo, como será regular, encontramos o verbo *faxo* complementado por um futuro (*Bacch.* 831; ao fim de verso temos *Epid.* 712, *Poen.* 173, *Pseud.* 49, 387).

Plauto com *ut*

Pseud. 696b	[[...] tu modo quid me facere uis <u>fac</u> ut sciam.]
Stich. 148	<i>si a uiro tibi forte ueniet nuntius, <u>facito</u> ut sciam.</i>
Truc. 966	<i>rem bonam si quis animatust facere, <u>faciat</u> ut sciam.</i>
Amph. 1085 [2]	<i>suis foedis factis. [BRO] at ego <u>faciam</u> tu idem ut aliter praedices, Amphitruo, piam et pudicam esse tuam uxorem ut scias.</i>
Asin. 28	<i>eloquere: ut ipse scibo, te <u>faciam</u> ut scias.</i>
Asin. 140	<i>ego edepol te <u>faciam</u> ut quae sis nunc et quae fueris scias.</i>
Persa 47	[...] [SAG] <i>si quid erit, <te <u>fac</u>><u>iam</u> ut scias.</i>
Asin. 897	<i>dixisti in me. sine, reuenias modo domum, <u>faxo</u> ut scias quid pericli sit dotatae uxori uitium dicere.</i>

- Cist.* 64   *tuam stultitiam sola facito ut scias sine aliis arbitris.*
- Amph.* 185   [MER] facit ille quod uolgo hau solent, ut quid se sit dignum *sciat*.

Terêncio (somente com *ut*)

- Haut.* 84   [CHR] *ne lacruma atque istuc quidquid est fac me ut sciam.*

Com *ut*, o único exemplar em Plauto com verbo principal *fac* é muito provavelmente uma interpolação e o exemplar de Terêncio parece analógico (há um objeto *me* ausente na fórmula plautina). O caráter formular ainda está presente, mas com um pouco mais de mobilidade: o verbo *scio* está quase sempre no fim de verso (com exceção de *Cist.* 64), mas, assim como o uso do *ut* é uma inovação, verbos principais alheios à fórmula e, portanto, inovadores, também são utilizados. Ainda que tenhamos poucos dados, o contraste é tal que parece ser bem convincente.

Isso se torna ainda mais interessante, pois temos essa construção no *ad Atticum* de Cícero. Vejamos:

Cícero com Justaposição

- Att.* 13, 45, 1   *Dies feriarum mihi additos uideo sed quam multos fac, si me amas, sciam.*
- Att.* 15, 16a, 1   *tu, quaeso, fac sciam ubi Brutum nostrum et quo die uidere possim.*

Cícero com *ut*

- Att.* 2, 6, 2   *aliud quid? etiam: quando te proficisci istinc putes fac ut sciam.*
- Att.* 2, 10, 1   *nunc fac ut sciam quo die te uisuri simus.*
- Att.* 4, 8a, 1   *uerum statim fac ut sciam, si modo tibi est commodum.*
- Att.* 7, 11, 4   *mira hominum querela est (nescio istic, sed facies ut sciam) sine magistratibus urbem esse, sine senatu.*
- Att.* 13, 24, 1   *facies ergo ut sciam.*
- Att.* 13, 28, 1   *<credo> et ad te, idque ut sciam facies.*
- Att.* 15, 13a, 1   *sed si quid praeter spem erit, facies ut sciam;*
- Att.* 2, 4, 4   *tu quicquid indagaris de re publica, et maxime quos consules futuros putes, facito ut sciam.*

Att. 3, 15, 7	<i>sin omnia sunt obstructa, id ipsum <u>fac</u> ut <u>sciamus</u> et nos aliquando aut obiurgare aut communiter consolari desine.</i>
Att. 3, 18, 2	<i><u>fac</u>, obsecro te, ut omnia quae perspicere a te possunt <u>sciamus</u>.</i>
Att. 13, 25, 3	<i>etiam nunc si dubitas, <u>fac</u> ut <u>sciamus</u>.</i>
Att. 8, 15, 1	<i>quod cum scies, <u>facies</u> ut <u>sciamus</u>.</i>
Att. 3, 22, 4	<i>inde cum ad te me conuertam, <u>faciam</u> ut <u>scias</u>, tuque ad me uelim omnia quam diligentissime, cuicuiusmodi sunt, scribas.</i>
Att. 5, 4, 3	<i>de nostro itinere cum statuero, de quinque praefectis quid Pompeius facturum sit cum ex ipso cognoro, <u>faciam</u> ut <u>scias</u>.</i>
Att. 7, 26, 3	<i>quod habebis certi, <u>faciam</u> ut <u>scias</u>.</i>
Att. 16, 8, 1	<i>Cum sciam quo die uenturus sim, <u>faciam</u> ut <u>scias</u>.</i>

O primeiro ponto a se notar é a desproporção entre exemplos com justaposição e com *ut*, mesmo considerando a origem formular da construção. Enquanto que em latim arcaico vimos nove justapostos para 11 com *ut*, aqui temos dois justapostos para 16 com a conjunção. Notemos também que a construção inovadora com a conjunção prevalece mesmo com o verbo principal *fac* (origem da fórmula e verbo que prefere a justaposição, como veremos à frente): dois com justaposição para seis com *ut*. Também há formas inovadoras, tanto no verbo principal (futuro *facies*), quanto no subordinado (*sciamus*). Ainda assim, salta aos olhos a tendência já vista no uso da fórmula pelos comediógrafos de a expressão estar ao fim de um período.

Por fim, alguém poderia objetar que esse uso formular e repetitivo da construção, em especial os exemplares justapostos de Plauto, enviesaria as conclusões a que mais à frente se chegará. Isso é pouco provável, primeiro pelo fato de que se trata de uma pequena parcela de um conjunto mais robusto, ainda que limitado, de dados, e principalmente pelo fato de que a comparação entre o latim arcaico e as inovações de Cícero sugere que, embora formular, o uso arcaico era regido pelas regras linguísticas do período.

5.2.3 Critérios relevantes para o uso da conjunção *ut* com o verbo *facio*

Pode-se supor que a distância entre os dois verbos poderia ser relevante para a presença e ausência da conjunção: quando dois elementos são sintaticamente conectados, mas distantes entre si, mais recursos coesivos podem ser usados para

garantir que ambos os elementos sejam interpretados juntos. Isso pode ser feito por uma conjunção como o *ut*, o qual explicita a relação subordinada, enquanto que a construção justaposta poderia tornar a sentença ambígua, dependendo da distância entre os verbos. Eu medi a distância contando palavras entre os verbos principal e subordinado com exceção da conjunção em questão. Então, calculei a média de palavras para ambos os autores: 1,73 palavras entre os verbos principal e subordinado quando justapostos, 2,35 quando com *ut*. O desvio padrão dos exemplares justapostos é 2,93 e para os com *ut* é 3,02. Um teste-t mostra que essa diferença na média de palavras é estatisticamente significativa.¹²⁷ O fenômeno visualizado nos seguintes gráficos:¹²⁸

Vemos que os exemplares com justaposição estão concentrados em pequenas distâncias, enquanto que os exemplares com *ut* estão melhor distribuídos e apresentam razoável quantidade em distâncias maiores.

Portanto, a conjunção é de fato utilizada como um modo de tornar a relação sintática entre os verbos subordinado e principal evidente quando uma distância excessiva entre eles possa obscurecer a relação de subordinação.

Testei também se o fato de ambos os verbos estarem no mesmo verso ou em versos diferentes é relevante para o uso da conjunção. Estes são os resultados para Plauto:

¹²⁷ A probabilidade de essa diferença ser estatisticamente significativa é maior do que 95%.

¹²⁸ O eixo vertical representa o número de exemplares, enquanto que o eixo horizontal a distância entre os verbos principal e subordinado, medida em quantidade de palavras. Chamo a atenção ao fato de que o eixo horizontal dos gráficos não segue uma escala linear e que isso não interfere no ponto do argumento.

Tabela 5.14 - Posição dos verbos no mesmo verso ou em versos diferentes em Plauto

	Mesmo verso		Versos diferentes		Total	
Com justaposição	82	38,50%	6	18,75%	88	35,92%
Com <i>ut</i>	131	61,50%	26	81,25%	157	64,08%
Total	213	100,00%	32	100,00%	245	100,00%

Quando tanto o verbo principal quanto o subordinado estão em versos diferentes, obtemos 18,75% de exemplares justapostos, mas quando estão no mesmo verso, o valor aumenta para 38,50%, uma diferença bem significativa.¹²⁹ Uma primeira explicação seria similar à dada para justificar por que a distância entre dois verbos é significativa (com uma maior distância, mais elementos coesivos seriam necessários para garantir a interpretação gramatical correta). Adiciona-se que o verso como uma unidade cria tal divisão no fluxo do discurso que seriam necessários mais elementos de coesão, como a conjunção *ut*. Todavia, os dados de Terêncio podem evidenciar outras razões:

Tabela 5.15 - Posição dos verbos no mesmo verso ou em versos diferentes em Terêncio

	Mesmo verso		Versos diferentes		Total	
Com justaposição	20	37,74%	3	30,00%	23	36,51%
Com <i>ut</i>	33	62,26%	7	70,00%	40	63,49%
Total	53	100,00%	10	100,00%	63	100,00%

Os dados disponíveis para versos diferentes são insuficientes para qualquer conclusão estatisticamente significativa, mas a frequência é muito próxima daquela relativa a mesmo verso e isso concorda com outros estudos comparando ambos os autores: Plauto tem uma tendência maior em coincidir fim de verso e fim de oração do que Terêncio (DEUFERT, 2007, p. 68), de modo que seja esperado que, quando ele faz uma sentença maior do que o verso, mais elementos coesivos estejam presentes. Deve-se considerar, entretanto, que esse argumento pode ser confrontado pela evidência de que a porcentagem de “versos diferentes” em que essa construção como um todo é usada são similares em ambos os autores (Plauto: $32/245 = 13\%$ e Terêncio: $10/63 = 16\%$), *i.e.* a tendência de não coincidir verso e a estrutura *facio (ut)* + subjuntivo é quase a mesma em ambos os autores, mas, novamente, os dados de Terêncio são insuficientes.

¹²⁹ Como mostra um teste-z, a probabilidade de essa diferença ser estatisticamente significativa é de 98,5%.

É possível objetar que esse tipo de conclusão ignoraria os efeitos que o critério mais importante, nomeadamente a morfologia do verbo principal (de que trataremos logo), teria sobre esse critério. Consideremos somente os exemplares de Plauto. Se tomarmos todos os imperativos, 59 apresentam justaposição e 51, *ut*, respectivamente, 54% e 46%. Se tomarmos todos os imperativos cujos verbos subordinados estão em um verso diferente, os valores, embora novamente insuficientes, seguem o mesmo padrão: quatro com justaposição e quatro com *ut*, 50% cada (os outros dois exemplares justapostos apresentam a forma arcaica *faxim*). Em outras palavras, o que faz a porcentagem de justaposição diminuir quando consideramos versos diferentes é a ausência de verbos principais não imperativos usados sem a conjunção. Uma possível explicação para isso é que é mais esperado que imperativos (e a forma arcaica *faxim*) tenham justaposição do que não imperativos, o que compensaria qualquer dificuldade que a divisão do verso causaria.

Durante a análise dos exemplares, dois fenômenos se apresentaram numa distribuição muito contrastante entre as orações justapostas e as orações com *ut*. Trata-se da prolepse e da aposição.

A prolepse é o uso de um acusativo na oração principal em vez de um sujeito nominativo na oração subordinada. Vejamos um exemplo:

Mil. 1257   *quia me amat, propterea Venus fecit eam ut diuinaret.*
 “Porque ela me ama, Vênus fez com que ela profetizasse.”

Nesse exemplo, *eam* é um acusativo do verbo principal *fecit* e, ao mesmo tempo, é semanticamente sujeito do verbo subordinado *diuinaret*, o qual fica sem sujeito no nominativo explícito.

Por aposição, refiro-me a uma oração de subjuntivo que serve para explicar e detalhar uma outra palavra, como o advérbio *ita*, o pronome *illud*, entre outros. Vejamos um exemplo:

Amph. 380 [1]   *[SOS] Ita di faciant, ut tu potius sis atque ego te ut uerberem.*
 “Que os deuses façam assim, que você antes o seja e que eu te açoitasse.”

Nesse exemplo, a oração de subjuntivo iniciada por *ut* está em aposição ao advérbio *ita*, intrinsecamente ligado ao verbo *faciant*. Não se trata de um objeto

acusativo, mas esse advérbio, assim como outros, ocupa um lugar sintático aproximado, sendo essa interpretação compartilhada pela bibliografia,¹³⁰ de modo que a oração com *ut* tenha equivalência sintática a um objeto.

Os dados de Plauto são os seguintes:

Tabela 5.16 - Distribuição de exemplares de *facio* com prolepse e aposição da subordinada em Plauto

	Prolepse		Apositiva		Prolepse e Apositiva	
Com justaposição	3	9,38%	0	0,00%	0	0,00%
Com <i>ut</i>	29	90,63%	19	100,00%	2	100,00%
Total	32	100,00%	19	100,00%	2	100,00%

¹³⁰ Por exemplo, ao falar sobre “*Objectivae enuntiationes consecutivae*” (enunciados objetivos consecutivos), Tessing (1892, p. 28) diz: “**Facio** frequenter occurrit vel posita vel omissa particula *ita*.”. Em tradução: “**Facio** frequentemente ocorre com a partícula *ita* quer posta quer omitida.”. Comentário similar há em Allen & Greenough (1903, § 568, nota 1) também sobre as orações substantivas consecutivas, nas quais ele inclui as que completam *facio*: “In all these cases the clause is not strictly subject or object. The main verb originally conveyed a meaning sufficient in itself, and the result clause was merely complementary. This is seen by the frequent use of *ita* and the like with the main verb (*ita accidit ut*, etc.). In like manner purpose clauses are only apparently subject or object of the verb with which they are connected.”. Em tradução: “Em todos esses casos, a oração não é estritamente sujeito ou objeto. O verbo principal originalmente expressava um significado suficiente em si mesmo e a oração de resultado era meramente complementar. Isso é visto pelo uso frequente de *ita* e similares com o verbo principal (*ita accidit ut* etc.). De modo parecido, orações finais são somente aparentemente sujeito ou objeto do verbo ao qual estão conectadas.”. Por fim, vemos a aproximação ser explicitada em Dahl (1882, p. 233-234): “Bei dem verbum, das den thätigkeitsbegriff selbst bezeichnet, *facere*, sieht man deutlich eine verwandtschaft mit den intransitiven verben, da dieses mit *ita* als adverbialle bestimmung gebraucht werden kann: *ita fecit*, = *id fecit* (Cic. Lael. 37), *ita ille faxit Iuppiter* (Pl. Most. 385), *ita faciam* (Pl. Trin. 235); hier wird eigentlich die art und weise der handlung statt ihres objektes genannt. Wird nun *facio* durch ein *ut consecutivum* bestimmt, auf ein derartiges gesetztes oder weggelassenes *ita* hinweisend, z. b.: *ita faciam, ut scias*, so ist diese verbindung ihrem ursprunge nach so zu analysiren: ich unternehme eine handlung von der art, deren folge sein wird, dass du es weisst, – ich mache so, dass du es weisst, – ich mache, dass du es weisst. Von der bezeichnung der folge einer handlung, des resultates einer wirkenden kraft, geht der *ut*-satz über zu der angabe der ausführung der handlung selbst. // Dem regierenden wirkungsverbum kann ein pronomen: *id, hoc, illud, idem, istud* als vorläufiges objekt zugefügt werden, welches illativ auf den *ut*-satz hinweist, nachdem dieser einmal den charakter eines gegenstand satzes angenommen hat; *id* tritt in ein objektsverhältniss, wo eigentlich die art und weise durch *ita* bezeichnet werden sollte, was hin und wieder in der ältesten sprache vorkommt, und zwar so, dass es mitunter zweifelhaft bleibt, ob man einen ‚adverbialen‘ oder ‚substantivischen‘ konsekutiv-satz hat.”. Em tradução: “Em relação ao verbo *facere*, o qual indica ele mesmo o conceito de ação, vê-se claramente uma aproximação com os verbos intransitivos, já que ele pode ser utilizado com *ita* em função adverbial: *ita fecit*, = *id fecit* (Cic. Lael. 37), *ita ille faxit Iuppiter* (Pl. Most. 385), *ita faciam* (Pl. Trin. 235); aqui, na verdade, é nomeado propriamente o modo da ação em vez de seu objeto. Então, se *facio* for determinado através de um *ut consecutivum*, referindo-se a um *ita* colocado dessa maneira ou omitido, por exemplo: *ita faciam, ut scias*, então essa união deve ser analisada de acordo com sua origem, assim: eu tomo uma ação de modo cuja consequência será que você saiba, – eu faço de tal modo que você saiba, – eu faço com que você saiba. A partir da denominação da consequência de uma ação, [da denominação] do resultado de uma potência atuante, a oração com *ut* passa para a indicação da realização da própria ação. Ao verbo de ação regente, um pronome *id, hoc, illud, idem, istud* pode ser colocado como objeto preliminar, o qual se refere ilativamente à oração com *ut*, uma vez que esta assumiu o caráter de uma oração objetiva; *id* entra numa relação objetiva, onde na verdade o modo deveria ser indicado por *ita*, o que volta e meia ocorre na língua mais antiga, mais precisamente, de tal modo que às vezes permanece duvidoso se se tem uma oração consecutiva ‘adverbial’ ou ‘substantiva’.”.

Terêncio apresenta, dentre os exemplares com *ut*, quatro com prolepse e cinco com aposição.

No caso das orações apositivas, parece evidente haver somente orações com *ut*, visto o fato de que a aposição é uma relação que ocorre por intermédio de uma partícula relacional como *ut* (veja a discussão sobre a origem e os usos de *ut* nos capítulos iniciais). Ainda assim, sendo a quantidade de exemplares relativamente elevada, julguei necessário evidenciar essa característica como relevante. No que tange à prolepse, a explicação é similar, a oração com *ut*, em seu caráter relacional, remete ao acusativo do verbo principal e explicita o que a ele é feito.

Do ponto de vista histórico, a prevalência de apositivas e prolepses nas orações com *ut* no latim arcaico ($59/197 = 30\%$) sugere que essas construções estão intimamente ligadas com o surgimento da construção, mas, afastando-se esse ponto do objeto específico da pesquisa, presença e ausência da conjunção em especial no latim arcaico, não entro em mais detalhes, de modo que uma análise mais detida sobre os dados em relação às hipóteses precisa ainda ser feita.¹³¹

Agora eu me volto ao critério mais relevante, notadamente a morfologia do verbo principal. Primeiramente, apresentarei dados de Plauto, então Terêncio e, finalmente, alguns comentários sobre o desenvolvimento histórico da estrutura.

Plauto usa justaposição com os seguintes verbos principais: *fac(e)*, *faciam*, *facis*, *facite*, *facito*, *facitote*, *faxim*, *faxint*, *faxo*, *fecit*. É notável, por um lado, a variedade de imperativos (quatro formas, 59 exemplares), formas sigmáticas (três formas, 23 exemplares), e, por outro, a escassez de outras formas: *faciam* (três exemplares), *facis* (somente um) e a única forma do *perfectum*, *fecit* (só dois exemplares). Os verbos principais com *ut* são mais variados: *fac(e)*, *facere*, *facerem*, *faciam*, *faciant*, *faciat*, *faciemus*, *faciet*, *facietis*, *facio*, *facis*, *facit*, *facite*, *facito*, *factum*, *factum est*, *factum et fiet*, *facturum*, *faxit*, *faxo*, *feci*, *fecisse*, *fecisti*, *fecit*. Vale enfatizar a grande variedade de formas do *perfectum* e mesmo infinitivos, e que imperativos ainda são relevantes. Mantenho por ora uma abordagem sincrônica dos dados, mas que, como será visto em breve, é em grande parte consequência do desenvolvimento histórico. Um primeiro olhar sobre as informações acima sugere que ser um imperativo é significativo. Vejamos.

---

¹³¹ Veja a citação de de Melo (2007, p. 212) mais à frente com um resumo das hipóteses.

Tabela 5.17 - Verbos principais imperativos e não imperativos em Plauto

	Imperativos		Não imperativos		Total	
Com justaposição	59	53,64%	29	21,48%	88	35,92%
Com <i>ut</i>	51	46,36%	106	78,52%	157	64,08%
Total	110	100,00%	135	100,00%	245	100,00%

A primeira coisa a ser notada é que imperativos são 45% (110/245) do total de exemplares. Em segundo lugar, as diferenças na distribuição são enormes. Imperativos preferem a justaposição em mais da metade dos exemplares, enquanto que não imperativos usam a justaposição em somente um quinto deles.¹³²

As características dos exemplares de Terêncio são levemente diferentes. Com justaposição, ele apresenta uma lista mais restrita de verbos principais, *fac*, *facite*, *facito*, *faxo*, enquanto que verbos com *ut* mostram uma variedade similar à de Plauto: *fac(e)*, *facere*, *faciam*, *facimus*, *facio*, *facis*, *facit*, *facite*, *facito*, *faciunt*, *facturum*, *fecere*, *feceris*, *feci*, *fecisse*, *fecit*. Essa diferença pode existir por uma variação aleatória, já que temos um número mais limitado de peças terencianas disponíveis (seis, enquanto 21 de Plauto sobreviveram), ou isso pode ser devido a uma mudança histórica no uso da estrutura entre um autor e outro.

Tabela 5.18 - Verbos principais imperativos e não imperativos em Terêncio

	Imperativos		Não imperativos		Total	
Com justaposição	20	60,61%	3	10,00%	23	36,51%
Com <i>ut</i>	13	39,39%	27	90,00%	40	63,49%
Total	33	100,00%	30	100,00%	63	100,00%

A porcentagem de imperativos do total é similar, 55% (33/63), mas em Terêncio a diferença no uso da justaposição entre imperativos e não imperativos é maior.¹³³ Se compararmos o uso de justaposição em Plauto e Terêncio, veremos que para imperativos os valores são similares, 54% e 61%, respectivamente, e um teste-z sugere que essa diferença não é estatisticamente relevante. Em outras palavras, a distribuição da estrutura em imperativos pode ser considerada a mesma em Plauto e Terêncio. Se

¹³² Como mostra um teste-z, a probabilidade de essa diferença ser estatisticamente significante é maior do que 99,99%.

¹³³ Como mostra um teste-z, a probabilidade de essa diferença ser estatisticamente significante é maior do que 99,99%.

considerarmos ambos os autores, temos que 55% dos imperativos são justapostos (79/143).

Para as formas não imperativas, as coisas são mais complicadas. Dados das tabelas acima indicam uma mudança histórica no uso de subjuntivos justapostos entre Plauto (21%) e Terêncio (10%).¹³⁴ Todavia, um olhar mais detido revela que a mudança em curso não é a esperada. Dos 29 exemplares não imperativos justapostos em Plauto, 23 são formas sigmáticas, enquanto que todos os três exemplares não imperativos justapostos em Terêncio são sigmáticos (*faxo*).¹³⁵ De fato, formas sigmáticas estão desaparecendo no período entre ambos os autores (DE MELO, 2007, p. 189-190, 213-214), e, como elas são (junto com imperativos) o que mais apresenta justaposição, é esperada a variação no uso de formas não imperativas. Se nós atualizamos os valores e selecionamos somente formas não imperativas e não sigmáticas, obtemos o seguinte:

Tabela 5.19 - Verbos principais não imperativos e não sigmáticos

	Plauto		Terêncio	
Com justaposição	6	5,45%	0	0,00%
Com <i>ut</i>	104	94,55%	27	100,00%
Total	110	100,00%	27	100,00%

Um teste-z não pode ser aplicado pelos dados serem limitados. Ainda assim, existe a possibilidade de concluirmos que a diferença de uso entre Plauto e Terêncio pode existir devido à mudança histórica das regras que governam o uso de *ut*, mas

¹³⁴ Como mostra um teste-z, a probabilidade de essa diferença ser estatisticamente significativa é maior do que 92%.

¹³⁵ Vejamos o que Martin (1976), comentando *Ad.* 381, diz: “**fac macerentur**: after imperatives of *facio* the subj. is found both with and (more often) without *ut* (*Ht.* 925 has the two constructions side by side); exx. without *ut* include *Ad.* 511, 512. With moods other than the imperative, *ut* + subj. is the only construction in T. Cf. K-S I 205.I.”. Em tradução: “**fac macerentur**: após imperativos de *facio*, o subjuntivo é encontrado tanto com e (mais frequentemente) sem *ut* (*Haut.* 925 temos duas construções lado a lado); exemplos sem *ut* incluem *Ad.* 511, 512. Com outros modos que não o imperativo, *ut* + subjuntivo é a única construção em Terêncio. Cf. K-S I 205.I.”. Como vimos, a parte inicial de seu comentário está de acordo com os dados, mas não seu último ponto: dentre as formas não imperativas, as sigmáticas ainda utilizam justaposição. Sobre o verso *Haut.* 925 *fac te patrem esse sentiat; fac ut audeat*, não parece haver nenhuma razão óbvia para a diferença de uso com o verbo *fac*, uma justaposta e outra com *ut* (ambas são admitidas, veja mais à frente as distribuições). Não há razão para se adicionar *ut* ao primeiro verbo ao mesmo tempo em que metricamente tanto a presença quanto a ausência são possíveis com o segundo verbo. Já que possíveis nuances semânticas que o uso do *ut* possa ter (talvez ênfase, como sugere Bennett) são impossíveis de serem recuperadas com segurança, devemos admitir essa variação. Tal fato somente enfatiza a abordagem desta pesquisa em trabalhar com as distribuições e significância estatística, já que ambas as construções são possíveis.

principalmente que a diferença é fortemente influenciada pelo fato de que as formas sigmáticas, usadas quase sempre com justaposição, estão caindo em desuso.

Se considerarmos todos os exemplares, 46% dos subjuntivos (143 de 308) são regidos por um imperativo. Essa prevalência de imperativos está relacionada com a origem da construção, como Bennett (1910-1914, v. I, p. 224) coloca: “Apparently the construction started in connection with the imperative of *facio*, and from that extended to other forms of *facio*”.¹³⁶ A mesma ideia é resumida no seguinte excerto (DE MELO, 2007, p. 212) sobre orações com *ut* no geral:

There is a clear connection between commands and *ut*-clauses. Diachronically, *ut*-clauses seem to be derived from relative clauses functioning as sentence appositions, see Hettrich (1987). Leumann (1973: 424) holds a different opinion: he thinks that modal *ut* ‘as’ was reanalysed as final in some contexts. In either case, the subjunctive must originally have had ‘jussive’ function.¹³⁷

Parece, portanto, que a estreita relação entre o sentido jussivo do subjuntivo originalmente independente e o sentido jussivo dos imperativos foi crucial para o desenvolvimento da relação de subordinação: a proximidade em sentido levou à proximidade sintática. Após isso, a analogia tornou possível que a estrutura se espalhasse para outros verbos principais além dos imperativos e, num segundo momento, uma partícula *ut* de valor provavelmente adverbial começou a ser analisada como conector e também teve seu uso generalizado a tal ponto que, em latim clássico, a regra será usá-la.

Deve-se notar que o uso original de imperativos com justaposição (uma estrutura antiga e amplamente usada, como visto acima) é mais lentamente influenciado pela generalização da partícula *ut* como conjunção. A primeira evidência já foi mostrada, notadamente que imperativos com um subjuntivo justaposto são muito produtivos em latim arcaico. A segunda é que mesmo os exemplares com *ut* ainda preservam uma posição mais arcaica da partícula.

¹³⁶ Em tradução: “Aparentemente, a construção se iniciou em conexão com o imperativo de *facio* e, a partir daí, se estendeu para outras formas de *facio*”.

¹³⁷ Em tradução: “Há uma clara conexão entre comandos e orações com *ut*. Diacronicamente, orações com *ut* parecem ter sido derivadas de orações relativas funcionando como aposições de sentenças, veja Hettrich (1987). Leumann (1973: 424) sustenta uma opinião diferente: ele acha que o modal *ut* ‘como’ foi reanalisado como final em alguns contextos. Em qualquer dos casos, o subjuntivo deve originalmente ter tido uma função ‘jussiva’.”.

O tema da posição de *ut* e *ne* foi estudado por Rowland (1918). Há quatro posições possíveis:¹³⁸

Posição 1: *fac* [*ut*] -----[subj.]-----: posição conjuncional

Posição 2: *fac* -----[*ut*]-----[subj.]-----: posição conjuncional intermediária

Posição 3: *fac* -----[*ut* subj.]-----: posição adverbial (pré-verbal)

Posição 4: *fac* [*ut* subj.]-----: ambíguo (embora ainda pré-verbal)¹³⁹

Antes de se tornarem conjunções, ambas as partículas historicamente teriam vindo de advérbios e Rowland mostra que a comparação entre as posições dessas partículas no latim arcaico com as no latim clássico claramente apresentam um desenvolvimento histórico, no qual, em latim clássico, em maior grau do que em latim arcaico, é preferível utilizar essa partícula na posição conjuncional.

Meus resultados são muito similares aos de Rowland, embora nossos *corpora* e métodos diverjam (ele considera todas as orações substantivas em somente algumas peças e também Catão). Contudo, como ele não considerou outras distribuições senão as totais, uma grande quantidade de informações importantes foi perdida, especialmente no que se refere aos imperativos, no que estou me focando. Para os objetivos deste estudo, é suficiente considerar dois grupos: Posições 1 e 2, e Posições 3 e 4, chamadas de agora em diante, respectivamente, de modo resumido, Posição Conjuncional e Posição Adverbial. Como os valores para Plauto e Terêncio são exatamente os mesmos, eu os considero em conjunto.

Tabela 5.20 - Posição da conjunção em imperativos e não imperativos em latim arcaico

	Imperativos		Não imperativos		Total	
Posição Conjuncional	19	29,69%	69	51,88%	88	44,67%
Posição Adverbial	45	70,31%	64	48,12%	109	55,33%
Total	64	100,00%	133	100,00%	197	100,00%

¹³⁸ Uma referência adicional para a posição regular de advérbios imediatamente antes do termo qualificado pode ser encontrada em Marouzeau (1949, p. 16). Ele também comenta a tendência da posição conjuncional em latim clássico (p. 121-122).

¹³⁹ Apresento alguns exemplos ilustrativos: Posição 1: *Asin.* 824 *tu ergo fac ut illi turbas, lites concias*. Posição 2: *Aul.* 26 *feci thesaurum ut hic reperiret Euclio*. Posição 3: *Mil.* 1395 *facite inter terram atque caelum ut siet, discindite*. Posição 4: *Merc.* 565 *quod opust facto facito ut cogites*.

A posição conjuncional é muito mais comum em não imperativos do que em imperativos.¹⁴⁰ Posto de outro modo, imperativos com orações substantivas de subjuntivo preservam um uso mais arcaico da partícula *ut* e eram menos afetados por sua posição inovadora. Isso também é evidência de que imperativos seguidos por subjuntivo são uma construção mais arcaica.

Por fim, dentre todas as formas verbais, *fac(e)*, presente imperativo na 2ª p.s., merece atenção especial. Como seu comportamento em Plauto e Terêncio é quase o mesmo, eu os considerarei em conjunto para uma análise sincrônica.¹⁴¹

Tabela 5.21 - *fac(e)* e outros verbos principais em latim arcaico

	<i>fac(e)</i>		Outros verbos principais		Total	
Com justaposição	48	62,34%	63	27,27%	111	36,04%
Com <i>ut</i>	29	37,66%	168	72,73%	197	63,96%
Total	77	100,00%	231	100,00%	308	100,00%

Os valores de *fac(e)* são o extremo oposto dos de todas as outras formas de *facio* juntas¹⁴² e deve-se notar que 25% de todos os exemplares (77 de 308) apresentam *fac(e)* como verbos principais, o que indica que a construção como um todo, *i.e. facio* + subjuntivo, tem um uso muito normalizado: de todas as possibilidades de formas de verbos principais, um quarto dos exemplares tem o imperativo na 2ª p.s. *fac* como verbo principal. Considerando os autores separadamente, *fac(e)* é o verbo principal de 53 de todos os 245 exemplares de Plauto (22%) e 24 de todos os 63 exemplares de Terêncio (38%),¹⁴³ e, possivelmente, uma mudança histórica no uso da estrutura está em curso.

Como visto, em um estágio pré-literário da língua, a justaposição seria a norma, então o latim arcaico apresentaria um estágio intermediário e, por fim, há a generalização da conjunção no latim clássico. Dados de *fac(e)* podem nos ajudar a visualizar esse movimento. Uma rápida observação sobre ambos os autores é bem

¹⁴⁰ Como mostra um teste-z, a probabilidade de essa diferença ser estatisticamente significativa é maior do que 99,8%.

¹⁴¹ Em seu comentário sobre o *Eunuchus*, Barsby (1999) diz: “**189 fac . . . adducantur:** parataxis with an indirect command (185n). Parataxis is regular in T. with the imper. *fac*, though *fac ut* is also found (281).”. Em tradução: “**189 fac . . . adducantur:** parataxe com um comando indireto (185n). Parataxe é regular em Terêncio com o imperativo *fac*, embora *fac ut* seja também encontrado (281).”. Os dados completos para *fac(e)* são: 14 justapostos (58%) e 10 com *ut* (42%).

¹⁴² Como mostra um teste-z, a probabilidade de essa diferença ser estatisticamente significativa é maior do que 99,99%.

¹⁴³ Como mostra um teste-z, a probabilidade de essa diferença ser estatisticamente significativa é maior do que 99%.

informativa. De todos os exemplares justapostos de Plauto (88), *fac(e)* é o verbo principal de 34 (39%). De todos os exemplares justapostos de Terêncio (23), *fac(e)* é o verbo principal de 14 (61%). Apesar da amostra pequena de Terêncio, o que gera problemas no teste, essas distribuições parecem ser significantes.¹⁴⁴ Essa diferença pode ser explicada ou como uma questão de escolha estilística (cada autor tem uma preferência particular quando usa a construção) ou uma mudança histórica está em curso num processo de fossilização: uma expressão antiga e de alta frequência, *fac(e)* + subjuntivo, tende a permanecer por mais tempo do que outras formas dessa construção em desuso.¹⁴⁵

5.2.4 Perspectiva histórica: do latim arcaico a Cícero

A fim de validar a visão acima, mostrando um padrão de desenvolvimento, eu coletei alguns dados de Cícero e, porque não temos nenhuma comédia do período clássico, escolhi as *Epistulae ad Atticum* como uma forma de mitigar diferenças estilísticas oriundas do gênero textual: as cartas têm um caráter dialógico (de modo que uma quantidade maior de segundas pessoas apareça) e também são consideradas o que há de registro mais baixo em Cícero.¹⁴⁶ Com isso, uma comparação entre o latim arcaico e o clássico pôde ser feita e uma visão mais ampla da mudança histórica dessa estrutura estaria disponível. Na tabela a seguir, eu repito dados já mostrados sobre o latim arcaico, para que a comparação possa ser feita mais facilmente.

Tabela 5.22 - Mudança histórica entre o latim arcaico e *ad Atticum* de Cícero

	latim arcaico		<i>ad Atticum</i> de Cícero	
Com justaposição	111	36,04%	9	13,04%
Com <i>ut</i>	197	63,96%	60 ¹⁴⁷	86,96%
Total	308	100,00%	69	100,00%

¹⁴⁴ Como mostra um teste-z, a probabilidade de essa diferença ser estatisticamente significativa é maior do que 95%.

¹⁴⁵ Um fenômeno similar ocorre à forma sigmática *faxo* (DE MELO, 2007).

¹⁴⁶ Para uma fundamentação mais detalhada dessa escolha com referência a outros estudos que se utilizam do mesmo expediente, veja a seção pertinente no Capítulo 4, sobre metodologia.

¹⁴⁷ Cic. Att. 3, 15, 8 apresenta um *fac* seguido de cinco subjuntivos e alguns deles são ambíguos em relação a serem subordinados ou independentes. A fim de manter o mesmo método, eu contei cinco exemplares. Todavia, não contar todos, mas apenas um não mudaria o resultado: 56 em 65 ainda é 86%.

A diferença na distribuição é muito significativa¹⁴⁸ e mostra que o processo de generalização da conjunção continuou. Um olhar mais detido aos exemplares de Cícero é elucidativo: um processo de fossilização, já previsto em Terêncio, é maximizado e confirmado. Todos os exemplares justapostos têm *fac*, imperativo presente na 2ª p.s., como verbo principal. A coleção de formas justapostas de Cícero, feita por Patzner (1910), conta, em todas as cartas com exceção de *ad Atticum*, 28 verbos principais,¹⁴⁹ todos *fac*. Também consultei os *lexica* feitos por Merguet a partir dos discursos de Cícero (1877-1884) e das obras filosóficas (1887-1894). Lá encontramos apenas cinco usos justapostos de *facio*, quatro dos quais são com *fac* e um *facito*, ainda um imperativo.¹⁵⁰

Não só as possibilidades de verbos principais com justaposição foram restritas à forma mais antiga e frequente, mas também somente sobreviveram em expressões específicas. A fórmula de despedida *Fac ualeas meque mutuo diligas* é usada quatro vezes exatamente nessa forma, uma com algumas adições e uma com exclusão de palavra. Dos 49 subjuntivos justapostos na correspondência de Cícero, *ualeas* é usado nove vezes no total e *diligas*, sete. Ambos os subjuntivos são juntos 33% de todos os subjuntivos. Outros quatro subjuntivos estão na expressão *fac sis animo* + adjetivo; quatro *fac uenias*; três *fac habeas animum* (+ adjetivo); e três *fac sciam*. Isso significa que dos 49 subjuntivos, 30 (61%) se limitam a seis expressões com um elevado caráter formular, muitas das quais profundamente conectadas ao gênero epistolar. Essas distribuições provam que a justaposição com *fac* foi fossilizada como resultado de uma mudança histórica, enquanto que o uso com *ut* é ainda produtivo e usado com uma ampla gama de verbos principais e subordinados, embora imperativos ainda tenham certa preferência.¹⁵¹

¹⁴⁸ Como mostra um teste-z, a probabilidade de essa diferença ser estatisticamente significativa é maior do que 99,98%.

¹⁴⁹ Elas apresentam 40 verbos subordinados, um valor enviesado, já que a maioria são fórmulas de despedida com dois subjuntivos. Por conta disso, faço, por ora, a comparação com um método de contagem diferente.

¹⁵⁰ *facito*: S. Rosc. 74. *fac*: Verr. I, 51, Verr. II, 3, 154, Verr. II, 3, 157, nat. deor. 3, 6.

¹⁵¹ No *ad Atticum*, encontramos com *ut* os seguintes verbos principais (ordenados por morfologia): *fac*, *facito*, *faxint*, *facio*, *facit*, *faciunt*, *faciam*, *facies*, *facere*, *factum est*, *factum esset*, *faciendum erit*, *feci*, *fecit*.

5.3 Conclusão: o latim arcaico, entre a pré-história e o latim clássico

Em um período não registrado da língua latina, conforme defendem muitos estudiosos, a subordinação se desenvolveu de orações principais usadas independentemente que, apresentando-se justapostas, foram reanalisadas como uma subordinada à outra. Por conta da alta presença de imperativos de *facio* seguidos de subjuntivos tanto no latim arcaico como no clássico, a construção parece ter começado com essas formas e, então, generalizado a outras formas de verbos principais. O desenvolvimento de *ut* como uma conjunção é posterior e as distribuições de sua posição na oração em latim arcaico mostram que as construções originais com imperativo foram menos afetadas por sua difusão como conjunção de outros verbos principais.

O uso do verbo *facio* + subjuntivo com justaposição (36% dos exemplares) foi muito produtivo em Plauto e Terêncio (exemplares com *ut* eram 64%). A distribuição já evidencia que a disseminação da conjunção avançou.

Alguns critérios tipicamente usados nos estudos plautinos e terencianos, e também critérios morfossintáticos (esperados, dada a natureza do fenômeno) foram aplicados para se verificar se há regras subjacentes que regem a presença e ausência da conjunção.

Estes se mostraram irrelevantes: posição relativa dos verbos (subjuntivo antes ou depois do verbo principal), sexo e tipo de personagens, e tipo de verso (metro).

Alguns casos especiais foram apresentados e estudados: as expressões *facito* (*ut*) *cogites*, verbo *facio* + verbo *memini*, verbo *facio* + verbo *scio*. Nessas combinações, há considerável regularidade nas formas dos verbos principal e subordinado, e na posição dos verbos. Embora cada caso tenha suas particularidades, observa-se um caráter formular ou idiomático nessas combinações.

Um critério relevante estudado foi quando verbos principal e subordinado estão em versos diferentes. Nesse caso, a conjunção *ut* é preferida em Plauto e somente 18,75% são justapostos, o que pode ser explicado pelo fato de que, em Plauto, mudança de verso é uma quebra grande que requereria um maior grau de coesão entre as orações. Terêncio mostra distribuições similares seja quando os verbos estão no mesmo verso ou em diferentes.

A distância entre verbos principal e subordinado também se mostrou um fator relevante no uso da conjunção: sentenças com a conjunção apresentam maior distância média do que sentenças sem a conjunção.

Relevantes foram também os casos de prolepse e oração apositiva. No primeiro, o uso da conjunção é quase que completo (91% em Plauto). No segundo, como esperado, dado o caráter relacional de uma oração apositiva, a totalidade se apresenta com *ut*. É de se notar a prevalência dessas orações em latim arcaico: 59 dos 197 exemplares com *ut*, 30% de todos exemplares com conjunção.

O critério mais relevante foi morfológico. De todos os subjuntivos subordinados a alguma forma de *facio* em Plauto, 45% têm um verbo principal no imperativo e 54% deles estão em justaposição. Em Terêncio, 55% dos subjuntivos são regidos por um imperativo e 61% deles estão em justaposição. Essa diferença no uso da justaposição em ambos os autores não era relevante. No que se refere a formas não imperativas, parece haver uma mudança no uso da justaposição entre ambos os autores, mas a diferença é antes devido ao fato de que formas sigmáticas, usadas tipicamente em justaposição, estão morrendo. Excluindo-se formas sigmáticas, os dados não são determinantes, mas uma diferença é possível.

Então, mostrou-se que, além de preferir a construção justaposta mais arcaica, imperativos que usam *ut* têm-no em uma posição mais arcaica do que formas não imperativas. Imperativos apresentam 30% dos exemplares em posição conjuncional, enquanto que não imperativos, 52%. Isso também serve de evidência ao *status* mais arcaico dos imperativos seguidos de subjuntivo.

Dentre imperativos, *fac(e)* tem características especiais. Ele é o verbo principal de 22% dos exemplares de Plauto e de 38% dos de Terêncio, e parece haver mais uma mudança histórica do que apenas diferença estilística, especialmente no que se refere aos exemplares justapostos: *fac(e)* é o verbo principal em 39% das vezes em Plauto e 61% em Terêncio. A fim de argumentar a favor disso, forneci dados sobre Cícero.

A generalização da conjunção avançou e os únicos exemplares justapostos que permaneceram, em Cícero, têm *fac* como verbo principal, com uma exceção (*facito*). Além disso, a maioria dos exemplares são fórmulas epistolares ou expressões com um conjunto limitado de verbos subordinados, mostrando um claro estágio de fossilização da construção justaposta.

6 VERBO *UOLO*: ANÁLISES SINCRÔNICA E DIACRÔNICA

6.1 Visão geral quantitativa

A Tabela 6.1 resume a quantidade de todos os exemplares de complementação com subjuntivo do verbo *uolo*, organizados segundo a ausência ou presença da conjunção *ut*, em cada peça de Plauto. São apresentadas também as frequências relativas por peça. Ao final, temos os resultados totais.¹⁵²

Tabela 6.1 - Frequência de todas as ocorrências de complementação subjuntiva do verbo *uolo* em cada peça de Plauto de acordo com a ausência ou presença da conjunção *ut*

	Justaposto	Com <i>ut</i>	Total	J/T	ut/T
<i>Amphitruo</i>	1	3	4	25,00%	75,00%
<i>Asinaria</i>	2	1	3	66,67%	33,33%
<i>Aulularia</i>	2	2	4	50,00%	50,00%
<i>Bacchides</i>	4	2	6	66,67%	33,33%
<i>Captiui</i>	7	1	8	87,50%	12,50%
<i>Casina</i>	4	1	5	80,00%	20,00%
<i>Cistellaria</i>	1	1	2	50,00%	50,00%
<i>Curculio</i>	1	0	1	100,00%	0,00%
<i>Epidicus</i>	2	4	6	33,33%	66,67%
<i>Menaechmi</i>	2	1	3	66,67%	33,33%
<i>Mercator</i>	5	2	7	71,43%	28,57%
<i>Miles Gloriosus</i>	4	4	8	50,00%	50,00%
<i>Mostellaria</i>	3	2	5	60,00%	40,00%
<i>Persa</i>	3	3	6	50,00%	50,00%
<i>Poenulus</i>	14	2	16	87,50%	12,50%
<i>Pseudolus</i>	6	6	12	50,00%	50,00%
<i>Rudens</i>	5	3	8	62,50%	37,50%
<i>Stichus</i>	6	0	6	100,00%	0,00%
<i>Trinummus</i>	4	0	4	100,00%	0,00%
<i>Truculentus</i>	5	2	7	71,43%	28,57%
<i>Vidularia</i>	0	0	0	0,00%	0,00%
Total	81	40	121	66,94%	33,06%

Os resultados totais em Plauto foram os seguintes: 66,94% dos exemplares (81 de 121) apresentam justaposição, enquanto que, complementarmente, 33,06% (40 de 121) apresentam a conjunção *ut*.

¹⁵² A lista completa de quais versos foram considerados pode ser consultada no apêndice deste trabalho.

Dada a amostra de 121 exemplares, há 95% de probabilidade de a proporção da população (ou seja, do latim de Plauto como um todo) que apresenta *ut* estar no seguinte intervalo de confiança: entre 25,09% e 41,86%. Isso reforça a hipótese de Plauto como um todo e não somente nessas 21 peças preferir a complementação subjuntiva justaposta à com *ut*.

Olhando detidamente para os dados de cada uma das peças, vemos que *Vidularia* não apresentou nenhum exemplar, algo aceitável, dado o estado incompleto do texto. Por sua vez, uma análise dos números peça a peça não é muito interessante, visto que muitas delas apresentam pouquíssimos exemplares; somente a soma total traz um número significativo de exemplares. Ainda assim, é notável que, das 20 peças que apresentam algum dado, somente *Amphitruo* (25% de justaposição) e *Epidicus* (33,33% de justaposição) apresentam menos exemplares justapostos do que com *ut*.

Ao contrário do que vimos com o verbo *facio*, o verbo *uolo* prefere a justaposição em sete de dez exemplares, o que a princípio permitiria a conclusão de que o processo de generalização da conjunção *ut* não estava ocorrendo com o verbo *uolo*. A análise qualitativa permitirá que verifiquemos os contextos em que o *ut* é utilizado e se há alguma explicação para esse quadro.

Por sua vez, a Tabela 6.2 resume a quantidade de todos os exemplares de complementação com subjuntivo do verbo *uolo*, organizados segundo a ausência ou presença da conjunção *ut*, em cada peça de Terêncio. São apresentadas também as frequências relativas por peça. Ao final, temos os resultados totais.¹⁵³

Tabela 6.2 - Frequência de todas as ocorrências de complementação subjuntiva do verbo *uolo* em cada peça de Terêncio de acordo com a ausência ou presença da conjunção *ut*

	Justaposto	Com <i>ut</i>	Total	J/T	ut/T
<i>Adelphoe</i>	4	2	6	66,67%	33,33%
<i>Andria</i>	3	0	3	100,00%	0,00%
<i>Eunuchus</i>	2	1	3	66,67%	33,33%
<i>H(e)autontimorumenos</i>	4	0	4	100,00%	0,00%
<i>Hecyra</i>	4	1	5	80,00%	20,00%
<i>Phormio</i>	3	4	7	42,86%	57,14%
Total	20	8	28	71,43%	28,57%

¹⁵³ A lista completa de quais versos foram considerados pode ser consultada no apêndice deste trabalho.

Infelizmente, os dados de Terêncio são poucos, o que dificultará avaliá-los segundo critérios, pois os testes estatísticos funcionam melhor quanto mais dados há.

Dada a amostra de 28 exemplares, há 95% de probabilidade de a proporção da população (ou seja, do latim de Terêncio como um todo) que apresenta *ut* estar no seguinte intervalo de confiança: entre 13,62% e 47,09%. O intervalo é enorme devido à pequena quantidade da amostra, o que atrapalha a precisão do teste estatístico. Note-se, porém, que esse intervalo sugere a hipótese de que a distribuição de exemplares com *ut* é menor do que justapostos (95% de chance que se limite a 47% dos exemplares).

Vejamos agora na Tabela 6.3 os dados globais de ambos os autores, a fim de que os possamos comparar:

Tabela 6.3 - Distribuição dos complementos de *uolo* justapostos e com *ut* em Plauto e Terêncio

	Plauto		Terêncio		Total	
Com justaposição	81	66,94%	20	71,43%	101	67,79%
Com <i>ut</i>	40	33,06%	8	28,57%	48	32,21%
Total	121	100,00%	28	100,00%	149	100,00%

Apesar dos poucos exemplares de Terêncio, é notável que as distribuições totais são muito próximas das distribuições dos exemplares de Plauto. Na realidade, se aplicamos o teste-z, temos que não se pode rejeitar a hipótese de as distribuições serem iguais, ou seja, de a diferença (67% de justaposição em Plauto e 71%, em Terêncio) ser apenas variação amostral e, portanto, pertencerem à mesma população.

A conclusão inicial que essa tabela nos permite é que, em latim arcaico, o verbo *uolo*, diferentemente, como vimos, do verbo *facio*, utiliza, na construção com subjuntivo, preferencialmente a justaposição. São dois terços dos casos com justaposição e apenas um terço com *ut*. Somente a análise qualitativa permitirá que verifiquemos sob que condições essa preferência ocorre. Além disso, ao contrário de *facio*, o verbo *uolo* apresenta de modo produtivo a regência com oração infinitiva,¹⁵⁴ que pode estar concorrendo com a construção com subjuntivo, mas, não sendo esse tipo de complementação objeto de meu estudo, isso não poderá ser verificado de modo detalhado.

¹⁵⁴ Os exemplos do verbo *facio* regendo infinitivo são mínimos no *corpus* analisado. Não é utilizado em Plauto, com certeza. Em Terêncio, temos *Haut.* 31, *Eun.* 37, com o sentido de “representar numa peça”. No *ad Atticum*, de Cícero, encontramos *Att.* 7, 22, 2, *Att.* 12, 5, 1, *Att.* 14, 14, 2, com o sentido de “supor”. A lista talvez não seja exaustiva em Terêncio e *ad Atticum*, mas se houver algum mais, o número se limita a mínimas unidades.

6.2 Análise qualitativa

Como feito no capítulo relativo ao *facio*, após uma visão geral sobre o uso da estrutura no *corpus* em estudo, podemos agora, a partir dos critérios descritos, detalhar as análises. Em primeiro lugar, apresento uma subclasse que, por suas características próprias, analiso separadamente. Em seguida, os critérios que se mostraram irrelevantes à presença ou ausência da conjunção *e*, então, alguns casos especiais da construção, percebidos durante o trabalho com o *corpus*. Por fim, apresento os critérios relevantes.

Nas seções seguintes, eu sempre considerarei Plauto e Terêncio juntos, a menos que se diga o contrário. O motivo é que, como vimos na seção anterior, há somente 28 exemplares de Terêncio. Essa quantidade foi suficiente para a visão geral quantitativa, mas, quando critérios são aplicados, os subgrupos resultantes não têm o mínimo de exemplares requeridos para o bom funcionamento dos testes estatísticos, de modo que nenhuma análise pode ser generalizada.

6.2.1 Tipo *in responso*

Como dito, antes de seguirmos para as análises dos critérios, é necessário que consideremos um uso especial da construção, que demanda um tratamento separado. Vejamos os exemplos a seguir:

(1) *patruo aduenienti cena curretur uolo*. (Poen. 1151)

“Quero que uma janta seja preparada ao tio que está chegando.”

(2) [BAC] *ut ille te uideat uolo*. (Bacch. 77)

“Quero que ele te veja.”

Ambas as sentenças têm *uolo* (1ª p.s. presente do indicativo) como verbo principal. Ambos os verbos *curretur*, em (1), e *uideat*, em (2), estão no presente do subjuntivo e são núcleos de uma oração argumental de *uolo*. A única diferença é que o primeiro subjuntivo está justaposto ao verbo principal, enquanto que o segundo está mediado pela conjunção *ut*. Comparemos:

(3) [PAR] *numquid uis?* [PIS] *abeas*. (*Bacch.* 604)

“Quer algo? # Que você parta.”

(4) [...] [GYM] *numquid me uis?* [LENA] *ut ualeas*. [GYM] *uale*. (*Cist.* 119)

“Quer algo? # Que você vá bem. # Você também.”

Ambos os exemplos têm o verbo *uolo* numa pergunta e um subjuntivo na resposta de outro personagem. Devido à interrogativa e ao fato de que o verbo *uolo* pode ser seguido de subjuntivo, é de modo geral aceito que se supra o subjuntivo da resposta com um verbo principal: (3) [*uolo*] *abeas*; e (4) [*uolo*] *ut ualeas*.¹⁵⁵ Isso pode ser explicado, por exemplo, pela dependência pragmática entre ambos os enunciados (pergunta e resposta), já que a resposta é um diretivo em reação ao contexto precedente e não um novo movimento (RISSELADA, 1993, p. 142 ss.). Entretanto, deve-se notar que o subjuntivo da resposta é formalmente idêntico a um subjuntivo jussivo (deôntico)¹⁵⁶ independente, o qual pode ou não ser introduzido por *ut* (voltarei a isso mais à frente). Esse estatuto específico da construção é a primeira razão pela qual esse conjunto de exemplares deve ser tratado separadamente.

Em (3), o subjuntivo não tem a conjunção *ut* e é similar ao exemplo (1); em (4), o subjuntivo é introduzido pela conjunção *ut* e é similar ao exemplo (2). Embora similares, há diferenças significativas entre os grupos que esses exemplares representam. Enquanto que, em (3) e (4), o verbo principal está numa pergunta e o subjuntivo numa resposta de outro falante (*in responso*), em (1) e (2) o subjuntivo “segue” o verbo principal (*sequitur coniunctiuus*) sem mudança do turno de fala. A tabela seguinte apresenta os dados segundo essa classificação:

¹⁵⁵ Apresento exemplos de comentadores que assim sugerem. Duckworth (1940), comentando *Epid.* 463: “With *tramittas* and *accipias*, *uolo* is to be supplied.”. Em tradução: “Com *tramittas* e *accipias*, *uolo* deve ser suprido.”. Nutting (1908) sobre *Trin.* 192: “**Numquid uis?** regular formula preparatory to leave-taking. – **Cures:** connected with *uis*.”. Em tradução: “**Numquid uis?** fórmula regular preparatória para despedida. – **Cures:** conectado com *uis*.”. Além disso, estudos como os de Lodge (1971), McGlynn (1963-1967) e Bennett (1910-1914) também têm considerado a resposta como subordinada a um verbo principal suprido pelo contexto e assim também eu farei, em vez de simplesmente excluir esses exemplares do *corpus*.

¹⁵⁶ Repito a definição de deôntico: “three types of deontic use are distinguished: ‘commands’, ‘wishes’, and ‘concessions’.” (PINKSTER, 2015, p. 497). Em tradução: “três tipos de uso deôntico são distinguíveis: ‘comandos’, ‘desejos’ e ‘concessões’.”.

Tabela 6.4 - Distribuição da construção com e sem mudança de turno em latim arcaico

	<i>sequitur coniunctiuus</i>		<i>in responso</i>		Total	
Com justaposição	93	81,58%	8	22,86%	101	67,79%
Com <i>ut</i>	21	18,42%	27	77,14%	48	32,21%
Total	114	100,00%	35	100,00%	149	100,00%

Os números para cada caso são opostos: por volta de quatro quintos dos exemplares são justapostos quando não há mudança de turno, enquanto somente um quinto é justaposto quando o subjuntivo está na resposta.¹⁵⁷ Essa diferença extrema também corrobora um tratamento separado para cada caso. Por sua vez, o tipo *in responso* tem somente 35 exemplares e qualquer subgrupo seria insuficiente para uma análise estatística apropriada. Ainda assim, alguns fatos podem ser explorados.

O tipo *in responso* é profundamente formular, já que a maioria das perguntas é uma variação da fórmula de início de despedida *numquid uis?*.¹⁵⁸ Seis dos oito exemplares justapostos tomam a fórmula (total de cinco perguntas). Os outros dois são do tipo *quid uis?* (veja exemplos desse tipo em (5) e (6) abaixo), o qual, apesar de não ter o mesmo significado e uso, está relacionado a *numquid uis?*.¹⁵⁹ Dos 27 exemplares com *ut* (24 perguntas), 15 (55,6%) têm a fórmula, seis têm *quid uis?*, um *quid uelim?* (no contexto, uma paráfrase da fórmula), dois exemplares estão respondendo à interrogativa indireta *nisi dicis quid uelis*, e três respondendo sentenças diversas: *sed quid <est quod> uolt me facere?*, *sed scin quid nos uolumus?*, e *sed scin quid est quod te uolo?*. A conclusão é que a maioria dos exemplares do tipo *in responso* respondem ou à fórmula de início de despedida ou a uma pergunta com uma construção similar.

(5) [...] [BAL] *fabulor. quid uis tibi?*

[HAR] *argentum accipias. [...]* (*Pseud.* 1147-1148)

“Estou falando. O que você quer para você? # Que você receba o dinheiro.”

(6) [...] [STA] *quid uis? [STRO] hos ut accipias coquos*

tibicinamque obsoniumque in nuptias. (*Aul.* 351)

¹⁵⁷ Como mostra um teste-z, a probabilidade de essa diferença ser estatisticamente significante é maior do que 99,99%.

¹⁵⁸ Tais variações são *numquid me uis?*, *numquid me aliud uis?*, além de versões sucintas como *numquid me?* e *numquid aliud?*. Embora o verbo não esteja explícito nesses últimos casos, o caráter altamente formular da construção permite-nos supri-lo.

¹⁵⁹ Veja Pinkster (2015, p. 328-330).

“O que você quer? # Que você receba estes cozinheiros, a flautista e as provisões para as núpcias.”

Risselada (1993, p. 147) oferece uma descrição sincrônica da fórmula *numquid uis?* que pode ser estendida para o conjunto do tipo *in responso*. Ao comparar respostas diretivas feitas por subjuntivos e por imperativos, ela entende que, enquanto imperativos numa resposta à fórmula são sintaticamente independentes do enunciado anterior, o subjuntivo com *ut* demonstra claramente dependência sintática, diferentemente dos subjuntivos sem *ut*. Assim, “The subjunctive without *ut* occupies in these cases an intermediary position between syntactic dependency (*ut* plus subjunctive) and syntactic independency (the imperative).”¹⁶⁰ (RISSELADA, 1993, p. 147). Essa visão explica, de certo modo, a controvérsia encontrada na literatura sobre empregar ou não o termo *parataxe* para se referir à construção justaposta.¹⁶¹

Embora essa descrição seja acurada na perspectiva sincrônica, ela não é capaz de explicar a Tabela 6.4. Se, por conta da dependência pragmática, pode-se claramente suprir um verbo principal ao verbo subjuntivo, por que o tipo *in responso* apresenta uma distribuição de orações com e sem *ut* tão diferente daquela do tipo *sequitur coniunctiuus?*

Uma ideia possível é que a subordinação ao verbo principal suprido pelo contexto pode ser fracamente percebida devido à mudança de falante, de modo que o subordinador *ut* é preferido para enfatizar a dependência sintática e, em consequência, a necessidade de a audiência pressupor esse verbo principal.

Por outro lado, pode-se supor que a origem da construção *in responso* difere em parte do desenvolvimento histórico da construção em que ambos os verbos estão no mesmo enunciado.

Estudiosos, em geral, acreditam, como já dito em outros capítulos, que, no período pré-histórico da língua latina, não havia marcação de hipotaxe, mas somente parataxe. A hipotaxe do período atestado teria se desenvolvido do uso paratático. Podemos assumir que essas respostas foram, em algum momento, subjuntivos independentes que, quando a hipotaxe se desenvolveu, passaram a ser percebidos como subordinados ao verbo principal suprido pelo contexto. Entretanto, os dados do latim

¹⁶⁰ Em tradução: “O subjuntivo sem *ut* ocupa nesses casos uma posição intermediária entre a dependência sintática (*ut* mais subjuntivo) e independência sintática (imperativo).”

¹⁶¹ Veja o Capítulo 3, no qual essa controvérsia é ilustrada e discutida. Patzner (1910) defende a mesma ideia de que o subjuntivo sem *ut* ocupa uma posição sintática intermediária.

arcaico oferecidos por Bennett indicam que a maioria dos subjuntivos independentes não apresenta nenhuma partícula, de modo que a preferência por se usar *ut* ainda não está explicada de modo satisfatório.¹⁶²

Uma possibilidade está no uso relativo das orações com *ut*, por meio do qual a oração com *ut* está em aposição a um nome ou pronome.¹⁶³ De fato, todos os casos do tipo *in responso* (seja com ou sem *ut*) apresentam, na pergunta, um dos seguintes pronomes: *(num)quid*, *quod*, *aliud*. A resposta é sempre uma oração sintaticamente equivalente a ele e, como uma consequência semântica, ela completa o conteúdo em branco da referência do pronome interrogativo. Pragmaticamente, uma pergunta é um enunciado que demanda informação e isso é formalmente expresso por um pronome interrogativo, cuja referência é esperada na resposta. A resposta preenche a demanda pragmática, fornecendo informação, e o faz formalmente usando uma oração que será relacionada ao pronome interrogativo, por causa do *ut*. A busca por clareza é mais bem alcançada usando a oração com *ut*, de modo que ela se tornou mais usada do que a resposta sem *ut*.

6.2.2 Critérios que não afetam o uso da conjunção

Nesta seção, apresento critérios que foram testados, mas cujos resultados não foram estatisticamente significantes.

Testei se os dois tipos descritos acima (*in responso* e *sequitur coniunctiuus*) têm diferenças na posição do *ut*. Como vimos no capítulo anterior, há quatro posições possíveis:

Posição 1: *uolo* [*ut*] -----[subj.]-----: posição conjuncional

Posição 2: *uolo* -----[*ut*]-----[subj.]-----: posição conjuncional intermediária

¹⁶² Por exemplo, ele declara que, em latim arcaico (incluindo outros textos além da comédia), o subjuntivo jussivo independente no presente sem nenhuma partícula introdutória tem mais de 100 exemplares na segunda pessoa singular, mais de 100 na terceira pessoa singular (e mais nas outras pessoas), enquanto que menos de 30 exemplares apresentam uma partícula introdutória (dez com *ut*) (BENNETT, 1910-1914, v. 1, p. 162-166). Quanto aos usos volitivos (p. 191-196), há mais de 160 verbos no subjuntivo presente sem nenhuma partícula introdutória, mas ele somente oferece alguns exemplos daqueles subjuntivos com uma partícula (mais de 40 no total, dos quais 15 são introduzidos por *ut*), de modo que os números totais não são claros e uma boa comparação não pode ser feita. Ainda assim, parece claro que a regra geral era a ausência de qualquer partícula introduzindo subjuntivos independentes.

¹⁶³ Por exemplo, *Rud.* 768 *immo hasce ambas hic in ara ut uiuas comburam, id uolo*. “Não, queimar essas duas vivas aqui no altar, isso é que eu quero.”. O verbo principal *uolo* tem como objeto acusativo o pronome *id*, o qual é equivalente (ao estar em aposição) à oração com *ut* com o subjuntivo *comburam*.

Posição 3: *uolo* -----[*ut* subj.]-----: posição adverbial (pré-verbal)

Posição 4: *uolo* [*ut* subj.]-----: ambíguo (embora ainda pré-verbal)¹⁶⁴

Para as necessidades deste estudo, basta considerarmos juntas as Posições 1 e 2 (Posição Conjuncional) e as Posições 3 e 4 (Posição Adverbial).

Tabela 6.5 - Posição da conjunção para os tipos *in responso* e *sequitur coniunctiuus*

	<i>seq. coniunctiuus</i>		<i>in responso</i>		Total	
Posição 1	11	52,38%	13	48,15%	24	50,00%
Posição 2	10	47,62%	14	51,85%	24	50,00%
Total	21	100,00%	27	100,00%	48	100,00%

O tipo *in responso* tem 13 exemplares de um total de 27 (48%) na posição conjuncional e o tipo *sequitur coniunctiuus*, 11 de 21 (52%). Embora consideremos que os dados não numerosos prejudiquem o bom funcionamento do teste estatístico, a aplicação de um teste-z indica que essa diferença não é significativa (apenas 71% de probabilidade).

A discussão a seguir considera somente o tipo *sequitur coniunctiuus*, a menos que se declare o contrário.

Um critério estudado é a posição relativa entre verbo subordinado e principal.

Tabela 6.6 - Posição relativa dos verbos em latim arcaico

	<i>ante</i>		<i>post</i>		Total	
Com justaposição	31	83,78%	62	80,52%	93	81,58%
Com <i>ut</i>	6	16,22%	15	19,48%	21	18,42%
Total	37	100,00%	77	100,00%	114	100,00%

De 37 exemplares em que o verbo subordinado está antes do verbo principal, 31 estão justapostos (84%), enquanto que, de 77 exemplares em que o verbo subordinado está depois do verbo principal, 62 estão justapostos (81%). Novamente, um teste-z indica que essa diferença não é significativa (apenas 66% de probabilidade).

¹⁶⁴ Apresento alguns exemplos ilustrativos: Posição 1: Aul. 743 *at ego deos credo uoluisse ut apud me te in neruo enicem*. Posição 2: Cas. 828 *id uolunt, haec ut infecta faciant*. Posição 3: Pseud. 921-2 *dum ille dormit, uolo / tu prior ut occupes adire*. Posição 4: Rud. 961 *uolo ut dicas*.

Um critério típico dos estudos plautinos é o métrico.¹⁶⁵ Um fato linguístico não marcado teria uma distribuição de 3:1 em *cantica* (versos líricos e longos) e *deuerbia* (senário jâmbico). Se a frequência em *cantica* é maior do que 75%, esse fato seria de registro elevado e normalmente uma forma mais arcaica, e o contrário se a frequência em *deuerbia* for maior do que 25%.

Tabela 6.7 - Distribuição em Plauto segundo o critério métrico, tipo *sequitur coniunctiuus*

	Com justaposição		Com <i>ut</i>		Total	
<i>cantica</i>	53	71,62%	10	66,67%	63	70,79%
<i>deuerbia</i>	21	28,38%	5	33,33%	26	29,21%
Total	74	100,00%	15	100,00%	89	100,00%

Em Plauto, 72% dos exemplares justapostos estão em *cantica* (53 de 74), enquanto que 67% dos exemplares com *ut* estão em *cantica* (10 de 15). Mesmo se considerarmos todos os exemplares de Plauto (ambos os tipos), os resultados não são significantes (68% de exemplares justapostos em *cantica*, contra 65% com *ut*):

Tabela 6.8 - Distribuição em Plauto segundo o critério métrico, ambos os tipos

	Com justaposição		Com <i>ut</i>		Total	
<i>cantica</i>	55	67,90%	26	65,00%	81	66,94%
<i>deuerbia</i>	26	32,10%	14	35,00%	40	33,06%
Total	81	100,00%	40	100,00%	121	100,00%

Em ambos os casos, essa técnica exclusiva a Plauto indicaria que as distribuições são algo próximo da proporção não marcada.

Podemos também testar se a métrica é relevante ao latim arcaico usando não esta técnica, mas a que aplicamos aos outros critérios. A distribuição de exemplares em *cantica* e *deuerbia* é exatamente a mesma no tipo *sequitur coniunctiuus*, 82%.

Tabela 6.9 - Distribuição em latim arcaico segundo métrica

	<i>cantica</i>		<i>deuerbia</i>		Total	
Com justaposição	62	81,58%	31	81,58%	93	81,58%
Com <i>ut</i>	14	18,42%	7	18,42%	21	18,42%
Total	76	100,00%	38	100,00%	114	100,00%

¹⁶⁵ Para mais detalhes, veja o Capítulo 4, sobre metodologia.

Outra análise comum nos estudos plautinos e terencianos se relaciona ao sexo do personagem que produz o enunciado.

Tabela 6.10 - Distribuição segundo sexo do personagem

	Masculino		Feminino		Total	
Com justaposição	82	80,39%	11	91,67%	93	81,58%
Com <i>ut</i>	20	19,61%	1	8,33%	21	18,42%
Total	102	100,00%	12	100,00%	114	100,00%

Personagens masculinos fornecem 102 exemplares, 82 justapostos (80%). Personagens femininas fornecem somente 12, 11 justapostos (92%). A quantidade de exemplares femininos é pequena demais para o uso adequado do teste-z. Ainda assim, as porcentagens são próximas o suficiente para sugerir que sexo do personagem não é significativo.

Tipo de personagem pode causar diferenças no uso da língua também. Apresento os dados dos exemplares justapostos dos únicos três tipos de personagens que têm dados o suficiente e, então, os outros tipos todos juntos. Por questão de espaço, precisei dividir a tabela em duas. Para ficar claro, o Total se refere à soma de *adulescens*, *senex*, *seruus* e os restantes.

Tabela 6.11 - Dados separados por tipo de personagem

	<i>adulescens</i>		<i>senex</i>		<i>seruus</i>	
Com justaposição	17	94,44%	23	76,67%	23	76,67%
Com <i>ut</i>	1	5,56%	7	23,33%	7	23,33%
Total	18	100,00%	30	100,00%	30	100,00%

	Restantes		Total	
Com justaposição	30	83,33%	93	81,58%
Com <i>ut</i>	6	16,67%	21	18,42%
Total	36	100,00%	114	100,00%

O tipo *adulescens* tem 94% de justaposição, o tipo *senex* tem 77%, o tipo *seruus* também tem 77% e os restantes juntos têm 83%. Nenhum dos tipos se distingue de modo estatisticamente significativo dos outros.

Por fim, dois critérios não puderam ser testados de modo apropriado por conta da pequena quantidade de dados das subcategorias: somente cinco exemplares quando verbo principal e subordinado têm o mesmo sujeito (o que é compreensível, já que o verbo *uolo* tem outra estrutura para expressar isso), e somente sete exemplares têm o verbo subordinado em um verso diferente daquele do verbo principal.

6.2.3 Alguns casos especiais

Por conta da idiossincrasia da construção e sua quantidade, que poderia enviesar os dados, já tratei do caso especial *in responso* antes de fazer as análises dos critérios. Apresento agora alguns outros casos que merecem destaque.

Aquele que considero, pessoalmente, muito interessante se apresenta em três exemplares. Traduzo somente o trecho relevante.

- Capt.* 383   *qui hinc ad se ueniat. [TYN] ergo animum **aduortas uolo** quae nuntiare hinc te uolo in patriam ad patrem.*
 “Então, quero que você preste atenção no que eu quero que você anuncie ao meu pai em casa daqui.”
- Capt.* 388   *[TYN] facis ita ut te facere oportet. nunc animum **aduortas uolo**:*
 “Agora, quero que você preste atenção:”
- Capt.* 430   *et, quo minus dixi quam uolui de te, animum **aduortas uolo**,*
 “e, como eu disse menos do que queria sobre você, quero que você preste atenção”

Os três versos contêm a mesma expressão *animum aduortas uolo*, colocadas na mesma posição de verso, o que nos relembra uma fórmula, ainda que esses sejam os únicos exemplares. Busquei na ferramenta Diogenes o sintagma *aduortas uolo* em todo o *corpus* latino e só aparecem esses três exemplares. A forma modernizada *aduertas uolo* (nessa ordem) não aparece também.

Embora a expressão esteja no fim de verso, os metros são diferentes: senário jâmbico em *Capt.* 383 e setenário trocaico em *Capt.* 388 e *Capt.* 430.

Notável é que as três expressões são ditas pelo mesmo personagem *Tyndarus*, um escravo prisioneiro de guerra, filho de um homem livre. As duas primeiras ocorrências estão muito próximas no texto.

Caso já não exista, seria muito interessante um breve estudo sobre as consequências poéticas e dramáticas do uso da fórmula pelo personagem e da mudança de metro. Todavia, não sendo o objetivo de meu estudo, reservo-me a comentar que a expressão utiliza a justaposição, embora *uolo* possa ser completado por *ut* + subjuntivo.

Outro caso especial é o do sintagma *uis/uin dicam*. Vejamos todos os exemplares:

Plauto (somente Justaposição)

- Epid.* 19 [THES] *quid tibi uis dicam nisi quod est?* [...] “O que você quer que eu te diga a não ser os fatos?”
- Merc.* 722 [LYN] *uin dicam quonia est?* [...] “Você quer que eu diga de quem ela é?”
- Merc.* 728 [LYS] *illast – etiam uis nomen dicam?* [...] “Ela é – ainda quer que eu diga o nome?”
- Mil.* 300 [...] [SCE] *quid tibi uis dicam nisi quod uiderim?* “O que você quer que eu diga a não ser o que eu vi?”
- Poen.* 439 *ita me di amabunt – uin bona dicam fide?* “Assim os deuses me amarão – você quer que eu diga em boa-fé?”
- Pseud.* 522 [PSEV] *uin etiam dicam quod uos magis miremini?* “Você quer que eu diga algo com que vocês se surpreendam?”
- Stich.* 115 [...] [PAN] *quid uis tibi dicam, pater?* “O que você quer eu te diga, pai?”

Terêncio (somente Justaposição)

- Andr.* 708 [...] [CHA] *uerum uis dicam?* [...] “Você quer que eu diga a verdade?”
- Haut.* 818 [CLIT] *quid igitur dicam tibi uis?* [...] “Então, o que você quer que eu te diga?”
- Hec.* 436 [...] [PAR] *quid uis dicam?* [...] “O que você quer que eu diga?”

Notemos que todos os dez exemplares são perguntas¹⁶⁶ e que *dicam* só aparece anteposto a *uis* em um caso. Mais importante, não há nenhum exemplar dessa combinação com *ut*.

Outra combinação com certa recorrência é *uis/uin faciam*. Vejamos todos os exemplares.

Plauto (somente Justaposição)

- Asin.* 647 [LEO] ***uin faciam*** *ut me Philaenium praesente hoc amplexetur?*
 “Você quer que eu faça Filênio me abraçar, estando ele presente?”
- Capt.* 858 ***uin*** *te faciam fortunatum?* [...]
 “Quer que eu te faça feliz?”
- Merc.* 158 [...] [ACAN] *quid uis faciam?* [...]
 “O que você quer que eu faça?”
- Mil.* 335 ***uin*** *iam faciam uti stultiuidum te fateare?* [...]
 “Você quer que eu faça com que você admita ver as coisas de um modo tolo?”
- Pseud.* 324 [BAL] *immo uin etiam te faciam ex laeto laetantem magis?*
 “E mais, você quer ainda que eu te faça de alegre para mais alegre?”

Terêncio (somente Justaposição)

- Eun.* 1054 [...] [GNA] *quid uis faciam?* [...]
 “O que você quer que eu faça?”
- Haut.* 846 [CHR] *cedo, quid uis faciam?* [...]
 “Diz, o que você quer que eu faça?”

São sete exemplares, novamente todos são perguntas e não há, nessa combinação, uso do *ut*.

Por fim, temos a combinação *ueniat uelim*. Vejamos todos os exemplares:

Plauto (somente Justaposição)

- Aul.* 670 *nimis hercle ego illum coruom ad me ueniat uelim*
 “Eu gostaria demais que aquele corvo viesse a mim”

¹⁶⁶ Veremos à frente que o tipo de sentença, no caso, interrogativa, é um dos elementos que influenciam a justaposição.

- Cas. 559*   *nunc ego illum nihili, decrepitum meum uirum ueniat uelim,*
 “Eu queria que aquele meu marido inútil e decrepito viesse agora”
- Most. 1074*   [...] [THEO] *nunc ego ille huc ueniat uelim.*
 “Agora eu gostaria que ele viesse para cá.”
- Poen. 1288*   *sed mea amica nunc mihi irato obuiam ueniat uelim*
 “Mas agora gostaria que minha namorada viesse ao encontro de mim, que estou bravo.”
- Pseud. 1061*   *nunc ego Simonem mi obuiam ueniat uelim*
 “Agora eu gostaria que Simo viesse ao meu encontro”

De novo, uma expressão de caráter formular. A posição relativa dos verbos é sempre a mesma e a combinação sempre está no final de verso; essa posição fixa relativiza o argumento de que a justaposição ocorre nesses casos somente porque *uelim* quase sempre é seguido por justaposição (como veremos) e favorece as conclusões que teço no próximo parágrafo. Adiciono que em *Poen. 1288* e *Pseud. 1061* a fórmula pode ser vista ampliada como *mi(hi) [...] obuiam ueniat uelim*.

As três expressões juntas, *uis/uin dicam*, *uis/uin faciam* e *ueniat uelim*, compõem 22 exemplares. Isso significa que, do total de 114 exemplares do tipo *sequitur coniunctiuus*, 19% são apenas essas três combinações. Essa abundância pode ser, em parte, explicada pelo fato de os textos serem peças de teatro: sempre há alguém perguntando o que um outro quer que se diga, o que um outro quer que se faça, e para onde se quer que alguém vá. Ainda assim, não se pode ignorar a parte linguística do fenômeno: temos expressões fixas, algumas com posição determinada no verso, que mantêm a justaposição, uma forma mais arcaica da subordinação. Do mesmo modo que ocorreu com o verbo *facio*, expressões de alta frequência, como *fac* + subjuntivo e como essas que comento agora, podem ter a tendência de serem conservadoras, resultando em construções fossilizadas.

6.2.4 Critérios relevantes para o uso da conjunção *ut* com o verbo *uolo*

Um critério que pode ser considerado relevante para a presença e ausência da conjunção *ut* na complementação de subjuntivo de *uolo*, em latim arcaico, é a distância entre os verbos principal e subordinado. A lógica por trás disso, como comentado no capítulo anterior, seria a de que, quando dois verbos conectados estão distantes um do

outro, mais elementos coesivos poderiam ser usados para garantir que eles sejam lidos juntos. Para medir isso, eu contei as palavras entre os verbos, excluindo a conjunção *ut*. Os dados do verbo *uolo*¹⁶⁷ mostram que maiores distâncias entre os verbos se constroem com a conjunção. A distância média entre um subjuntivo justaposto e qualquer forma do verbo *uolo* é de 0,91 palavra com um desvio padrão de 1,49, e, para a construção com *ut*, a média é de 2,0 palavras com desvio padrão de 3,24.¹⁶⁸ Essa diferença ocorre devido ao fato de a distribuição de exemplares justapostos ser muito enviesada: 56 exemplares justapostos apresentam nenhuma palavra entre os verbos e 14 com apenas uma palavra, de um total de 93 exemplares, enquanto que a “curva” de exemplares com *ut* é mais bem distribuída.¹⁶⁹

Um critério inesperado foi o tipo de sentença,¹⁷⁰ o qual, por sua vez, tem grande correlação com o critério seguinte, a morfologia do verbo principal. Embora Bennett (1910-1914, v. I, p. 216) agrupe num mesmo item as formas *uis*, *uin*, *uisne* e *uoltisne*, ele não ressalta o fato de que elas são usadas principalmente em perguntas, *i.e.* sentenças interrogativas.¹⁷¹ As teorias que consideram tipo de sentença como um nível

¹⁶⁷ Continuo somente considerando o tipo *sequitur coniunctiuus*, como informado anteriormente.

¹⁶⁸ Como mostra um teste-t, a probabilidade de a diferença entre as médias ser estatisticamente significativa é maior do que 99%.

¹⁶⁹ O eixo vertical representa o número de exemplares, enquanto que o eixo horizontal a distância entre os verbos principal e subordinado, medida em quantidade de palavras. Chamo a atenção ao fato de que o eixo horizontal dos gráficos não segue uma escala linear e que isso não interfere no ponto do argumento.

¹⁷⁰ O termo mais comum na nomenclatura gramatical em português é “tipos de frase”. Veja, por exemplo, a gramática de Rocha Lima (2014, p. 286).

¹⁷¹ Uma exceção é *Ad. 138: unum uis curem: curo*. Bennett também declara que essas formas só são usadas com justaposição, enquanto que eu considerei também *Asin. 720* e *Phorm. 322* (este último contado como três exemplares, já que há três subjuntivos) como exemplares com *ut*. Ainda assim, tais diferenças não alteram as conclusões gerais.

diferente de análise são relativamente recentes, mas têm sido usadas extensivamente em estudos da língua latina.¹⁷² A tabela a seguir mostra os resultados.

Tabela 6.12 - Dados de *uolo* em sentenças interrogativas

	Interrogativa		Outros tipos		Total	
Com justaposição	45	93,75%	48	72,73%	93	81,58%
Com <i>ut</i>	3	6,25%	18	27,27%	21	18,42%
Total	48	100,00%	66	100,00%	114	100,00%

Ressalto que dos 114 exemplares, 48 são interrogativas, ou seja, 42% dos exemplares, um número muito alto, indicando certa especialização da construção *uolo* + subjuntivo.¹⁷³

Sentenças interrogativas, portanto, tomam o subjuntivo sem subordinador mais do que outros tipos de sentença.¹⁷⁴ Todavia, essas interrogativas não são simplesmente perguntas.¹⁷⁵ A construção de *uolo* + subjuntivo geralmente expressa um valor deôntico.¹⁷⁶ Os exemplos a seguir ilustram isso com a força diretiva claramente expressa pela resposta do segundo personagem, a qual tem por base um imperativo (ressaltado nos exemplos em negrito).

Capt. 360   [...] ***uin uocem huc ad te?*** [TYN] ***uoca.***
 “Você quer que eu o chame aqui até você? # Chama!”

¹⁷² Por exemplo, Pinkster (2015).

¹⁷³ Lembremos sempre que essa construção concorre com a complementação com infinitivo, a qual pode ter outro comportamento. Uma pesquisa similar considerando essa complementação ainda precisa ser feita e seus resultados comparados com os aqui apresentados.

¹⁷⁴ Como mostra um teste-z, a probabilidade de essa diferença ser estatisticamente significativa é maior do que 99%.

¹⁷⁵ Pinkster oferece detalhes de como isso funciona: “The basic illocutionary force of interrogative sentences is [...] a request for information. In this respect, a question differs from an order, which is a request to act or behave in a certain way.” (PINKSTER, 2015, p. 315). “Second person questions are normally a request for information [...]. They usually contain the particle *-ne*. However, quite often they have an indirect exclamatory or directive illocutionary force. [...] Also questions with *num* + *quis* (indefinite pronoun) are usually a request for information.” (PINKSTER, 2015, p. 343). Em tradução: “A força ilocucionária básica de sentenças interrogativas é [...] um pedido por informação. Nesse sentido, uma pergunta difere de uma ordem, a qual é um pedido para agir ou se comportar de uma certa maneira. [...] Perguntas em segunda pessoa são normalmente um pedido por informação [...]. Elas geralmente contêm a partícula *-ne*. Todavia, muito frequentemente, elas têm uma força ilocucionária indireta, quer exclamativa, quer diretiva [de ordem]. [...] Também perguntas com *num* + *quis* (pronome indefinido) são geralmente um pedido por informação.”.

¹⁷⁶ Repito a definição de deôntico: “three types of deontic use are distinguished: ‘commands’, ‘wishes’, and ‘concessions’.” (PINKSTER, 2015, p. 497). Em tradução: “três tipos de uso deôntico são distinguíveis: ‘comandos’, ‘desejos’ e ‘concessões’.”.

- Mil. 335*   *uin iam faciam uti stultiuidum te fateare?* [SCE] *age face.*
 “Você quer que eu faça com que você admita ver as coisas de um modo tolo? # Sim, faz!”
- Most. 578*   [MIS] *quid tibi ego morem uis geram?* [TRA] *abi quaeso hinc domum.*
 “Como você quer que eu adeque minha conduta? # Saia daqui para casa, por favor.”

Esse tipo de pergunta, portanto, também tem uma ordem implícita, sendo, além de uma pergunta, um tipo de diretivo indireto. Uma sentença interrogativa demanda uma informação; uma sentença diretiva demanda uma ação; nesses casos, demanda-se uma informação sobre qual ação tomar.

O que precisa ser explicado é por que os outros tipos de sentença apresentam uma quantidade elevada de complementação introduzida por *ut*. A resposta, creio, está no próximo critério a ser discutido, a morfologia do verbo principal. Na tabela acima, dos 18 exemplares com *ut* em sentenças não interrogativas, 12 têm o verbo *uolo* como principal, o qual, como veremos, em latim arcaico, apresenta mais o *ut* do que outros verbos principais. Desse modo, as conclusões precisam ser relativizadas, por conta da intersecção entre os dois critérios.

Conforme adiantei, assim como aconteceu com o verbo *facio*, um critério muito importante para a presença e ausência da conjunção foi a morfologia do verbo principal. Diferentemente de *facio*, o verbo *uolo* admite não somente uma oração subjuntiva como argumento, mas também o simples infinitivo ou a construção de acusativo com infinitivo. Embora todas essas possibilidades de argumento oracional compitam, elas são usadas diferentemente.

O complemento com infinitivo não será discutido aqui em detalhe. É suficiente declarar que, em latim arcaico, essa construção é usada muito mais do que o subjuntivo e pode ser usada com muitas formas de *uolo*, quer as do *infectum* quer as do *perfectum*.¹⁷⁷ Quando consideramos somente a complementação com subjuntivo, a variedade de verbos principais é reduzida ao seguinte. Com subjuntivo justaposto, encontramos *uolo* (27), *uelim* (17), *uin* (22), *uis* (17), *uisne* (4), *uellem* (4), *uoltis* (2). Com *ut*, encontramos *uolo* (12), *uis* (4), *uoltis* (2), *uelim* (1), *uoluisse* (1), *uolunt* (1).

Esses dados também podem ser considerados do seguinte modo. Vejamos:

¹⁷⁷ Veja Lodge (1971), McGlynn (1963-1967) e Bennett (1910-1914, v. I, p. 381 ss., 399 ss.).

Tabela 6.13 - Formas de *uolo* mais usadas como verbos principais

	<i>uin, uis, uisne</i>		<i>uolo</i>		<i>uelim</i>	
Com justaposição	43	91,49%	27	69,23%	17	94,44%
Com <i>ut</i>	4	8,51%	12	30,77%	1	5,56%
Total	47	100,00%	39	100,00%	18	100,00%

De todos os 114 exemplares em que o verbo *uolo* é seguido por subjuntivo (tipo *sequitur coniunctiuus*), 47 (41%) têm como verbo principal a 2ª pessoa do singular *uin*, *uis*, *uisne*, 39 (34%) têm como verbo principal a forma *uolo* e 18 (16%) têm *uelim*. Esse conjunto limitado de verbos principais corresponde a 91% de todos os exemplares, indicando que o verbo *uolo* com uma oração argumental de subjuntivo, já em latim arcaico, era muito especializado e não podia ser usado livremente.¹⁷⁸

É notável que a forma *uolo* (1ª p.s. presente do indicativo) é a única que tem uma quantidade considerável de exemplares com *ut*. A tabela a seguir a compara com todas as outras formas do verbo *uolo* juntas.

Tabela 6.14 - Complementação de subjuntivo da forma *uolo* comparada com todas as outras

	<i>uolo</i>		Outras formas		Total	
Com justaposição	27	69,23%	66	88,00%	93	81,58%
Com <i>ut</i>	12	30,77%	9	12,00%	21	18,42%
Total	39	100,00%	75	100,00%	114	100,00%

A diferença de distribuição entre o uso do subjuntivo justaposto com a forma *uolo* como verbo principal e as outras formas juntas se mostra significativa.¹⁷⁹ Todavia, nem Durham nem Bennett oferecem qualquer explicação para isso, uma vez que, como já citado, eles consideram que

[the] presence or absence [of *ut*] as a special sign of subordination in a substantive clause is immaterial to the question of coordination or

¹⁷⁸ Outra evidência disso é oferecida por uma citação a Morris encontrada no comentário de Lindsay (1900, p. 212) a *Capt.* 360: “**Vin uocem.** ‘This paratactic construction is used 23 times in Plaut. (*Capt.* 858, *Pseud.* 324, 522, &c.), always with 1st pers., while *uin me facere* is used only three times.’”. Em tradução: “**Vin uocem.** ‘Esta construção paratática é usada 23 vezes em Plauto (*Capt.* 858, *Pseud.* 324, 522 etc.), sempre com 1ª pessoa, enquanto que *uin me facere* é usado somente três vezes.’”. A mesma informação sobre os infinitivos é dada por Hammond, Mack & Moskalew (1970), quando eles comentam *Mil.* 458. Portanto, embora em geral mais frequente, mesmo a construção com infinitivo era restrita em alguns contextos.

¹⁷⁹ Como mostra um teste-z, a probabilidade de essa diferença ser estatisticamente significativa é maior do que 99%.

subordination between the parts. [...] The original difference between *volo abeas* and *volo ut abeas* must have been approximately that between ‘I want you to go away’ and ‘I want you just to go away’. (DURHAM, 1901, p. 7).¹⁸⁰

Vamos, como eles, pressupor por um momento essa diferença de ênfase, a qual é impossível de ser verificada, já que nenhum falante pode nos assegurar tal fato e nenhum texto, até onde eu sei, parece sugerir isso de modo convincente. Podemos ver que, enquanto a forma *uolo* está no indicativo e é usada em sentenças afirmativas,¹⁸¹ todos os outros verbos principais mais relevantes (e que são usados mais sem *ut*) ou estão no subjuntivo ou são usados em sentenças interrogativas. Ambas são formas de atenuar a força diretiva da construção, *i.e.* formas de tornar as ordens menos diretas, o que se correlacionaria com o fato de a ausência de *ut* tornar o enunciado mais brando.

Todavia, considerando que tal afirmação sobre o efeito semântico de *ut* não pode ser confirmada, não pude encontrar nenhuma explicação robusta de por que a forma de presente *uolo* toma o subjuntivo com o subordinador mais do que os outros verbos principais. Ainda assim, um último caminho pode ser sugerido, embora o número limitado de dados impeça qualquer generalização.

No caso do verbo *facio*, havia um número elevado de exemplares com prolepse ou de aposição da oração com *ut* a uma partícula, o que pode estar relacionado com a origem das construções com a conjunção. Dos 21 exemplares com *ut* do tipo *sequitur coniunctiuus*, nove apresentam aposição da oração com *ut* a uma partícula (*id*, *quod*, *ita*, *quid*), ou seja, 43%.¹⁸² O total de 21 exemplares com *ut* é restrito para que se utilize de modo apropriado qualquer teste estatístico que permita alguma generalização. Todavia, é notável a alta proporção de exemplares com aposição, indicando, mais uma vez, que esse uso linguístico pode estar relacionado com o surgimento da estrutura com *ut*, tal como se verificou com o verbo *facio*.

¹⁸⁰ Em tradução: “[a] presença ou ausência [de *ut*] como um sinal especial de subordinação em uma oração substantiva é imaterial para a questão da coordenação ou subordinação entre as partes. [...] A diferença original entre *uolo abeas* e *uolo ut abeas* deve ter sido aproximadamente aquela entre ‘Eu quero que você vá embora’ e ‘Eu quero que você simplesmente vá embora’.”

¹⁸¹ A única exceção é *Hec. 753*, mas o foco da questão não é a oração do *uolo*, já que ela é parte de uma interrogativa indireta, dentro de uma interrogativa direta: *sed scin quid uolo potius sodes facias?*, “Mas você sabe o que eu quero mais que você faça, se possível?”.

¹⁸² O método de contagem adotado, que tem como unidade o subjuntivo, enviesou um pouco esses números, pois a pequena quantidade de exemplares não foi capaz de diluir os efeitos, como ocorre em amostras grandes. Ainda assim, se contarmos somente os verbos principais, temos que de 18 exemplares, sete apresentam aposição (39%), um número ainda alto.

No caso da forma *uolo*, quatro dos 12 exemplares com *ut* têm aposição. Se considerarmos o total de exemplares com aposição (9) quase a metade se dá com *uolo* como verbo principal. O porquê de isso ocorrer não é claro, mas a correlação entre aposição e *uolo* como verbo principal está dada.

6.2.5 Perspectiva histórica: do latim arcaico a Cícero

Nesta seção do capítulo sobre *uolo*, por conta do número elevado de exemplares que precisariam ser recolhidos e analisados, não sigo o mesmo expediente metodológico que segui nas outras seções e simplesmente reproduzo os números oferecidos por Patzner (1910, p. 148-154), referentes ao conjunto de cartas de Cícero. Como sempre ressaltado, quando lidamos com um *corpus* de grande quantidade, como tenho feito, pequenas variações numéricas advindas de outros modos de contagem não alteram as conclusões finais. Além disso, a perspectiva de comparação exigida pelos resultados do latim arcaico, notadamente a morfologia dos verbos principais, já está considerada na apresentação dos dados de Patzner, o que nos faz prescindir de um tabelamento detalhado, como o feito para o latim arcaico.

Durante a apresentação de seus resultados, Patzner apresenta um caso em que “Primum parataxis legitur, deinde pergitur posita coniunctione *ut*, quae postea iterum omittitur”.¹⁸³ Trata-se de Cic. *fam.* 5, 2, 6:

Quod scribis non oportuisse Metellum, fratrem tuum, ob dictum a me oppugnari, primo hoc **velim existimes**, animum mihi istum tuum vehementer probari et fraternam plenam humanitatis ac pietatis voluntatem; deinde, si qua ego in re fratri tuo rei publicae causa restiterim, ut mihi **ignoscas** (tam enim sum amicus rei publicae quam qui maxime); si vero meam salutem contra illius impetum in me crudelissimum defenderim, satis **habeas** nihil me etiam tecum de tui fratris iniuria conqueri. (CICERO, 2001a, p. 42, grifo meu).¹⁸⁴

¹⁸³ Em tradução: “Primeiramente, lê-se a parataxe, depois se procede com a conjunção *ut* posta, a qual, então, novamente é omitida.”.

¹⁸⁴ Em tradução: “Você escreve que não convinha que Metelo, seu irmão, fosse atacado por mim por causa de uma frase. Primeiramente, gostaria que você acreditasse nisto, que esse seu sentimento e sua fraterna afeição plena de humanidade e piedade me são veementemente bem estimados; então, se em algum assunto eu me opus a seu irmão por causa da república, que você me perdoe (pois sou mais afeito à república do que qualquer outro); se de fato defendi a minha salvaguarda contra o ataque muitíssimo cruel

A forma *uelim* é o verbo principal de *existimes*. O autor interpreta que nós devemos pressupor *uelim* como verbo principal de *ignoscas* e de *habeas*. Conta a favor dessa interpretação o fato de que *primo* esteja paralelo a *deinde*, introduzindo *uelim existimes* e *ignoscas*, respectivamente, e o fato de que os períodos com *ignoscas* e *habeas* sejam paralelos, tanto por terem uma oração condicional protética, quanto por ambos terem os referidos subjuntivos no presente, também em paralelo. Ainda assim, nada impediria que *ignoscas* e *habeas* fossem interpretados como subjuntivos jussivos independentes, apesar de os paralelismos incentivarem o leitor a suprir as estruturas não repetidas.

De qualquer modo, devemos nos atentar ao fato de que *existimes* está justaposto a *uelim*, tendência desde o latim arcaico, como vimos, e que, sejam subordinados a um *uelim* suprido (leitura aqui preferida), sejam independentes, há uma variação entre a presença e ausência da conjunção, que não se deve à distância (nesse caso o último subjuntivo deveria estar com a conjunção e não o intermediário). A análise dos dados globais de Cícero permitirá que vislumbremos as tendências do latim clássico.

A Tabela 6.15 apresenta os dados de complementação com subjuntivo de *uolo* em todas as cartas de Cícero. Aparentemente, somente *uolo*, *uelim* e *uellem* são complementados por subjuntivo (PATZNER, 1910, p. 148-154).

Tabela 6.15 - Formas de *uolo* seguido de subjuntivo mais usadas nas cartas de Cícero (PATZNER, 1910)

	<i>uolo</i>		<i>uelim</i>		<i>uellem</i>		Total	
Com justaposição	7	100,00%	358	97,81%	31	93,94%	396	97,54%
Com <i>ut</i>	0	0,00%	8	2,19%	2	6,06%	10	2,46%
Total	7	100,00%	366	100,00%	33	100,00%	406	100,00%

Em primeiro lugar, enquanto que, em latim arcaico, a forma de verbo principal que mais apresentava complementação com subjuntivo era a segunda pessoa do singular, aqui ela está completamente ausente. Não é possível afirmar de modo categórico que isso se deve à mudança histórica, pois é muito provável haver influência de estilo, tanto devido ao autor, quanto devido ao gênero epistolar.¹⁸⁵

---

dele contra mim, que você considere suficiente que eu nada reclamei a você a respeito das injúrias de seu irmão.”.

¹⁸⁵ Encontramos, por exemplo, em Marcial 2, 7 *uis dicam quid sis?*. Além disso, nas outras obras de Cícero há maior variedade de formas, como veremos a seguir.

A forma *uellem* aparece seguida de subjuntivo justaposto, em Plauto e Terêncio, quatro vezes e nenhuma com *ut*. Essa tendência se mantém nas cartas de Cícero, em que encontramos 31 vezes *uellem* com justaposição e apenas dois exemplares com *ut*.

A forma *uelim* também mantém a mesma tendência. Em Plauto e Terêncio, há 17 exemplares com justaposição (94%) e apenas um com *ut* (6%), como vimos. A proporção se mantém a mesma nas cartas de Cícero, mas é necessário nos atentarmos à quantidade enorme de vezes que Cícero utiliza *uelim* + subjuntivo: 366 vezes. Esse excesso é facilmente explicado pelo gênero epistolar, no qual a potencialidade polida do presente do subjuntivo *uelim* é ideal para se fazer ordens indiretas (diretivos indiretos).

Por fim, a forma *uolo* apresenta somente sete exemplares completados por subjuntivo, todos justapostos. Em comparação, vimos que, em latim arcaico, tínhamos, de um total de 39 subjuntivos completando a forma *uolo*, 27 justapostos (69%) e 12 com *ut* (31%). Não parece haver nenhuma razão particular que explique essa mudança. Por outro lado, não podemos imaginar que a forma *uolo* seja tão pouco usada nas cartas de Cícero. A Tabela 6.16 apresenta os mesmos dados da tabela anterior, mas adiciona números oferecidos por Patzner sobre a complementação de infinitivo que esses verbos principais têm nas cartas de Cícero.

Tabela 6.16 - Formas de *uolo* seguido de subjuntivo ou de infinitivo mais usadas nas cartas de Cícero (PATZNER, 1910)

	<i>uolo</i>		<i>uelim</i>		<i>uellem</i>		Total	
Com justaposição	7	8,86%	358	82,30%	31	52,54%	396	69,11%
Com <i>ut</i>	0	0,00%	8	1,84%	2	3,39%	10	1,75%
Infinitivo	72	91,14%	69	15,86%	26	44,07%	167	29,14%
Total	79	100,00%	435	100,00%	59	100,00%	573	100,00%

Não sendo o foco desta pesquisa e não havendo números já consolidados, infelizmente uma comparação histórica com o funcionamento da língua de Plauto e Terêncio não pode ainda ser feita, embora seja necessário que em algum momento se o faça. Ainda assim, a análise sincrônica dos dados de Cícero permite algumas conclusões.

Em meio à concorrência entre a complementação com subjuntivo e a complementação com infinitivo a qual o verbo *uolo* sofria, a forma *uolo* passou a preferir a segunda em detrimento da primeira, a ponto de que 72 de 79 usos (91%) apresentem complementação com infinitivo e apenas sete (9%) com subjuntivo.

A tabela também nos permite observar que, em meio a essa concorrência, a forma *uellem* tem uma complementação equilibrada: de um total de 59 exemplares, 31 (53%) apresentam justaposição do subjuntivo e 26 (44%), infinitivo.

Por fim, a forma *uelim*, mesmo em meio à concorrência das complementações, prefere majoritariamente a justaposição de um subjuntivo (358 de 435 exemplares, 82%), apresentando somente 69 exemplares (16%) com infinitivo.

A conclusão a que se chega é a de que algumas tendências já vistas no latim arcaico são intensificadas. A complementação com subjuntivo, que já se restringia a uma variedade diminuta de verbos principais, se restringe ainda mais. O processo em questão é o mesmo que ocorreu na complementação de subjuntivo de *facio*, em especial do imperativo *fac*, em Cícero: trata-se de um processo de fossilização em que um padrão muito antigo e de alta frequência sobrevive em contextos restritos, enquanto que, em outros contextos, formas inovadoras passam a ser preferidas.

Vejamos agora os dados da complementação de subjuntivo do verbo *uolo* referentes às obras filosóficas e aos discursos de Cícero, disponíveis nos *lexica* feitos por Merguet (1877-1884; 1887-1894). Os resultados estão na Tabela 6.17 a seguir.

Tabela 6.17 - Verbo *uolo* + subjuntivo nas obras filosóficas e nos discursos de Cícero

	Outras obras de Cícero	
Com justaposição	39	69,64%
Com <i>ut</i>	17	30,36%
Total	56	100,00%

À primeira vista, esses dados parecem contradizer as conclusões extraídas das cartas de Cícero. Todavia, a análise detalhada dos dados, na verdade, reforçam-nas.

Dentre as formas justapostas, temos: *uellem* (20), *uelim* (15), *uisne* (3) e *uolo* (1). Dentre as formas com *ut*, temos: *uolo* (5), *uelitis* (3), *uelle* (3), *uellem* (2), *uolumus* (2), *uoluit* (1) e *uult* (1). Em primeiro lugar, observamos que as formas com justaposição se restringem a somente quatro, enquanto que as formas com *ut* são sete diferentes. Em segundo lugar, a intersecção entre as formas dos dois grupos é restrita: no uso com justaposição temos justamente as formas que já no latim arcaico preferiam a justaposição (na realidade, um subgrupo das formas usadas com justaposição em Plauto e Terêncio). Vemos que *uelim* e *uisne* são usadas exclusivamente com justaposição. Somente *uellem* e *uolo* aparecem em ambos os grupos. Por um lado, *uellem* apresenta

distribuição muito parecida com a apresentada nas cartas: aqui são 91% (20/22) com justaposição, lá eram 94% (31/33). Por outro lado, *uolo* parece ter comportamento errático, mas basta ver os dados para se compreender que o excesso de exemplares com *ut* se dá pelo uso extensivo de uma fórmula em um só texto de Cícero, o que enviesa os resultados.¹⁸⁶ Por fim, notemos que os outros verbos principais com *ut* são formas que diferem das construções justapostas de alta frequência, seja do latim arcaico, seja das cartas de Cícero.

Os dados dos outros textos de Cícero, portanto, reforçam o que já havíamos visto primeiro nos dados do latim arcaico e, depois, nas cartas. O uso do subjuntivo como complementação de *uolo* é restrito a um conjunto limitado de verbos principais. A restrição é ainda mais enfática quando consideramos os verbos principais com justaposição do subjuntivo: *uelim* e *uellem* são a quase totalidade nas cartas e 90% nos outros textos. Assim, a tendência de fossilização vislumbrada em Plauto e Terêncio é muito reforçada tanto nas cartas quanto nas obras filosóficas e discursos de Cícero, quando vemos que o conjunto de verbos com justaposição é um subgrupo do do latim arcaico, embora *uolo*, um verbo frequentemente com subjuntivo no latim arcaico, tenha deixado de assim ser usado. Por sua vez, o uso com *ut* apresenta um pouco mais de diversidade de verbos principais, ainda que limitada, sugerindo que seu uso sofra a ação de um processo de analogia com outros verbos completados por subjuntivo, ou seja, que seu uso advenha do paradigma sincrônico em que orações completivas de subjuntivo sejam iniciadas principalmente por *ut*, em vez de ser uma estrutura herdada de tempos mais antigos.

6.3 Conclusão: o latim arcaico, entre a pré-história e o latim clássico

Já falamos extensivamente sobre a hipótese de que, num período pré-histórico da língua latina, a hipotaxe, marcada com um subordinador, tenha se desenvolvido da justaposição. Esse estágio não registrado pode ser hipotetizado a partir da distribuição sincrônica da complementação de subjuntivo em latim arcaico, cuja grande quantidade de subjuntivos argumentais justapostos assim sugere. Os dados globais do verbo *uolo* em Plauto e Terêncio vão nessa direção: de 149 exemplares, 68% (101) são justapostos

---

¹⁸⁶ Trata-se da fórmula *uolo ut(i) (mihi) respondeas (tu)*, localizada em Cic. *Vatin.* 14, *Vatin.* 17, *Vatin.* 21, *Vatin.* 29, *Vatin.* 18.

e, complementarmente, 32% (48) apresentam a conjunção *ut*. Todavia, os dados, quando analisados em detalhe, mostraram que, já em latim arcaico, a complementação de subjuntivo era restrita a poucos contextos.

Antes de a análise prosseguir, precisei dividir o *corpus* em dois tipos, já considerados na bibliografia consultada: o tipo *in responso* e o tipo *sequitur coniunctiuus*. Enquanto que o primeiro, caracterizado pelo subjuntivo na resposta de um personagem diferente daquele que usou o verbo *uolo* na pergunta, apresenta justaposição somente em 23% dos 35 exemplares, o segundo, caracterizado pelo subjuntivo no mesmo enunciado do verbo principal, apresenta justaposição em 82% dos 114 exemplares.

Possíveis explicações a essa divergência são: (i) o fato de a mudança de falante requerer, apesar da dependência pragmática de pergunta-resposta, clareza na dependência sintática, daí o maior uso de *ut*; (ii) a origem relativa das orações introduzidas por *ut*, as quais, quando em resposta, estariam se relacionando com o pronome interrogativo, abundante nas perguntas dos exemplares, ao preencher seu referencial.

Feita essa separação, analisei os exemplares do tipo *sequitur coniunctiuus* segundo critérios morfossintáticos e critérios comumente utilizados nos estudos plautinos e terencianos.

Estes foram os critérios com resultados negativos: posição da conjunção, quando comparamos os tipos *sequitur coniunctiuus* e *in responso*; considerando apenas o tipo *sequitur coniunctiuus*: posição relativa entre os verbos principal e subordinado, o critério métrico específico dos textos de Plauto, o critério métrico do latim arcaico, sexo do personagem, tipo de personagem. Não puderam ser testados por falta de dados: o fato de os verbos subordinado e principal terem o mesmo sujeito ou não, o fato de os verbos subordinado e principal estarem no mesmo verso ou em versos diferentes.

Em seguida, analisamos alguns casos especiais, que se destacaram durante o trabalho com os dados. Vimos a fórmula *animum aduortas uolo*, utilizada três vezes na mesma posição por um mesmo personagem; o sintagma *uis/uin dicam*, presente sempre em perguntas e, com exceção de um caso, nessa mesma ordem; a combinação *uis/uin faciam*, sempre em perguntas; e a combinação *ueniat uelim*, sempre com a mesma posição relativa dos verbos, sempre no final de verso, e nunca com alguma palavra posta entre os dois verbos. Contados todos juntos, temos 22 exemplares, 19% dos 114

do tipo *sequitur coniunctiuus*. Trata-se de expressões fixas, com posição razoavelmente determinada e sempre com justaposição.

Seguimos, então, aos critérios que foram relevantes para a presença e ausência da conjunção *ut* na complementação de subjuntivo do verbo *uolo*.

O primeiro critério analisado foi a distância entre verbo principal e subordinado: quando subordinado, média de 0,91 palavra, quando com *ut*, 2,0 palavras. A visualização dos dados num gráfico permite a observação de que a curva de exemplares justapostos é enviesada.

Outro critério foi o tipo de sentença ou tipo de frase. Sentenças interrogativas apresentam justaposição em 94% dos exemplares (45/48), enquanto que outros tipos apresentam justaposição em 73% (48/66). É importante ressaltar que sentenças interrogativas são 42% de todos os exemplares e, dado o valor deôntico da construção *uolo* + subjuntivo, além de serem perguntas, apresentam também força diretiva indireta.

Assim como ocorreu com *facio*, o critério mais relevante foi a morfologia do verbo principal, já que 91% de todos os exemplares estão limitados a três formas de verbo principal: 2ª p.s. presente do indicativo *uin*, *uis*, *uisne* (41%); 1ª p.s. presente do indicativo *uolo* (34%); 1ª p.s. presente do subjuntivo *uelim* (16%). Dentre essas formas, *uolo* apresenta um número um pouco elevado de exemplares com *ut*.

Dos 21 exemplares com *ut*, nove apresentam aposição a uma partícula (43%). Dos 12 exemplares com *ut* da forma *uolo*, quatro têm aposição (30%). Há assim, uma correlação entre o uso de aposição e ter a forma *uolo* como verbo principal.

Por fim, verifiquei os dados sobre a construção em Cícero, utilizando dados de Patzner e Merguet. Nas cartas de Cícero, temos três verbos principais com justaposição, *uolo*, *uelim* e *uellem*, um subgrupo dos verbos que a admitiam em latim arcaico. *Uelim* é utilizado extensivamente (com justaposição), provavelmente pela exigência de potencialidade polida do gênero epistolar. A forma *uolo* quase não é usada com subjuntivo, provavelmente pelo avanço da competição com a complementação com infinitivo. Essas tendências são confirmadas pelos outros textos de Cícero.

Em suma, em latim arcaico, a complementação de subjuntivo de *uolo* já apresenta restrições de formas de verbos principais que se intensificam em latim clássico, indicando um forte processo de fossilização desse tipo de complementação que, cada vez mais, perde espaço à complementação com infinitivo, com exceção da forma *uelim* como verbo principal. Assim, com o verbo *uolo*, a generalização da conjunção *ut*, ocorrida com o verbo *facio* (exceção à forma *fac*, como vimos) no

processo entre o latim arcaico e o latim clássico, não ocorre, pois a própria complementação de subjuntivo deixa de ser produtiva, restando somente, de modo fossilizado, a justaposição nos usos em que ela já era produtiva em latim arcaico.

7 CONCLUSÕES

No decorrer desta dissertação, buscou-se atravessar dois arcos temporais paralelamente: um historiográfico-metodológico; outro da mudança linguística da estrutura estudada.

No primeiro arco, o historiográfico-metodológico, fomos, no primeiro capítulo, à linguística histórica, cujo grande desenvolvimento se iniciou há mais de 100 anos, confrontando bibliografia antiga e recente. Vimos que a inexistência da hipotaxe no período do PIE, antes compartilhada por muitos estudiosos,¹⁸⁷ tem sido questionada nas últimas décadas.¹⁸⁸ De fato, o método histórico-comparativo tem grandes limites na reconstrução da sintaxe do PIE, de modo que nosso conhecimento sobre o estatuto da hipotaxe nesse período está fadado às maiores dúvidas.

Seguimos, então, à bibliografia, antiga e recente, referente ao surgimento do que viria a ser a conjunção *ut*, oferecendo um quadro geral das hipóteses existentes, nenhuma das quais definitiva.

O ponto alto deste arco se deu nos Capítulos 3 e 4. No terceiro capítulo, revisitamos os estudos mais antigos da época recente, que se dedicaram à complementação de subjuntivo introduzida pela conjunção *ut*, retomamos obras de referência, até estudos mais recentes. A discussão principal se deu em torno do conceito de *parataxe*, que tem sido utilizado de modo ambíguo, ora referindo-se à coordenação assindética, ora à hipotaxe não introduzida por subordinador. A fim de evitar carregar essa ambiguidade controversa e de longo termo à minha pesquisa, preferi adotar o termo *justaposição*. Embora seja decalque latino da composição grega *parataxe*, discursivamente ele não carrega o peso da ambígua tradição daquela.

Discuti, em especial, ao longo da dissertação, os estudos de Durham (1901) e Bennett (1910-1914). São estudos importantes, que apresentam muitos dos dados que utilizo na pesquisa. Todavia, seus objetivos eram completamente diversos dos meus: eles buscavam, no latim arcaico, relíquias linguísticas sobreviventes de um estágio paratático anterior, que os permitisse reconhecer a sintaxe do latim pré-histórico. Inclusive a presença ou ausência da conjunção *ut* foi por eles ignorada por não contribuir em sua busca. Depois deles, nenhum estudo retomou esses dados visando a uma descrição sincrônica do latim arcaico, com enfoque na presença e ausência da

¹⁸⁷ Por exemplo, Hoffman & Szantyr (1965, p. 526).

¹⁸⁸ Por exemplo, Pinkster (1990, p. 139).

conjunção *ut* na complementação de subjuntivo. Minha pesquisa visou a suprir essa lacuna, pelo menos no que se refere aos verbos principais *facio* e *uolo*. Ainda resta pesquisar outros verbos e expressões principais, para se verificar se as conclusões aqui propostas se repetirão em outros contextos.

Em língua portuguesa, temos, por exemplo, os estudos de Faria (1958) e de Vasconcellos (2013). Embora se debrucem sobre a questão, seus livros, importantes manuais com enfoques mais amplos e gerais sobre a língua latina, também não resolvem as questões aqui tratadas. Minha pesquisa, portanto, visou também a contribuir com o desenvolvimento de estudos de língua latina no Brasil, onde pouco tem sido feito sobre esse tema, quando comparamos com a quantidade de estudos focados em literatura.

No Capítulo 4, outro ponto alto do arco historiográfico-metodológico, detalhei minha metodologia, a qual dialoga com os métodos que têm sido aplicados, nas últimas décadas, no estudo da língua latina.¹⁸⁹ Ressalto que a maioria dos manuais estudados no Capítulo 3 buscavam visões panorâmicas sobre a justaposição em língua latina, com poucos exemplos paradigmáticos ilustrando os pontos, enquanto que esta pesquisa utiliza os dados completos de Plauto e Terêncio.

O arco termina com sua consequência natural: a aplicação, nos Capítulos 5 e 6, das conclusões oriundas da discussão historiográfico-metodológica e por ela justificadas.

Em resumo, o arco historiográfico-metodológico inicia-se na tradição de pesquisas linguísticas do século XIX, segue décadas de estudo, com enfoque especial no conceito de *parataxe*, discute as metodologias antigas e recentes nos estudos plautinos e terencianos, terminando com a aplicação e demonstração prática de toda a discussão, nos dados de Plauto e Terêncio.

O segundo arco ocorre em paralelo ao primeiro e trata dos desenvolvimentos históricos pelos quais a construção de complementação com subjuntivo passou. Como dito, iniciei discutindo a possibilidade de subordinação no PIE. Em seguida, a hipótese de que o latim, no período pré-histórico da língua, tinha a justaposição como regra.¹⁹⁰ Consolidada posteriormente, a conjunção *ut* teve sua etimologia discutida, junto com seus múltiplos usos, dentre os quais a introdução de orações argumentais de subjuntivo.

---

¹⁸⁹ Exemplifico com de Melo (2007), Adams (1984), Barrios-Lech (2016), Risselada (1993) e Pinkster (2015).

¹⁹⁰ Lembremos que Lindskog (1896, p. 1) inicia seu estudo dizendo isso ser consensual em sua época.

O ponto alto desse arco se deu nos Capítulos 5 e 6. Neles estudamos, em detalhe, aquilo que foi o enfoque principal deste estudo, o latim arcaico de Plauto e Terêncio, no qual vemos um estágio intermediário entre, por um lado, a suposta norma de justaposição do período pré-histórico e, por outro, a generalização da conjunção *ut* introduzindo orações completivas, em latim clássico.

Em latim arcaico, a justaposição ainda apresenta produtividade, ao mesmo tempo em que a construção com *ut* também já é produtiva, embora em graus diversos, se compararmos *facio* e *uolo*. Vários critérios foram testados para verificar se havia alguma regra subjacente ao uso da conjunção. Os resultados, positivos e negativos, foram explorados nos Capítulos 5 e 6. A seguir, detenho-me nos resultados que permitem uma conclusão conjunta do comportamento da estrutura com *facio* e *uolo*.

Os dados do verbo *facio* mostram que 36% dos exemplares usam a justaposição em Plauto e Terêncio. Se considerarmos somente imperativos de *facio*, a proporção de justaposição aumenta para 55%. Por sua vez, os dados do verbo *uolo* mostram que 68% dos exemplares usam a justaposição. Se considerarmos somente o tipo *sequitur coniunctiuus*, a proporção de justaposição aumenta para 82%.

As proporções da presença e ausência da conjunção são, assim, completamente opostas em *facio* e *uolo*, quer consideremos somente os dados globais, quer consideremos os subgrupos. Ainda assim, um padrão pode ser entrevisto. Quando o verbo principal assume valor deôntico (ordem, desejo, concessão [PINKSTER, 2015, p. 497]), há maior tendência de haver justaposição do subjuntivo. No caso do verbo *facio*, isso ocorre quando o verbo está no imperativo, perceptível no aumento da proporção de justaposição. No caso do verbo *uolo*, o valor deôntico, seja de ordem (volitivo), seja de desejo (optativo), já faz parte de sua semântica, de modo que a proporção de subjuntivos justapostos seja naturalmente alta.

A explicação dada para isso pela bibliografia¹⁹¹ estaria justamente na suposta origem paratática da complementação com subjuntivo. Num período não registrado da língua, o subjuntivo só seria encontrado de modo independente. Com sua utilização ao lado de verbos (e expressões) de valor deôntico, situação na qual a semântica deste verbo era harmônica à semântica do subjuntivo independente, os falantes passaram, em algum momento, a reanalisar esses dois verbos independentes como um sendo

---

¹⁹¹ Por exemplo, Bennett (1910-1914).

subordinado ao outro.¹⁹² Por esse motivo, formas verbais deônticas, como os imperativos de *facio* ou qualquer forma de *uolo*, tenderiam, em latim arcaico, a ter muito mais justaposição do que complementos introduzidos por *ut*, já que estruturas antigas de alta frequência como essas tenderiam a ser preservadas e sofrer menos o efeito de padrões sintáticos inovadores.¹⁹³

Ao mesmo tempo, essa hipótese entende que o *ut*, talvez inicialmente um advérbio, passou a ser interpretado como uma conjunção subordinativa que foi empregada, principalmente, em estruturas que passaram a receber um verbo no subjuntivo como argumento verbal. Nas formas em que não se tinha o valor deôntico, a complementação com subjuntivo pode ter surgido da analogia com a complementação das formas deônticas, mas também de usos relativos da partícula *ut*, como quando há oração apositiva, ou uso de prolepse, como vimos. Como não estavam “protegidas” pela frequência de uso e pela regra de que formas harmônicas no valor deôntico podiam se justapor, a frequência de *ut* é maior nesses casos.

Caso essa hipótese de explicação a partir da distribuição sincrônica da estrutura não seja convincente, podemos simplesmente nos limitar à explicação sincrônica de Pinkster, que utiliza conceitos similares, mas que evita fazer conjecturas sobre períodos não registrados e inacessíveis:

In imperative argument clauses (often called ‘final’ noun clauses) with manipulation verbs and expressions (verbs of ordering, asking, advising, resolving, and causation [...]), the use of the subjunctive is ‘harmonic’ with the deontic use of the subjunctive in simple

¹⁹² Pinkster (2015, p. 619), ao explicar o subjuntivo como modo da subordinação, resume o ponto: “[it] is also ‘harmonious’ in the sense that it is used in a subordinate clause governed by a verb with a lexical meaning that resembles the semantic value of the subjunctive in simple sentences. [...] Many Latinists explain the use of the subjunctive in such argument clauses diachronically, by assuming that paratactic structures in which the subjunctive had its regular semantic value preceded the subordinate ones in which it became a purely grammatical device.”. Em tradução: “Também é ‘harmônico’ no sentido de que é usado em uma oração subordinada regida por um verbo com um significado lexical que se assemelha ao valor semântico do subjuntivo em orações simples [uso independente]. Muitos latinistas explicam o uso do subjuntivo nessas orações argumentais diacronicamente, assumindo que estruturas paratáticas nas quais o subjuntivo tinha seu valor semântico regular precederam as [estruturas] subordinadas na qual ele se tornou puramente um mecanismo gramatical.”.

¹⁹³ Esse tipo de acontecimento linguístico pode ser ilustrado de modo claro, pela morfologia, com os verbos irregulares. É o caso do verbo latino *sum*, de altíssima frequência, cujas formas, embora tenham passado por transformações desde o PIE, não se conformaram analogicamente aos paradigmas das conjugações, fato que continua verdadeiro, por exemplo, no português *ser*. Além disso, um exemplo morfossintático, em português, está no uso dos pronomes oblíquos (*me*, *mim*, *te*, *ti* etc.), que preservam características do antigo sistema de caso, embora, no português brasileiro atual, haja certa tendência de utilizar, em alguns contextos, pronomes retos, como em *eu vi ele*.

sentences. [...] An overt subordinator is often absent, especially in Early Latin. (PINKSTER, 2015, p. 621).¹⁹⁴

Entretanto, essa tendência de que verbos principais com valores deônticos prefiram a justaposição precisa ainda ser testada com outros verbos e expressões.

Continuando o arco da mudança histórica elaborado nos Capítulos 5 e 6, pudemos observar que, já em latim arcaico, o uso de uma oração argumental de subjuntivo sofria certa restrição. Havia grande especialização em quais formas de verbos principais eram usadas com subjuntivo. Se considerarmos todos os exemplares de *facio*, 46% dos subjuntivos (143 de 308) são regidos por um imperativo. Particularmente alta é a frequência em que o imperativo presente 2ª p.s. *fac(e)* aparece como verbo principal: 25% de todos os exemplares (77 de 308). Se considerarmos todos os exemplares do tipo *sequitur coniunctiuus* de *uolo*, 91% dos subjuntivos (104 de 114) têm como verbo principal as formas *uin*, *uis*, *uisne*, *uolo* ou *uelim*. A impressão inicial é que, já em latim arcaico, a própria complementação com subjuntivo tem restrições de uso, intensificadas se consideramos somente a justaposição. O caso de *uolo* tem isso mais avançado, provavelmente pela competição que havia entre a complementação de subjuntivo e a de infinitivo. Infelizmente, não sendo o foco desta pesquisa, a questão de qual era a situação na complementação com infinitivo fica em aberto e precisa ser ainda investigada.

Poder-se-ia objetar que a comédia enquanto gênero ou questões estilísticas teriam substancial influência nesses resultados, já que o *corpus* do período é extremamente limitado. Procurei, portanto, prosseguir no arco histórico até o latim clássico, para que conhecêssemos o que ocorre com esses padrões depois de mais de 100 anos. O problema nessa comparação é que não há comédias do período clássico que tenham sobrevivido ao tempo, de modo que recorremos ao que há de mais próximo do ponto de vista genérico, as cartas de Cícero. Seja como for, caso ficasse claro uma relação entre as regras do latim arcaico e as do latim clássico, haveria grande probabilidade de que elas não fossem regidas pelo gênero ou pelo estilo, mas fossem próprias da língua latina.

---

¹⁹⁴ Em tradução: “Em orações argumentais imperativas (frequentemente chamadas de orações substantivas ‘finais’) com verbos e expressões de manipulação (verbos de ordem, pergunta, conselho, resolução e causação [...]), o uso do subjuntivo é ‘harmônico’ com o uso deôntico do subjuntivo em sentenças simples. [...] Um subordinator é frequentemente ausente, especialmente no latim arcaico.”

Os dados de Cícero, sejam os das cartas, sejam os de outros gêneros, são claros em mostrar um desenvolvimento histórico em que as tendências de uso da justaposição apontadas no latim arcaico se intensificam no latim clássico.

Os únicos exemplares em que um subjuntivo se justapõe a alguma forma de *facio* têm o imperativo *fac* como verbo principal, com uma única exceção em que temos ainda um imperativo, *facito*, e majoritariamente se apresentam em fórmulas. Por sua vez, as formas de *uolo* usadas como verbo principal se limitam a *uolo*, *uelim* e *uellem* (segundo Patzner [1910]), um subgrupo dos verbos que admitiam justaposição em latim arcaico. *Uelim* inclusive é usado extensivamente nas cartas de Cícero, quase sempre com justaposição. No caso do verbo *facio*, o que ocorreu foi a generalização da conjunção *ut* na complementação com subjuntivo. No caso do verbo *uolo*, a complementação com subjuntivo passou a ser menos usada, por causa da competição com a complementação de infinitivo, restringindo-se a poucas formas.

Em suma, o arco do desenvolvimento histórico da construção estudada iniciou-se nas hipóteses sobre a subordinação em PIE, seguiu ao suposto estágio paratático da língua latina, o desenvolvimento histórico do que viria a ser a conjunção *ut* e seu uso introduzindo orações argumentais de subjuntivo, culminando no estudo sincrônico do uso da estrutura em latim arcaico, com *facio* e *uolo*, e finalizando no que restou da justaposição de subjuntivo, em latim clássico.

Ambos os verbos analisados em conjunto, vemos, enfim, que o que ocorreu foi um processo de fossilização: somente sobreviveram em latim clássico formas antiquíssimas de justaposição, as quais muitos estudiosos acreditam estarem ligadas à origem da complementação com subjuntivo, com marcado caráter formular e pragmático. Os casos de justaposição são, portanto, em latim clássico, fósseis linguísticos, sobreviventes de um período em que eram ainda produtivos, embora já com restrições, nas mãos dos comediógrafos Plauto e Terêncio, cujos textos são os únicos que sobreviveram em quantidade suficiente para que conhecêssemos um pouco mais como um dia funcionou a língua latina.

REFERÊNCIAS

- ADAMS, J. N. Female speech in Latin comedy. *Antichthon*, Sydney, v. 18, p. 43-77, 1984.
- ALLEN, J. H.; GREENOUGH, J. B. *New Latin Grammar*. Boston, London: Ginn & Company, 1903.
- ANTOINE, F. De la parataxe et de l'hypotaxe dans la langue latine. *Revue des Études Anciennes*, Bordeaux, v. 1, n. 1, p. 27-46, 1899.
- AUDEN, H. W. *The Pseudolus of Plautus*. Edited with introduction and notes. Cambridge: The University Press, 1896.
- BALDI, P. *The Foundations of Latin*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2002.
- _____; CUZZOLIN, P. (Ed.). *New perspectives on historical Latin syntax 4. Complex sentences, grammaticalization, typology*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2009.
- BARRIOS-LECH, P. *Linguistic interaction in Roman comedy*. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 2016.
- BARSBY, J. *Plautus Bacchides*. Edited with translation and commentary. Warminster; Oak Park, ILL: Aris & Phillips; Bolchazy-Carducci, 1986.
- _____. *Terence. Eunuchus*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- BENNETT, C. E. *Syntax of early Latin*. Hildesheim: Georg Olms, 1982 [1910-1914]. 2 v. em 1.
- BERTINI, F. *Plauti Asinaria cum commentario exegetico*. Genova: [s.n.], 1968. 2 v.
- BRIX, J. *Ausgewählte Komödien des T. Maccius Plautus für den Schulgebrauch erklärt*. Trinummus. 3. ed. Leipzig: Druck und Verlag von B. G. Teubner, 1879.

_____.; NIEMEYER, M. *Ausgewählte Komödien des T. Maccius Plautus für den Schulgebrauch erklärt*. Captiui. 6. ed. Leipzig; Berlin: Druck und Verlag von B. G. Teubner, 1910.

BROTHERS, A. J. *Terence. The self-tormentor*. Edited with translation and commentary. Warminster: Aris & Phillips, 1988.

BUCK, C. D. *A Grammar of Oscan and Umbrian*. Boston: The Athenaeum Press, 1904.

CARDOSO, I. T. *Estico de Plauto*. Introdução, tradução e notas. Campinas: Unicamp, 2006.

CARNEY, T. F. *P. Terenti Afri Hecyra*. Edited with a commentary. Pretoria: The Classical Association of Rhodesia and Nyasaland, 1963.

CART, A. et al. *Grammaire Latine*. [S.l.]: Nathan, 2007 [1955].

CHANTRAINE, P. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque*. Histoire des mots. Paris: Éditions Klincksieck, 1968. 2 v.

CHRISTENSON, D. M. *Plautus: Amphitruo*. Text in Latin with commentary and introduction in English. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

CICERO. *Cicero's Letters to Atticus*. Editado por D. R. Shackleton Bailey. [S.l.]: [s.n.], 1965-1968. 6 v.

_____. *Letters to Atticus*. With an English translation by D. R. Shackleton Bailey. Cambridge (Massachusetts): Harvard University Press, 1999, 4 v. (Loeb Classical Library 7-8, 97, 491).

_____. *Letters to Friends, Volume I: Letters 1-113*. Edited and translated by D. R. Shackleton Bailey. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2001a. (Loeb Classical Library 205).

_____. *Letters to Friends, Volume II: Letters 114-280*. Edited and translated by D. R. Shackleton Bailey. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2001b. (Loeb Classical Library 216).

_____. *Letters to Friends, Volume III: Letters 281-435*. Edited and translated by D. R. Shackleton Bailey. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2001c. (Loeb Classical Library 230).

_____. *Letters to Quintus and Brutus. Letter Fragments. Letter to Octavian. Invectives. Handbook of Electioneering*. Edited and translated by D. R. Shackleton Bailey. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2002. (Loeb Classical Library 462).

_____. *Pro Quinctio. Pro Roscio Amerino. Pro Roscio Comoedo. On the Agrarian Law*. Translated by J. H. Freese. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1930. (Loeb Classical Library 240).

_____. *The Verrine Orations, Volume I: Against Caecilius. Against Verres, Part 1; Part 2, Books 1-2*. Translated by L. H. G. Greenwood. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1928. (Loeb Classical Library 221).

_____. *The Verrine Orations, Volume II: Against Verres, Part 2, Books 3-5*. Translated by L. H. G. Greenwood. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1935. (Loeb Classical Library 293).

CLACKSON, J. (Ed.). *A companion to the Latin language*. [S.l.]: Wiley-Blackwell, 2011.

_____; HORROCKS, G. *The blackwell history of the Latin language*. Malden, MA; Oxford: Wiley-Blackwell, 2011 [2007].

COLLART, J. C. T. *Maccius Plautus: Curculio; Plaute: Charançon; édition, introduction et commentaire*. Paris: Presse Universitaires de France, 1962.

DAHL, B. *Die lateinische Partikel ut*. Kristiania [Oslo]: Druck von Grøndahl & Søn, 1882.

DANCKAERT, L. *The Development of Latin Clause Structure: a study of the extended verb phrase*. Oxford: Oxford University Press, 2017.

DANESE, R. M. *Titus Maccius Plautus: Asinaria*. Edidit Rupertus Marius Danese. Sarsinae et Urbini: Quattro Venti, 2004.

DELBRÜCK, B. *Vergleichende Syntax der indogermanischen Sprachen*. Strassburg: Karl J. Trübner, 1893-1900. 3 v. (Grundriss der vergleichenden Grammatik der indogermanischen Sprachen).

DE MELO, W. D. C. Introduction. In: PLAUTUS. Editado e traduzido por Wolfgang de Melo. Cambridge, London: Harvard University Press, 2011. v. I. (Loeb Classical Library 60).

_____. *The early Latin verb system: archaic forms in Plautus, Terence, and beyond*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

_____. *The early Latin verb system: archaic forms in Plautus, Terence, and beyond*. Appendices. Oxford: Oxford University Press, 2007b. Disponível em: <<http://wolfgang.demelo.de/>>.

_____. The Language of Roman Comedy. In: CLACKSON, J. *A companion to the Latin Language*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2011. p. 319-343.

DE VAAN, M. *Etymological Dictionary of Latin and the other Italic Languages*. Leiden/Boston: Brill, 2008. (Leiden Indo-European Etymological Dictionary Series, v. 7).

DEUFERT, M. 2007. Terenz und die Altlateinische Verskunst. Ein Beitrag zur Technik des Enjambements in der Neuen Komödie. In: KRUSHWITZ, P.; EHLERS, W.-W.; FELGENTREU, F. (Eds.). *Terentius Poeta*. Munich: 51-71.

DICKEY, E.; CHACHOUD, A. (Ed.). *Colloquial and Literary Latin*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

DIOGENES. Disponível em: <<https://community.dur.ac.uk/p.j.heslin/Software/Diogenes/>>.

DIXON, R. M. W. A typology of causatives: form, syntax and meaning. In: _____; AIKHENVALD, A. Y. (Ed.). *Changing valency: case studies in transitivity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. p. 30-83.

DUCKWORTH, G. E. *T. Macci Plauti Epidicus*. Edited with critical apparatus and commentary. Princeton: Princeton University Press, 1940.

DUNSCH, B. *Plautus' Mercator: a commentary*. 2000. Thesis (Ph.D.) – University of St. Andrews, 2001. Disponível em : <<http://hdl.handle.net/10023/7089>>.

DURHAM, C. L. *The subjunctive substantive clauses in Plautus, not including indirect questions*. Ithaca (N.Y.): Cornell University Press, 1901. (Cornell Studies In Classical Philology, v. 13). Disponível em : <<http://hdl.handle.net/2027/mdp.39015035972697>>.

EDWARDS, C. Epistolography. In: HARRISON, S. (Ed.). *A companion to Latin literature*. Oxford: Blackwell Publishing, 2005, p. 270-284. (Blackwell companions to the ancient world).

ENK, P. J. *Plauti Mercator*. Cum prolegomenis, notis criticis, commentario exegetio. Pars altera, commentarium continens. Lugduni Batavorum [Leiden]: A. W. Sijthoff, 1932.

_____. *Plauti Truculentus*. Cum prolegomenis, notis criticis, commentario exegetio. Pars altera, commentarium continens. Lugduni Batavorum [Leiden]: A. W. Sijthoff, 1953.

ERNOUT, A. *Morphologie historique du latin*. 4. ed. revisada. Paris: C. Klincksieck, 2014 [1914].

_____.; MEILLET, A. *Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine*. Histoire des mots. Paris: Klincksieck, 2001.

_____.; THOMAS, F. *Syntaxe latine*. Paris: C. Klincksieck, 2002 [1951].

FARIA, E. *Gramática superior da língua latina*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1958.

FAY, H. C. T. *Macci Plauti Rudens*. London: University Tutorial Press Ltd., 1969.

FENNELL, C. A. M. T. *Macci Plauti Stichus*. Edited with introduction and notes. Cambridge: The University Press, 1893.

FORTSON, B. W. *Indo-european language and culture: an introduction*. 2. ed. Malden; Oxford: Blackwell, 2010.

GILDERSLEEVE, B. L.; LODGE, G. *Latin Grammar*. 3. ed. London: MacMillan and Co., 1903 [1895].

GOLDBERG, S. M. *Terence. Hecyra*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

GRATWICK, A. S. *Plautus: Menaechmi*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

_____. *The Poenulus of Plautus and its Attic Original*. Thesis (Ph.D.) – University of Oxford, 1968. 2 v.

GRAY, J. H. P. *Terenti Hauton Timorumenos*. With an introduction and notes. Cambridge: University Press, 1895.

_____. *T. Maccius Plauti Asinaria*: from the text of Goetz and Schoell, with an introduction and notes. Cambridge: University Press, 1894.

_____. *T. Maccius Plauti Epidicus*: from the text of Goetz and Schoell, with an introduction and notes. Cambridge: University Press, 1893.

GUSTAFSSON, F. *Paratactica latina*. Helsingforsiae: Societas Typographorum Frenckelliana, 1909-1911.

HAFFTER, H. *Untersuchungen zur altlateinischen Dichtersprache*. Berlin: Weidmann, 1934.

HAMMOND, M.; MACK, A. M.; MOSKALEW, W. *T. Macci Plauti Miles Gloriosus*. Edited with introduction and notes. Cambridge [MA]: Harvard University Press, 1970.

HAPP, H. Die lateinische Umgangssprache und die Kunstsprache des Plautus. *Glotta*, Göttingen, n. 45, p. 60-104, 1967.

HERMANN, E. Gab es im Indogermanischen Nebensätze?. *Zeitschrift für vergleichende Sprachforschung auf dem Gebiete der Indogermanischen Sprachen*, [s.l], v. 33, n. 4, p. 481-535, 1895.

HETTRICH, H. Zur Entwicklung der Finalsätze altindogermanischer Sprachen. *Zeitschrift für vergleichende Sprachforschung*, Göttingen, v. 100, n. 2, p. 219-237, 1987.

HOFMANN, J. B.; SZANTYR, A. *Lateinische Syntax und Stilistik*. München: C. Beck, 1965.

HOFMANN, W. *Plautus: Truculentus*. Herausgegeben, übersetzt und kommentiert. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 2001.

HOLTZE, F. G. *Syntaxis priscorum scriptorum latinorum usque ad Terentium*. Lipsiae: Otto Holtze, 1862. v. 2.

HUGHES, J. D. *A bibliography of scholarship on Plautus*. Amsterdam: Adolf. M. Hakkert, 1975.

HUTCHINSON, G. O. *Cicero's Correspondence: A Literary Study*. Oxford: Clarendon Press, 1998.

KNIGHT, C. M. *Menaechmi*. Edited with introduction and notes. Cambridge: Cambridge University Press, 1919.

KAUER, R.; LINDSAY, W. M. *P. Terenti Afri Comoediae*. Supplementa apparatus curavit O. Skutsch. Oxford: Oxonii e Typographeo Clarendoniano, 1958.

LEBRETON, J. *Études sur la langue et la grammaire de Cicéron*. Hildesheim: Georg Olms Verlag, 1979.

LEHMANN, W. P. *Proto-Indo-European syntax*. Austin: University of Texas Press, 1974.

Disponível

em:

<<https://liberalarts.utexas.edu/lrc/resources/books/pies/index.php>>.

LEO, F. *Plauti comoediae*. Recensuit et emendavit Fridericus Leo. Berolini: Weidmannos, 1895-1896. 2 v.

LEUMANN, M. Zur Vorgeschichte der lateinischen Finalsätze mit *ut*. In: STRUNK, K. *Probleme der lateinischen Grammatik*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1973. p. 421-425.

LEWIS, C. T.; SHORT, C. *A Latin Dictionary*. Oxford: Clarendon Press, 1879.

LIMA, R. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2014.

LINDSAY, W. M. *Syntax of Plautus*. Oxford: James Parker and Co., 1907.

_____. *The Captiui of Plautus*: edited with introduction, apparatus criticus and commentary. London: Methuen & Co., 1900.

_____. *T. Macci Plavti comoediae*: recognovit breuique adnotatione critica instruxit. Oxford: Clarendon Press, 1903. v. 1. (*Amphitruo – Mercator*).

_____. *T. Macci Plavti comoediae*: recognovit breuique adnotatione critica instruxit. Oxford: Clarendon Press, 1905. v. 2. (*Miles Gloriosus – Fragmenta*).

LINDSKOG, C. *Quaestiones de parataxi et hypotaxi apud priscos latinos*. Lundae: Möller, 1896.

LODGE, G. *Lexicon Plautinum*. Hildesheim; New York: Georg Olms Verlag, 1971. 2 v.

LORENZ, A. O. F. *Ausgewählte Komödien des T. Maccus Plautus*. Zweites Bändchen: Mostellaria. 2 ed. Berlin: Weidmannsche Buchhandlung, 1883.

M. W. Review: Die Lateinische Partikel Ut by Bastian Dahl. *The American Journal of Philology*, Baltimore, v. 3, n. 10, p. 229-231, 1882.

MACCARY, W. T.; WILLCOCK, M. M. *Plautus: Casina*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

MACLENNAN, K.; STOCKERT, W. *Plautus: Aulularia*. Edited with an introduction, translation and commentary. Liverpool: Liverpool University Press, 2016.

MALTBY, R. *Terence Phormio*. Edited with introduction, translation and commentary. Oxford: Oxbow Books, 2012.

MAROUZEAU, J. *L'ordre des mots dans la phrase latine*. Tome III. Les articulations de l'énoncé. Paris: Les Belles Lettres, 1949.

MARTIN, R. H. *Terence: Phormio*. London: Methuen & Co. Ltd., 1959.

_____. *Terence. Adelphoe*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

MAURACH, G. *Der Poenulus des Plautus*. Heidelberg: Carl Winter; Universitätsverlag, 1988.

MCCLAVE, J.; SINCICH, T. *Statistics*. New Jersey: Pearson, 2009.

MCGLYNN, P. *Lexicon Terentianum*. Londini et Glasgae: Blackie et Fili, 1963-1967.

MERGUET, H. *Lexikon zu den Reden des Cicero*. Mit Angabe sämtlicher Stellen. Jena: Verlag von Hermann Duffet, 1877-1884.

_____. *Lexikon zu den philosophischen Schriften Cicero's*. Mit Angabe sämtlicher Stellen. Jena: Verlag von Hermann Duffet, 1887-1894.

MONACO, G. *Plauto: Cuculio*. Palermo: Palumbo, 1969.

MOODIE, E. K. *Plautus' Poenulus*. A student commentary. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2015.

MORRIS, E. P. *On principles and methods in Latin syntax*. New York: Charles Scribner's Sons; London: Edward Arnold, 1902.

NUTTING, H. C. *The Trinummus of Plautus*. Edited with notes and stage directions. Boston: Benj. H. Sanborn & CO., 1908. Disponível em: <<https://hdl.handle.net/2027/uc1.a0006663314>>.

PATZNER, F. *De parataxis usu in Ciceronis epistulis praecipuo*. Vindobonae et Lipsiae: F. Deuticke, 1910. (Dissertationes philologiae vindobonenses, volumen nonum).

PERSEUS DIGITAL LIBRARY. Disponível em: <<http://www.perseus.tufts.edu/>>.

PETERSMANN, H. T. *Maccius Plautus: Stichus*. Heidelberg: Carl Winter; Universitätsverlag, 1973.

PINKSTER, H. *Latin syntax and semantics*. London: Routledge, 1990.

_____. *Oxford Latin syntax*. Volume 1: The simple clause. Oxford: Oxford University Press, 2015.

PLAUTUS. *Amphitryon*. The Comedy of Asses. The Pot of Gold. The Two Bacchises. The Captives. Editado e traduzido por Wolfgang de Melo. Cambridge, MA; London: Harvard University Press, 2011a. v. I. (Loeb Classical Library 60).

_____. *Casina*. The Casket Comedy. *Curculio*. *Epidicus*. The Two Menaechmuses. Editado e traduzido por Wolfgang de Melo. Cambridge, MA; London: Harvard University Press, 2011b. v. II. (Loeb Classical Library 61).

_____. *The Merchant*. *The Braggart Soldier*. *The Ghost*. *The Persian*. Editado e traduzido por Wolfgang de Melo. Cambridge, MA; London: Harvard University Press, 2011c. v. III. (Loeb Classical Library 163).

_____. *The Little Carthaginian*. *Pseudolus*. *The Rope*. Editado e traduzido por Wolfgang de Melo. Cambridge, MA; London: Harvard University Press, 2012. v. IV. (Loeb Classical Library 260).

_____. *Stichus*. *Three-Dollar Day*. *Truculentus*. *The Tale of a Traveling-Bag*. *Fragments*. Editado e traduzido por Wolfgang de Melo. Cambridge, MA; London: Harvard University Press, 2013. v. V. (Loeb Classical Library 328).

PLUTARCH. *Lives*. Theseus and Romulus. Lycurgus and Numa. Solon and Publicola. Editado e traduzido por Bernadotte Perrin. London: William Heinemann; New York: The Macmillan, 1914. v. 1. (Loeb Classical Library 46).

POKORNY, J. *Indogermanisches Etymologisches Wörterbuch*. Bern; München: Francke Verlag, 1959.

QUESTA, C. *La metrica di Plauto e di Terenzio*. Urbino: QuattroVenti, 2007.

REMAINS OF OLD LATIN. *Lucilius*. The Twelve Tables. Editado e traduzido por E. H. Warmington. London: William Heinemann; Cambridge: Harvard University Press, 1938. v. 3. (Loeb Classical Library 329).

REMAINS OF OLD LATIN. Livius Andronicus, Naevius, Pacuvius and Accius. Editado e traduzido por E. H. Warmington. London: William Heinemann; Cambridge: Harvard University Press, 1936. v. 2. (Loeb Classical Library 314).

RISSELADA, R. *Imperatives and others directives expressions in Latin: a study in the pragmatics of a dead language*. Amsterdam: Gieben, 1993.

ROCHA, C. M. da. *Cásina de Plauto*. Introdução, tradução e notas. Campinas: Mercado de Letras, 2013.

ROWLAND, W. T. *On the position in the clause of ne and ut in certain documents of Colloquial Latin*. New York: Columbia University Press, 1918. Disponível em: <<https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=hvd.32044086580438;view=1up;seq=5>>.

SAUSSURE, F. de. *Cours de linguistique générale*. Paris: Payot & Rivages, 2005.

_____. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 2012.

SCHMIDT, J. Die griechischen ortsadverbia auf -υι, -υις und der interrogativstamm ku. *Zeitschrift für vergleichende Sprachforschung auf dem Gebiete der Indogermanischen Sprachen*. v. 32, p. 394-415, 1893.

SCHNOOR, H. *Zum Gebrauch von ut bei Plautus*. Neumünster: Hieronymus, 1885.

SEDGWICK, W. B. *Plautus: Amphitruo*. Edited, with introduction and notes. Manchester: University Press, 1960.

SHIPP, G. P. *P. Terenti Afri Andria*. With introduction and commentary. Melbourne: Oxford University Press, 1960.

SIHLER, A. L. *New Comparative Grammar of Greek and Latin*. New York; Oxford: Oxford University Press, 1995.

SONNENSCHN, E. A. *T. Macci. Plauti Mostellaria*. With notes critical and exegetical and an introduction. Cambridge: Deighton, Bell, and Co., 1884.

_____. *T. Macci. Plauti Rudens*. With critical and explanatory notes. Oxford: The Clarendon Press, 1891.

SPEVAK, O. *Constituent order in classical Latin prose*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Co., 2010.

STOCKERT, W. *T. Maccius Plautus: Cistellaria*. Einleitung, Text und Kommentar. München: Verlag C. H. Beck, 2012.

STURTEVANT, E. H. *T. Macci Plauti Pseudolus*. With an introduction and notes. New Haven: Yale University Press, 1932.

_____. The Etymology of Oscan *puz*. *Language*, [S.l.], v. 11, n. 1, p. 1-4, mar. 1935.

TERENCE. *The Woman of Andros. The Self-Tormentor. The Eunuch*. Edited and translated by John Barsby. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2001. v. 1. (Loeb Classical Library 22).

_____. *Phormio. The Mother-in-Law. The Brothers*. Edited and translated by John Barsby. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2001. v. II. (Loeb Classical Library 23).

TESSING, S. *Syntaxis plautina*. Enuntiationes relativae. Enuntiationes conjunctionales. Parataxis. Venersborg: Bagge och Petterson, 1892.

Thesaurus Linguae Latina (TLL). Index librorum scriptorum inscriptionum ex quibus exempla adferuntur. Lipsiae [Leipzig, Germany]: In aedibus B. G. Teubneri, 1904.

THOMAS, E. J. *T. Macci Plauti Aulularia*. Oxford: Clarendon Press, 1913.

THORESBY JONES, J. *T. Macci Plauti Menaechmi*. Edited, with introduction and notes. Oxford: Clarendon Press, 1918.

UNTERMANN, J. *Wörterbuch des Oskisch-Umbrischen*. Heidelberg: Winter, 2000.

VASCONCELLOS, P. S. *Sintaxe do período subordinado latino*. São Paulo: Fap-Unifesp, 2013.

WALDE, A.; HOFMANN, J. B. *Lateinisches Etymologisches Wörterbuch*. 3. ed. Primeira parte A-L. Heidelberg: Winter, 1938.

_____.; _____. *Lateinisches Etymologisches Wörterbuch*. 3. ed. Segunda parte M-Z. Heidelberg: Winter, 1954.

WALLIN, A. R. *Parataxis in early Latin*. New York: [s.n.], 1910.

WEISS, M. *Outline of the Historical and Comparative Grammar of Latin*. Ann Arbor; New York: Beech Stave Press, 2009.

WEISSENHORN, J. B. *Parataxis Plautina*. Burghausen: M. Speth, 1884.

WILLCOCK, M. M. *Plautus: Pseudolus*. Bristol: Bristol Classical Press, 1987.

WOODCOCK, E. C. *A new Latin syntax*. London: Methuen and Co. Ltd., 1959.

WOODS, A.; FLETCHER, P.; HUGHS, A. *Statistics in Language Studies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996 [1986].

WOYTEK, E. T. *Maccius Plautus: Persa*. Einleitung, Text und Kommentar. Wien: Verlag der österreichischen Akademie der Wissenschaften, 1982.

WRIGHT, J. *Plautus' Curculio*. With introduction and notes. Rev. ed. Norman; London: University of Oklahoma Press, 1993.

APÊNDICE – DADOS UTILIZADOS NA PESQUISA

A. Listas comparativas entre o *corpus* aqui adotado e o de outros estudos

Lista comparativa de todas as ocorrências de complementação com subjuntivo do verbo *facio* em Plauto

A lista a seguir é um resumo linear de todas as ocorrências do verbo *facio* com complementação de subjuntivo que são consideradas neste estudo. A lista está dividida em duas partes: primeiro, as ocorrências com justaposição; em segundo, as com a conjunção *ut*. Os exemplares de todas as partes estão organizados em ordem alfabética das peças e, dentro de cada peça, ordem numérica crescente dos versos.

Conjuntamente a essa lista linear, são apresentadas também as ocorrências presentes em duas referências: *Lexicon Plautinum*, de Lodge (1971, v. 1, p. 597-9), nomeado na tabela como “Lexicon”, e *The subjunctive substantive clauses in Plautus, not including indirect questions*, de Durham (1901), nomeado na tabela como “Durham”.

Descrição das tabelas

O *Lexicon Plautinum*, de Lodge, às páginas 597-598 do volume 1, apresenta ao item 13 do verbo *facio*: “*seq. subiū. uel subiū. cum ut (ne)*”, ou seja, fala da complementação de *facio* com subjuntivo, e está dividido nos seguintes subitens: “a. *subiū.*”; “b. *ut*”; “c. *ut ne*”; “d. *ne*”; “e. *ut explicatiuum*”. A primeira tabela abaixo marca “ok” para os exemplares de “a. *subiū.*”, enquanto que a segunda marca “ok” para “b. *ut*”. Por sua vez, ambas as tabelas marcam “c. *ut ne*” e “e. *ut explicatiuum*” para exemplares desses subitens.

Já na página 599 do mesmo volume, há em separado as formas sigmáticas *faxo*, *faxim*, *faxint*, no item 16 do verbo *facio*. Para a forma *faxo*, reporto-me ao item “c. *cum subiunc.*”, o qual nos interessa. Na lista, marco “ok *faxo*”, “ok *faxim*”, “ok *faxint*” para os exemplares tirados dessa página.

No que se refere à obra de Durham, marco “ok” para os exemplares do subcapítulo “Constructions with FACIO (‘See to it’)” (p. 40-50) e “ok (*ut ne*)” para este

item específico. Marco “ok result” para os exemplares do subcapítulo “Substantive clauses of result” (p. 109-113).

Quando o exemplar é o mesmo, mas a numeração é diversa, marca-se “ok (nº do verso na edição)”.

Caso as obras Lexicon e Durham não apresentem um exemplar aqui considerado, a célula da tabela será pintada. Caso eu não considere um exemplar presente nas obras, haverá uma nota explicativa.

Exemplares com Justaposição

Neste estudo	Lexicon	Durham
<i>Amph.</i> 63	ok	ok
<i>Amph.</i> 511	ok faxim	ok
<i>Amph.</i> 589	ok faxo	ok
<i>Amph.</i> 632	ok faxint	ok
<i>Amph.</i> 876	ok	ok
<i>Amph.</i> 971	ok	ok
<i>Amph.</i> 972	ok faxo	ok
<i>Amph.</i> 976	ok	ok
<i>Amph.</i> 979	ok	ok
<i>Amph.</i> 982	ok	ok (<i>Amph.</i> 981)
<i>Asin.</i> 238	ok	ok
<i>Asin.</i> 726		ok
<i>Asin.</i> 876	ok faxo	ok
	<i>Asin.</i> 902 ¹⁹⁵ = ok faxo	
<i>Aul.</i> 273	ok	ok
<i>Aul.</i> 407	ok	ok
<i>Aul.</i> 494	ok faxim	ok
<i>Bacch.</i> 96	ok	ok
<i>Bacch.</i> 754 [1]	ok	ok
<i>Bacch.</i> 754 [2]		ok
<i>Bacch.</i> 864	ok faxo	ok
<i>Capt.</i> 439	ok	ok
<i>Capt.</i> 736	ok	ok
<i>Cas.</i> 146	ok	ok
<i>Cas.</i> 421	ok	ok
<i>Cas.</i> 521	ok	ok
<i>Cas.</i> 523	ok = com “(?)” marcado	ok
<i>Cas.</i> 527	ok	ok
<i>Curc.</i> 414	ok	ok

¹⁹⁵ Lodge apresenta “faxo scias As 902(*FIRgl*)”. Todavia, essa lição crítica deve ser um erro editorial ou edição diversa, já que, além de que não é adotada em outras fontes como Durham (1901), Plautus (2011a), nem na listagem de ocorrências de *faxo* em de Melo (2007b, p. 69), esse mesmo verso aparece à página 567 (item 13.b) como *faxo ut scias*, e está contabilizado na próxima tabela. Na contagem ao fim da tabela, não foi contabilizado.

<i>Curc.</i> 521	ok	ok
<i>Curc.</i> 587	ok faxo	ok
<i>Curc.</i> 617	ok	ok
<i>Epid.</i> 412 ¹⁹⁶		
<i>Epid.</i> 567	ok	ok
<i>Men.</i> 113	ok faxo	ok
	<i>Men.</i> 249 ¹⁹⁷	
<i>Men.</i> 521 ¹⁹⁸		
<i>Men.</i> 539-540	ok faxo	ok (<i>Men.</i> 540)
<i>Men.</i> 644	ok faxo	ok
<i>Men.</i> 866	ok	ok
<i>Men.</i> 867	ok	
<i>Men.</i> 890	ok	ok
<i>Men.</i> 992	ok	ok
<i>Merc.</i> 498	ok ¹⁹⁹	ok
<i>Merc.</i> 826	ok faxim	ok
<i>Merc.</i> 895	ok	
<i>Mil.</i> 277	ok	ok
<i>Mil.</i> 806		
	<i>Mil.</i> 812 ²⁰⁰	<i>Mil.</i> 812
<i>Mil.</i> 1360	ok	ok
<i>Mil.</i> 1399	ok	ok (<i>Mil.</i> 1398)
<i>Most.</i> 68	ok faxo	ok
<i>Most.</i> 216	ok	ok
<i>Most.</i> 400	ok	ok
<i>Most.</i> 854	ok	ok
<i>Most.</i> 1133	ok faxo	ok
<i>Persa</i> 73	ok faxim	ok
<i>Persa</i> 196	ok	ok (<i>Persa</i> 195)
<i>Persa</i> 198	ok	ok
<i>Persa</i> 438	ok	ok
<i>Persa</i> 445	ok	ok
<i>Poen.</i> 893	ok	ok

¹⁹⁶ Para esse verso, a edição de Loeb (PLAUTUS, 2011b) traz o seguinte aparato crítico, adotando a segunda opção: “412 nescire esse *BEJ*, nesciret esse sese *Brix*”. Essa possibilidade deve ter gerado a ausência do exemplar nas outras fontes.

¹⁹⁷ Lodge usa a seguinte lição: *dictum fac cesses dare*, de Schöll; ainda assim, indica que a lição *facessas*, forma intensiva de *facio*, está presente em várias outras edições e na tradição manuscrita.

¹⁹⁸ *Men.* 521: *fao haud inultus prandium comederis*. Em seu exaustivo estudo sobre o sistema verbal do latim arcaico, de Melo (2007, p. 181) afirma que esse verso é o único exemplar de *fao* + perf. do subj. “Menaechmus has already eaten, so *comēderis* must have past reference and consequently be a perfect subjunctive rather than a future perfect.”. E à nota 25 da mesma página: “Future perfects stand for events anterior to another future event, but this anteriority does not extend as far as a time before the moment of speech.”.

¹⁹⁹ O texto é do verso correto, *Merc.* 498, mas equivocadamente notou-se *Men.* 948.

²⁰⁰ Tanto Lodge quanto Durham consideram a lição *praecepta sobrie adcures face* desse verso, enquanto que a edição da Loeb (PLAUTUS, 2011c), a lição *praecepta sobrie ut cures face*. Vejamos o comentário de Hammond, Mack & Moskalaw (1970): “**ut cures face**: this subordination rather than parataxis with *face* [...] has led many editors to emend the mss. *ut cures* to *adcures*”. As edições de Leo e Lindsay, seguidas também pela Loeb, preservam a forma da tradição manuscrita *ut cures* e indicam *adcures* como emenda de Ritschl.

<i>Poen.</i> 1035	ok	ok
<i>Poen.</i> 1084	ok	ok
<i>Poen.</i> 1278	ok	ok
<i>Poen.</i> 1414 [1] [2]	ok	ok
<i>Poen.</i> 1418	ok	ok
<i>Pseud.</i> 157	ok	ok
<i>Pseud.</i> 166	ok	ok
<i>Pseud.</i> 181	ok	ok
<i>Pseud.</i> 190	ok	ok
<i>Pseud.</i> 236	ok	ok
<i>Pseud.</i> 481	ok	ok
<i>Pseud.</i> 696	ok	ok (<i>Pseud.</i> 696 ^a)
<i>Pseud.</i> 949	²⁰¹	ok
<i>Rud.</i> 621	ok	ok
<i>Rud.</i> 1023	ok	ok
<i>Rud.</i> 1215	ok	
<i>Rud.</i> 1219	ok	ok
<i>Stich.</i> 47	ok	
<i>Stich.</i> 177	ok	ok
<i>Trin.</i> 62	ok faxo	ok
<i>Trin.</i> 174	ok	ok
<i>Trin.</i> 221	ok faxim	ok (<i>Trin.</i> 222)
<i>Trin.</i> 485	ok	ok
<i>Trin.</i> 882	ok faxo	ok
<i>Truc.</i> 62 ^a	ok faxim	ok (<i>Truc.</i> 63 ^a)
<i>Truc.</i> 348	ok faxim	ok
<i>Truc.</i> 643	ok faxo	ok
<i>Truc.</i> 883	ok	
²⁰²	Frag. ex Diom 383 ok	ok

Exemplares com *ut*

Neste estudo	Lexicon	Durham
<i>Amph.</i> 54	ok	ok
<i>Amph.</i> 59	ok	ok
<i>Amph.</i> 60	ok	ok
<i>Amph.</i> 185	e. ut <i>explicatium</i>	ok result
<i>Amph.</i> 298 [1]	ok	ok
<i>Amph.</i> 298 [2]	ok	ok
<i>Amph.</i> 345	ok	ok
<i>Amph.</i> 380 [1] [2]	ok	ok
<i>Amph.</i> 431	<i>Amph.</i> 431 e. ut <i>explicatium</i>	ok result ²⁰³

²⁰¹ A lição adotada por Lodge é um futuro *dices*, em vez de um subjuntivo *dicas*, e, portanto, está no item “16. faxo: a. *cum fut.*”.

²⁰² Optei por me limitar ao *corpus* varroniano, o que não inclui esse único fragmento.

²⁰³ Durham (1901, p. 111) coloca-o no item “(f) fio”.

	<i>Amph.</i> 461 ²⁰⁴	
<i>Amph.</i> 494	ok	ok result (<i>Amph.</i> 493)
<i>Amph.</i> 549	ok	ok
<i>Amph.</i> 555	ok	ok
<i>Amph.</i> 583 [1] [2]	ok	ok
<i>Amph.</i> 598	ok	ok
<i>Amph.</i> 613	ok	ok
<i>Amph.</i> 878	ok	ok
<i>Amph.</i> 978	ok	ok
		<i>Amph.</i> 981 (982) ²⁰⁵
<i>Amph.</i> 1001	ok	ok
<i>Amph.</i> 1085 [1] [2]	ok	ok
<i>Asin.</i> 28	ok	ok
<i>Asin.</i> 90	ok	ok
<i>Asin.</i> 140		ok
<i>Asin.</i> 647	ok	ok
<i>Asin.</i> 739	ok	ok
<i>Asin.</i> 824	ok	ok
<i>Asin.</i> 897	ok (<i>Asin.</i> 902)	ok (<i>Asin.</i> 902)
<i>Aul.</i> 26	ok	ok
<i>Aul.</i> 31	ok	ok
<i>Aul.</i> 257	ok	ok
<i>Aul.</i> 365	e. ut <i>explicatium</i>	ok
<i>Aul.</i> 443	ok	ok
<i>Aul.</i> 478		ok result
<i>Aul.</i> 545	ok	ok
<i>Aul.</i> 740	e. ut <i>explicatium</i>	ok result
<i>Aul.</i> 797	ok	ok
<i>Bacch.</i> 36	ok	ok
<i>Bacch.</i> 328	ok	ok (<i>Bacch.</i> 327)
<i>Bacch.</i> 352 [1] [2]		ok
<i>Bacch.</i> 1153	ok	ok
	<i>Capt. Arg.</i> 7 ²⁰⁶	
<i>Capt.</i> 65	ok	ok
<i>Capt.</i> 337	ok	ok

²⁰⁴ *Amph.* 460-2: [fala de Sósia] *ibo ad portum atque haec uti sunt facta ero dicam meo; / nisi etiam is quoque me ignorabit: quod ille faxit Iuppiter, / ut ego hodie raso capite caluos capiam pilleum*. Tradução da Loeb: “I’ll go to the harbor and tell my master how this happened; that is, unless he doesn’t know me either. May Jupiter up there do so, so that today I can shave my head and take the freeman’s cap as a bald man.”. No trecho, *quod* é relativo de ligação, objeto de *faxit*, retomando a ideia anterior, de seu mestre não o reconhecer. A oração com *ut* que segue, traz a consequência desse não reconhecimento: a liberdade (*pilleus* é um chapéu dado a escravos tornados livres). Ou seja, trata-se de uma oração consecutiva. Curiosamente, Lodge, em seu texto, não apresenta o relativo de ligação, sem ser claro por que não o adicionou.

²⁰⁵ De Melo (2007b, p. 33, nota 124): “I take ut ministres in l. 983 as independent.”. Preferi, seguindo de Melo e Lodge (1971, v. 1), considerar o exemplar com *ut* independente. Opinião diversa tem Sedgwick (1960): “fac governs first the perf. subjunctive, and then ut.”; e Christenson (2000): “ut ministres: governed by fac (982)”.

²⁰⁶ Sendo a *communis opinio* o *Argumentum* introdutório de cada peça ser uma adição posterior, não originária de Plauto, julgo melhor não contá-lo na lista.

<i>Capt.</i> 385 [1] [2]		
<i>Capt.</i> 409	ok	ok
<i>Capt.</i> 411	ok	ok
<i>Capt.</i> 610	ok	ok
<i>Capt.</i> 689	ok	ok
<i>Capt.</i> 800	ok	ok
<i>Capt.</i> 856	ok	ok
<i>Capt.</i> 931		ok
<i>Capt.</i> 962	ok	ok
<i>Cas.</i> 158	ok (<i>Cas.</i> 157)	ok (<i>Cas.</i> 157)
<i>Cas.</i> 524	ok	ok
<i>Cas.</i> 714	ok	ok
<i>Cas.</i> 746	ok	ok
<i>Cist.</i> 12		
<i>Cist.</i> 62	ok	ok
<i>Cist.</i> 64	ok	ok
<i>Cist.</i> 645	ok	ok
<i>Curc.</i> 210	ok	ok
<i>Curc.</i> 213	ok	ok
<i>Curc.</i> 258	e. ut <i>explicatium</i>	ok result
<i>Curc.</i> 314	ok	ok
<i>Curc.</i> 555	ok	ok
<i>Curc.</i> 576	ok	ok
		<i>Curc.</i> 691 ²⁰⁷
		<i>Curc.</i> 692 ²⁰⁸
	<i>Epid.</i> 412 ²⁰⁹	
<i>Epid.</i> 606	ok	ok
<i>Men.</i> 437	ok	ok
<i>Men.</i> 948	ok	ok
<i>Men.</i> 1014	ok	ok
<i>Men.</i> 1061	ok	ok
<i>Merc.</i> 278	ok	ok
<i>Merc.</i> 279	ok	ok
<i>Merc.</i> 565	ok	ok
		<i>Merc.</i> 566 ²¹⁰

²⁰⁷ *Curc.* 691: *delicatum te hodie faciam, cum catello ut accubes, ferreo ego dico*. O verbo *faciam* é claramente completado por duplo acusativo, enquanto que *ut* introduz uma oração adverbial (final ou consecutiva).

²⁰⁸ *Curc.* 692: *at ego uos ambo in robusto carcere ut pereatis*. Trata-se da resposta ao verso anterior, assim, paralelamente, *ut pereatis* é igualmente adverbial.

²⁰⁹ O autor adota a seguinte lição: “*ille fidicinam fecit sese ut necaret EP 412 (LRg² duce Mue)*”. Veja o comentário a esse verso na tabela anterior.

²¹⁰ *Merc.* 566: *equidem hercle opus hoc facto existumo, ut illo intro eam*. Entendo que *ut illo intro eam* é complemento da expressão *opus [esse] hoc facto ut...* que pode ser literalmente traduzida como: “há necessidade deste fato/feito: que...”. Allen & Greenough (1903, p. 257, § 411) indicam que a expressão *opus est* rege ablativo e que “with *opus* the ablative of a perfect participle is often found agreeing with a noun or used as a neuter abstract noun”, no nosso caso, *hoc facto*. Ambas interpretações de *facto* como verbo ou nome parecem ser aceitáveis: (i) há necessidade disto feito – *hoc* seria substantivado e equivalente à oração com *ut*; (ii) há necessidade deste feito – *hoc* seria pronome adjetivo de *factum*, participio substantivado, e a expressão inteira *hoc factum* seria equivalente à oração com *ut*. Além do fato de a voz passiva de *facio* ser rara, especialmente num contexto com uma oração de *ut* + subjuntivo (veja

<i>Merc.</i> 712 [1] [2]		ok
<i>Merc.</i> 994	ok	ok result (<i>Merc.</i> 993)
<i>Mil.</i> 149	c. ut ne	ok (ut ne)
<i>Mil.</i> 335	ok	²¹¹
<i>Mil.</i> 341	ok	ok
<i>Mil.</i> 346		ok
<i>Mil.</i> 354	ok	ok
<i>Mil.</i> 661	ok	ok
<i>Mil.</i> 812	²¹²	
<i>Mil.</i> 1177	ok	ok
<i>Mil.</i> 1257	ok	ok
<i>Mil.</i> 1322	ok	ok
<i>Mil.</i> 1395	ok	ok
<i>Most.</i> 78	ok	ok
<i>Most.</i> 94	ok	
<i>Most.</i> 389	ok	ok (<i>Most.</i> 390)
<i>Most.</i> 423 [1]	c. ut ne	ok (ut ne)
<i>Most.</i> 423 [2]	ok	ok
<i>Most.</i> 1145	ok	ok
<i>Persa</i> 47	ok	ok
<i>Persa</i> 92	ok	ok
<i>Persa</i> 178	ok	
<i>Persa</i> 382	ok	ok
<i>Persa</i> 388	ok	ok
<i>Persa</i> 414	ok	ok
<i>Persa</i> 494	ok	ok
<i>Persa</i> 526	ok	ok
<i>Persa</i> 685	ok	ok
<i>Persa</i> 743	ok	
<i>Persa</i> 760	ok	ok
<i>Persa</i> 823	ok	ok
	<i>Poen.</i> 16 ²¹³ e. ut ²¹⁴ <i>explicatium</i>	

seção da análise qualitativa deste verbo), da natureza ambígua própria dos participípios que os afastam de sua natureza verbal, do fato de que *factum*, *i* é endossado como substantivo verbal nos dicionários, há em Plauto exemplo do uso desse sintagma, com prevalência da leitura substantiva, *Merc.* 322-3: *at ne deteriozem tamen hoc facto ducas*, “mas não me considere menos por este fato”. Assim, não há complementação de *facio* + subjuntivo, nem na categoria usada na análise qualitativa de a oração de *ut* + subjuntivo ser aposto de um termo que seja argumento do *facio*.

²¹¹ Tendo em vista a página 23 em que parte do verso é apresentada com interrogação após *faciam* e antes de *ut*, o autor deve considerar outra interpretação da pontuação.

²¹² Ver nota para esse verso na tabela acima.

²¹³ *Poen.* 16: “*bonum factum est, edicta ut seruetis mea.*”. Sob este título, “*ut explicatium*”, o autor costuma entender uma oração de *ut* conectada a um pronome neutro, por sua vez objeto do verbo *facio*, de modo que essa explicação seja equivalente ao objeto de *facio*. Nesse caso, o único modo de entender desse jeito seria se a oração com *ut* fosse explicação do *bonum*, “é feita uma coisa boa: que sigam meus editos”. O dicionário Lewis & Short (1879), na entrada *facio*, apresenta uma forma substantivada do participípio *factum*, *-i* e coloca: “In partic., *bonum factum*, like the Gr. ἀγαθή τύχη, a good deed, i. e. *well done, fortunate*”, e, em seguida, cita justamente esse exemplar. Nessa leitura, entende-se a oração com *ut* como sujeito de *est* e o sintagma *bonum factum* como seu predicativo (ou vice-versa). O fundamental é o entendimento de que *factum* é substantivo e não parte de uma locução verbal.

	<i>Poen.</i> 45 ²¹⁵ e. ut <i>explicatium</i>	
<i>Poen.</i> 165	ok	ok
<i>Poen.</i> 197	ok	ok
<i>Poen.</i> 372	ok	ok
	<i>Poen.</i> 422 ²¹⁶ e. ut <i>explicatium</i>	ok
<i>Poen.</i> 442	ok	ok
<i>Poen.</i> 454	ok	ok
<i>Poen.</i> 489 [1] [2]	ok	ok
<i>Poen.</i> 580	ok	ok
<i>Poen.</i> 702	ok	ok
<i>Poen.</i> 864 [1] [2]	ok	ok
<i>Poen.</i> 1289	ok	ok
<i>Poen.</i> 1390	ok	ok
<i>Pseud.</i> 145	ok	
<i>Pseud.</i> 163	ok	ok
<i>Pseud.</i> 177	ok	ok
<i>Pseud.</i> 210	ok	ok
<i>Pseud.</i> 214	ok	ok
<i>Pseud.</i> 515	ok	ok
<i>Pseud.</i> 696b	ok	ok
<i>Pseud.</i> 818	ok	
<i>Pseud.</i> 849	ok	ok
<i>Pseud.</i> 884	ok	ok
<i>Pseud.</i> 923 ^a	ok	ok
<i>Pseud.</i> 1100	ok	ok
		<i>Pseud.</i> 1101 ²¹⁷
<i>Rud.</i> 244	ok	ok
		<i>Rud.</i> 398 ²¹⁸
<i>Rud.</i> 698 [1] [2]	ok	ok
<i>Rud.</i> 1084	ok	ok
<i>Rud.</i> 1088 [1]	ok	ok
<i>Rud.</i> 1088 [2]	ok	ok

²¹⁴ O autor apresenta a oração de *ut* como complemento do substantivo *edicta*: “we find an instance of a substantive clause after the noun *edicta*” (DURHAM, 1901, p. 18), o que julgo inadequado. Veja a outra nota referente a esse verso, acima.

²¹⁵ *Poen.* 45: *bonum hercle factum pro se quisque ut meminere*. A exclusão desse exemplar de minha contagem se dá pelo mesmo motivo apontado na nota ao verso *Poen.* 16, acima.

²¹⁶ *Poen.* 422: *fac quod facturum te promisisti mihi, / ut ego hunc lenonem perdam*. Sigo a interpretação, auxiliada pelo contexto, de que a oração com *ut* é final (DE MELO, 2007b, p. 33, nota 129).

²¹⁷ *Pseud.* 1101-2: *non edepol scio, / nisi ut obseruemus quo eat aut quam rem gerat*. O verso se encontra um pouco distante de *facere* (v. 1100) e suas orações não se conectam semanticamente (por exemplo, não há um paralelismo nem o referente é o mesmo). Por causa da presença do *nisi*, o autor compara com *Merc.* 712 (DURHAM, 1901, p. 46-47), mas este, pelo contrário, usa explicitamente *faciam*. Deve-se, portanto, interpretar que *ut obseruemus* seja um subjuntivo independente de valor exortativo.

²¹⁸ *Rud.* 398: *iam istoc magis usus facto est ut eam intro...* A oração introduzida por *ut* deve ser entendida como aposto de *istoc facto*. Uma possível ordem direta do português seria: *iam est usus istoc facto ut eam...* ou seja, “já há necessidade deste fato, que eu vá...”. Trata-se da mesma análise já apresentada na nota a *Merc.* 566, mas, em vez da expressão *opus est*, há a expressão *usus est* + ablativo (cf. Allen & Greenough, 1903, p. 257, § 411).

<i>Rud.</i> 1218	ok	ok
<i>Rud.</i> 1220		
<i>Rud.</i> 1221		
<i>Stich.</i> 65	ok	ok
<i>Stich.</i> 148	ok	ok
<i>Stich.</i> 309a	ok	ok
<i>Stich.</i> 445	ok	ok
<i>Stich.</i> 519	ok	ok
<i>Stich.</i> 603	ok	ok result
<i>Trin.</i> 233 [1] [2]		ok
<i>Trin.</i> 429	e. ut <i>explicatiuum</i>	
<i>Trin.</i> 646	ok	ok (<i>Trin.</i> 746)
<i>Trin.</i> 800	ok	ok
<i>Truc.</i> 478	ok	ok
<i>Truc.</i> 816	ok	ok
<i>Truc.</i> 966	ok	ok

Lista comparativa de todas as ocorrências de complementação com subjuntivo do verbo *facio* em Terêncio

A lista a seguir é um resumo linear de todas as ocorrências do verbo *facio* com complementação de subjuntivo que são consideradas neste estudo. A lista está dividida em duas partes: primeiro, as ocorrências com justaposição; em segundo, as com a conjunção *ut*. Os exemplares de todas as partes estão organizados em ordem alfabética das peças e, dentro de cada peça, ordem numérica crescente dos versos.

Conjuntamente a essa lista linear, são apresentadas também as ocorrências presentes em duas referências: *Lexicon Terentianum*, de McGlynn (1963, v. 1, p. 191-196), nomeado na tabela como “Lexicon”, e *Syntax of early Latin*, de Bennett (1982, v. 1, p. 224-228), nomeado na tabela como “Bennett”.

Descrição das tabelas

O *Lexicon Terentianum*, de McGlynn, às páginas 191-196 do volume 1, apresenta ao item IX do verbo *facio*: “*seq. subiu. uel subiu. cum ut (ne)*”, ou seja, fala da complementação de *facio* com subjuntivo, e está dividida nos seguintes subitens: “(1) *sequitur coniunct.*”; “(2) *seq. coniunct. cum ut*”; “(3) *seq. coniunct. cum ne*”; “(4) *seq. coniunct. cum ut explicatiuo*”. Apresenta também ao item X do verbo *facio* exemplares com *faxo* e formas de *faxim*. A primeira tabela abaixo marca “ok” para os exemplares de “(1) *sequitur coniunct.*”, enquanto que a segunda marca “ok” para “(2) *seq. coniunct.*”.

cum ut”. Por sua vez, ambas as tabelas marcam “*ut explicatium*” para exemplares do item (4) a isso relativo. O subitem (3), relativo a *ne* aparece em uma terceira tabela.

No que se refere à obra de Bennett, marco “ok”. O grande problema é que no trecho em que apresenta “outras formas de *facio*” complementadas com *ut* + subjuntivo à página 227, apesar de entre parênteses apresentar as contagens totais de cada categoria de verbo principal, ele não oferece todos os exemplares, mas somente “*e.g.*”, o que impede a conferência. Além disso, suas contagens também não são úteis para essa conferência, pois apresentam exemplares para além de Plauto e Terêncio. Daí haver várias lacunas na segunda tabela abaixo.

Caso as obras Lexicon e Bennett não apresentem um exemplar aqui considerado, a célula da tabela será pintada. Caso eu não considere um exemplar presente nas obras, haverá uma nota explicativa.

Exemplares com Justaposição

Neste estudo	Lexicon	Bennett
<i>Ad.</i> 24	ok	ok
<i>Ad.</i> 209 [1]	ok	ok
<i>Ad.</i> 209 [2]	ok	
<i>Ad.</i> 381	ok	ok
<i>Ad.</i> 500	ok	ok
<i>Ad.</i> 511	ok	ok
<i>Ad.</i> 512	ok	ok
<i>Ad.</i> 808	ok	ok
<i>Ad.</i> 813	ok	ok
<i>Ad.</i> 847	ok	ok
<i>Andr.</i> 483		
<i>Eun.</i> 189	ok	ok
<i>Eun.</i> 196	ok	ok
<i>Eun.</i> 207	ok	ok
<i>Eun.</i> 311	ok	ok
<i>Eun.</i> 320	ok	ok
<i>Eun.</i> 501	ok	ok
<i>Eun.</i> 506	ok	ok
<i>Eun.</i> 769	ok	ok
<i>Eun.</i> 1042	ok	ok
<i>Haut.</i> 28	ok	ok
<i>Haut.</i> 550	ok	ok
<i>Haut.</i> 925 [1]	ok	ok
		<i>Phorm.</i> 1028 ²¹⁹

²¹⁹ Bennett apresenta o exemplar à página 226 sem indicar haver variação de lição crítica entre *sit* e *sum*.

Exemplares com *ut*

Neste estudo	Lexicon	Bennett
<i>Ad.</i> 50	ok	
<i>Ad.</i> 750	ok	ok
<i>Ad.</i> 845	ok	ok
<i>Ad.</i> 848	ok	
<i>Andr.</i> 17	ok	
<i>Andr.</i> 37	ok	
<i>Andr.</i> 55	²²⁰	
<i>Andr.</i> 408	ok	ok
²²¹	<i>Andr.</i> 483 ok	ok
<i>Andr.</i> 603	ok	ok
<i>Andr.</i> 701	²²²	ok
<i>Andr.</i> 712	ok	ok
<i>Eun.</i> 281	ok	ok
<i>Eun.</i> 309	ok	ok
<i>Eun.</i> 362	ok	ok
<i>Eun.</i> 801	ok	ok
<i>Eun.</i> 815	ok	ok
<i>Haut.</i> 58	ok	ok
<i>Haut.</i> 84	ok	ok
<i>Haut.</i> 103	²²³	
<i>Haut.</i> 396	ok	ok
<i>Haut.</i> 496	ok	
		<i>Haut.</i> 592 ²²⁴
<i>Haut.</i> 925 [2]	ok	
<i>Hec.</i> 12	ok	
<i>Hec.</i> 36	ok	ok
<i>Hec.</i> 47	ok	ok
<i>Hec.</i> 121	ok	ok
<i>Hec.</i> 211	ok	ok
<i>Hec.</i> 244	ok	
<i>Hec.</i> 275	ok	ok
<i>Hec.</i> 439	ok	
<i>Hec.</i> 756	²²⁵	
<i>Hec.</i> 764	ok	ok
<i>Hec.</i> 769	ok	ok

²²⁰ Este exemplar está sob o título “*cum accus. (3) seq. accus. pronom.*”.

²²¹ *Andr.* 483 *nunc primum fac istaec [ut] lauet, poste deinde*. Lodge e Bennett consideram esse exemplar como com *ut*, mas eu considereei como sendo justaposição (veja o quadro anterior). A conjunção *ut* está presente na tradição manuscrita, mas Kauer e Lindsay (1958) e Shipp (1960) sugerem sua omissão. Os argumentos a favor disso são a presença em parte da tradição manuscrita de uma forma arcaica *istaec* e a preferência de o imperativo *fac* estar justaposto a seu subjuntivo. A manutenção da conjunção *ut* implica adotar a lição também presente nos manuscritos *ista*, mais possível de ser uma alteração do que *istaec* (forma mais antiga).

²²² Este exemplar está sob o título “*cum accus. (3) seq. accus. pronom.*”.

²²³ Este exemplar está sob o título “*cum accus. (3) seq. accus. pronom.*”.

²²⁴ Deve haver algum erro de edição já que sequer há o verbo *facio* nesse verso.

²²⁵ Este exemplar está sob o título “*II. seq. enuntiat. relat.*”.

<i>Hec.</i> 774	ok	ok
<i>Hec.</i> 857	ok	
<i>Phorm.</i> 430	ut <i>explicatium</i>	ok
<i>Phorm.</i> 671	ok	ok
<i>Phorm.</i> 766	ok	ok
<i>Phorm.</i> 776	ut <i>explicatium</i>	ok
<i>Phorm.</i> 784	ok	ok

Lista comparativa de todas as ocorrências de complementação com subjuntivo do verbo *uolo* em Plauto

A lista a seguir é um resumo linear de todas as ocorrências do verbo *uolo* com complementação de subjuntivo que são consideradas neste estudo. A lista está dividida em duas partes: primeiro, as ocorrências com justaposição; em segundo, as com a conjunção *ut*. Os exemplares de todas as partes estão organizados em ordem alfabética das peças e, dentro de cada peça, ordem numérica crescente dos versos.

Conjuntamente a essa lista linear, são apresentadas também as ocorrências presentes em duas referências: *Lexicon Plautinum*, de Lodge (1971, v. 2, p. 911-912), nomeado na tabela como “Lexicon”, e *The subjunctive substantive clauses in Plautus, not including indirect questions*, de Durham (1901), nomeado na tabela como “Durham”.

Descrição das tabelas

O *Lexicon Plautinum*, de Lodge, às páginas 911-912 do volume 2, apresenta a complementação de *uolo* com subjuntivo nos seguintes itens: “E. *seq. subiunct.*”, marcado como “ok” na primeira tabela; e “F. *seq. subiunct. cum ut*”, subdividido em “1. *in eodem enuntiato*” (marcado na segunda tabela como “ok eodem”), “2. *in responso*”. Este, por sua vez, está subdividido em “a. *ut*”, “b. *ne*” e “c. *ut ne*”, dos quais “a” e “c” são marcados na segunda tabela como “ok responso” e “b” aparece na terceira tabela, marcado com “ok”.

No que se refere à obra de Durham, marco “ok” para os exemplares do subcapítulo “With the verbs *Volo*, *Nolo*, *Malo*, in the senses, ‘I want you to,’ ‘I want you not to,’ ‘I prefer you to’” (p. 20-26). Nessa parte, ao listar a expressão *numquid uis?*, adiciona-se também o que chama de variações como *numquid me?*, *numquid aliud?*, que, por serem formulares e pressuporem o verbo, foram contabilizadas. Marco

“ok opt” para os exemplares do capítulo “Substantive Clauses Developed from the Optative Subjunctive” (p. 92-108).

Quando o exemplar é o mesmo, mas a numeração é diversa, marco “ok (nº do verso na edição)”.

Caso as obras Lexicon e Durham não apresentem um exemplar aqui considerado, a célula da tabela será pintada. Caso eu não considere um exemplar presente nas obras, haverá uma nota explicativa.

Exemplares com Justaposição

Neste estudo	Lexicon	Durham
²²⁶		<i>Amph.</i> 9 ok opt (<i>Amph. Prol.</i> 8-16)
<i>Amph.</i> 56	ok	ok
<i>Asin.</i> 77	ok	ok opt (entre colchetes)
<i>Asin.</i> 647	ok	ok
<i>Aul.</i> 634	ok	ok
<i>Aul.</i> 670	ok	ok opt
<i>Bacch.</i> 334	ok	ok opt
<i>Bacch.</i> 604		ok
<i>Bacch.</i> 692	ok	ok
<i>Bacch.</i> 707	ok	ok
<i>Capt.</i> 121	ok	ok
<i>Capt.</i> 191		ok
<i>Capt.</i> 360	ok	ok
<i>Capt.</i> 383	ok	ok
<i>Capt.</i> 388	ok	ok
<i>Capt.</i> 430	ok	ok
<i>Capt.</i> 858	ok	ok
<i>Cas.</i> 234	ok	ok opt
<i>Cas.</i> 272	ok	ok
<i>Cas.</i> 544	ok	ok
<i>Cas.</i> 559	ok	ok opt
<i>Cist.</i> 82	ok	ok
<i>Curc.</i> 525		ok
<i>Epid.</i> 19	ok	ok (<i>Epid.</i> 19 ^a)
²²⁷		<i>Epid.</i> 462 ok opt (<i>Epid.</i> 463)
²²⁸	<i>Epid.</i> 512 ok responso	ok opt

²²⁶ *Amph.* 9 *me afficere uoltis, ea afferam, ea ut nuntiem*. Considero o exemplar *afferam* ambíguo quanto a estar ou não regido pela conjunção *ut* que aparece em seguida, de modo que prefiro excluir o exemplar. Veja: Leo (1895), no aparato crítico a este verso: “9 *uti ad uerbum utrumque pertinet*, cf. 842. Most. 414 Poen. 912 *Epid.* 267.”. Christenson (2000): “*uti*: construed with both verbs (for the word order cf. 842).”. Verso reportado (842): *tibi morigera atque ut munifica sim bonis, prosim probis*.

²²⁷ Considero ambos os subjuntivos como introduzidos por *ut*.

²²⁸ Considero ambos os subjuntivos como introduzidos por *ut*.

<i>Epid.</i> 584	ok	ok
<i>Men.</i> 606	ok	ok
<i>Men.</i> 909	ok	ok opt
<i>Merc.</i> 158	ok	ok
<i>Merc.</i> 486 [1]	ok	ok
<i>Merc.</i> 486 [2]		ok
<i>Merc.</i> 722	ok ²²⁹	ok ²³⁰
<i>Merc.</i> 728	ok	ok
	<i>Merc.</i> 1024 ²³¹	
<i>Mil.</i> 300	ok	ok
<i>Mil.</i> 335	ok	ok
<i>Mil.</i> 546	ok	ok
<i>Mil.</i> 876	ok	ok
	<i>Mil.</i> 1399 ²³²	
<i>Most.</i> 322	ok	ok
<i>Most.</i> 578	ok	ok
	<i>Most.</i> 596 ²³³	
<i>Most.</i> 1074	ok	ok opt
<i>Persa</i> 293	ok	ok opt
<i>Persa</i> 575	ok	ok
<i>Persa</i> 832	ok	ok opt
<i>Poen.</i> 279	ok	ok opt
<i>Poen.</i> 439	ok	ok
<i>Poen.</i> 570	ok	ok opt
<i>Poen.</i> 593	ok	ok
<i>Poen.</i> 801 [1] [2]		ok
<i>Poen.</i> 990	ok	ok
<i>Poen.</i> 1066	ok	ok opt
<i>Poen.</i> 1151	ok	ok
<i>Poen.</i> 1197	ok	ok
<i>Poen.</i> 1206	ok	ok opt
<i>Poen.</i> 1226	ok	ok
<i>Poen.</i> 1252	ok	
<i>Poen.</i> 1288	ok	ok opt
<i>Pseud.</i> 324	ok	ok
<i>Pseud.</i> 522	ok	ok
	<i>Pseud.</i> 923b ²³⁴	
<i>Pseud.</i> 1061	ok	ok opt
<i>Pseud.</i> 1122-3 [1] [2]	ok (<i>Pseud.</i> 1123)	ok opt
<i>Pseud.</i> 1147		ok
<i>Rud.</i> 511	ok	ok opt
	<i>Rud.</i> 650 ²³⁵	

²²⁹ Anotado como *Merc.* 721.

²³⁰ Anotado como *Merc.* 721.

²³¹ Lodge segue a solução de Ussing, *uolo* em vez de *ut* presente em P.

²³² Lodge usa *uin* (marcado com um asterisco, indicador de emenda) em vez de *ut*, presente na edição da Loeb.

²³³ Lodge indica que a lição de Ritschl difere da lição de A, atestação mais antiga.

²³⁴ Lodge segue edição de Ritschl: *ita uolo faxit Iuppiter*.

<i>Rud.</i> 662	ok	ok opt
<i>Rud.</i> 877	ok	ok opt
<i>Rud.</i> 1332	ok	ok opt
<i>Rud.</i> 1414	ok	ok ²³⁶
<i>Stich.</i> 115	ok	ok
<i>Stich.</i> 312	ok	ok opt
<i>Stich.</i> 397	ok	ok
<i>Stich.</i> 486	ok	ok
<i>Stich.</i> 669	ok (<i>Stich.</i> 670)	ok (<i>Stich.</i> 670)
<i>Stich.</i> 735	ok (<i>Stich.</i> 736)	ok (<i>Stich.</i> 736)
<i>Trin.</i> 59	ok	ok
<i>Trin.</i> 192		ok
	ok (<i>Trin.</i> 351) ²³⁷	
<i>Trin.</i> 372	ok	ok opt
<i>Trin.</i> 1091	ok	ok
<i>Truc.</i> 473	ok	ok opt
<i>Truc.</i> 481	ok	ok opt
<i>Truc.</i> 502	ok	ok
	<i>Truc.</i> 721 ²³⁸	
<i>Truc.</i> 924 [1]	ok	ok
<i>Truc.</i> 924 [2]	ok	ok

Exemplares com *ut*

Neste estudo	Lexicon	Durham
<i>Amph.</i> 9	ok eodem ²³⁹	ok opt (<i>Amph. Prol.</i> 8-16)
<i>Amph.</i> 542	ok responso	ok
<i>Amph.</i> 544	ok responso	ok
		<i>Asin.</i> 6 ²⁴⁰
<i>Asin.</i> 720	ok eodem	ok opt
<i>Aul.</i> 351	ok responso	ok
<i>Aul.</i> 743	ok eodem	ok

²³⁵ Lodge segue edição de Lindsay, baseada no *codex Turnebi: uis dicam tibi?*. A edição da Loeb apresenta: <paucis expedi>; e anota ser edição de *Lambinus e libris ueteribus*.

²³⁶ Por um equívoco de edição, texto marca *Rud.* 414 em vez de *Rud.* 1414.

²³⁷ Ao lado do exemplar, Lodge indica *A U*, ou seja, que *uelim* está presente no *codex ambrosianus* e na edição de Ussing. A edição da Loeb indica as possibilidades dos manuscritos: *quod habes ne habeas et illuc quod [nunc] non habes habeas [uelim]*, *malum*, sendo que “nunc *om. A*” e “*uelim om. P*”. Todavia, as edições que tenho seguido preferem de fato omitir esse verbo: Leo (1896) e Lindsay (1905): *quod habes né habeas et illuc quod non habes habeas, malum*.

²³⁸ Lodge segue edição divergente: *uin eam intro?*; em vez de: *sine eam intro*.

²³⁹ O autor apresenta assim: “uoltis.. ea (ut *add U*) adferam, ea uti nuntiem”. A edição da Loeb apresenta o verso assim: *me afficere uoltis, ea afferam, ea ut nuntiem*. Esta forma faz com que haja um exemplar de justaposição e um com *ut*.

²⁴⁰ *Asin.* 6-7: *nunc quid processerim huc et quid mi uoluerim / dicam: ut sciretis nomen huius fabulae*. Durham apresenta a frase assim: “(volui) ut sciretis nomen hujus fabulae.”. A oração com *ut* claramente se relaciona tanto com *quid processerim* quanto com *quid mi uoluerim* (note que a *consecutio temporum* da oração com *ut* é secundária), como apostrofo de ambos *quid*, tendo, portanto um *status* dúbio: valor adverbial pelo primeiro *quid* e nominal pelo segundo. É preferível, assim, que não entre na contagem.

<i>Bacch.</i> 77	ok eodem	ok opt
	<i>Bacch.</i> 692 ²⁴¹ ok responso	
<i>Bacch.</i> 988a	ok eodem (<i>Bacch.</i> 989a)	ok (<i>Bacch.</i> 989a)
<i>Capt.</i> 448		ok
<i>Cas.</i> 828		ok
	<i>Cas.</i> 923 (<i>dub</i>) ²⁴² ok eodem	
		<i>Cist.</i> 13 ²⁴³
<i>Cist.</i> 119	ok responso	ok opt
<i>Epid.</i> 462 [1] [2]	ok responso	ok opt (<i>Epid.</i> 463)
<i>Epid.</i> 512 [1] [2]	ok responso	ok opt
<i>Men.</i> 328	ok responso	ok opt
<i>Merc.</i> 560	ok eodem	ok
<i>Merc.</i> 621	ok responso	ok (<i>Merc.</i> 622)
<i>Mil.</i> 259		ok
<i>Mil.</i> 1050	ok responso	ok opt
<i>Mil.</i> 1195		ok
<i>Mil.</i> 1274	ok responso ²⁴⁴	ok ²⁴⁵
<i>Most.</i> 632	ok eodem	ok opt
	<i>Most.</i> 742 ²⁴⁶ ok eodem	
<i>Most.</i> 1098	ok eodem	ok opt
<i>Persa</i> 696 [1] [2]	ok eodem	ok opt
<i>Persa</i> 735	ok responso	ok opt
<i>Poen.</i> 911		ok opt
<i>Poen.</i> 1398	ok responso	ok
<i>Pseud.</i> 276	ok responso	ok opt
<i>Pseud.</i> 321	ok responso	ok

²⁴¹ *Bacch.* 692: *quid uis curem?* [MNE] *ut ad senem etiam alteram facias uiam*. Tendo em vista que a oração com *ut* é resposta ao *quid* da pergunta, objeto de *curem*, é preferível ler essa oração como objeto de *curem*, e não de *uis*, como Lodge parece pensar em sua listagem. Essa leitura também é seguida por Durham, à página 50 de seu estudo.

²⁴² A tradução da Loeb vê a oração com *ut* como uma final. Não encontrei esse verso no estudo de Durham.

²⁴³ *Cist.* 12-3: *lubenti[que] edepol animo factum et fiet a me, / quae uos arbitrabor uelle, ea ut expetessam*. (no trabalho de Durham, somente *vos arbitrator uelle, ea ut expetessam* é transcrito). O autor interpreta *ut expetessam* como complemento de *uelle*, literalmente: com o ânimo em prazer, foi e será feito por mim aquilo que eu julgar que vocês querem que eu busque. Outra interpretação é a que interpreta *ut expetessam* como complemento dos verbos *factum et fiet*, solução que, adotada, gerou um exemplar para o estudo sobre o verbo *facio*. A dificuldade da interpretação de Durham diz respeito à posição de *ea*: é comum que a adjetiva (*quae...*) anteceda a referência (*ea*), o que mantém válidas ambas as leituras, mas *ea* seria sujeito de *factum et fiet* e estaria colocado entre *uelle* e seu complemento, uma posição que seria muito inusitada, especialmente por interpor sintagmas que, por conta da subordinação, tendem a ficar unidos. A interpretação de *ut expetessam* como complemento do verbo principal e de *quae uos arbitrabor uelle, ea* como seu objeto, mantém o agrupamento dos sintagmas.

²⁴⁴ Marcado como *Mil.* 1275.

²⁴⁵ Marcado como *Mil.* 1275.

²⁴⁶ *Most.* 742 [trecho]: *uellem ut tu uelles, Tranio. sed quid est negoti?* A tradução da Loeb traz “I sympathize with you, Tranio. But what’s the matter?”. Essa frase segue um trecho em que Trânio faz um símile da situação com um navio, sendo ela a resposta de Simo. Este deseja saber o que ocorre, de modo que não cabe uma leitura deôntica em que Simo “desejaria” que Trânio “desejasse” algo. É preferível a leitura de que Simo “desejaria” tal qual Trânio “deseje”, ou seja, que não se trata de uma oração completiva com *ut* (que possui valor deôntico), mas que se trata de uma comparativa e que o subjuntivo *uelles* teria valor potencial do mesmo modo que *uellem* da oração principal.

<i>Pseud.</i> 660	ok responso	ok
<i>Pseud.</i> 665	ok responso	ok
<i>Pseud.</i> 921	ok eodem	ok
<i>Pseud.</i> 1247	ok eodem	ok
<i>Rud.</i> 768	ok eodem	ok opt
<i>Rud.</i> 961	ok eodem (<i>Rud.</i> 960)	ok (<i>Rud.</i> 960-1)
<i>Rud.</i> 1216	ok responso	ok
		<i>Rud.</i> 1220 ²⁴⁷
	<i>Rud.</i> 1332 ²⁴⁸ ok eodem	
<i>Truc.</i> 432 [1]	ok responso	ok
<i>Truc.</i> 432 [2]		ok

Lista comparativa de todas as ocorrências de complementação com subjuntivo do verbo *uolo* em Terêncio

A lista a seguir é um resumo linear de todas as ocorrências do verbo *uolo* com complementação de subjuntivo que são consideradas neste estudo. A lista está dividida em duas partes: primeiro, as ocorrências com justaposição; em segundo, as com a conjunção *ut*. Os exemplares de todas as partes estão organizados em ordem alfabética das peças e, dentro de cada peça, ordem numérica crescente dos versos.

Conjuntamente a essa lista linear, são apresentadas também as ocorrências presentes em duas referências: *Lexicon Terentianum*, de McGlynn (1967, v. 2, p. 292-6), nomeado na tabela como “Lexicon”, e *Syntax of early Latin*, de Bennett (1982, v. 1, p. 215, 216, 249-251), nomeado na tabela como “Bennett”.

Descrição das tabelas

O *Lexicon Terentianum*, de McGlynn, às páginas 292-296 do volume 2, apresenta ao item I (5) do verbo *uolo*: “*seq. ut cum subiunct.*”, ou seja, fala da complementação de *uolo* com *ut* + subjuntivo, e ao item I (6): “*seq. subiunct., ut omissio.*”, ou seja, fala da complementação de *uolo* com subjuntivo justaposto.

No que se refere à obra de Bennett, marco “ok”. O grande problema é que em vários trechos, apesar de entre parênteses apresentar as contagens totais de cada

²⁴⁷ Durham entende que *ut nubat* e *ut experiar* são regidos por um *uolo* apresentado no v. 1216. Todavia, no v. 1218 há o início do conjunto de ordens do qual *ut nubat* e *ut experiar* com *fac ut* (reforçado pelo *facito oret* do v. 1219), de modo que o paralelismo faça o entendimento de *fac* ser o verbo principal pressuposto mais verossímil. Daí, essas ocorrências estarem na parte deste trabalho que trata do verbo *facio*.

²⁴⁸ Lodge indica que essa ocorrência se dá por uma reconstrução de Ussing, o qual lê *ut roget* no lugar de *adroget*. O mesmo autor também coloca a versão *adroget* no item “E. *seq. subiunct.*”, leitura adotada na edição Loeb e no Durham. Exemplar contado na parte de justaposição de minha listagem.

categoria de verbo principal, ele não oferece todos os exemplares, mas somente “*e.g.*”, o que impede a conferência. Além disso, suas contagens também não são úteis para essa conferência, pois apresentam exemplares para além de Plauto e Terêncio. Daí haver várias lacunas na segunda tabela abaixo.

Quando o exemplar é o mesmo, mas a numeração é diversa, marco “ok (nº do verso na edição)”.

Caso as obras Lexicon e Bennett não apresentem um exemplar aqui considerado, a célula da tabela será pintada. Caso eu não considere um exemplar presente nas obras, haverá uma nota explicativa.

Exemplares com Justaposição

Neste estudo	Lexicon	Bennett
<i>Ad.</i> 138	ok	
<i>Ad.</i> 519	ok	ok
<i>Ad.</i> 532	²⁴⁹	ok
<i>Ad.</i> 681	²⁵⁰	ok
<i>Andr.</i> 388	ok	
<i>Andr.</i> 418	ok	ok
<i>Andr.</i> 708	ok	
<i>Eun.</i> 894	ok	ok
<i>Eun.</i> 1054	ok	
<i>Haut.</i> 162	ok	
	<i>Haut.</i> 572 ²⁵¹	
<i>Haut.</i> 818	ok	
<i>Haut.</i> 846	ok	ok
<i>Haut.</i> 1066	ok	
<i>Hec.</i> 436	ok	
<i>Hec.</i> 753 [1]	ok	
<i>Hec.</i> 753 [2]		
<i>Hec.</i> 787	ok	
<i>Phorm.</i> 102	ok	
<i>Phorm.</i> 449	ok	ok
<i>Phorm.</i> 819	ok	

Exemplares com *ut*

Neste estudo	Lexicon	Bennett
<i>Andr.</i> 165	ok	
<i>Andr.</i> 550	ok	

²⁴⁹ O autor apresenta o exemplar em outra seção: **V. uellem (quam uellem) sim. in uariis locutionibus.**

²⁵⁰ O autor apresenta o exemplar em outra seção: **IV. uelim pro uellem aut uolo saepe ponitur.**

²⁵¹ O autor parece usar outra edição. Todavia, a edição de Kauer & Lindsay (1958) não sugere haver o verbo *uolo* nesse verso.

<i>Eun.</i> 191	²⁵²	ok (<i>Eun.</i> 192)
<i>Hec.</i> 396	ok	
<i>Phorm.</i> 151	ok ²⁵³	ok
<i>Phorm.</i> 322 [1] [2] [3]	ok	ok

---

²⁵² O autor apresenta o exemplar em outra seção: **III. si quid me uis, num quis uis?**, *sim*.

²⁵³ O autor apresenta o exemplar também em outra seção: **III. si quid me uis, num quis uis?**, *sim*.

B. Introdução ao banco de dados: critérios e legenda

A seguir apresento os exemplares utilizados na pesquisa e como eles foram classificados, a partir dos critérios definidos. Foi a partir dessas classificações que as tabelas de distribuição apresentadas no corpo do texto foram elaboradas. Originalmente os dados estão em planilhas do Excel, mais fáceis de serem manipuladas, as quais o autor se dispõe a compartilhar com quem as solicitar, desde que firmado o compromisso de se dar os devidos créditos.

Critérios de apresentação

- Os exemplares de Plauto e Terêncio estão organizados em ordem alfabética das peças e, dentro de cada peça, ordem numérica crescente dos versos.
- O número do verso refere-se àquele em que está o verbo principal *facio* ou *uolo*.
- Versos com dois exemplares são identificados com [1], [2] etc., seja por haver dois verbos principais, ou por haver dois subordinados ligados a um verbo principal.
- Cada exemplar foi analisado e classificado. Veja abaixo a legenda dos códigos adotados. A discussão de casos controversos encontra-se parcialmente ao final da entrada no Comentário Analítico.
- O original em latim apresenta sempre os versos completos em que o exemplar está, para que a métrica possa sempre ser verificada. Por sua vez, a tradução só será da parte dos versos que interessa à análise. Lembramos que a tradução tem função de mero guia ao entendimento das frases em latim.
- No original em latim, o verbo principal encontra-se em negrito e sublinhado, enquanto que o verbo completivo no subjuntivo encontra-se somente em negrito.

Legenda

- A. Localização.
- B. Versos latinos.
- C. Tradução e algum vocabulário.
- D. Justaposição ou *ut* = J, caso haja justaposição; *ut*, caso haja a conjunção *ut*.
- E. Verbo principal.
- F. Verbo subordinado.

- G. Sujeitos dos verbos = S, se for o mesmo; N, se for diferente.
- H. *ante* ou *post* = A, caso o subjuntivo anteceda o verbo principal; P, caso o subjuntivo esteja após o verbo principal. Considero sempre o verbo conjugado, no caso de locuções.
- I. Posição no verso do sintagma *facio* + subj. = M, quando verbos principal e subordinado estão no mesmo verso; D, quando em versos diferentes.
- J. Distância entre os verbos = conta-se o número de palavras entre os verbos conjugados, excluindo-se o *ut*, nos casos em que ele apareça.
- K. Posição do *ut* = 1, posição conjuncional; 2, posição adverbial. Veja o corpo do texto para mais detalhes.
- L. Casos especiais de morfossintaxe = voz passiva; apositiva; prolepse; etc.
- M. Observação a casos especiais
- N. Metro do verso.
- O. *canticum* ou *deuerbium* = C para *canticum*, *i.e.* setenário trocaico, setenário e octonário jâmbico (recitados) ou metros líricos (cantados com música); DV para *deuerbium*, *i.e.* metro senário (falado).
- P. Nome do personagem que fala.
- Q. Sexo do personagem que fala.
- R. Tipo do personagem que fala.
- S. Comentário analítico.

C. *facio* – exemplares justapostos de Plauto

Localização	Versos	Tradução e algum vocabulário	Tat	V. principal	V. subord.	Mesmos sujeitos	ante post	Pos. no verso	Distância	Casos especiais	Obs. casos esp.	Metro	canica deuerbia	Nome pers.	Sexo	Tipo	Comentário Analítico
Amph. 0063	quid igitur? quoniam hic seruos quoque partis habet, faciam sit , proinde ut dixi, tragico[co]moedia.	Já que um escravo também tem papéis aqui, farei com que seja, como já disse, uma tragicomédia.	J	faciam	sit	N	P	M	0	//	//	ia6	DV	Mercurius	M	deus/seruus	//
Amph. 0511	[MER] edepol ne illa si istis rebus te sciat operam dare, ego faxim ted Amphitruonem esse malis quam Iouem.	Honestamente, se ela souber que você dá atenção a estas coisas, aposto que preferiria ser Anfitrião a Jupiter.	J	faxim	malis	N	P	M	3	//	//	tr7	C	Mercurius	M	deus/seruus	De Melo (2007b, p. 114), classifica esse exemplar como "potential / unreal statements". De Melo (2007, p. 204, nota 40). O <i>Oxford Latin Dictionary</i> interpreta <i>ted</i> como sujeito acusativo de infinitivo.
Amph. 0589	quonius ego hodie in tergum istaec faxo expetant mendacia.	Farei com que essas mentiras caiam sobre suas costas hoje.	J	faxo	expectant	N	P	M	0	//	//	tr7	C	Amphitruo	M	dux	//
Amph. 0632	[AMPH] utinam di faxint infecta dicta re eueniant tua.	Que os deuses façam com que suas palavras na realidade resultem irrealizadas.	J	faxint	eueniant	N	P	M	3	//	//	tr7	C	Amphitruo	M	dux	De Melo (2007b, p. 114), classifica esse exemplar como "wishes".
Amph. 0876	post igitur demum faciam res fiat palam	Depois, farei com que o caso seja revelado.	J	faciam	fiat	N	P	M	1	//	//	ia6	DV	Iuppiter	M	deus	//
Amph. 0971	[IVP] i sane, et quantum potest parata fac sint omnia.	Vai sim e faz com que tudo esteja preparado o mais rápido possível.	J	fac	parata sint	N	P	M	0	//	//	tr7	C	Iuppiter	M	deus	//
Amph. 0972	[ALC] quin uenis quando uis intro? faxo hau quicquam sit morae.	Farei com que não haja demora.	J	faxo	sit	N	P	M	2	//	//	tr7	C	Alcumena	F	matrona	//

<i>Amph.</i> 0976	nunc tu diuine huc fac assis Sosia,	Agora, divino Sósia, trata de vir aqui.	J	fac	assis	S	P	M	0	//	//	ia6	DV	Iuppiter	M	deus	Comparar com <i>Amph.</i> 978 que apresenta <i>ut</i> logo em seguida. Christenson (2000) sugere que a aliteração do trecho (976-83) talvez indique um encantamento mágico. O termo <i>Sosia</i> é vocativo, algo sugerido pelo adjetivo <i>diuine</i> que o qualifica, de modo que o verbo subordinado foi classificado como não tendo sujeito expreso.
<i>Amph.</i> 0979	ut abigas; quouis pacto fac commentus sis.	Trata de inventar algo do modo que quiser. [comminiscor, mentus, i = inventar]	J	fac	commentus sis	S	P	M	1	//	//	ia6	DV	Iuppiter	M	deus	//
<i>Amph.</i> 0982	uxore nunc mi morigero. haec curata sint fac sis, proinde adeo ut uelle med intellegis, atque ut ministres mi, mihi quom sacrificem.	Faz com que essas coisas recebam cuidado, por favor, do mesmo modo que você sabe que eu gostaria, e que você me auxilie, enquanto eu fizer sacrifícios para mim. [proinde = do mesmo modo; ministro, are = agir como servo]	J	fac	curata sint	N	A	D	0	//	//	ia6	DV	Iuppiter	M	deus	Christenson (2000) sugere que a aliteração do trecho (976-83) talvez indique um encantamento mágico e também: " ut ministres : governed by <i>fac</i> (982)". Por sua vez, de Melo (2007b, p. 33, nota 124): "I take <i>ut ministres</i> in l. 983 as independent.". Preferi, seguindo de Melo e Lodge (1971, v. 1), considerar o exemplar com <i>ut</i> independente. Opinião diversa tem Sedgwick (1960): " fac governs first the perf. subjunctive, and then <i>ut</i> ."
<i>Asin.</i> 0238	postremo ut uoles nos esse, syngraphum facito affer as;	Enfim, trate de trazer um contrato de como você quer que sejamos.	J	facito	affer	S	P	M	0	//	//	tr7	C	Cleareta	F	lena	//
<i>Asin.</i> 0726	[LIB] dabuntur, animo sis bono face , exoptata optingent.	[as minas] Serão dadas a você, trata de se animar, seus desejos se realizarão.	J	face	sis	S	A	M	1	//	//	ia7	C	Libanus	M	seruus	//
<i>Asin.</i> 0876	[PAR] Sequere hac me modo, iam faxo ipsum hominem manufesto oppr imas.	Só me siga por aqui, farei com que você surpreenda o homem em flagrante.	J	faxo	oppr	N	P	M	3	//	//	tr7	C	Parasitus	M	parasitus	//
<i>Aul.</i> 0273	[EVC] tace atque abi. curata fac sint quom a foro redeam domum;	Faz com que tudo esteja pronto quando eu voltar do foro.	J	fac	curata sint	N	P	M	0	//	//	tr7	C	Euclio	M	sene x	//
<i>Aul.</i> 0407	date uiam qua fugere liceat, facite totae plateae pate ant.	Abram alas pelas quais se possa fugir, façam com que todas as ruas estejam livres.	J	facite	pateant	N	P	M	2	//	//	tr8	C	Congrio	M	coquus	Thomas (1913) comenta somente: " facite : with paratactic jussive subjunctive."

Aul. 0494	ego faxim muli, pretio qui superant equos, sint uiliores Gallicis cantheriis.	Eu faria com que as mulas que superam em preço os cavalos sejam mais baratas do que os capões gauleses. [mulus, i = mula]	J	faxim	sint	N	P	D	5	//	//	ia6	DV	Megadoru s	M	sene x	De Melo (2007b, p. 114), classifica esse exemplar como "potential / unreal statements".
Bacch. 0096	tu facito opsonatum nobis sit opulentum opsonium.	Faz com que seja fornecida uma refeição opulenta. [obsono, are = comprar provisões]	J	facito	opsonatum sit	N	P	M	2	//	//	tr7	C	Bacchis	F	mere trix	//
Bacch. 0754 [1]	Mnesilochē et tu, Pistoclerē, iam facite in biclinio cum amica sua uterque accubitus eatis , ita negotium est, atque ibidem ubi nunc sunt lecti strati potetis cito.	Mnesiloco e você, Pistoclero, tratem ambos de ir já ao biclinio com suas namoradas, esse é seu dever, e tratem de logo beber lá mesmo onde estão os leitos.	J	facite	eatis	S	P	D	7	//	//	tr7	C	Chrysalus	M	seruu s	//
Bacch. 0754 [2]	Mnesilochē et tu, Pistoclerē, iam facite in biclinio cum amica sua uterque accubitus eatis , ita negotium est, atque ibidem ubi nunc sunt lecti strati potetis cito.	Mnesiloco e você, Pistoclero, tratem ambos de ir já ao biclinio com suas namoradas, esse é seu dever, e tratem de logo beber lá mesmo onde estão os leitos.	J	facite	potetis	S	P	D	1 8	//	//	tr7	C	Chrysalus	M	seruu s	//
Bacch. 0864	[CLEO] tum illam, quae corpus publicat uolgo suom, faxo se hau dicat nactam quem derideat.	Então a ela, que expõe seu corpo a todos, farei com que não diga ter encontrado de quem ria.	J	faxo	dicat	N	P	M	2	proleps e	illam	ia6	DV	Cleomach us	M	miles	Barsby (1986): "This line is virtually identical to 506, but it is doubtful whether Plautus intended the repetition to be significant." Copio o verso 506: <i>ego faxo hau dicet nactam quem derideat</i> . A principal diferença é a presença de subjuntivo no 864 e indicativo no 506.
Capt. 0439	fac fidele sis fidelis, caue fidem fluxam geras:	Trate de ser fielmente fiel, cuidado para não levar uma fidelidade fluida.	J	fac	sis	S	P	M	1	//	//	tr7	C	Tyndarus	M	seruu s	//
Capt. 0736	inde extra portam ad meum libertum Cordalum in lapicidinas facite deductus siet :	Façam com que seja trazido de lá para a pedreira fora do portão a meu liberto Cordalo.	J	facite	siet	N	P	M	1	//	//	ia6	DV	Hegio	M	sene x	//
Cas. 0146	uir si quid uolet me, facite hinc accersatis .	Se meu marido quiser algo de mim, tratem de me chamar daqui.	J	facite	accersatis	S	P	M	1	//	//	ba4	C	Cleostrata	F	matr ona	MacCary e Willcock (1976) fazem a seguinte anotação: " facite (<i>ut</i>) accersatis = arcessite". Ou seja, vêm o conjunto como uma perífrase

																	de imperativo.
Cas. 0421	[LYS] intro abi et, quamquam hoc tibi aegre est, tamen fac accures . [CLEO] licet.	Vá para dentro e, mesmo que isso te seja triste, trate de cuidar [disso].	J	fac	accures	S	P	M	0	//	//	tr7	C	Lysidamu s	M	sene x	//
Cas. 0521	[LYS] Fac uacent aedes. [ALC] quin edepol seruos, ancillas, domo	Garanta que sua casa esteja vazia.	J	fac	uacent	N	P	M	0	//	//	tr7	C	Lysidamu s	M	sene x	MacCary e Willcock (1976) fazem a seguinte anotação: " fac uacent 'make them empty'; cf. 146 <i>facite accersatis</i> ." Por sua tradução, parecem entender essa construção ter valor diferente da do verso Cas. 146. De modo diferente, Rocha (2013) remete à mesma referência em ambos os versos (ela indica Chiarini, p. 78), que entende ser um uso perifrástico.
Cas. 0523	sed facito dum merula per uorsus quod cantat <tu> colas :	Mas trate de praticar o que o melro canta em versos: [colo, ere = cultivar]	J	facito	colas	S	P	M	7	//	//	tr7	C	Lysidamu s	M	sene x	Note-se que no verso seguinte há <i>facito ut</i> .
Cas. 0527	[LYS] fac habeant linguam tuae aedes. [ALC] quid ita? [LYS] quom ueniam, uocent.	Garanta que sua casa tenha uma língua.	J	fac	habeant	N	P	M	0	//	//	tr7	C	Lysidamu s	M	sene x	//
Curc. 0414	[LYCO] Summane, salue. qui Summanu's? fac sciam .	Olá, Sumano! Por que você é Sumano? Faça com que eu saiba.	J	fac	sciam	N	P	M	0	//	//	ia6	DV	Lyco	M	trape ssita	//
Curc. 0521	fac sis bonae frugi sies , sequere istum bella belle.	Trata de ser uma boa menina, por favor, siga-o belamente, ó bela.	J	fac	sies	S	P	M	3	//	//	ia7	C	Cappadox	M	leno	//
Curc. 0587	[THER] ubi nunc Curculionem inueniam? [CAP] in tritico facillume, uel quingentos curculiones pro uno faxo reperias .	No trigo, muito facilmente, garanto que encontrarás até quinhentos gorgulhos, em vez de um.	J	faxo	reperias	N	P	M	0	//	//	tr7	C	Cappadox	M	leno	//
Curc. 0617	[PHAΕ] quis tibi hanc dedit mancupio? aut unde emisti? fac sciam .	Quem a vendeu a você? Ou onde você a comprou? Faz com que eu saiba.	J	fac	sciam	N	P	M	0	//	//	tr7	C	Phaedrom us	M	adule scens	//
Epid. 0412	non carust auro contra. ut ille fidicinam fecit nesciret esse sese emptam tibi!	Como ele fez com que a lista não soubesse que tinha sido comprada para você.	J	fecit	nesciret	N	P	M	0	proleps e	fidici nam	ia6	DV	Apocide s	M	sene x	O trecho é corrompido: fecit †nescire† esse emptam tibi. A solução adotada pela edição Loeb é a de Brix. Há também a solução de Leo: fecit <sese ut> nesciret esse emptam tibi. (v. Duckworth, 1940).

<i>Epid.</i> 0567	[PHIL] fac uideam , si mea, si saluam <me> uis. [PER] eho! istinc, Canthara,	Faz com que eu a veja, se ela for minha, se você me quiser salva.	J	fac	uideam	N	P	M	0	//	//	tr7	C	Philippa	F	muli er	//
<i>Men.</i> 0113	praeterhac si mihi tale post hunc diem faxis, faxo foris uidua uisas patrem.	Além disso, se depois desse dia você me fizer algo desse tipo, eu garanto que você visitará seu pai como divorciada.	J	faxo	uisas	N	P	M	2	//	//	cr4	C	Menaechmus	M	adule scens	//
<i>Men.</i> 0521	faxo haud inultus prandium comederis .	Eu garanto que você não comeu o almoço sem punição.	J	faxo	comederis	N	P	M	3	//	//	ia6	DV	Peniculus	M	paras itus	De Melo (2007, p. 181): "Menaechmus has already eaten, so comederis must have past reference and consequently be a perfect subjunctive rather than a future perfect." E à nota 25: "Future perfects stand for events anterior to another future event, but this anteriority does not extend as far as a time before the moment of speech." Thoresby Jones (1918) concorda ser um futuro perfeito.
<i>Men.</i> 0539- 540	et palla et spinter faxo referantur simul.	Farei com que o manto e o bracelete sejam trazidos de volta juntos.	J	faxo	referantur	N	P	M	0	//	//	ia6	DV	Socicles	M	adule scens	//
<i>Men.</i> 0644	et quid tristis <sim> et quid hic mi dixerit faxo scias .	Farei com que você saiba por que estou triste e o que ele me disse.	J	faxo	scias	N	P	M	0	//	//	tr7	C	Matrona	F	matr ona	//
<i>Men.</i> 0866	agite equi, facitote sonitus ungularum appareat cursu celeri; facite in flexu sit pedum pernicitas.	Vão, meus cavalos, façam com que o som dos cascos apareça no rápido galope;	J	facitote	appareat	N	P	M	2	//	//	tr7	C	Socicles	M	adule scens	//
<i>Men.</i> 0867	cursu celeri; facite in flexu sit pedum pernicitas.	façam com que haja velocidade no dobrar das pernas.	J	facite	sit	N	P	M	2	//	//	tr7	C	Socicles	M	adule scens	Thoresby Jones (1918, p. 182): "Note the mock-tragic diction (<i>pedum pernicitas</i>) and alliteration." Gratwick (1993): "tragic parody".
<i>Men.</i> 0890	num laruatust aut cerritus? fac sciam .	Faz com que eu saiba.	J	fac	sciam	N	P	M	0	//	//	ia6	DV	Medicus	M	medi cus	//
<i>Men.</i> 0992	facite illic homo iam in medicinam ablatus sublimis siet ,	Façam com que este homem seja já levado no ar ao consultório médico.	J	facite	ablatus siet	N	P	M	7	//	//	tr7	C	Senex	M	sene x	//
<i>Merc.</i> 0498	domi maneto me. [CHAR] ergo actutum face cum praeda recipias .	Então, trata de devolver com o botim imediatamente.	J	face	recipias	S	P	M	2	//	//	tr7	C	Charinus	M	adule scens	//

<i>Merc.</i> 0826	ecastor faxim , si itidem plectantur uiri, si quis clam uxorem duxerit scortum suam, ut illae exiguntur quae in se culpam commereant, plures uiri sint uidui quam nunc mulieres.	Se os homens fossem punidos, se algum contrata uma prostituta escondido de sua esposa, do mesmo modo que as esposas são expulsas quando levam a culpa, aposto que haveria agora mais homens divorciados do que mulheres. [plecto, ere = punir; commereo, ere = merecer, cometer]	J	faxim	sint	N	P	D	2 1	//	//	ia6	DV	Syra	F	anus	De Melo (2007b, p. 114), classifica esse exemplar como "potential / unreal statements". De Melo (2007, p. 204, nota 40). Dunsch (2001): "826-829 This passage's written in a style typical of legal Latin: the general case (<i>si itidem plectantur viri</i>) precedes the specific (<i>si quis clam uxorem...</i>), combined in two juxtaposed clauses, see Molsberger (1989) 85, Blänsdorf (1967) 16f. with further examples." Dunsch considera o subjuntivo como potencial.
<i>Merc.</i> 0895	[EVT] non uideo hercle nunc, sed uidi modo. [CHAR] quin ego uideam facis ?	Por que você não permite que eu a veja?	J	facis	uideam	N	A	M	0	//	//	tr7	C	Charinus	M	adulescens	//
<i>Mil.</i> 0277	uolup est conuenisse. [PAL] quid iam? aut quid negoti est? fac sciam .	O que é isso? Ou qual é o problema? Faz com que eu saiba.	J	fac	sciam	N	P	M	0	//	//	tr7	C	Palaestrio	M	seruus	//
<i>Mil.</i> 0806	[PLEV] tibi sum aboediens. [PAL] hoc facito , miles domum ubi aduenerit, memineris ne Philocomasium nomines.	Quando o soldado tiver chegado, trata de lembrar isto: de não chamar Filocomásio pelo nome.	J	facito	memineris	S	P	D	4	//	//	tr7	C	Palaestrio	M	seruus	Considero que <i>hoc</i> seja objeto de <i>memineris</i> . Trata-se da construção normal. V. discussão em <i>Aul.</i> 257, na seção de exemplares com <i>ut</i> , onde outros exemplos são citados.
<i>Mil.</i> 1360	[PYR] fac sis frugi. [PAL] iam non possum, amisi omnem lubidinem.	Trata de ser bom. [frux, frugis = adj. honesto, temperado]	J	fac	sis	S	P	M	0	//	//	tr7	C	Pyrgopolinices	M	miles	//
<i>Mil.</i> 1399	[CAR] quin iam dudum gestit moeche hoc abdomen adimere, ut faciam quasi puero in collo pendeant crepundia.	De fato, já há um bom tempo deseja remover as partes baixas do adúltero, de modo que eu faça com que pendam como se fossem chocalhos no pescoço de um menino. [gestio, ire = desejar; moechus, i = adúltero; crepundia, orum = chocalho]	J	faciam	pendeant	N	P	M	4	//	//	tr7	C	Cario	M	coquus	//

Most. 0068	eruom tibi aliquis cras faxo ad uillam afferat .	Farei com que alguém leve lentilha para a fazenda amanhã.	J	faxo	afferat	N	P	M	2	//	//	ia6	DV	Tranio	M	seruu s	//
Most. 0216	[SCA] at hoc unum facito cogites : si illum inseruibus solum	Mas trata de pensar nesta única coisa: ...	J	facito	cogites	S	P	M	0	//	//	ia7	C	Scapha	F	ancila	Considero que <i>hoc unum</i> seja objeto de <i>cogites</i> . Cf. <i>Stich.</i> 519, <i>Ad.</i> 500 e 808. V. também discussão em <i>Aul.</i> 257, na seção de exemplares com <i>ut</i> .
Most. 0400	omnium primumdum <haec> aedes iam fac occlusae sient ;	Antes de tudo, garanta que a casa dele esteja fechada agora.	J	fac	sient	N	P	M	1	//	//	tr7	C	Tranio	M	seruu s	//
Most. 0854	Tranio, age, canem istam a foribus <aliquis> abducit face , etsi non metuenda est. [TRA] quin tu illam aspice ut placide accubat;	Vai, Trânio, faz com que alguém remova esse cão das portas, mesmo se é um de se temer.	J	face	abducit	N	A	M	0	//	//	tr7	C	Theopropi des	M	sene x	//
Most. 1133	[THEO] non enim ibis. ego ferare faxo , ut meruisti, in crucem.	Garanto que você será levado, como mereceu, à cruz.	J	faxo	ferare	N	A	M	0	//	//	tr7	C	Theopropi des	M	sene x	//
Persa 0073	si id fiat, ne isti faxim nusquam appareant qui hic albo rete aliena oppugnant bona.	Se isso for feito, aposto que desapareceriam aqueles que tomam os bens alheios com uma rede branca. [ne = particula afirmativa; rete, is = nt. uma rede]	J	faxim	appareant	N	P	M	1	//	//	ia6	DV	Saturio	M	paras itus	De Melo (2007b, p. 114), classifica esse exemplar como "potential / unreal statements". De Melo (2007, p. 204, nota 40) diz que esse é um dos subjuntivos "selected by <i>faxim</i> ". Woytek (1982) diz discordar de Bennett e Lodge e considera <i>faxim</i> como parentético com o sentido de "eu garanto".
Persa 0196	[TOX] abi modo. [PAE] ego laudabis faxo. [TOX] sed has tabellas, Paegnium, ipsi Lemniseleni fac des et quae iussi nuntiatio.	Mas, Paegnium, trata de dar essas tabuinhas a Lemniselenis em pessoa e anuncia o que mandei.	J	fac	des	S	P	M	0	//	//	tr sy6m etr	C	Toxilus	M	seruu s	//
Persa 0198	[PAE] eo ego. [TOX] i sane. ego domum ibo. face rem hanc cum cura geras .	Trata de levar isto com cuidado.	J	face	geras	S	P	M	4	//	//	tr7	C	Toxilus	M	seruu s	//
Persa 0438	probi, numerati. fac sit mulier libera atque huc continuo adduce. [DOR] iam faxo hic erit.	Faz com que a mulher fique livre e traz ela para cá imediatamente.	J	fac	sit	N	P	M	0	//	//	ia6	DV	Toxilus	M	seruu s	//

<i>Persa</i> 0445	[TOX] abi istac trauorsis angiportis ad forum; eadem istaec facito mulier ad me transeat per hortum. [DOR] iam hic faxo aderit. [TOX] at ne propalam.	Faz com que a mulher venha a mim do mesmo modo pelo jardim.	J	facito	transeat	N	P	M	3	//	//	ia6	DV	Toxilus	M	seruus	//
<i>Poen.</i> 0893	[SYN] facile. [MIL] fac ergo id "facile" noscant ego, ut ille possit noscere.	Então, faz com que eu saiba facilmente, para que ele possa saber isso.	J	fac	noscant	N	P	M	3	//	//	tr7	C	Milphio	M	seruus	De Melo (2007b, p. 33, nota 126): "The following <i>ut</i> is final."
<i>Poen.</i> 1035	[AGO] maledicta hinc aufer, linguam compescas face .	Leve seus maldizeres daqui e trata de controlar a língua. [compesco, ere = prender junto, reprimir]	J	face	compescas	S	A	M	0	//	//	ia6	DV	Agorastocles	M	adulescens	//
<i>Poen.</i> 1084	[MIL] facito sis reddas , etsi hic habitabit, tamen.	Por favor, trata de devolver, mesmo que ele continue morando aqui.	J	facito	reddas	S	P	M	1	//	//	ia6	DV	Milphio	M	seruus	//
<i>Poen.</i> 1278	[...] [AGO] patre, facito in memoria habeas , tuam maiorem filiam mihi te despondisse - [HAN] memini. [AGO] - et dotis quid promiseris.]	Tio, trata de ter na memória ter me prometido a sua filha mais velha.	J	facito	habeas	S	P	M	2	//	//	tr7	C	Agorastocles	M	adulescens	<i>Poen.</i> 1418 apresenta a mesma fórmula dita pelo mesmo personagem. A edição da Loeb indica que o trecho de 1277-9 é retirado por Geppert, daí estar entre colchetes. Moodie (2015): !1277 is usually thought to be non-Plautine because it repeats 1137. 1278-79 are usually thought to be non-Plautine because Hanno had not yet promised any dowry for Adelphasium (Maurach 1988 169-70)."
<i>Poen.</i> 1414 [1]	[ANTA] leno, tu autem amicum mihi des facito aut [auri] mihi reddas minam.	Cafetão, trata de me dar uma namorada ou de devolver a mina para mim.	J	facito	des	S	A	M	0	//	//	tr7	C	Anterastilis	F	puella	De Melo (2007b, p. 34, nota 132): "[des] and reddas in the same line depend on the same verb."
<i>Poen.</i> 1414 [2]	[ANTA] leno, tu autem amicum mihi des facito aut [auri] mihi reddas minam.	Cafetão, trata de me dar uma namorada ou de devolver a mina para mim.	J	facito	reddas	S	P	M	3	//	//	tr7	C	Anterastilis	F	puella	De Melo (2007b, p. 34, nota 132): "[des] and reddas in the same line depend on the same verb."
<i>Poen.</i> 1418	[AGO] facito in memoria habeas . [LYC] miles, sequere me. [ANTA] ego uero sequor.	Trata de ter na memória.	J	facito	habeas	S	P	M	2	//	//	tr7	C	Agorastocles	M	adulescens	<i>Poen.</i> 1278 apresenta a mesma fórmula dita pelo mesmo personagem.

<i>Pseud.</i> 0157	tu qui urnam habes aquam ingere, face plenum ahenum sit coquo.	Você que tem um balde, enche de água, faz com que o caldeirão fique cheio para o cozinheiro. [ingero, ere = put into; aeneum, i = caldeirão]	J	face	sit	N	P	M	2	//	//	ia8	C	Ballio	M	leno	//
<i>Pseud.</i> 0166	pernam, callum, glandium, sumen facito in aqua iaceant . satin audis?	Faz com que o pernil, o torresmo, a língua de porco, a teta de porca estejam na água. [callum, i = pele dura de animais; glandium, ii = língua de porco; sumen, inis = nt. teta de porca]	J	facito	iaceant	N	P	M	2	proleps e	pern am... etc.	an8	C	Ballio	M	leno	//
<i>Pseud.</i> 0181	maniplatim mi munerigeruli facite ante aedis iam hic assint .	Façam com que os presentadores me estejam em grupos na frente da casa agora. [manipulatim = adv. aos punhados, em companhias; munerigerulus, i = munus+ gerere = que traz ou leva presentes]	J	facite	assint	N	P	M	4	//	//	an7	C	Ballio	M	leno	//
<i>Pseud.</i> 0190	fac sis sit delatum huc mihi frumentum, hunc annum quod satis, mi et familiae omni sit meae, atque adeo ut frumento afluum, [...]	Faz, por favor, com que me sejam aqui trazidos grãos, o que seja suficiente durante este ano para mim e toda minha família.	J	fac	sit delatum	N	P	M	1	//	//	ia8	C	Ballio	M	leno	De Melo (2007b, p. 33, nota 125): "The following <i>ut</i> -clauses do not depend on <i>fac</i> ."
<i>Pseud.</i> 0236	[CALI] non possum. [PSEV] fac possis . [CALI] quonam pacto possim? [PSEV] uince	Trata de poder.	J	fac	possis	S	P	M	0	//	//	an7	C	Pseudulus	M	seruu s	//
<i>Pseud.</i> 0481	[SIMO] aduerte ergo animum et fac sis promissi memor.	Presta atenção e faz com que esteja lembrado da promessa.	J	fac	sis	S	P	M	0	//	//	ia6	DV	Simo	M	sene x	//
<i>Pseud.</i> 0696	[CHAR] commemini omnia: id tu modo, me quid uis facere, fac sciam .	Eu me lembro de tudo: só faz com que eu saiba o que você quer que eu faça.	J	fac	sciam	N	P	M	0	//	//	tr7	C	Charinus	M	adule scens	v. v. 696b na seção de <i>ut</i> .

<i>Pseud.</i> 0949	[SIMI] lepidè accipis me. [PSEV] immo si efficis, tum faxo magis dicas .	Não, se você termina isso, então farei com que você diga isso mais.	J	faxo	dicas	N	P	M	1	//	//	an4 + cr	C	Pseudulus	M	seruu s	//
<i>Rud.</i> 0621	statuite exemplum impudenti, date pudori praemium, facite hic lege potius liceat quam ui uicto uiuere.	Estabeleçam um exemplo de impudência, deem um prêmio ao pudor, façam com que seja mais lícito viver aqui pela lei do que vencido pela força.	J	facite	liceat	N	P	M	3	//	//	tr7	C	Trachalio	M	seruu s	//
<i>Rud.</i> 1023	quo argumento socius non sum, et fur sum? fac dum ex te sciam .	Faz com que eu saiba de você.	J	fac	sciam	N	P	M	3	//	//	tr7	C	Trachalio	M	seruu s	//
<i>Rud.</i> 1215	[DAE] sed propera. [TRA] licet. [DAE] iam hic fac sit , cena ut curetur. [TRA] licet.	Faz com que ele esteja aqui já, para que a janta seja feita.	J	fac	sit	N	P	M	0	//	//	tr7	C	Daemone s	M	sene x	De Melo (2007b, p. 33, nota 127): " <i>Vt curetur</i> in the same line is final".
<i>Rud.</i> 1219	[TRA] et tua filia facito oret : facile exorabit. [DAE] licet.	E faz com que sua filha pergunte [a ele]: facilmente vai persuadi-lo.	J	facito	oret	N	P	M	0	//	//	tr7	C	Trachalio	M	seruu s	//
<i>Stich.</i> 0047	[PAN] placet: taceo. [PAMPHILA] at memineris facito .	Mas trata de se lembrar.	J	facito	memineris	S	A	M	0	//	//	an sy20 metr	C	Pamphila	F	uxor	Petersmann (1973): " memineris facito : Die Herkunft dieser Konstruktion aus ursprünglicher Parataxe ist noch deutlich zu sehen: <i>Memineris! facito</i> = denk daran! tu es in Zukunft! Beispiele und zum Ursprung dieser Konstruktion s. Nennett I, 224f."
<i>Stich.</i> 0177	eo quia paupertas fecit ridiculus forem ;	porque a pobreza fez com que eu fosse engraçado. [eo quia = indica causa]	J	fecit	forem	N	P	M	1	//	//	ia6	DV	Gelasimu s	M	paras itus	//
<i>Trin.</i> 0062	[MEG] ne tu hercle faxo hau nescias quam rem egeris.	De verdade, garanto que você saberá o que você fez.	J	faxo	nescias	N	P	M	1	//	//	ia6	DV	Megaroni des	M	sene x	//
<i>Trin.</i> 0174	quid fuit officium meum me facere? fac sciam ;	Faz com que eu saiba.	J	fac	sciam	N	P	M	0	//	//	ia6	DV	Callicles	M	sene x	//

<i>Trin.</i> 0221	pauci sint faxim qui sciant quod nesciunt, occlusioremque habeant stultiloquentiam. –	Aposto que são poucos os que saibam o que não sabem, e que eles manteriam sua conversa tola para si mesmos. [occlusus, a, um = fechada em si; stultiloquentia, ae = conversa tola]	J	faxim	sint	N	A	M	0	//	//	ia6	DV	Megarones	M	sene x	De Melo (2007b, p. 114), classifica esse exemplar como "potential / unreal statements". Brix (1879) apresenta uma interpretação sintática completamente diferente a esse verso.
<i>Trin.</i> 0485	[PHIL] semper tu hoc facito . Lesbonice, cogites , id optimum esse tute uti sis optimum;	Lesbônico, trata de sempre considerar isto ser ótimo, para que você seja ótimo.	J	facito	cogites	S	P	M	1	//	//	ia6	DV	Philo	M	sene x	cf. <i>Most.</i> 216
<i>Trin.</i> 0882	et meum nomen et mea facta et itinera ego faxo scias .	farei com que saibas meu nome, meus feitos e viagens.	J	faxo	scias	N	P	M	0	//	//	tr7	C	Sycophanta	M	sycophanta	//
<i>Truc.</i> 062a	faxim lenonum nec scortorum plus siet et minus damnosorum hominum quam nunc sunt siet.	Aposto que haveria menos cafetões e prostitutas e que haveria menos homens gastões do que há agora.	J	faxim	siet	N	P	M	4	//	//	ia6	DV	Diniarchus	M	adulescens	De Melo (2007b, p. 114), classifica esse exemplar como "potential / unreal statements". De Melo (2007, p. 204, nota 40): “in <i>Truc.</i> 62a, <i>siet</i> depends on <i>faxim</i> , while <i>siet</i> in l. 63 may be either dependent on <i>faxim</i> as well or co-ordinated with it.”. Por conta dessa ambiguidade, excluí o exemplar que seria do segundo <i>siet</i> .
<i>Truc.</i> 0348	ita ego illam edepol seruem itaque parce uicitem, ut . . . nulla faxim cis dies paucos siet .	Eu me apegaria tanto a ela e me sustentaria tão frugalmente que... eu aposto que em poucos dias não haveria nada. [uicito, are = viver, se manter; cis = prep. + acc: tempo no qual]	J	faxim	siet	N	P	M	3	//	//	ia6	DV	Diniarchus	M	adulescens	De Melo (2007b, p. 114), ressalta que <i>faxim</i> está numa "ut-clauses". De Melo (2007, p. 204, nota 40) também afirma isso e adiciona que <i>faxim</i> rege <i>siet</i> .
<i>Truc.</i> 0643	ego faxo dicat me in diebus pauculis crudum uirum esse. sequere me hac. uerbum sat est.	Eu farei com que diga em poucos dias que eu sou um homem frio.	J	faxo	dicat	N	P	M	0	//	//	ia6	DV	Stratophanes	M	miles	//
<i>Truc.</i> 0883	numquid uis? [PHRO] fac ualeas . [DIN] operae ubi mi erit, ad te uenero.	Trata de passar bem.	J	fac	ualeas	S	P	M	0	//	//	tr7	C	Phronesium	F	meretrix	//

D. *facio* – exemplares com *ut* de Plauto

Localização	Versos	Tradução e algum vocabulário	J/ut	V. principal	V. subord.	Mesmos sujeitos	ante post	Pos. no verso	Distância	Posição <i>ut</i>	Casos especiais	Obs. casos esp.	Metro	canica <i>deuerbia</i>	Nome pers.	Sexo	Tipo	Comentário Analítico
<i>Amph.</i> 0054	eadem hanc, si uoltis, faciam <iam> ex tragoedia comoedia ut sit omnibus isdem uorsibus.	A esta mesma [peça], se quiserem, farei com que de uma tragédia seja uma comédia com todos os mesmos versos.	ut	faciam	sit	N	P	D	4	2	prole pse	eade m hanc	ia6	D V	Merc urius	M	deus/seruus	//
<i>Amph.</i> 0059	teneo quid animi uostri super hac re siet: faciam ut commixta sit ; <sit> tragico[co]moedia;	Sei o que há do pensamento de vocês sobre esse assunto: farei com que seja misturada; que seja uma tragicomédia;	ut	faciam	commi xta sit	N	P	M	1	2	//	//	ia6	D V	Merc urius	M	deus/seruus	//
<i>Amph.</i> 0060	nam me perpetuo facere ut sit comoedia, reges quo ueniant et di, non par arbitror.	Pois eu não julgo adequado eu fazer com que seja completamente uma comédia, na qual venham reis e deuses.	ut	facere	sit	N	P	M	0	2	//	//	ia6	D V	Merc urius	M	deus/seruus	//
<i>Amph.</i> 0185	[MER] facit ille quod uolgo hau solent, ut quid se sit dignum sciat .	Ele faz o que [seres humanos] não costumam normalmente [fazer]: que saiba do que seja digno (i.e. o que merece). [uolgo = normalmente]	ut	facit	sciat	S	P	M	9	1	aposi tiva	or. quod	ia8	C	Merc urius	M	deus/seruus	No período, encontramos duas orações com estrutura subordinativa, uma introduzida por <i>quod</i> , outra introuzida por <i>ut</i> . O <i>status</i> de cada uma delas em relação ao verbo <i>facit</i> não é livre de dúvida. Por um lado, a oração de <i>quod</i> pode ser lida como uma parentética, de modo que a oração com <i>ut</i> seja objeto de <i>facit</i> . Por outro, a oração de <i>ut</i> pode ser lida como apostro da oração de <i>quod</i> . Seja como for, ambas claramente são do ponto de vista semântico equivalentes. Não sendo possível saber qual é explicação de qual, julgo que a oração de <i>ut</i> pode ser contabilizada como regida pelo verbo <i>facio</i> .

<i>Amph.</i> 0298 [1]	credo misericors est: nunc propterea quod me meus erus fecit ut uigilarem , hic pugnis faciet hodie ut dormiam.	Creio que ele é misericordioso: agora, por que meu senhor fez com que eu ficasse acordado, ele fará com os punhos com que eu durma hoje.	ut	fecit	uigilare m	N	P	M	0	2	prole pse	me	tr7	C	Sosia	M	seruus	//
<i>Amph.</i> 0298 [2]	credo misericors est: nunc propterea quod me meus erus fecit ut uigilarem, hic pugnis faciet hodie ut dormiam .	Creio que ele é misericordioso: agora, por que meu senhor fez com que eu ficasse acordado, ele fará com os punhos com que eu durma hoje.	ut	faciet	dormia m	N	P	M	1	2	//	//	tr7	C	Sosia	M	seruus	//
<i>Amph.</i> 0345	[MER] at iam faciam ut uerum dicas dicere. [SOS] quid eo est opus?	Mas já farei com que digas que eu digo a verdade.	ut	faciam	dicas	N	P	M	1	1	//	//	tr7	C	Merc urius	M	deus/ seruus	<i>me</i> como sujeito de <i>dicere</i> é frequentemente omitido em Latim coloquial (CHRISTENSON, 2000).
<i>Amph.</i> 0380 [1]	[SOS] Ita di faciant , ut tu potius sis atque ego te ut uerberem.	Que os deuses façam assim, que você antes o seja e que eu te açoitasse.	ut	faciant	sis	N	P	M	2	1	aposi tiva	ita	tr7	C	Sosia	M	seruus	//
<i>Amph.</i> 0380 [2]	[SOS] Ita di faciant , ut tu potius sis atque ego te ut uerberem .	Que os deuses façam assim, que você antes o seja e que eu te açoitasse.	ut	faciant	uerbere m	N	P	M	6	1	aposi tiva	ita	tr7	C	Sosia	M	seruus	A conjunção <i>atque</i> coordena as duas orações com subjuntivos. Todavia, note-se que <i>uerberem</i> rompe com a <i>consecutio temporum</i> , pois após tempo primário não se espera um imperfeito do subjuntivo. Sendo a leitura dessa oração como final ou consecutiva indisponibilizada pela coordenação mostrada por <i>atque</i> , resta entender que o subjuntivo adquire sentido próprio, com valor de <i>irrealis</i> , o que é confirmado pelo contexto (Sósia não poderá açoitar Mercúrio).
<i>Amph.</i> 0431	[SOS] factum est illud, ut ego illic uini hirneam ebiberim meri.	Aconteceu isso: que eu tivesse bebido lá uma jarra de vinho puro.	ut	factum est	ebiberi m	N	P	M	5	1	aposi tiva / voz passi va	illud	tr7	C	Sosia	M	seruus	O entendimento da oração de <i>ut</i> como argumento de <i>factum est</i> , na medida em que é apostro e, portanto, equivalente a <i>illud</i> , parece ser compartilhado por Durham (1901) e Lodge (1971), já que ambos listam esse verso (veja comparação de minha lista com a desses autores no apêndice). Todavia, julgo que de modo estranho, Christenson (2000), em seu comentário, diz: "indirect question with the subjunctive", e traduz "That's what happened, that's how I drank off...", o que dá a entender que lê <i>ut</i> como advérbio interrogativo e não como conjunção

																		integrante.
<i>Amph.</i> 0494	profecto ducet Alcumenae; nam deum non par uidetur facere . delictum suom suamque ut culpam expetere in mortalem ut sinat .	Não parece correto um deus fazer com que permita seu delito e sua culpa recair em uma mortal.	ut	facere	sinat	S	P	D	7	2	repetição do ut	//	ia6	D V	Mercurius	M	deus/seruus	<i>delictum... ut sinat</i> depende de <i>non par uidetur facere</i> (CHRISTENSON, 2000). Quanto à repetição de <i>ut</i> , Lindsay (1907, p. 10) diz ser comum no Latim coloquial de Plauto esse tipo de repetição e dá como exemplo de repetição do <i>ut Capt.</i> 248. Ainda assim, é de se estranhar que essa repetição ocorra no meio do sintagma <i>suumque culpam</i> (em <i>Capt.</i> 248 temos <i>atque ut qui fueris...</i>), mas isso não influi nos propósitos deste estudo.
<i>Amph.</i> 0549	atque quanto, nox, fuisti longior hac proxuma, tanto breuior dies ut fiat faciam , ut aeque disparet.	E quanto, ó Noite, foste mais longa do que a última, tão mais breve farei com que o dia se torne, para distribuir igualmente.	ut	faciam	fiat	N	A	M	0	2	//	//	tr7	C	Iuppiter	M	deus	De Melo (2007b, p. 34, nota 134): "The other <i>ut</i> -clause in ll. 549–50 is final."
<i>Amph.</i> 0555	mihi praedicas. [SOS] eccere, iam tuatim facis , ut tuis nulla apud te fides sit .	Veja, agora está fazendo do seu modo habitual com que não haja confiança alguma de você aos teus.	ut	facis	sit	N	P	M	5	1	apositiva	tuatim	ba4	C	Sosia	M	seruus	O advérbio <i>tuatim</i> está em função sintática similar a outras formas como <i>ita</i> , <i>sic</i> , ou mesmo <i>illud</i> , na medida em que parece assumir um argumento de <i>facis</i> (veja discussão sobre apositivas) e, do mesmo modo é explicado, especificado pela oração com <i>ut</i> . A diferença marcável é que, ao contrário de <i>ita</i> etc., <i>tuatim</i> (similar a <i>paulatim</i>) tem um sentido lexical mais marcado, por ser formado a partir de <i>tuus</i> , significando "tuamente", "do teu modo habitual", o que deixa claro que <i>facis</i> não é factitivo, mas assume o sentido de "agir".

<i>Amph.</i> 0583 [1]	sum recte, Amphitruo. [AMPH] at te ego faciam hodie proinde ac meritis es, ut minus ualeas et miser sis, saluos domum si rediero: iam	Mas, se eu voltar a salva para casa, farei com que, do modo que você merece, você fique mal e doente.	ut	faciam	ualeas	N	P	D	6	1	prole pse	te	tr sy 10 me tr / tr sy 8m etr	C	Amp hitru o	M	dux	Christenson (2000) parece interpretar a oração de <i>ut</i> como consecutiva. Ele não as traduz, mas podemos imaginar isso pela tradução dos versos anteriores (583-4): "Oh I'll treat you just as you deserve". Assim, ele parece entender a oração <i>proinde ac meritis es</i> como equivalente a um advérbio ligado a <i>faciam</i> (<i>ita</i> , por exemplo), o que altera a tradução de <i>faciam</i> ; mas cf. <i>Amph.</i> 982.
<i>Amph.</i> 0583 [2]	sum recte, Amphitruo. [AMPH] at te ego faciam hodie proinde ac meritis es, ut minus ualeas et miser sis , saluos domum si rediero: iam	Mas, se eu voltar a salvo para casa, farei com que, do modo que você merece, você fique mal e doente.	J	faciam	sis	N	P	D	9	1	prole pse	te	tr sy 10 me tr / tr sy 8m etr	C	Amp hitru o	M	dux	É de se notar que <i>sis</i> não apresenta <i>ut</i> , mas está no mesmo verso de <i>ualeas</i> que apresenta. A coesão propiciada pelo verso ajuda a justificar a ausência do <i>ut</i> nesse caso.
<i>Amph.</i> 0598	donec Sosia illic egomet fecit sibi uti crederem .	até que aquele Sósia fez com que eu acreditasse nele.	ut	fecit	credere m	N	P	M	1	2	//	//	tr7	C	Sosia	M	seruus	//
<i>Amph.</i> 0613	[SOS] at ego nunc, Amphitruo, dico: Sosiam seruom tuom praeter me alterum, inquam, adueniens faciam ut offendas domi,	Mas agora, Anfitrião, lhe digo: garanto que, ao chegar, encontrará em casa um outro Sósia seu escravo além de mim.	ut	faciam	offenda s	N	P	M	0	2	//	//	tr7	C	Sosia	M	seruus	Christenson (2000) comenta sobre esse <i>faciam</i> com uma tradução: "I'll guarantee you...", o que indica que a contrução não é factiva, mas marcadora de certeza.
<i>Amph.</i> 0878	faciam que ut uno fetu et quod grauida est uiro et me quod grauida est pariat sine doloribus.	Farei com que em um só nascimento ela para tanto o de que está grávida do marido quanto o de que está grávida de mim, sem dores.	ut	faciam	pariat	N	P	D	1 2	1	//	//	ia6	D V	Iuppi ter	M	deus	//
<i>Amph.</i> 0978	fac iam Amphitruonem aduenientem ab aedibus ut abigas ; quouis pacto fac commentus sis.	Trata de afastar Anfitrião da casa quando ele chegar.	ut	fac	abigas	S	P	D	5	2	//	//	ia6	D V	Iuppi ter	M	deus	Comparar com <i>Amph.</i> 976 que apresenta justaposição logo antes. Christenson (2000) sugere que a aliteração do trecho (976-83) talvez indique um encantamento mágico.
<i>Amph.</i> 1001	de supero, quom huc accesserit; faciam ut sit madidus sobrius.	Farei com que, [mesmo] sóbrio, esteja bêbado.	ut	faciam	sit	N	P	M	0	2	//	//	ia8	C	Merc urius	M	deus/ seruus	Christenson (2000) traduz: "I'll cause him to be soaked, though sober."

<i>Amph.</i> 1085 [1]	suis foedis factis. [BRO] at ego faciam tu idem ut aliter praedices , Amphitruo, piam et pudicam esse tuam uxorem ut scias.	Mas farei com que proclame diferentemente, Anfitrião, e com que percebas que sua esposa é pia e casta.	ut	faciam	praedic es	N	P	M	3	1	//	//	ia8	C	Bro mia	F	ancilla	//
<i>Amph.</i> 1085 [2]	suis foedis factis. [BRO] at ego faciam tu idem ut aliter praedices, Amphitruo, piam et pudicam esse tuam uxorem ut scias .	Mas farei com que proclame diferentemente, Anfitrião, e com que percebas que sua esposa é pia e casta.	ut	faciam	scias	N	P	D	1 1	2	//	//	tr7	C	Bro mia	F	ancilla	De Melo (2007b, p. 34, nota 137): "The <i>ut</i> -clause in l. 1086 is final." Por sua vez a tradução da Loeb, também de de Melo, dá a entender que ambos são regidos por <i>faciam</i> : "But I'll make you speak differently, Amphitruo, and I'll make you realize that your wife is pious and chaste." Veja também a tradução de Christenson (2000): "But I'll make you declare otherwise about that too, and realize that your with is dutiful and beyond reproach.". Estruturalmente, ambas as possibilidades são válidas. Do ponto de vista semântico, a percepção da castidade da esposa precederia o falar diferentemente sobre ela, o que faz entender a oração <i>ut scias</i> como final um pouco estranho. Todavia, há inúmeros casos em Plauto em que a ordem lógica não condiz com a hierarquia gramatical, o que faz o argumento frágil e não resolve definitivamente a ambiguidade. Ainda assim, prefiro entender ambas orações de <i>ut</i> regidas por <i>facio</i> .
<i>Asin.</i> 0028	eloquere: ut ipse scibo, te faciam ut scias .	como eu proprio souber, farei com que saibas.	ut	faciam	scias	N	P	M	0	2	prole pse	te	ia6	D V	Dem aenet us	M	senex	Bertini (1968) entende, em relação à prolepse de <i>te</i> , que Plauto não segue a ordem correta das palavras. Diz poder ser um anacoluto, se considerarmos a pressa de Demêneto em falaro com Libano. Duckworth (1940, p. 371), comentando <i>Epid.</i> 606, indica haver prolepse nesse exemplar.
<i>Asin.</i> 0090	uiginti iam usust filio argenti minis: face id ut paratum iam sit . [LIB] unde gentium?	Meu filho precisa de vinte minas já: faz com que essa soma esteja pronta já.	ut	face	paratu m sit	N	P	M	3	1	//	//	ia6	D V	Dem aenet us	M	senex	Para Gray (1894), <i>id</i> indica a soma de dinheiro.
<i>Asin.</i> 0140	ego edepol te faciam ut quae sis nunc et quae fueris scias .	De fato, farei com que saiba quem você é agora e quem você era.	ut	faciam	scias	N	P	M	6	1	prole pse	te	tr7	C	Diab olus	M	adules ens	//

Asin. 0647	[LEO] uin faciam ut me Philaenium praesente hoc amplexetur ?	Você quer que eu faça Filênio me abraçar, estando ele presente?	ut	faciam	amplexetur	N	P	M	4	1	//	//	ia7	C	Leonida	M	seruus	//
Asin. 0739	patrem hanc amplexari tuom? [ARG] haec faciet facile ut patiar .	Esta [bolsa de dinheiro] fará com que eu suporte facilmente.	ut	faciet	patiar	N	P	M	1	2	//	//	ia7	C	Argyrippus	M	adulescens	<i>haec</i> se refere a <i>crumina</i> (BERTINI, 1968; GRAY, 1894).
Asin. 0824	tu ergo fac ut illi turbas, lites concias ,	Então, garanta que provoque a ele tumultos e disputas,	ut	fac	concias	S	P	M	3	1	//	//	ia6	DV	Diabolus	M	adulescens	//
Asin. 0897	dixisti in me. sine, reuenias modo domum, faxo ut scias quid pericli sit dotatae uxori uitium dicere.	Que volte logo para casa, farei com que saiba que perigo há em falar mal de uma esposa com dote.	ut	faxo	scias	N	P	M	0	2	//	//	tr7	C	Artemona	F	matrona	//
Aul. 0026	dat mihi coronas. eius honoris gratia feci thesaurum ut hic reperiret Euclio,	Para a honra dela, fiz com que este Euclião encontrasse o tesouro.	ut	feci	reperiret	N	P	M	2	1	//	//	ia6	DV	Larfamiliaris	M	deus	//
Aul. 0031	eam ego hodie faciam ut hic senex de proximo sibi uxore poscat . id ea faciam gratia	Hoje farei com que esse homem da casa ao lado a peça como esposa para si.	ut	faciam	poscat	N	P	D	6	1	//	//	ia6	DV	Larfamiliaris	M	deus	//
Aul. 0257	[MEG] istuc di bene [uortant]- [EVC] ita di faxint. illud facito ut memineris , conuenisse ut ne quid dotis mea ad te afferret filia.	Trata de lembrar isto: ter concordado que minha filha não levaria nenhum dote.	ut	facito	memineris	S	P	M	0	2	//	//	tr7	C	Euclio	M	senex	O período se inicia com o pronome <i>illud</i> , cuja sintaxe não é clara: a quem esse acusativo está ligado? (i) Se for a <i>facito</i> , ele se torna objeto e a oração <i>ut memineris</i> , seu aposto (faz isso, que se lembre...). (ii) Se for a <i>memineris</i> , ele se torna seu objeto e a oração <i>de conuenisse</i> , seu aposto (faz com que se lembre disso, de ter concordado...). Somente caso seja (i) ele entra na categoria especial "apositiva", mas nos outros não. Considero que <i>illud</i> seja objeto de <i>memineris</i> . Compare com <i>Mil.</i> 354: <i>praecepta facito ut memineris</i> ; <i>Persa</i> 494: <i>faciam ut mei memineris</i> . Esses outros exemplos sugerem que o normal seja a construção preferir que o acusativo seja objeto de <i>memineris</i> . Thomas (1913): " facito , <i>fac</i> (<i>facite</i> , <i>facito</i>) is specially common in old Latin in forming periphrastic imperative for other verbs. It is followed in Plautus by an <i>ut</i> -clause, or, more often, a paratactic jussive

																			subj."
<i>Aul.</i> 0365	nisi unum hoc faciam , ut in puteo cenam coquant :	A não ser que eu faça essa única coisa, que eles cozinhem a janta na masmorra.	ut	faciam	coquant	N	P	M	3	1	apostiva	unum hoc	ia6	D V	Strobulus	M	seruus	//	
<i>Aul.</i> 0443	si ad ianuam huc accesseris, nisi iussero, proprius, ego te faciam miserrumus mortalis uti sis .	Se você se chegar mais perto à janela sem eu ter mandado, eu farei com que você seja o mortal mais infeliz.	ut	faciam	sis	N	P	M	2	2	prolepse	te	vr	C	Euclio	M	senex	MacLennan & Stockert (2016): "The 'proleptic' (anticipatory) position of <i>te</i> (the implied subject of the <i>ut</i> sentence) lays the weight on that word. Duckworth (1940, p. 371), comentando <i>Epid.</i> 606, indica haver prolepse nesse exemplar.	
<i>Aul.</i> 0478	nam meo quidem animo si idem faciant ceteri opulentiores, pauperiorum filias ut indotatas ducant uxores domum, et multo fiat ciuitas concordior, [...].	Pois, na minha opinião, se do mesmo modo agissem outros bem de vida, casando-se com as filhas sem dote dos mais pobres, a cidade se tornaria muito mais harmoniosa...	ut	faciant	ducant	S	P	D	5	1	apostiva	idem	ia6	D V	Megadorus	M	senex	Thomas (1913, p. 22), em comentário ao verso 439: "He [Plautus] usually expresses a present unreal condition by the present subjunctive; cf. 478 <i>si faciant</i> , 'if they were to do (now)' [...]"	
<i>Aul.</i> 0545	[MEG] immo est <quod satis est>, et di faciant ut siet plus plusque, <et> istuc sospitent quod nunc habes.	Bem, há o suficiente, e que os deuses façam com que haja mais e mais e que protejam o que você agora tem.	ut	faciant	siet	N	P	M	0	2	//	//	ia6	D V	Megadorus	M	senex	//	
<i>Aul.</i> 0740	[EVC] quor id ausu's facere ut id quod non tuom esset tangeres ?	Por que você ousou fazer com que tocasse no que não era seu?	ut	facere	tangeres	S	P	M	5	1	apostiva	id	tr7	C	Euclio	M	senex	//	
<i>Aul.</i> 0797	[EVC] ei mihi, quod ego facinus ex te audio? [LYC] quor eiulas, quem ego auom feci iam ut esses filiai nuptiis?	Por que você está lamentando, você a quem fiz com que fosse avô nas núpcias da filha?	ut	feci	esses	N	P	M	1	2	prolepse	quem auom	tr7	C	Lycónides	M	adulescens	MacLennan & Stockert (2016): "Rather than a proleptic accusative <i>auom</i> (see on 54) we have here a 'contamination' of the phrases <i>quem ego auom feci</i> and <i>feci ut auos esses</i> ." Chamo a atenção ao fato de que no comentário ao verso 54 reportado, os autores enumeram como prolepse o verso 443, que apresenta a mesma ordem de palavras <i>ego</i> + acc. + verbo (v. acima). Assim, considero este também um exemplar com prolepse.	
<i>Bacch.</i> 0036	[BAC] ubi me fugiet memoria, ibi tu facito ut subuenias , soror.	Quando a memória me fugir, então trate de me socorrer, irmã.	ut	facito	subuenias	S	P	M	0	2	//	//	tr7	C	Bacchis	F	meretrix	//	

<i>Bacch.</i> 0328	atque heus tu. [NIC] quid uis? [CHRY] anulū gnati tui facito ut memineris ferre. [NIC] quid opust anulō	Trata de se lembrar de trazer o anel do seu filho.	ut	facito	memineris	S	P	M	0	2	//	//	ia6	D V	Chrysalus	M	seruus	//
<i>Bacch.</i> 0352 [1]	ut amantem erilem copem facerem filium, ita feci ut auri quantum uellet sumeret , quantum autem lubeat reddere ut reddat patri.	Para que eu fizesse rico o filho apaixonado do senhor, garanti que ele tomasse quanto ouro quisesse e devolvesse ao pai quanto agradasse revolver.	ut	feci	sumeret	N	P	M	3	1	apositiva	ita	ia6	D V	Chrysalus	M	seruus	//
<i>Bacch.</i> 0352 [2]	ut amantem erilem copem facerem filium, ita feci ut auri quantum uellet sumeret, quantum autem lubeat reddere ut reddat patri.	Para que eu fizesse rico o filho apaixonado do senhor, garanti que ele tomasse quanto ouro quisesse e devolvesse ao pai quanto agradasse revolver.	ut	feci	reddat	N	P	D	8	2	apositiva	ita	ia6	D V	Chrysalus	M	seruus	//
<i>Bacch.</i> 1153	[BAC] facito ut facias . [SOR] taceas. tu tuom facito: ego quod dixi hau mutabo.	Faz isso sim!	ut	facito	facias	S	P	M	0	2	//	//	an 8	C	Bacchis	F	meretrix	//
<i>Capt.</i> 0065	ualentiorē nactus aduersarium si erit, ego faciam ut pugnam inspectet non bonam, adeo ut spectare postea omnis oderit.	Se tiver escolhido um adversário mais forte, garanto que assistirá uma luta não boa, de modo que odeie assistir todas depois disso.	ut	faciam	inspectet	N	P	M	1	1	//	//	ia6	D V	Prologus		prologus	De Melo (2007b, p. 34, nota 135): " <i>Oderit</i> in <i>Capt.</i> 66 is in a final <i>ut</i> -clause."
<i>Capt.</i> 0337	[HEG] fac is homo ut redimatur . [TYN] faciam. sed te id oro, Hegio -	Faz com que esse homem seja liberto.	ut	fac	redimatur	N	P	M	2	2	//	//	tr7	C	Hegio	M	senex	Lindsay (1900) chama atenção ao fato de que <i>is homo</i> está no nominativo, em vez de no acusativo (aqui classificado como prolepse) que seria o esperado. Um exemplo que se aproxima deste é <i>Amph.</i> 1085 e ainda mais <i>Most.</i> 1145.
<i>Capt.</i> 0385 [1]	[PHILOC] Philocrates, ut adhuc locorum feci, faciam sedulo ut potissimum quod in rem recte conducatur tuam, id petam id persequarque corde et animo atque auribus.	Filocrates, como eu fiz até agora, farei continuamente com que acima de tudo eu busque e persiga o que beneficie mais teu negócio, com coração, mente e ouvidos.	ut	faciam	petam	S	P	D	9	1	//	//	tr7	C	Philocrates	M	adulescens	De Melo (2007b, p. 34, nota 136): "This [persequar] and the following token [petam] depend on the same verb."

Capt. 0385 [2]	[PHILOC] Philocrates, ut adhuc locorum feci, faciam sedulo ut potissimum quod in rem recte conducat tuam, id petam id persequar que corde et animo atque auribus.	Filocrates, como eu fiz até agora, farei continuamente com que acima de tudo eu busque e persiga o que beneficie mais teu negócio, com coração, mente e ouvidos.	ut	faciam	persequar	S	P	D	1	1	//	//	tr7	C	Philocrates	M	adulescens	De Melo (2007b, p. 34, nota 136): "This [persequar] and the following token [petam] depend on the same verb." Estando ambos os verbos no subjuntivo após a conjunção <i>ut</i> , considero que ambos por ela são regidos.
Capt. 0409	et mea opera, si hinc rebito, faciam ut faciat facilius.	e, com meu esforço, se eu voltar daqui, garantirei que faça isso mais facilmente.	ut	faciam	faciat	N	P	M	0	2	//	//	tr7	C	Tyndarus	M	seruus	//
Capt. 0411	nam tua opera et comitate et uirtute et sapientia fecisti ut redire liceat ad parentis denuo,	Pois, com seu esforço, bondade, virtude e sabedoria, você fez com que fosse lícito retornar aos pais novamente,	ut	fecisti	liceat	N	P	M	1	1	//	//	tr7	C	Tyndarus	M	seruus	Lindsay (1900) não comenta o não cumprimento da <i>consecutio temporum</i> .
Capt. 0610	istic qui uolt uinciatur [ARI] tace modo. ego te, Philocrates false, faciam ut uerus hodie reperiare Tyndarus.	Eu farei com que você, falso Filócrates, seja hoje descoberto como o verdadeiro Tíndaro.	ut	faciam	reperire	N	P	M	2	1	prolepse	te	tr7	C	Aristophanes	M	adulescens	Lindsay (1900) ofecere alguns outros três exemplos de construções com prolepse, todas citadas neste trabalho.
Capt. 0689	[HEG] facio ergo ut Accherunti clueas gloria.	Trata de ser conhecido pela glória no Submundo.	ut	facito	clueas	S	P	M	2	1	//	//	ia6	DV	Hegio	M	senex	//
Capt. 0800	[ERG] faciam ut huius diei locique meique semper meminerit .	Farei com que ele se lembre deste dia, deste lugar e de mim para sempre.	ut	faciam	meminerit	N	P	M	5	1	//	//	tr7	C	Ergasilus	M	parasitus	Esse verso é exatamente igual ao de Ter. Eun. 801. Note-se que a construção inovadora <i>faciam ut</i> do v. 800 antecede a construção conservadora do v. 801, <i>faxo</i> + fut. perf.
Capt. 0856	[ERG] quin ita faciam , ut <tu>te cupias facere sumptum, etsi ego uotem.	Não, eu farei com que você deseje gastar dinheiro, ainda que eu vete.	ut	faciam	cupias	N	P	M	1	1	apositiva	ita	tr7	C	Ergasilus	M	parasitus	//
Capt. 0931	tibique hunc reducem in libertatem feci? [HEG] fecisti ut tibi, Philocrates, numquam referre gratiam possim satis, proinde ut tu promeritu's de me et filio.	Você fez com que eu nunca possa suficientemente demonstrar gratidão a ti, ó Filócrates, do mesmo modo que você agiu em retaliação a mim e meu filho.	ut	fecisti	possim	N	P	D	5	1	//	//	tr7	C	Hegio	M	senex	//
Capt. 0962	[HEG] at ego faciam ut pudeat , nam in ruborem te totum dabo.	Mas eu farei com que se envergonhe: forei você inteiro vermelho.	ut	faciam	pudeat	N	P	M	0	2	//	//	tr7	C	Hegio	M	senex	//

Cas. 0158	faciam uti proinde ut est dignus uitam colat ,	Farei com que ele colha a vida que merece.	ut	faciam	colat	N	P	M	5	1	//	//	cr4	C	Cleo strata	F	matrona	A numeração deste verso varia de acordo com as edições.
Cas. 0524	“cum cibo suo quiqui” facito ut ueniant “quasi eant Sutrium.”	Faz com que eles venham “com comida, com tudo, com se fossem a Sutri”.	ut	facito	ueniant	N	P	M	0	2	//	//	tr7	C	Lysidamus	M	senex	Note-se que no verso anterior há <i>facito</i> justaposto a um subjuntivo.
Cas. 0714	[LYS] face ut impetres .	Trata de conseguir.	ut	face	impetres	S	P	M	0	2	//	//	ia sy 11 metr	C	Lysidamus	M	senex	//
Cas. 0746	ego iam intus ero, facito cenam mihi ut ebria sit .	Logo estarei dentro, garanta que a janta seja suntuosa.	ut	facito	sit	N	P	M	3	1	prolepse	cenam	an 4 + an 2	C	Olympio	M	seruus	MacCary e Willcock (1976) indicam que <i>ebria</i> , literalmente bêbada, significa rica, suntuosa. Duckworth (1940, p. 371), comentando <i>Epid.</i> 606, indica haver prolepse nesse exemplar.
Cist. 0012	[SEL] lubenti[que] edepol animo factum et fiet a me, quae uos arbitrabor uelle, ea ut expetessam .	De bom grado foi feito e será feito por mim que eu busque o que julgo que vocês querem.	ut	factum et fiet	expetessam	N	P	D	7	2	voz passiva	//	ba 4	C	Selenium	F	meretrix	A construção é muito curiosa e seu único equivalente em Plauto está em <i>Trin.</i> 429. A oração com <i>ut</i> é sujeito paciente dos verbos <i>factum [est]</i> e <i>fiet</i> , os quais parecem estar na voz passiva, por conta da expressão <i>a me</i> que os segue, apesar de a preposição <i>a</i> poder ter outros sentidos em Plauto (v. Lindsay, 1907, p. 82-3). Stockert (2012): “Die Ausdruckweise Seleniums ist weiterhin weitschweifig und repetitiv, wieder steht <i>arbitrari</i> (vgl. v. 5a), wieder weist sie auf ihren <i>animus</i> hin (wie in v. 5).” Em português: “O modo de expressão de Selênio continua prolixo e repetitivo, por um lado há <i>arbitrari</i> (cf. v. 5), por outro ela indica seu <i>animus</i> (como no v. 5).”
Cist. 0062	[GYM] indidem unde oritur facito ut facias stultitiam sepelibilem.	Trata de fazer sua estupidez ser enterrável no mesmo lugar de onde ela surgiu.	ut	facito	facias	S	P	M	0	2	//	//	tr7	C	Gymnasium	F	meretrix	//
Cist. 0064	[SEL] quid faciam? [GYM] in latebras abscondas pectore penitissimo. tuam stultitiam sola facito ut scias sine aliis arbitris.	Esconda nas sombras no mais íntimo do peito. Trata de saber sozinha da sua estupidez, sem outras testemunhas.	ut	facito	scias	S	P	M	0	2	//	//	tr7	C	Gymnasium	F	meretrix	Stockert (2012): “ facito ut scias ist verstärktes <i>scias</i> ”, “é um <i>scias</i> reforçado”.

<i>Cist.</i> 0645	ne se interemat. [ALC] o Salute mea salus salubrior, tu nunc, si ego uolo seu nolo, sola me ut uiuam facis.	Ó minha salvação mais salvadora do que a própria Salvação, sozinha você agora faz com que eu viva, quer eu queira, quer não queira.	ut	facis	uiuam	N	A	M	0	2	prolepse	me	tr7	C	Alcesimarchus	M	adulescens	Stockert (2012): " me ut vivam facis] Zur Prolepsis des Nebensatz-Subjektes vgl. Hofmann Gramm. 471."
<i>Curc.</i> 0210	[PLA] facito ut memineris. tene etiam, prius quam hinc abeo, sauium.	Trata de lembrar.	ut	facito	memineris	S	P	M	0	2	//	//	tr7	C	Planesium	F	uirgo	//
<i>Curc.</i> 0213	quando ego te uidebo? [PLA] em istoc uerbo uindictam para: si amas, eme, ne rogites, facito ut pretio peruincas tuo.	Se você me ama, compre-me, não fique pedindo; trata de vencer com a sua oferta [mais alta].	ut	facito	peruincas	S	P	M	1	1	//	//	tr7	C	Planesium	F	uirgo	//
<i>Curc.</i> 0258	[CAP] facit hic quod pauci, ut sit magistro opsequens.	Ele faz o que poucos fazem, que seja obediente ao professor.	ut	facit	sit	S	P	M	3	2	apositiva	or. quod	ia6	DV	Cappadox	M	leno	Collart (1967) diz: " <i>Vt développe <id> quod pauci.</i> "
<i>Curc.</i> 0314	[PAL] uae capiti tuo. [CVR] opsecro hercle, facite uentum ut gaudeam.	Peço, façam com que eu que chego me alegre.	ut	facite	gaudeam	N	P	M	1	2	//	//	tr7	C	Curculio	M	parasitus	Collart (1967) diz: " <i>Ventum</i> : Charançon entend: 'Faites que je me réjouisse de mon arrivée', ses interlocuteurs comprennent: 'Faites-moi du vent pour me réjouir' (le vent étant aussi un remède contre l'évanouissement) [...] VARRON en fait état, <i>L. L.</i> , V, 72. - <i>Gaudeo</i> + inf. est une construction poétique (Hor., <i>Od.</i> , III, 6, 21) et familière (Hor. <i>Sat.</i> , I, 4, 78): sans doute faut-il, en effet, comprendre <i>uentum <esse></i> , 'je me réjouis qu'on soit venu' ('on' = 'je'), cf. ERNOUT, éd. de Plaute, III, <i>Cist.</i> , p. 15, n. 1." Monaco (1969) também cita o mesmo jogo estar em <i>Cist.</i> 14. De Melo (2007b, p. 33, nota 130): " <i>Curculio</i> says <i>facite uentum ut gaudeam</i> . I interpret this like him, with an object clause and <i>uentum</i> as a past participle. <i>Palinurus</i> ' interpretation is of course 'break wind so that I can be happy', with a final clause."
<i>Curc.</i> 0555	[THER] quid ego nunc faciam? quid refert me fecisse regibus ut mi oboedirent , si hic me hodie umbraticus	O que devo fazer agora? De que adiante eu ter feito com que reis me obedecessem, se este que vive na sombra ri de mim?	ut	fecisse	oboedirent	N	P	D	2	1	prolepse	regibus	tr7	C	Therapontionus	M	miles	//

	deriserit?																	
Cur. 0576	bene iuuent pugnatem in acie: nisi mi uirgo redditur, iam ego te faciam ut hinc formicae frustillatim differant .	Se a jovem não me for devolvida, já eu farei com que formigas te carreguem em pedacinhos daqui.	ut	faciam	differe nt	N	P	M	3	1	//	//	tr7	C	Ther apon tigon us	M	miles	//
Epid. 0606	si inuenio exitiabilem ego illi faciam hunc ut fiat diem.	Se eu o encontrar, farei com que este dia se torne o seu último.	ut	faciam	fiat	N	P	M	1	2	prole pse	hunc diem exiti alem	tr7	C	Perip hane s	M	senex	Gray (1893, p. 73): " <i>Exitiabilem</i> by attraction to <i>diem</i> for <i>ut fiat exitiabilis</i> "; " faciam ut fiat [...]" The construction is found in consecutive as well as in final sentences." Esse caso de prolepse é interessantíssimo, pois ela acontece de tal modo que o trecho evidentemente subordinado poderia facilmente não ser exprimido. O verbo <i>facio</i> admite a construção de duplo acusativo <i>faciam</i> <i>hunc diem exitiabilem</i> . Ao mesmo tempo, não haver nenhum nominativo conectável a <i>fiat</i> , a não ser de modo elíptico, esvazia a estrutura. Duckworth (1940, p. 371) indica haver prolepse nesse exemplar e aponta o adjetivo estar no acusativo como em outros casos: <i>Persa</i> 760, <i>Poen.</i> 453.
Men. 0437	tum facito ante solem occasum ut uenias aduorsum mihi.	Então, trata de vir me escotar antes do pôr do sol.	ut	facito	uenias	S	P	M	3	2	//	//	tr7	C	Soci cles	M	adules ens	//
Men. 0948	ad me face uti deferatur . [SEN] itane censes? [MED] quippini?	Faz com que ele seja levado até mim.	ut	face	deferat ur	N	P	M	0	2	//	//	tr7	C	Medi cus	M	medicu s	Thoresby Jones (1918): "more commonly <i>ut</i> is omitted, e.g. 890 <i>fac sciam</i> ."
Men. 1014	[MEN] teneo ego huic oculum. [MES] face ut oculi locus in capite appareat .	Faz com que o buraco do olho apareça na cabeça.	ut	face	appare at	N	P	M	4	1	//	//	tr7	C	Mess enio	M	seruus	//
Men. 1061	[MEN] si uoltis per oculos iurare, nihilo hercle ea causa magis facietis ut ego <hinc> hodie apstulerim pallam et spinter, pessumae.	Mesmo se vocês quiserem jurar pelos olhos, vocês farão nada mais pelo fato de que eu roubei o manto e o bracelete, péssimas.	ut	facietis	apstule rim	N	P	M	3	1	aposi tiva	ea caus a	ia8	C	Men aech mus	M	adules ens	Thoresby (1918, p. 202): " facietis ut... apstulerim : lit. 'will you bring it about that I have taken', i.e. 'will you establish (as a fact) that I have taken'."

Merc. 0278	[LYS] i tu hinc ad uillam atque istos rastros uilico Pisto ipsi facito coram ut tradas in manum.	Vá você daqui à fazenda e trata de dar pessoalmente essas enxadas em mãos ao caseiro Pisto. [uilla, ae = fazenda, vila; rastrum, i = enxada; uilicus, i = caseiro, feitor]	ut	facito	tradas	S	P	M	1	2	//	//	ia6	D V	Lysi mach us	M	senex	//
Merc. 0279	uxori facito ut nunties , negotium mihi esse in urbe, ne me exspectet; nam mihi tris hodie litis iudicandas dicit.	Trata de anunciar à esposa que tenho negócios na cidade, para que não me espere. Diz que tenho hoje três casos a serem julgados.	ut	facito	nunties	S	P	M	0	2	//	//	ia6	D V	Lysi mach us	M	senex	//
Merc. 0565	[DEM] quid faciam? [LYS] quod opust facto facito ut cogites .	Trata de pensar o que é necessário [ser] feito.	ut	facito	cogites	S	P	M	0	2	//	//	ia6	D V	Lysi mach us	M	senex	Dunsch (2001): "Lysimachus uses the same formal tone he used earlier when dispatching his slave to the country (275- 283). However, now he is talking to a social equal, and by his choice of words Lysimachus assumes an air of authority that verges on the impolite. <i>quod opust facto facito ut cogites</i> : 'consider what must be done', cf. <i>Tri.</i> 584. For a discussion of all constructions with <i>opus est</i> see Sedgwick on <i>Am.</i> 169 and see 330n. (<i>hoc mihi viso opust</i>)."
Merc. 0712 [1]	[LYS] quid nunc ego faciam nisi uti adeam atque alloquar?	O que devo fazer agora, a não ser aproximar-me e falar [com ela]?	ut	faciam	adeam	S	P	M	1	2	aposi tiva	quid	ia6	D V	Lysi mach us	M	senex	//
Merc. 0712 [2]	[LYS] quid nunc ego faciam nisi uti adeam atque alloquar ?	O que devo fazer agora, a não ser aproximar-me e falar [com ela]?	J	faciam	alloqua r	S	P	M	3	1	aposi tiva	quid	ia6	D V	Lysi mach us	M	senex	//
Merc. 0994	si hercle sciuisssem siue adeo ioculo dixisset mihi se illam amare, numquam faciorem ut illam amanti abducerem .	Se eu tivesse sabido, ou se ele de brincadeira tivesse me dito amá- la, nunca eu teria feito com que eu a rapitasse de seu amante.	ut	facere m	abduce rem	S	P	M	2	1	//	//	tr7	C	Dem ipho	M	senex	Dunsch (2001) fala do imperfeito do subjuntivo sendo usado no lugar do mais- que-perfeito e cita outros exemplos.
Mil. 0149	ei nos facietis fabricis et doctis dolis glaucumam ob oculos obiciemus eumque ita faciemus ut quod uiderit ne uiderit .	Com nossos truques espertos e dolos inteligentes, vamos jogar poeira nos seus olhos e faremos assim que não veja o que viu. [facetus, a, um = esperto, engraçado; fabrica, ae = truque; glaucuma, ae = comicamente: alicui glaucumam ob oculos	ut	faciem us	uiderit	N	P	M	3	1	prole pse/ aposi tiva	eum/ ita	ia6	D V	Palae strio	M	seruus	Duckworth (1940, p. 371), comentando <i>Epid.</i> 606, indica haver prolepsse nesse exemplar.

		obicere, jogar poeira nos olhos de alguém]																
Mil. 0335	uin iam faciam uti stultiuidum fateare ? [SCE] ag face.	Você quer que eu faça com que você admita ver as coisas de um modo tolo? [stultiuidus, a, um = stultusuido = o que vê as coisas de modo tolo]	ut	faciam	fateare	N	P	M	1	1	//	//	tr7	C	Palae strio	M	seruus	//
Mil. 0341	[PAL] quid nunc? si ea domi est, si facio ut eam exire hinc uideas domo, dignun es uerberibus multis?	O que agora? Se ela estiver em casa, se eu fizer com que você veja ela sair da casa, você será digno de muitos açoites? [uerber, ěris = n. açoite]	ut	facio	uideas	N	P	M	3	1	//	//	tr7	C	Palae strio	M	seruus	//
Mil. 0346	[SCE] agedum ergo face. uolo scire utrum egon id quod uidi uiderim an illic faciat , quod facturum dicit, ut ea sit domi.	Quero saber se eu vi o que eu vi ou se ele fez o que disse que faria, que ela está em casa.	ut	faciat	sit	N	P	M	4	1	aposi tiva	or. quod	tr7	C	Scele drus	M	seruus	//
Mil. 0354	[PAL] praecepta facito ut memineris . [PHIL] totiens monere mirum est.	Trata de lembrar minhas instruções.	ut	facito	memin eris	S	P	M	0	2	//	//	ia7	C	Palae strio	M	seruus	//
Mil. 0661	[PER] tute me ut fateare faciam esse adulescentem moribus, ita apud omnis comparebo tibi res bene factis frequens.	Farei com que você admita que eu sou um jovem nos costumes, assim em tudo parecerei cheio de bons feitos. [frequens, entis = [+abl.] cheio de]	ut	faciam	fateare	N	A	M	0	2	//	//	tr7	C	Perip lecto men us	M	senex	//
Mil. 0812	[PLEV] eo ego intro igitur. [PAL] et praecepta sobrie ut cures face .	E trata de seguir minhas ordens sobriamente.	ut	face	cures	S	A	M	0	2	//	//	tr7	C	Palae strio	M	seruus	Hammond, Mack & Moskalew (1970): " ut cures face : this subordination rather than parataxis with <i>face</i> [...] has led many editors to emend the mss. <i>ut cures</i> to <i>adcures</i> ".
Mil. 1177	quom extemplo hoc erit factum, ubi intro haec abierit, ibi tu ilico facito uti uenias ornatu huc ad nos nauclerico;	Logo que isso for feito, quando ela tiver ido, imediatamente garanta que você venha aqui até nós com roupa de capitão.	ut	facito	uenias	S	P	M	0	2	//	//	tr7	C	Palae strio	M	seruus	//
Mil. 1257	quia me amat, propterea Venus fecit eam ut diuinaret .	Porque ela me ama, Vênus fez com que ela profetizasse.	ut	fecit	diuinar et	N	P	M	1	2	prole pse	eam	ia7	C	Pyrg opoli nices	M	miles	Hammond, Mack & Moskalew (1970): " eam serves both as object of <i>fecit</i> and by anticipation as subject of <i>diuinaret</i> , cf. on

																		1322." Esse fenômeno é aqui chamado de prolepse.
Mil. 1322	[PHIL] istuc crucior, a uiro me tali abalienarier, nam tu quemuis potis es facere ut afluat facetiis;	Eu agonizo com isso, ser levada embora por tal homem, pois você pode fazer com que quem você queira fique cheio de esperteza. [afluat, ere = estar cheio de]	ut	facere	afluat	N	P	M	0	2	prolepse	quemuis	tr7	C	Philocomasium	F	mulier	Duckworth (1940, p. 371), comentando Epid. 606, indica haver prolepse nesse exemplar. Hammond, Mack & Moskalew (1970): " quemuis [...] serves both as object of <i>facere</i> and, by anticipation (cf. 1257), as subject of <i>affluat</i> ".
Mil. 1395	[PER] ducite istum; si non sequitur, rapite sublimem foras, facite inter terram atque caelum ut siet , discindite.	Tragam ele; se ele não vier, carreguem ele para fora, façam com que esteja entre o céu e a terra, destruam ele. [sublimem = adv. em cima, para cima; discindo, ere = rasgar]	ut	facite	siet	N	P	M	4	2	//	//	tr7	C	Periplectomenus	M	senex	//
Most. 0078	pro di immortales, opsecro uostram fidem! facite huc ut redeat noster quam primum senex, triennium qui iam hinc abest, priusquam omnia periere, et aedis et ager; qui nisi huc redit,	Façam com que retorne para cá nosso velho o quanto antes, o qual está ausente já há três anos, ante que tudo esteja arruinado, tanto a casa quanto o campo;	ut	facite	redeat	N	P	M	1	2	//	//	ia6	DV	Gruccio	M	seruus	//
Most. 0094	[... at ego id faciam esse ita ut credatis . ...]	mas eu farei com que acrediteis isso ser assim.	ut	faciam	credatis	N	P	M	2	2	//	//	an4	C	Philochus	M	adulescens	A edição da Loeb indica que os versos 93-95 são excluídos por Ritschl. Sonnenschein (1884) diz que editores colocam entre colchetes trecho por considerarem ser ditografia. Por sua vez, trata-se de um trecho de discurso prolixo com símile filosófica. Em ordem aproximada ao normal do português, teríamos: "faciam ut credatis id esse ita", "farei com que acrediteis isso ser assim".
Most. 0389 [1]	satin habes si ego aduenientem ita patrem faciam tuom, non modo ne intro eat, uerum etiam ut fugiat longe ab aedibus?	Você considera suficiente se, quando seu pai chegar, eu fizer com que não só não entre, mas também fuja para longe da casa?	ut	faciam	fugiat	N	P	D	8	2	prolepse/apositiva	patrem tuom / ita	tr7	C	Tranio	M	seruus	Lorenz (1883) e Sonnenschein (1884) indicam a prolepse.
Most. 0423 [1]	ne intro iret ad se. [TRA] quin etiam illi hoc dicito, facturum <me> ut ne etiam aspicere aedis audeat , capite abolututo ut fugiat	Sim, diz ainda isto para ele, que eu farei com que nem ouse olhar mais para a casa e que, com a cabeça coberta, fuja com enorme medo.	ut	facturum	audeat	N	P	M	5	1	ut ne	//	ia6	DV	Tranio	M	seruus	//

	cum summo metu.																	
Most. 0423 [2]	ne intro iret ad se. [TRA] quin etiam illi hoc dicit, facturum <me> ut ne etiam aspicere aedis audeat, capite abuoluto ut fugiat cum summo metu.	Sim, diz ainda isto para ele, que eu farei com que nem ouse olhar mais para a casa e que, com a cabeça coberta, fuja com enorme medo.	ut	facturu m	fugiat	N	P	D	8	2	//	//	ia6	D V	Trani o	M	seruus	//
Most. 1145 [1]	fac ego ne metuam <mihi atque> ut tu meam timeas uicem.	Faz com que eu não tema por mim e que você tenha medo no meu lugar. [vicis, is = f. vez, turno]	ut	fac	timeas	S	P	M	7	1	//	//	tr7	C	Trani o	M	seruus	//
Persa 0047	quaere tamen, ego item sedulo. [SAG] si quid erit, <te fac > iam ut scias .	Se houver algo, farei com que você saiba.	ut	faciam	scias	N	P	M	0	2	prole pse	te	ia8	C	Saga ristio	M	seruus	Woytek (1982) defende outra emenda textual: "SUDHAUS' Ergänzung <iam fac>iam ist der von den Editoren allgemein aufgenommenen Verbesserung ABRAHAMS <te fac>iam im übringen nicht nur aus paläographischen Gründen (Homoioteleuton ist ein schlagender Grund für Textausfall: vgl. LINDSAY, Text. Em. 45f.) überlegen, sondern auch sachlich besser: proleptisches Objekt ist in unserem Kontext sinnleer. (anders Asin. 28, wo das Pronomen betont ist: <i>ut ipse scibo, te faciam ut scias</i> ; vgl. auch noch unten 382, 414, 743, 760), iam hingegen bringt einen zusätzlichen Aspekt ins Spiel: vgl. dazu iam pollicerer oben 45.". Assim, considerar esse exemplar na categoria "prolepse" é passível de controvérsia. Lindsay (1905) mantém sem emenda. Leo (1895-6) segue a de Abraham, assim como a edição Loeb.

<i>Persa</i> 0092	[TOX] collyrae facite ut madeant et colyphia, ne mihi incocta detis. [SAT] rem loquitur meram.	Garanta que as massas e a carne estejam cozidas, não as dê para mim cruas. [collyra, ae = massa; madeo, ui, ere = estar cozido; colyphia, orum = nt. pedaços de carne]	ut	facite	madea nt	N	P	M	0	2	//	//	ia6	D V	Toxil us	M	seruus	Julgo que se podem interpretar três estruturas para a oração iniciada por <i>ne</i> : (i) <i>ne</i> também está regido por <i>facite</i> em coordenação com <i>ut</i> ; (ii) <i>ne</i> é uma final negativa; (iii) trata-se de um subjuntivo jussivo independente, introduzido pela partícula negativa <i>ne</i> . Note-se que não há elemento de coordenação entre as orações de <i>ut</i> e <i>ne</i> . Woytek (1982) lê como um proibitivo e cita Bennett (1982 [1910], vol 1, p. 169) que classifica esse exemplar sob os títulos "Subjunctive in Principal Clauses", "The Prohibitive Subjunctive".
<i>Persa</i> 0178	ego istuc pelagus tibi ut sit faciam .	Eu farei com que isto vire um mar calmo para você.	ut	faciam	sit	N	A	M	0	2	//	//	an 4	C	Soph oclid isca	F	ancilla	//
<i>Persa</i> 0382	[SAT] et qui parentes fuerint? [VIR] habeo in memoria. necessitate me mala ut fiam facis .	Por necessidade, você faz com que eu me torne má.	ut	facis	fiam	N	A	M	0	2	prole pse	me	ia6	D V	Virg o	F	uirgo	Woytek (1982) indica a prolepse.
<i>Persa</i> 0388	[VIR] ergo istuc facito ut ueniat in mentem tibi me esse indotatam. [SAT] caue sis tu istuc dixeris.	Então, trata de ter em mente isto, que eu não tenho dote.	ut	facito	ueniat	N	P	M	0	2	//	//	ia6	D V	Virg o	F	uirgo	//
<i>Persa</i> 0414	possum te facere ut argentum accipias , lutum?	Posso fazer com que você aceite o dinheiro, seu sujo? [lutum, i = lama]	ut	facere	accipia s	N	P	M	1	1	prole pse	te	ia6	D V	Toxil us	M	seruus	//
<i>Persa</i> 0494	nam est res quaedam quam occultabam tibi dicere: nunc eam narrabo, und'tu pergrande lucrum facias: faciam ut mei memineris , dum uitam uiuas. [DOR] bene dictis tuis bene facta aures meae auxilium exposcunt.	Garanto que você se lembrará de mim, enquanto viver.	ut	faciam	memin eris	N	P	M	1	1	//	//	an 8	C	Toxil us	M	seruus	//
<i>Persa</i> 0526	probum et numeratum argentum ut accipiat face .	Garanta que ele receba o dinheiro adequado e contado.	ut	face	accipia t	N	A	M	0	2	//	//	ia6	D V	Dord alus	M	leno	//

<i>Persa</i> 0685	[DOR] probae hic argenti sunt sexaginta minae, duobus nummis minus est. [SAG] quid ei nummi sciunt? [DOR] cruminam hanc emere aut facere uti remigret domum.	[Esses ébolos podem] comprar essa carteira ou fazer com que volte para casa.	ut	facere	remigr et	N	P	M	0	2	//	//	ia6	D V	Dord alus	M	leno	//
<i>Persa</i> 0743	minas sexaginta? [SAT] ego pol te faciam , scelus, te quoque etiam ipsum ut lamerteris . [DOR] occidi!	Eu garantirei que você, seu traste, lamente também a você mesmo.	ut	faciam	lament eris	N	P	D	5	2	prole pse	te	ia6	D V	Satur io	M	parasit us	Woytek (1982): " te faciam..., te... ut lamerteris ": Sachlich vgl. Poen. 1380f. - Das erste te ist proleptisch (s. o. zu 47: man beachte die deutliche Emphase), das zweite echtes Objekt in Entsprechung zu minas sexaginta."
<i>Persa</i> 0760	hic statui uolo primum aliqua, unde ego omnis hilaros, ludentis, laetificantis faciam ut fiant , quorum opera mi facilia factu facta haec sunt quae uolui effieri.	Primeiro aqui quero algo a ser colocado, de onde eu farei com que todos se tornem vívidos, brincalhões, alegres,...	ut	faciam	fiant	N	P	M	0	2	prole pse	omni s... etc	an 8	C	Toxil us	M	seruus	Duckworth (1940, p. 371), comentando <i>Epid.</i> 606, aponta o adjetivo no acusativo deste verso.
<i>Persa</i> 0823	[DOR] di faciant ut id bibatis quod uos numquam transeat.	Que os deuses façam com que vocês bebam algo que nunca passe por vós. [i.e. veneno].	ut	faciant	bibatis	N	P	M	1	1	//	//	tr7	C	Dord alus	M	leno	//
<i>Poen.</i> 0165	[MIL] ego faciam ut facias . sunt tibi intus aurei	Vou fazer com que você faça isso.	ut	faciam	facias	N	P	M	0	2	//	//	ia6	D V	Milp hio	M	seruus	Maurach (1988) em comentário ao verso 164: "nicht nur Klangspiel, sondern Imponiergehabe: nicht Ag. wird "es machen", sondern Mi. wird "machen, daß er's machen kann" (Woytek zu Pe 494 stimmt zu).", ou seja, "não somente jogo sonoro, mas uma imposição de respeito: Agorastocles não fará isso, mas Milphio fará com que ele possa fazer isso (Woytek em Persa 494 concorda)." Moodie (2015): " faciam ut facias Note the contrast with the use of faxo on 162, as well as the wordplay: "I'll take care that you take care to...". Cf. <i>Capt.</i> 409; <i>Cist.</i> 62 (Brinkhoff 1935 104). ut facias is a substantive clause of result (A&G 568)."
<i>Poen.</i> 0197	tibi auscultabo. [MIL] faciam ut facto gaudeas .	Farei com que você se alegre com o que foi feito.	ut	faciam	gaudea s	N	P	M	1	1	//	//	ia6	D V	Milp hio	M	seruus	Maurach (1988): "Milphio quittiert diesen heroischen Entschluß mit einem nicht minder hoch klingenden <i>faciam ut facto gaudeas</i> (vgl. 173)."

Poen. 0372	ego faxo, si non irata es, ninnium, pro te dabit ac te faciet ut sis ciuis Attica atque libera.	Garantirei que, se você não está brava, bonequinha, ele pagará por você e que ele te fará livre e cidadã de Atenas. [ninnium, i = Oxford Latin Dictionary: A word of uncertain meaning (cf. Greek νίννος 'nag', νίννιον 'doll')]	ut	faciet	sis	N	P	M	0	2	prolepse	te	tr7	C	Milphio	M	seruus	Note-se que o trecho está coordenado com <i>faxo</i> + futuro do indicativo.
Poen. 0442	[MIL] si nequeo facere ut abeas , egomet abiero;	Se eu não puder fazer com que você saia, saio eu!	ut	facere	abeas	N	P	M	0	2	//	//	ia6	DV	Milphio	M	seruus	//
Poen. 0454	nam ego hodie infelix dis meis iratissimis sex immolaui agnos nec potui tamen propitiam Venerem facere uti esset mihi.	Pois, pobre de mim, estando os meus deuses bravíssimos, imolei sei cordeiros hoje e ainda assim não pude fazer com que Vênus me estivesse propícia.	ut	facere	esset	N	P	M	0	2	prolepse	Venerem	ia6	DV	Lycus	M	leno	Duckworth (1940, p. 371), comentando <i>Epid.</i> 606, aponta o adjetivo no acusativo deste verso.
Poen. 0489 [1]	[LYC] si hercle istuc umquam factum est, tum me Iuppiter faciat ut semper sacrificem neque umquam litem.	Se isso em algum momento aconteceu, então que Júpiter faça com que eu sempre faça sacrifícios e nunca tenha um bom presságio. [lito, are = obter presságio favorável]	ut	faciat	sacrificem	N	P	M	1	1	prolepse	me	ia6	DV	Lycus	M	leno	//
Poen. 0489 [2]	[LYC] si hercle istuc umquam factum est, tum me Iuppiter faciat ut semper sacrificem neque umquam litem .	Se isso em algum momento aconteceu, então que Júpiter faça com que eu sempre faça sacrifícios e nunca tenha um bom presságio. [lito, are = obter presságio favorável]	J	faciat	litem	N	P	M	4	1	prolepse	me	ia6	DV	Lycus	M	leno	O verbo no subjuntivo <i>litem</i> se mantém regido por <i>ut</i> . Note que <i>neque</i> equivale a <i>nec</i> (<i>et non</i> ; inclusive <i>nec</i> é a solução de alguns editores) e não a <i>nē-que</i> (conjunção <i>nē</i> + enclítica <i>-que</i>), pelo fato da vogal ser breve: <i>fāciāt</i> <i>ūt sēm pēr sācrū ficēm</i> <i>nēqu(e) ūmquām</i> <i>lītem</i> . Cf. Questa (2007, p. 120).
Poen. 0580	[MIL] fac modo ut conducta tibi sint dicta ad hanc fallaciam.	Só garanta que as palavras estejam memorizadas para o golpe. [condoceo, ere = exercitar, treinar]	ut	fac	sint	N	P	M	3	1	//	//	tr7	C	Milphio	M	seruus	De Melo (2007b, p. 32) marca que o verbo no subjuntivo é só <i>sint</i> , entendendo <i>conducta</i> como adjetivo.
Poen. 0702	quid multa uerba? faciam , ubi tu laueris, ibi ut balineator faciat unguentariam.	Farei com que, onde você se tiver lavado, lá o banhador faça uma loja de unguentos.	ut	faciam	faciat	N	P	D	5	1	//	//	ia6	DV	Lycus	M	leno	//

<i>Poen.</i> 0864 [1]	[MIL] quid id est? [SYN] refero uasa salua. [MIL] di te et tuom erum perduint. [SYN] me non perdent; illum ut perdant facere possum, si uelim, meum erum ut perdant, ni mihi metuam, Milphio. [MIL] quid id est? cedo.	Eles não me arruinam; eu posso fazer com que o arruinem, se eu quiser, que eles arruinem meu senhor, se eu não temesse por mim, Milphio.	ut	facere	perdant	N	A	M	0	2	//	//	tr7	C	Sync erast us	M	seruus	Moodie (2015): "864-65 Anacoluthon (change of syntax in the middle of a sentence) with two protases and a repeated purpose clause in the apodosis."
<i>Poen.</i> 0864 [2]	[MIL] quid id est? [SYN] refero uasa salua. [MIL] di te et tuom erum perduint. [SYN] me non perdent; illum ut perdant facere possum, si uelim, meum erum ut perdant , ni mihi metuam, Milphio. [MIL] quid id est? cedo.	Eles não me arruinam; eu posso fazer com que o arruinem, se eu quiser, que eles arruinem meu senhor, se eu não temesse por mim, Milphio.	ut	facere	perdant	N	P	D	5	2	//	//	tr7	C	Sync erast us	M	seruus	v. comentário a exemplar [1].
<i>Poen.</i> 1289	iam pol ego illam pugnis totam faciam uti sit merulea, ita <eam> repplebo atritrate, atrior multo ut siet, quam Aegyptini, qui cortinam ludis per circum ferunt.	Com meus punhos farei com que ela fique escura como um melro preto.	ut	faciam	sit	N	P	M	0	2	prole pse	illam	tr7	C	Anta myni des	M	miles	//
<i>Poen.</i> 1390	quando boni estis, ut bonos facere addecet facite ut <uos> uostro subueniatis supplici.	Já que vocês estão bons, assim como convém aos bons agir, façam com que vocês venham ajudar seu suplicante. [subuenio = ajudar]	ut	facite	subuen iatis	S	P	M	2	1	//	//	ia6	D V	Lycu s	M	leno	//
<i>Pseud.</i> 0145	ita ego uostra latera loris faciam ut ualide uaria sint , ut ne peristromata quidem aequae picta sint Campanica neque Alexandrina beluata tonsilia tappetia.	Vou fazer com que seus lados fiquem tão coloridos com o açoite que... [lorum, i = açoite; ualide = muito, fortemente; uarius, a, um = colorido]	ut	faciam	sint	N	P	M	2	1	//	//	tr7	C	Balli o	M	leno	//

<i>Pseud.</i> 0163	haec, quom ego a foro reortar, facite ut offendam parata, uorsa, sparsa, tersa, strata, lautaque unctaque omnia uti sint.	Quando eu voltar do fórum, façam com que eu encontre essas coisas de modo que todas estejam preparadas... [offendo, di, sum, ere =encontrar]	ut	facite	offenda m	N	P	M	0	2	//	//	tr8	C	Balli o	M	leno	De Melo (2007b, p. 33, nota 131): "I take the <i>ut</i> -clause in l. 164 as consecutive, not as dependent on <i>facite</i> ."
<i>Pseud.</i> 0177	facite hodie ut mi munera multa huc ab amatoribus conueniant .	Garantam que hoje me venham muitos presentes para cá dos amantes.	ut	facite	conuen iant	N	P	M	7	1	//	//	an 8	C	Balli o	M	leno	//
<i>Pseud.</i> 0210	[PSEV] taceo. [CAL] at taceas malo multo quam tacere dicas. [BAL] tu autem, Xytilis, fac ut animum aduortas , quoius amatores oliui δόνῶμιν domi habent maxumam.	Mas você, Xytilis, cujos amantes têm uma enorme quantidade de azeite de oliva em casa, trata de prestar atenção, [δόνῶμιν [ō], ῆ, = poder, força]	ut	fac	abuorta s	S	P	M	1	1	//	//	tr8	C	Balli o	M	leno	//
<i>Pseud.</i> 0214	si mihi non iam huc culleis oleum deportatum erit, te ipsam culleo ego cras faciam ut deportere . . . in pergulam;	Se óleo não me tiver sido trazido em bolsas de couro para cá já, eu farei com que você mesma seja amanhã levada ao bordel. [culleus, i = bolsa de couro; deporto, are = -ere pres. subj. pass. 2 ^a p.s.; pergula, ae = bordel]	ut	faciam	deporte re	N	P	M	0	2	prole pse	te ipsa m	tr7	C	Balli o	M	leno	//
<i>Pseud.</i> 0515	te aetatem impune habiturum. [PSEV] facito ut memineris .	Trata de lembrar.	ut	facito	memin eris	S	P	M	0	2	//	//	ia6	D V	Pseu dulus	M	seruus	//
<i>Pseud.</i> 0696b	[[CALI] quom haec tibi alia sum elocutus, uix rem scis de symbolo. [CHAR] omnia, inquam. tu modo quid me facere uis fac ut sciam .]	Só faz com que eu saiba o que você quer que eu faça.	ut	fac	sciam	N	P	M	0	2	//	//	tr7	C	Char inus	M	adules ens	v. v. 696 na seção de justaposição. Willcock (1987), comentando o v. 696 e se referindo aos versos aqui transcritos: "Two additional lines (see app. crit.) are found after this [i.e. 696] in the Palatine manuscripts. They seem corrupt and tautologous."
<i>Pseud.</i> 0818	teritur sinapis scelera, quae illis qui terunt prius quam triuerunt oculi ut exstillent facit .	É triturada a mostarda abominável, a qual faz com que os olhos daqueles que a trituram chorem antes de a triturarem. [tero, ere = esfregar, triturar, ralar, raspar; sinapis, is = f. mostarda; scelerus, a, um = abominável; exstillo, are = soltar água, gotas]	ut	facit	exstille nt	N	A	M	0	2	//	//	ia6	D V	Coqu us	M	coquus	//

<i>Pseud.</i> 0849	[COQ] fateor equidem esse me coquom carissimum; uerum pro pretio facio ut opera appareat mea quo conductus uenio. [BAL] ad furandum quidem.	Confeço de fato que sou um cozinheiro caríssimo; mas pelo preço eu faço com que minha obra aconteça para onde venho conduzido.	ut	facio	appareat	N	P	M	1	1	//	//	ia6	D V	Coquus	M	coquus	//
<i>Pseud.</i> 0884	nam ego ita conuiuis cenam conditam dabo hodie atque ita suaui suauitate condiam: ut quisque quicque conditum gustauerit, ipse sibi faciam ut digitos praerodat suos.	Pois eu darei uma janta temperada aos convivas de tal modo e temperarei com tal suavidade de suave que quem quer que tiver experimentado algo temperado [por mim], eu mesmo farei com que ele mastigue os próprios dedos. [condio, iui, itum, ire = temperar; praerodo, ere = mastigar]	ut	faciam	praerodat	N	P	M	1	1	//	//	ia6	D V	Coquus	M	coquus	Auden (1896): " ita ;... ut , anacoluthon. ut merely means 'as,' beginning a new sentence, and is not consecutive. Cf. Mil. 207, Most. 139." Sturtevant (1932) sobre o verso 883: " ut : temporal; <i>ita</i> (882) suggests a result clause to follow, but a temporal and a main clause in the indicative take its place."
<i>Pseud.</i> 0923a	ita ille faxit Iuppiter, ut ille palam ibidem assiet , quisquis ille est qui adest a milite.	Que Júpiter possa fazer com que ele esteja claramente presente no mesmo lugar, quem quer que esteja presente a partir do soldado.	ut	faxit	assiet	N	P	D	4	1	apostiva	ita	ia4	C	Simila	M	sycophanta	//
<i>Pseud.</i> 1100	[SIMO] bene hercle factum! quid ego cesso Pseudolum facere ut det nomen ad Molas coloniam?	Por que eu hesito em fazer com que Pseudolo dê seu nome à colônia "os Moinhos"? [cesso, are = hesitar; mola, ae = moinho]	ut	facere	det	N	P	M	0	2	prolepse	Pseudolum	ia6	D V	Simo	M	senex	//
<i>Rud.</i> 0244	[AMP] tu facis me quidem uiuere ut nunc uelim , quom mihi te licet tangere. ut uix mihi	Você faz com que eu queira viver agora que me é lícito te tocar.	ut	facis	uelim	N	P	M	4	1	prolepse	me	cr4	C	Ampeliscia	F	mulier	Fay (1969): " me is anticipated from the subordinate clause". Sonnenschein (1891) também acusa a antecipação e lista outros casos em <i>Rudens</i> .
<i>Rud.</i> 0698 [1]	illos scelestos qui tuom fecerunt fanum parui fac ut ulciscare nosque ut hanc tua pace aram obsidere patiare: elautae ambae sumus opera Neptuni noctu,	Trata de se vingar daqueles criminosos que fizeram pouco do seu templo e de permitir que frequentemos seu templo com sua permissão. [pax, pacis = pace tua = com sua permissão; patior, i = permitir]	ut	fac	ulciscare	S	P	M	0	2	//	//	ia7	C	Palaestra	F	mulier	De Melo (2007b, p. 32, nota 122): "[patiare] and <i>ulciscare</i> in <i>Rud.</i> 698*** depend on the same verb."
<i>Rud.</i> 0698 [2]	illos scelestos qui tuom fecerunt fanum parui fac ut ulciscare nosque ut hanc tua pace aram	Trata de se vingar daqueles criminosos que fizeram pouco do seu templo e de permitir que frequentemos seu templo com sua	ut	fac	patiare	S	P	D	7	1	//	//	ia7	C	Palaestra	F	mulier	De Melo (2007b, p. 32, nota 122): "[patiare] and <i>ulciscare</i> in <i>Rud.</i> 698*** depend on the same verb."

	obsidere pati re: elautae ambae sumus opera Neptuni noctu,	permissão. [ulciscor, ultus sum, i = se vingar; pax, pacis = pace tua = com sua permissão; patior, i = permitir]																
Rud. 1084	si id dederit qui suos parentis quaerat. [DAE] faciam ut det . tace.	Farei com que ele dê.	ut	faciam	det	N	P	M	0	2	//	//	tr7	C	Dae mon es	M	senex	//
Rud. 1088 [1]	[GRI] fac sis aurum ut uideam , post ego faciam ut uideas cistulam.	Faz com que eu veja o ouro, depois eu farei com que você veja a caixa.	ut	fac	uideam	N	P	M	2	2	//	//	tr7	C	Grip us	M	piscatu r	//
Rud. 1088 [2]	[GRI] fac sis aurum ut uideam, post ego faciam ut uideas cistulam.	Faz com que eu veja o ouro, depois eu farei com que você veja a caixa.	ut	faciam	uideas	N	P	M	0	2	//	//	tr7	C	Grip us	M	piscatu r	//
Rud. 1218	[TRA] fac ut exores Plesidippum ut me <manu> emittat. [DAE] licet.	Trata de persuadir Plesidippo a me libertar.	ut	fac	exores	S	P	M	0	2	//	//	tr7	C	Trac halio	M	seruus	//
Rud. 1220	[TRA] atque ut mi Ampeliscia nubat , ubi ego sim liber. [DAE] licet.	E faz com que Ampeliscia se case comigo, quanto eu for livre.	ut	facito	nubat	N	P	D	7	1	//	//	tr7	C	Trac halio	M	seruus	Pressupõe-se <i>facito</i> do verso 1219.
Rud. 1221	[TRA] atque ut gratum mi beneficium factis experiar . [DAE] licet.	E faz com que eu encontre o benefício agradecido por seus feitos.	ut	facito	experiar	N	P	D	1 8	1	//	//	tr7	C	Trac halio	M	seruus	Pressupõe-se <i>facito</i> do verso 1219.
Stich. 0065	facite sultis nitidae ut aedes meae sint , quom redeam domum.	Por favor, faz com que minha casa esteja limpa quando eu retornar para casa. [sultis = si uultis; nitidus, a, um = brilhante, limpo]	ut	facite	sint	N	P	M	4	1	//	//	tr7	C	Anti pho	M	senex	//
Stich. 0148	si a uiro tibi forte ueniet nuntius, facito ut sciam .	Se uma mensagem talvez te vier do seu marido, faz com que eu saiba.	ut	facito	sciam	N	P	M	0	2	//	//	tr7	C	Pam phila	F	uxor	//
Stich. 0309a	aperite atque adproperate, fores facite ut pateant , remouete moram;	Abram e se apressem, façam com que as portas se abram, afastem a demora;	ut	facite	pateant	N	P	M	0	2	//	//	an sy 18 me tr	C	Pina cium	M	puer	//
Stich. 0445	parata res faciam ut sit . egomet me moror.]	Eu farei com que isso esteja preparado.	ut	faciam	sit	N	P	M	0	2	//	//	ia6	D V	Stich us	M	seruus	De Melo (2007b, p. 35, nota 138): " <i>Parata</i> is an adjective." A edição da Loeb indica "441-45 <i>uersus non feruntur in P</i> ", de modo que o trecho está entre colchetes.
Stich. 0519	pax commerxque est uobis mecum. nam hoc tu facito ut cogites :	Pois trata de pensar nisto	ut	facito	cogites	S	P	M	0	2	//	//	tr7	C	Anti pho	M	senex	cf. <i>Most.</i> 216 (seção de justaposição)

Stich. 0603	mihi modo ausculta, iube cenam domi coqui. [EPI] non me quidem faciet auctore hodie ut illum decipiat . [GEL] non tu hinc abis?	Certamente sem minha aprovação, ele fará com que o engane hoje. [auctor, oris = no ablativo absoluto, indica pessoa que aprova, autoriza]	ut	faciet	decipia t	S	P	M	3	1	//	//	tr7	C	Epig nom us	M	frater	//
Trin. 0233 [1]	de hac re mihi satis hau liquet; nisi hoc sic faciam , opinor, ut utramque rem simul exputem , iudex sim reusque ad eam rem.	Sobre esse assunto, não me está claro o suficiente: todavia, farei assim, acho: que eu examine ambas as coisas ao mesmo tempo e seja juiz e réu nesse assunto.	ut	faciam	expute m	S	P	D	4	1	aposi tiva	sic	ia7	C	Lysit eles	M	adules ens	De Melo (2007b, p. 34, nota 133): "[<i>exputem</i>] and <i>sim</i> in the same line depend on the same verb.". Nutting (1908): " nisi : here hardly more than however. Often used to introduce an exception to a sweeping negation. - hoc sic : looking forward to <i>ut</i> ." Oxford Latin Dictionary sobre <i>nisi</i> : "6. (without verb, usu. after a negative or quasi-negative word) Other(wise) than, but, except".
Trin. 0233 [2]	de hac re mihi satis hau liquet; nisi hoc sic faciam , opinor, ut utramque rem simul exputem, iudex sim reusque ad eam rem.	Sobre esse assunto, não me está claro o suficiente: todavia, farei assim, acho: que eu examineo ambas as coisas ao mesmo tempo e seja juiz e réu nesse assunto.	ut	faciam	sim	S	P	D	6	1	aposi tiva	sic	ia7	C	Lysit eles	M	adules ens	De Melo (2007b, p. 34, nota 133): "[<i>exputem</i>] and <i>sim</i> in the same line depend on the same verb."
Trin. 0429	[LES] factum . [STA] ut quidem illud perierit . [LES] factum id quoque est.	Foi feito [i.e. aconteceu]. [STA] [Foi feito] que isso se foi.	ut	factum	perierit	N	P	M	2	1	voz passi va	//	ia6	D V	Stasi mus	M	seruus	Brix (1879): " <i>ut quidem</i> von <i>factum</i> abhängig". V. discussão em <i>Cist.</i> 12 nesta mesma seção.
Trin. 0646	ad quaerendum honorem: tu fecisti ut difficilis foret culpa maxime et desidia tuisque stultis moribus.	Você fez com que fosse difícil, acima de tudo por sua culpa, preguiça, e seus hábitos estúpidos.	ut	fecisti	foret	N	P	M	1	1	//	//	tr7	C	Lysit eles	M	adules ens	//
Trin. 0800	[MEG] uxorem quoque eampse hanc rem uti celes face .	Trata de esconder esse negócio também da sua própria esposa.	ut	face	celes	S	A	M	0	2	//	//	ia6	D V	Meg aroni des	M	senex	//
Truc. 0478	hic apponite atque abite ab oculis. eho, Pithecium! face ut accumbam , accede, adiuta. em sic deceat puerperam.	Faz com que eu me deite, vem cá, ajuda.	ut	face	accum bam	N	P	M	0	2	//	//	tr7	C	Phro nesiu m	F	meretri x	//
Truc. 0816	[CAL] numquam te facere hodie quivi ut is quis esset diceret .	Nunca pude fazer hoje com que evocê dissesse quem era.	ut	facere	diceret	N	P	M	5	1	prole pse	te	tr7	C	Calli cles	M	senex	//

Truc. 0966	rem bonam si quis animatust facere, faciat ut sciam .	Se alguém se animou em fazer algo bom, que ele faça com que eu saiba.	ut	faciat	sciam	N	P	M	0	2	//	//	tr7	C	Phro nesiu m	F	meretri x	//

E. *facio* – exemplares justapostos de Terêncio

Localização	Versos	Tradução e algum vocabulário	J/ut	V. principal	V. subord.	Mesmos sujeitos <i>ante post</i>	Pos. no verso	Distância	Casos especiais	Obs. casos esp.	Metro	<i>canica deuerbia</i>	Nome pers.	Sexo	Tipo	Comentário Analítico
Ad. 0024	in agendo partem ostendent. facite aequanimitas poetae ad scribendum augeat industriam.	Façam com que a boa vontade amplie ao poeta a tarefa de escrever.	J	facite	augeat	N	P	D	4	//	ia6	D V	Prologus	0	Prologus	//
Ad. 0209 [1]	[SYR] tace, egomet conueniam iam ipsum. cupide accipiat faxo atque etiam bene dicat secum esse actum. quid istuc, Sannios quod te audio	Garanto que ele aceitará avidamente e ainda dirá consigo ter agido bem.	J	faxo	accipiat	N	A	M	0	//	tr8	C	Syrus	M	seruus	//
Ad. 0209 [2]	[SYR] tace, egomet conueniam iam ipsum. cupide accipiat faxo atque etiam bene dicat secum esse actum. quid istuc, Sannios quod te audio	Garanto que ele aceitará avidamente e ainda dirá consigo ter agido bem.	J	faxo	dicat	N	P	D	3	//	ia8	C	Syrus	M	seruus	//
Ad. 0381	et clamo saepe. salsamenta haec, Stephanio, fac macerentur pulchre. [DEM] di uostram fidem!	Stephanio, faz com que esses peixes temperados fiquem bem ensopados. [macero, are = encharcar]	J	fac	maceren tur	N	P	M	0	//	ia6	D V	Syrus	M	seruus	Martin (1976): “ fac macerentur : after imperatives of <i>facio</i> the subj. is found both with and (more often) without <i>ut</i> (<i>Ht.</i> 925 has the two constructions side by side); exx. without <i>ut</i> include <i>Ad.</i> 511, 512. With moods other than the imperative, <i>ut</i> + subj. is the only construction in T. Cf. K-S I 205.1.”
Ad. 0500	[HEG] sed, Demea, hoc tu facito cum animo cogites .	Mas, Demea, trata de ter em mente isto.	J	facito	cogites	S	P	M	2	//	ia6	D V	Hegio	M	senex	cf. comentário a <i>Most.</i> 216 e cf. <i>Ad.</i> 808.

Ad. 0511	bono animo fac sis , Sostrata, et istam quod potes fac consolere. ego Micionem, si apūd forumst,	Trata de estar de bom ânimo, Sostrata, e trata de consolá-la no que puder.	J	fac	sis	S	P	M	0	//	//	ia6	D V	Hegio	M	senex	//
Ad. 0512	bono animo fac sis, Sostrata, et istam quod potes fac consolere . ego Micionem, si apūd forumst,	Trata de estar de bom ânimo, Sostrata, e trata de consolá-la no que puder. [consolor, ari]	J	fac	consolere	S	P	M	0	//	//	ia6	D V	Hegio	M	senex	//
Ad. 0808	principio, si id te mordet, sumptum filii quem faciunt, quaeso, hoc facito tecum cogites .	[...] por favor, trata de pensar consigo isto.	J	facito	cogites	S	P	M	1	//	//	ia6	D V	Micio	M	senex	cf. Ad. 500
Ad. 0813	conserua, quaere, parce, fac quam plurimum illis relinquas , gloram tu istam optine.	Proteja, procure, poupe, faz com que deixes o máximo possível a eles, obtenha este crédito.	J	fac	relinquas	S	P	D	3	//	//	ia6	D V	Micio	M	senex	//
Ad. 0847	atque ibi fauillae plena, fumi ac pollinis coquendo sit faxo et molendo. praeter haec	[...] e garanto que estará cheia de cinza, fumaça e farinha, ao cozinhar e moer. [fauilla, a = cinza, brasa; fumus, i = fumaça; pollen, inis = farinha]	J	faxo	sit	N	A	M	0	//	//	ia6	D V	Demea	M	senex	//
Andr. 0483	nunc primum fac istaec [ut] lauet , poste deinde,	Primeiro, faz com que ela se lave, e depois...	u t	fac	lauet	N	P	M	1	//	//	ba 4	C	Lesbia	F	obstetrix	A conjunção <i>ut</i> está presente na tradição manuscrita, mas Kauer e Lindsay (1958) e Shipp (1960) sugerem sua omissão. Os argumentos a favor disso são a presença em parte da tradição manuscrita de uma forma arcaica <i>istaec</i> e a preferência de o imperativo <i>fac</i> estar justaposto a seu subjuntivo. A manutenção da conjunção <i>ut</i> implica em adotar a lição também presente nos manuscritos <i>ista</i> , mais possível de ser uma alteração do que <i>istaec</i> (forma mais antiga).
Eun. 0189	tu, Parmeno, huc fac illi adducantur . [PAR] maxume.	Você, Parmeno, faz com que eles sejam trazidos para cá.	J	fac	adducantur	N	P	M	1	//	//	ia6	D V	Phaedria	M	adulescens	Barsby (1999): " 189 fac . . . adducantur : parataxis with an intirect command (185n). Parataxis is regular in T. with the imper. <i>fac</i> , though <i>fac ut</i> is also found (281)."
Eun. 0196	cum milite istoc praesens absens ut sies; dies noctisque me ames, me desideres, me somnies, me exspectes, de me cogites, me speres, me te oblectes, mecum tota sis: meus fac sis postremo animus,	Enfim, faz com que você seja meu coração, quando eu sou o teu. [postremus, a, um = o último]	J	fac	sis	S	P	M	0	//	//	ia6	D V	Phaedria	M	adulescens	Note-se que a construção <i>fac</i> + subjuntivo segue uma enumeração de subjuntivos jussivos e a eles se soma.

	quando ego sum tuos.																
<i>Eun.</i> 0207	[PHAE] fac , ita ut iussi, deducantur isti. [PAR] faciam. [PHAE] at diligenter.	Faz, assim como mandei, com que eles sejam trazidos.	J	fac	deducantur	N	P	M	3	//	//	tr8	C	Phaedria	M	adulescens	//
<i>Eun.</i> 0311	[PAR] age, inepte. [CHAE] hoc hercle factumst. fac sis nunc promissa appareant , si adeo digna res est ubi tu neruos intendas tuos.	Agora por favor faz com que suas promessas apareçam, se...	J	fac	appareant	N	P	M	3	//	//	ia8	C	Chaerea	M	adulescens	//
<i>Eun.</i> 0320	[PAR] flos ipse. [CHAE] nunc hanc tu mihi uel ui uel clam uel precario fac tradas . mea nil refert dum potiar modo.	Agora trata de entregá-la para mim, quer por força, quer furtivamente, quer por súplica.	J	fac	tradas	S	P	M	0	//	//	ia6	D V	Chaerea	M	adulescens	//
<i>Eun.</i> 0501	parata. [GNA] fiat. [THA] diligenter, Pythias, fac cures , si Chremes hoc forte aduenerit, ut ores primum ut maneas; si id non commodumst,	Com zelo, Pythias, trata de cuidar para que, se Chremes por acaso chegar, você peça para que permaneça;	J	fac	cures	S	P	M	0	//	//	ia6	D V	Thais	F	meretrix	Barsby (1999): " fac cures : pleonastic, 'make sure that you see to it'."
<i>Eun.</i> 0506	ehem! curate istam diligenter virginem; domi adsitis facite . [THR] eamus. [THA] vos me sequimini.	Tratem de ficar em casa.	J	facite	adsitis	S	A	M	0	//	//	ia6	D V	Thais	F	meretrix	//
<i>Eun.</i> 0769	[THA] fac animo haec praesenti dicas . [CHR] faciam. [THA] attolle pallium.	Trata de falar isso com postura firme.	J	fac	dicas	S	P	M	3	//	//	tr7	C	Thais	F	meretrix	//
<i>Eun.</i> 1042	[CHAE] tu frater ubiubist fac quam primum haec audiat . [PAR] visam domum.	Onde quer que esteja meu irmão, garanta que ele ouça essas palavras o mais rápido possível.	J	fac	audiat	N	P	M	3	//	//	ia8	C	Chaerea	M	adulescens	//
<i>Haut.</i> 0028	facite aequi sitis , date crescendi copiam	Tratem de ser justos...	J	facite	sitis	S	P	M	1	//	//	ia6	D V	Prologus	0	Prologus	//

Haut. 0550	[CHR] fac ergo. [SYR] at heus tu facito dum eadem haec memineris , si quid huius simile forte aliquando euenerit, ut sunt humana, tuos ut faciat filius.	Mas veja, trata de se lembrar dessas mesmas coisas, se...	J	facito	memineris	S	P	M	3	//	//	ia6	D V	Syrus	M	seruus	//
Haut. 0925 [1]	fac te patrem esse sentiat ; fac ut audeat	Faz com que ele sinta você ser pai dele.	J	fac	sentiat	N	P	M	3	//	//	ia6	D V	Menedemus	M	senex	//

F. *facio* – exemplares com *ut* de Terêncio

Localização	Versos	Tradução e algum vocabulário	J/ut	V. principal	V. subord.	Mesmos sujeitos	ante post	Pos. no verso	Distância	Posição do <i>ut</i>	Casos especiais	Obs. casos esp.	Metro	Nome pers.	canônica <i>denerbia</i>	Sexo	Tipo	Comentário Analítico
Ad. 0050	ille ut item contra me habeat facio sedulo.	Com zelo, faço com que ele igualmente me considere em resposta.	ut	facio	habeat	N	A	M	0	1	//	//	ia6	D V	Micio	M	senex	//
Ad. 0750	[DEM] ita me di ament, ut uideo tuam ego ineptiam, facturum credo ut habeas quicum cantites.	[...] creio que você fará com que [você] tenha com quem cantar.	ut	facturum	habeas	S	P	M	1	2	//	//	ia6	D V	Demea	M	senex	Martin (1976): " facturum : sc. te."
Ad. 0845	modo facito ut illam serues . [DEM] ego istuc uidero,	Só garanta que você a protegerá.	ut	facito	serues	S	P	M	1	1	//	//	ia6	D V	Micio	M	senex	//
Ad. 0848	coquendo sit faxo et molendo. praeter haec meridie ipso faciam ut stipulam colligat .	Além disso, ao meio dia, farei com que colha talo.	ut	faciam	colligat	N	P	M	1	1	//	//	ia6	D V	Demea	M	senex	//
Andr. 0017	faciunt ne intellegendo ut nil intellegant ?	[Mas] tentando entender, não fazem com que nada entendam?	ut	faciunt	intellegant	S	P	M	2	1	//	//	ia6	D V	Prologus	0	Prologus	//

Andr. 0037	scis. feci ex seruo ut esses libertus mihi,	Fiz com que você de meu escravo fosse liberto,	ut	feci	esses	N	P	M	2	2	//	//	ia6	D V	Simo	M	senex	//
Andr. 0055	[SIM] – quod plerique omnes faciunt adulescentuli, ut animum ad aliquod studium adiungant , aut equos alere aut canes ad uenandum aut ad philosophos,	[SIM] – o que todos os juvenzinhos fazem, que se envolvam em algum esforço, quer alimentar cavalos...	ut	faciunt	adiungant	S	P	D	5	1	apositiva	quod	ia6	D V	Simo	M	senex	Shipp (1960): " quod , anticipating <i>ut</i> . . . <i>adiungant</i> ."
Andr. 0408	qui differat te. proin tu fac apud te ut sies .	Trata de estar em si.	ut	fac	sies	S	P	M	2	2	//	//	ia6	D V	Dauos	M	seruus	Shipp (1960): " apud te ut sies , 'keep your wits with you' (Ash.)."
Andr. 0603	feci hodie ut fierent insperante hoc atque inuito Pamphilo.	Fiz com que [as núpcias] acontecessem hoje, com este sem esperança e contra a vontade de Pamphilo. [insperans, antis = contra as expectativas, esperanças]	ut	feci	fierent	N	P	M	1	2	//	//	ia8	C	Dauos	M	seruus	//
Andr. 0701	quo minus haec fierent nuptiae, volo; sed si id non poterit, id faciam , in procliui quod est, per me stetisse ut credat .	Mas se isso não for possível, farei que ele creia que isso foi minha culpa, o que é [mais] fácil. [sto, stare + per aliquem = ser culpa de alguém]	ut	faciam	credat	N	P	M	7	2	//	//	ia7	C	Pamphilus	M	adulescens	//
Andr. 0712	[CHA] ut ducam. [DAV] ridiculum! [CHA] huc face ad me ut uenias , si quid poteris.	Trata de vir até a mim aqui, se você puder fazer algo.	ut	face	uenias	S	P	M	2	2	//	//	ia7	C	Charinus	M	adulescens	As edições de Kauer e Lindsay (1958) e Shipp (1960) omitem a conjunção <i>ut</i> , variante encontrada na tradição manuscrita. Do ponto de vista métrico, sua presença ou ausência não altera a escanção. Todavia, o aparato crítico indica que encontramos em Prisciano (ii. 237) a variação <i>ut ad me</i> , o que mostra que, se o <i>ut</i> foi uma adição ao texto, essa adição teria ocorrido muito antigamente na transmissão do texto. Dada a antiguidade da atestação, ainda que em posição diferente, é preferível manter a conjunção no exemplar.

<i>Eun.</i> 0281	[PAR] nusquam. [GNA] tum tu igitur paullulum da mi operae. fac ut admittar ad illam. [PAR] age modo, i. nunc tibi patent fores haec quia istam ducis.	Faz com que eu seja admitido junto a ela.	ut	fac	admittar	N	P	M	0	2	//	//	ia7	C	Gnatho	M	parasitus	//
<i>Eun.</i> 0309	scis te mihi saepe pollicitum esse "Chaerea, aliquid inueni modo quod ames; in ea re utilitatem ego faciam ut cognoscas meam",	"Chaerea, encontrei alguém para você amar; nesse assunto, farei com que conheças minha utilidade"	ut	faciam	cognoscas	N	P	M	0	2	//	//	ia8	C	Chaerea	M	adulescens	Barsby (1999): " faciam ut 'I'll make sure that'. cognoscas 'recognise' (226n.)."
<i>Eun.</i> 0362	[CHAE] obsecro hercle, Parmeno, fac ut potiar . [PAR] faciam sedulo ac	Eu te imploro, Parmeno, faz com que eu [a] possua. [potior, iri = possuir]	ut	fac	potiar	N	P	M	0	2	//	//	tr7	C	Chaerea	M	adulescens	//
<i>Eun.</i> 0801	scin tu ut tibi res se habeat? si quicquam hodie turbare coeperis, faciam ut huius loci dieique meique semper memineris .	Se você começar hoje alguma confusão, farei com que você se lembre deste lugar, deste dia e de mim para sempre.	ut	faciam	memineris	N	P	M	5	1	//	//	tr7	C	Chremes	M	adulescens	Barsby (1999): " faciam ut 'I'll make sure that'." Esse verso é idêntico a Plaut. <i>Capt.</i> 800.
<i>Eun.</i> 0815	[GNA] iam dimitto exercitum? [THR] ubi uis. [GNA] Sanga, ita ut fortis decet milites, domi focique fac uicissim ut memineris .	Sanga, assim como convém a um bravo soldado, trata de se lembrar, por sua vez, da casa e do fogo.	ut	fac	memineris	S	P	M	1	2	//	//	tr7	C	Gnatho	M	parasitus	//
<i>Haut.</i> 0058	tamen uel uirtus tua me uel uicinitas, quod ego in propinqua parte amicitiae puto, facit ut te audacter moneam et familiariter quod mihi videre praeter aetatem tuam facere et praeterquam res te adhortatur tua.	Mas quer sua virtude quer sermos vizinhos, o que julgo estrar na proximidade da amizade, faz com que eu te aconselhe audaz e amigavelmente	ut	facit	moneam	N	P	M	2	1	prolepse	me	ia6	D V	Chremes	M	senex	//
<i>Haut.</i> 0084	[CHR] ne lacruma atque istuc quidquid est fac me ut sciam .	Não chore e faz com que eu saiba o que quer que seja.	ut	fac	sciam	N	P	M	1	2	prolepse	me	ia6	D V	Chremes	M	senex	Gray (1895): " fac me ut sciam , 'and let me know that trouble of yours, whatever it is.' The accus. <i>me</i> is due to the common prolepsis or antiptosis by which the subject of the dependent clause is made the object of the principal clause.

<i>Haut.</i> 0103	cotidie accusabam: “hem! tibine haec diutius licere speras facere me uiuo patre, amicam ut habeas prope iam in uxoris loco?	Você espera que te seja permitido longamente, enquanto seu pai está vivo, fazer isto: que você tenha uma amante quase já como no lugar de uma esposa?	ut	facere	habeas	S	P	D	4	2	apositiva	haec	ia6	D V	Mened emus	M	senex	Gray (1895): " 104. amicam ut habeas , explanatory of <i>facere haec</i> , 'to do this so as to regard a sweetheart,' i.e. 'to do this,' viz. to regard a sweetheart &c."
<i>Haut.</i> 0396	[ANT] nescio alias; mequidem semper scio fecisse sedulo ut ex illius commodo meum compararem commodum. [CLIN] ah!	De minha parte, sei sempre ter feito zelosamente com que eu adequasse o que me é cômodo a partir do que é cômodo a ele.	ut	fecisse	compar em	S	P	D	5	1	//	//	tr7	C	Antiphi la	F	virgo	//
<i>Haut.</i> 0496	[CHR] paratus sum. [MEN] scin quid nunc facere te uolo? [CHR] dic. [MEN] quod sensisti illos me incipere fallere, id uti maturent facere . cupio illi dare	Aquilo que você percebeu eles iniciarem a me armar, a isso [quero] que você os faça acelerar.	ut	facere	mature nt	N	A	M	0	2	//	//	ia6	D V	Mened emus	M	senex	Gray (1895): " id ut maturent facere , i.e. <i>uolo te facere</i> (from v. 494) <i>ut maturent id facere</i> ." Ou seja, o autor interpreta que o verbo principal é o da pergunta acima. McGlynn (1963, p. 196) coloca: "H.T. 496, id ut maturent f.[acere] (te uolo)."
<i>Haut.</i> 0925 [2]	fac te patrem esse sentiat; fac ut audeat tibi credere omnia, abs te petere et poscere, ne quam aliam quaerat copiam ac te deserat.	Faz com que ele ouse confiar tudo a você...	ut	fac	audeat	N	P	M	0	2	//	//	ia6	D V	Mened emus	M	senex	//
<i>Hec.</i> 0012	sinite exorator sim eodem ut iure uti senem liceat quo iure sum usus adulescentior, nouas qui exactas fecit ut inueterascerent , ne cum poeta scriptura euanesceret.	[...] quando fiz com que novas peças que haviam saído de cartaz se tornassem costumeiras e que o escrito não desaparecesse com o poeta.	ut	fecit	inueter asceren t	N	P	M	0	2	prolepse	nouas.. . exactas	ia6	D V	Prolog us	0	Prolog us	Carney (1963): " <i>nouas</i> . . . <i>inueterascerent</i> : by prolepsis, <i>exactas</i> (sc. <i>fabulas</i> , a substantive generally omitted in Terentian prologues), which is really subject of the <i>ut</i> -clause, has been attracted into the preceding main clause". O mesmo comenta Goldberg (2013).
<i>Hec.</i> 0036	quom primum eam agere coepi, pugilum gloria (funambuli eodem accessit exspectatio), comitum conventus, strepitus, clamor mulierum fecere ut ante tempus exirem foras.	Quando a comecei a apresentar, a vanglória dos boxeadores [...] a reunião de apoiadores, o estrépido, o clamor das mulheres fizeram com que eu saísse [do palco] antes do tempo. [pugil, ilis = boxeador]	ut	fecere	exirem	N	P	M	2	1	//	//	ia6	D V	Prolog us	0	Prolog us	//

Hec. 0047	recidere ad paucos. facite ut vostra auctoritas meae auctoritati fautrix adiutrixque sit .	Façam com que vossa influência seja promotora e ajudante à minha influência.	ut	facite	sit	N	P	D	6	1	//	//	ia6	D V	Prologus	0	Prologus	//
Hec. 0121	ill' primo se negare, sed postquam acrius pater instat, fecit animi ut incertus foret pudorin anne amori obsequeretur magis.	Ele primeiro negou, mas depois que o pai o pressionou mais, fez com que ficasse incerto no ânimo se deveria seguir mais o dever ou o amor.	ut	fecit	foret	N	P	M	2	1	//	//	ia6	D V	Parmeno	M	seruus	//
Hec. 0211	tum autem ex amicis inimici ut sint nobis affines facis , qui illum decrerunt dignum suos quoi liberos committerent.	Mas você faz com que os nossos parentes de amigos sejam inimigos, eles que...	ut	facis	sint	N	A	M	2	2	//	//	ia8	C	Laches	M	senex	//
Hec. 0244	quae ego imperem facere, ego tamen patrio animo uictus faciam ut tibi concedam neque tuae lubidini aduersabor.	[...], mas eu, vencido pela vontade do pai, tratarei de ceder a ti e não me oporei a sua vontade.	ut	faciam	concedam	S	P	D	1	1	//	//	ia7	C	Phidippus	M	senex	Carney (1963): " <i>faciam</i> . . . <i>concedam</i> : the circumlocution is meant to indicate the reluctance with which Ph. has allowed himself to be persuaded: 'I have induced myself to yield you'."
Hec. 0275	[SOS] edepol ne nos sumus inique aequae omnes inuisae uiris propter paucas, quae omnes faciunt dignae ut uideamur malo.	Por Pólux, nós somos injustamente igualmente todas odiadas pelos maridos por causa de poucas que fazem com que todas nós pareçamos merecedoras de mal.	ut	faciunt	uideamur	N	P	M	1	2	//	//	tr7	C	Sostrata	F	matrona	Carney (1963): " <i>quae</i> . . . <i>uideamur</i> : 'quae faciunt ut omnes uideamur dignae'. The expression is a <i>locus communis</i> : cf. Eurip. Ion 398-400, and cf. nn. to Il. 202 & 203, 307." Goldberg (2013): " quae : subject of <i>faciunt</i> . <i>Omnes</i> and <i>dignae</i> provide subj. and pred. adj. for the following <i>ut</i> -clause."
Hec. 0439	[PAR] at non noui hominis faciem. [PAM] at faciam ut noueris . magnus rubicundus crispus crassus caesius cadauerosa facie. [PAR] di illum perduint!	Mas farei com que saibas.	ut	faciam	noueris	N	P	M	0	2	//	//	ia6	D V	Pamphilus	M	adulescens	//
Hec. 0756	[BAC] faciam quod pol, si esset alia ex hoc quaestu, haud faceret, scio, ut de tali causa nuptae mulieri se ostenderet .	Farei o que sei que [outra], se fosse outra desta profissão, não faria: que encarasse sobre tal causa uma mulher casada. [quaestus, us = profissão]	ut	faciam	ostendetur	N	P	D	1	1	apostiva	quod	tr7	C	Bacchis	F	meretrix	Carney (1963), comentando o v. 757: " <i>ut</i> : explanatory of the preceding <i>quod</i> (cf. n. to 1.99); 'namely'." Goldberg (2013), comentando o v. 757: " ut : the purpose clause that follows explains the preceding <i>quod</i> ."

Hec. 0764	nunc quam ego te esse praeter nostram opinionem comperi, fac eadem ut sis porro. nostra utere amicitia ut voles.	Agora que eu vi você ser diferente de nossa expectativa, trata de ser a mesma então. [comperio, -peri, -pertum, ire = ser informado, descobrir]	ut	fac	sis	S	P	M	1	2	//	//	tr7	C	Laches	M	senex	//
Hec. 0769	sed quom tu satura atque ebria eris, puer ut satur sit facito .	Mas quando você estiver cheia e bêbada, garanta que o menino esteja satisfeito.	ut	facito	sit	N	A	M	0	1	//	//	ia7	C	Phidip pus	M	senex	Goldberg (2013): "facito: the fut. imper. may, as here, mark a command of prospective rather than immediate fulfilment [...]. The legal connotation of the form (<i>si in uis uocat, ito</i> etc.) can lend an imperious tone that is probably also in play here."
Hec. 0774	haec res hic agitur. Pamphilo me facere ut redeat uxor oportet: quod si perficio non paenitet me famae,	Convém que eu faça com que a esposa retorne a Pamphilus.	ut	facere	redeat	N	P	M	0	2	//	//	ia7	C	Bacchi s	F	meretri x	Goldberg (2013): "Pamphilo: a striking prolepsis, syntactically the dat. obj. of <i>redeat</i> (cf. 504 <i>redisti nobis</i>), but its position suggests an ethical dat. with <i>me facere</i> ."
Hec. 0857	[BAC] bene factum et uolup est. [PAM] factis ut credam facis .	Com ações você faz com que eu acredite,...	ut	facis	credam	N	A	M	0	2	//	//	ia6	D V	Pamphi lus	M	adulesc ens	Ambos Carney (1963) e Goldberg (2013) apontam ser <i>factis</i> ablativo com <i>facis</i> , embora o primeiro aponte a leitura como dativo ter sido feita.
Phorm. 0430	ferendum fers? tuis dignum factis feceris , ut amici inter nos simus ? [DEM] egon tuam expetam	Você fará algo digno de teus atos, que sejamos amigos entre si?	ut	feceris	simus	N	P	D	3	1	apositiva	dignu m	ia6	D V	Phormi o	M	parasit us	Exemplar considerado por McGlynn (1963, considerado como <i>ut explicatium</i>) e Bennett (1982). Martin (1959) traduz: "do what's best for you to do, namely, let us be friends."
Phorm. 0671	[CHR] quaeso, ego dabo, quiesce. tu modo filium fac ut illum ducat nos quam volumus. [ANT] ei mihi!	Garanta que seu filho se case com a moça que queremos.	ut	fac	ducat	N	P	M	1	1	prolepse	filium	ia6	D V	Chrem es	M	senex	Martin (1959): " filium fac ut . . . ducat , proleptic accusative, 354n."
Phorm. 0766	[DEM] nostrapte culpa facimus ut malis expediat esse, dum nimium dici nos bonos studemus et benignos.	Estamos fazendo com nossa própria culpa com que seja útil aos homens ser maus. [-pte = partícula enclítica, enfática, "si mesmo"; expedio, ire = ser vantajoso, útil (impessoal + infinitivo)]	ut	facimus	expedi at	N	P	M	1	1	//	//	ia7	C	Demip ho	M	senex	Martin (1959): " malis expediat esse . Understand <i>hominibus</i> ; <i>malis</i> is complement of <i>esse</i> ." Maltby (2012): " ut malis expediat esse : this could mean literally 'it pays wicked people to exist', or, as I have translated it, we could understand <i>hominibus</i> with <i>expediat</i> 'it pays for (people) to be wicked'."
Phorm. 0776	[DEM] ita faciam , ut frater censuit, ut uxorem eius huc adducam .	Assim farei, como o irmão sugeriu, com que eu traga para cá sua esposa,	ut	faciam	adduca m	S	P	M	6	1	apositiva	ita	ia7	C	Demip ho	M	senex	Martin (1959): " <i>ut . . . adducam</i> is a noun clause explanatory of the whole."

	cum ista ut loquatur. tu, Geta, abi prae, nuntia hanc venturam.	para que fale com esta moça.																
Phorm. 0784	[DEM] agedum, ut soles, Nausistrata, fac illa ut placetur nobis, ut sua voluntate id quod est faciundum faciat. [NAU] faciam.	Vai, como você costuma, Nausistrata, faz com que ela se reconcilie conosco, de modo que... [placo, are = reconciliar]	ut	fac	placetur	N	P	M	1	2	//	//	ia7	C	Demip ho	M	senex	//

G. facio – exemplares justapostos de *ad Atticum*

Localização	Trecho	J/ut	V. principal	V. subord.	Comentário Analítico
Att. 02,14,01,03	proinde ita fac uenias <ut> ad sitientis auris.	J	fac	uenias	//
Att. 03,13,02,13	Quintum, fratrem meum, fac diligas .	J	fac	diligas	//
Att. 04,04a,02,02 [1]	ipse uero utique fac uenias , si potes in his locis adhaerescere, et Piliam adducas;	J	fac	uenias	//
Att. 04,04a,02,02 [2]	ipse uero utique fac uenias , si potes in his locis adhaerescere, et Piliam adducas ;	J	fac	adducas	//
Att. 04,04a,02,06	tu fac uenias , et de librariis, si me amas, diligenter.	J	fac	uenias	//
Att. 09,07b,03,07	fac ualeas .	J	fac	ualeas	Carta de Balbus.
Att. 09,09,04,08	quem fac hortoris ut properet;	J	fac	hortoris	//
Att. 13,45,01,09	Dies feriarum mihi additos video sed quam multos fac , si me amas, sciam .	J	fac	sciam	//
Att. 15,16a,01,06	tu, quaeso, fac sciam ubi Brutum nostrum et quo die videre possim.	J	fac	sciam	//

H. facio – exemplares com *ut* de *ad Atticum*

Localização	Trecho	J/ut	V. principal	V. subord.	Comentário Analítico
Att. 01,18,08,03	et, quamquam sunt haec fugienda quo te uoco, tamen fac ut amorem nostrum tanti aestimes ut eo uel cum his molestiis peruenire uelis.	ut	fac	aestimes	//
Att. 02,06,02,15	aliud quid? etiam: quando te proficisci istinc putes fac ut sciam .	ut	fac	sciam	//
Att. 02,10,01,05	nunc fac ut sciam quo die te uisuri simus.	ut	fac	sciam	//
Att. 03,04,01,11	sed haec coram. fac modo ut uenias .	ut	fac	uenias	//
Att. 03,15,07,09	sin omnia sunt obstructa, id ipsum fac ut sciamus et nos aliquando aut obiurgare aut communiter	ut	fac	sciamus	//

	consolari desine.				
Att. 03,15,08,01 [1]	Qua re fac ut omnia ad me perspecta et explorata perscribas meque, ut facis, uelis esse aliquem, quoniam qui fui et qui esse potui, iam esse non possum, et ut his litteris non te sed me ipsum a me esse accusatum putes.	ut	fac	perscribas	//
Att. 03,15,09,01 [2]	Qua re fac ut omnia ad me perspecta et explorata perscribas meque, ut facis, uelis esse aliquem, quoniam qui fui et qui esse potui, iam esse non possum, et ut his litteris non te sed me ipsum a me esse accusatum putes.	ut	fac	uelis	//
Att. 03,15,10,01 [3]	Qua re fac ut omnia ad me perspecta et explorata perscribas meque, ut facis, uelis esse aliquem, quoniam qui fui et qui esse potui, iam esse non possum, et ut his litteris non te sed me ipsum a me esse accusatum putes .	ut	fac	putes	//
Att. 03,18,02,06	fac , obsecro te, ut omnia quae perspici a te possunt sciamus .	ut	fac	sciamus	//
Att. 04,06,04,04 [1]	Epistulam Luceio quam misi, qua meas res ut scribat rogo, fac ut ab eo sumas (ualde bella est) eumque ut adproperet adhorteris, et quod mihi se ita facturum rescripsit agas gratias, domum nostram quoad poteris inuisas, Vestorio aliquid significes.	ut	fac	sumas	Aceitar 5 exemplares a partir desse período pode ser um exagero, mas considerando que temos um número razoável de dados (mais de 50), os efeitos são mitigados, além de podermos manter o critério inicial de contagem de subjuntivos.
Att. 04,06,04,04 [2]	Epistulam Luceio quam misi, qua meas res ut scribat rogo, fac ut ab eo sumas (ualde bella est) eumque ut adproperet adhorteris , et quod mihi se ita facturum rescripsit agas gratias, domum nostram quoad poteris inuisas, Vestorio aliquid significes.	ut	fac	adhorteris	//
Att. 04,06,04,04 [3]	Epistulam Luceio quam misi, qua meas res ut scribat rogo, fac ut ab eo sumas (ualde bella est) eumque ut adproperet adhorteris, et quod mihi se ita facturum rescripsit agas gratias, domum nostram quoad poteris inuisas, Vestorio aliquid significes.	ut	fac	agas	//
Att. 04,06,04,04 [4]	Epistulam Luceio quam misi, qua meas res ut scribat rogo, fac ut ab eo sumas (ualde bella est) eumque ut adproperet adhorteris, et quod mihi se ita facturum rescripsit agas gratias, domum nostram quoad poteris inuisas , Vestorio aliquid significes.	ut	fac	inuisas	//
Att. 04,06,04,04 [5]	Epistulam Luceio quam misi, qua meas res ut scribat rogo, fac ut ab eo sumas (ualde bella est) eumque ut adproperet adhorteris, et quod mihi se ita facturum rescripsit agas gratias, domum nostram quoad poteris inuisas, Vestorio aliquid significes .	ut	fac	significes	//
Att. 04,08a,01,03	uerum statim fac ut sciam , si modo tibi est commodum.	ut	fac	sciam	//
Att. 06,02,03,16	Phliasios' autem dici sciebam et ita fac ut habeas ; nos quidem sic habemus.	ut	fac	habeas	//
Att. 06,04,03,07	non quo tantum quantum uereor scribere; tu autem fac ut mihi tuae litterae uolent obuias.	ut	fac	uolent	//
Att. 13,25,03,02	etiam nunc si dubitas, fac ut sciamus .	ut	fac	sciamus	//
Att. 14,16,03,01	Nunc, mi Attice, me fac ut expedias .	ut	fac	expedias	//
Att. 14,17a,08,07	tu, quoniam rem publicam nosque conservas, fac ut diligentissime te ipsum, mi Dolabella, custodias .	ut	fac	custodias	//
Att. 02,20,01,08 [1]	alterum facio , ut caueam , alterum, ut non credam, facere non possum.	ut	facio	caueam	//
Att. 02,20,01,08 [2]	alterum facio, ut caueam, alterum, ut non credam , facere non possum.	ut	facere	credam	//
Att. 08,14,01,07	euntibus vero, domesticis praesertim, ut nihil ad te dem litterarum facere non possum	ut	facere	dem	//
Att. 09,07a,01,07	Nos si id quod nostro iudicio Caesarem facere oportere existimamus, ut, simul Romam uenerit, agat de reconciliacione gratiae suae et Pompei, id eum facturum ex ipso cognouisse mus, <non desineremus> te hortari ut uelles iis rebus interesse, quo facilius et maiore cum dignitate per te, qui utrique es coniunctus, res tota	ut	facere	agat	//

	confieret;				
Att. 09,07c,01,03 [1]	consilio vestro utar libenter et hoc libentius quod mea sponte facere constitueram ut quam lenissimum me praeberem et Pompeium darem operam ut reconciliarem.	ut	facere	praeberem	//
Att. 09,07c,01,03 [2]	consilio vestro utar libenter et hoc libentius quod mea sponte facere constitueram ut quam lenissimum me praeberem et Pompeium darem operam ut reconciliarem.	ut	facere	darem	//
Att. 11,21,01,04	tu etsi non potuisti ullo modo facere ut mihi illam epistulam non mitteres , tamen mallet non esse missam.	ut	facere	mitteres	//
Att. 16,15,01,09	nunc uero etiam gaudeo mihi causam oblatam in qua et ipse sentiat et reliqui omnes me ab illo abalienatum, idque prae me feram et quidem me facere et rei publicae causa ut illum oderim , quod, cum eam me auctore defendere coepisset, non modo deseruerit emptus pecunia sed etiam, quantum in ipso fuerit, euerterit.	ut	facere	oderim	Shackleton Bailey (1967, v. VI): " et quidem Sc. <i>prae me feram. et rei publicae</i> Cf. <i>Div. in Caec. 6 si ... hoc quod facio me rei publicae causa facere proditerer</i> . Lambinus' supplement (if it is his) <i>et <mea et></i> is far preferable to any subsequent proposal. But <i>et</i> (= <i>etiam</i>) implies just this: cf. K.-S. II, p. 9."
Att. 03,07,02,04	non faciam ut enumerem miserias omnis in quas incidi per summam iniuriam et scelus non tam inimicorum meorum quam inuidorum, ne et meum maerorem exagitem et te in eundem luctum vocem;	ut	faciam	enumerem	//
Att. 03,15,02,14 [1]	sed non faciam ut aut tuum animum angam querelis aut meis uulneribus saepius manus adferam.	ut	faciam	angam	//
Att. 03,15,02,14 [2]	sed non faciam ut aut tuum animum angam querelis aut meis uulneribus saepius manus adferam .	ut	faciam	adferam	//
Att. 03,22,04,04	inde cum ad te me conuertam, faciam ut scias , tuque ad me uelim omnia quam diligentissime, cuicuiusmodi sunt, scribas.	ut	faciam	scias	//
Att. 05,04,03,05	de nostro itinere cum statuero, de quinque praefectis quid Pompeius facturus sit cum ex ipso cognoro, faciam ut scias .	ut	faciam	scias	//
Att. 07,26,03,07	quod habeo certi, faciam ut scias .	ut	faciam	scias	//
Att. 16,08,01,01	Cum sciam quo die uenturus sim, faciam ut scias .	ut	faciam	scias	//
Att. 03,22,01,08	sed iam, cum aduentare milites dicentur, faciendum nobis erit ut ab eo discedamus , quod cum faciemus ad te statim mittemus ut scias ubi simus.	ut	faciendum erit	discedamus	//
Att. 07,11,04,03	mira hominum querela est (nescio istic, sed facies ut sciam) sine magistratibus urbem esse, sine senatu.	ut	facies	sciam	//
Att. 08,15,01,09	quod cum scies, facies ut sciamus .	ut	facies	sciamus	//
Att. 13,21,03,07	qua re facies ut ita sit in libro quem ad modum fuit.	ut	facies	sit	//
Att. 13,24,01,04	facies ergo ut sciam .	ut	facies	sciam	//
Att. 13,28,01,12	<credo> et ad te, idque ut sciam facies .	ut	facies	sciam	//
Att. 15,13a,01,09	sed si quid praeter spem erit, facies ut sciam ;	ut	facies	sciam	//
Att. 02,20,01,07	alterum facio , ut caueam , alterum, ut non credam, facere non possum.	ut	facio	caueam	//
Att. 05,09,01,10	Ego, ut saepe tu me currentem hortatus es, cottidie meditor, praecipio meis, facio denique ut summa modestia et summa abstinentia munus hoc extraordinarium traducamus .	ut	facio	traducamus	//
Att. 05,21,05,13	hic facit ut mihi excipiendus sit cum terruncium nego sumptus factum; praeter eum accepit nemo.	ut	facit	excipiendus	//

				sit	
Att. 09,15a,01,12	Trebatius sedulo facit ut antecedat .	ut	facit	antecedat	//
Att. 10,07,01,14	quod ut meliore tempore possimus facit Adriano mari Dolabella, Fretensi Curio.	ut	facit	possimus	//
Att. 02,04,04,03	tu quicquid indagaris de re publica, et maxime quos consules futuros putes, facito ut sciam .	ut	facito	sciam	//
Att. 02,20,05,04	Tu, si me amas tantum quantum profecto amas, expeditus facito ut sis , si in clamaro, ut accurras;	ut	facito	sis	//
Att. 07,02,08,14	sed ut nihil magno opere metuam Parthi faciunt , qui repente Bibulum semiuiuum reliquerunt.	ut	faciunt	metuam	//
Att. 01,10,01,05 [1]	eo factum est ut epistulae tuae rescriberem aliquid, breuitate temporis tam pauca cogere scribere.	ut	factum est	rescriberem	//
Att. 01,10,01,05 [2]	eo factum est ut epistulae tuae rescriberem aliquid, breuitate temporis tam pauca cogere scribere.	ut	factum est	cogere	//
Att. 07,07,05,09	quam sententiam senatus sequi noluit, ex quo factum est ut Caesari non succederetur	ut	factum est	succederetur	//
Att. 07,12,05,02	si ita factum esset ut ille Romam veniens magistratus et senatum Romae offenderet , magno usui causae nostrae fuisset.	ut	factum esset	offenderet	//
Att. 07,15,03,04	ego autem eum puto facturum ut praesidia deducat ;	ut	facturum	deducat	//
Att. 16,01,06,05	di faxint ut faciat ea quae promittit!	ut	faxint	faciat	//
Att. 11,23,02,05	sed tardius iter faciebat. eo feci ut [eo] celeriter eunti darem .	ut	feci	darem	//
Att. 12,14,03,04	quin etiam feci , quod profecto ante me nemo, ut ipse me per litteras consolarer .	ut	feci	consolarer	//
Att. 13,33a,02,01	de Bruto quod scribis, feci ut ei liberum esset , quod ad me attineret.	ut	feci	esset	//
Att. 05,01,03,10	ut in Arcano Quintus maneret dies fecit ;	ut	fecit	maneret	//

I. *facio* – exemplares justapostos das outras cartas de Cícero

Loc. Patzner	TLL	Trecho	J/ut	V. principal	V. sub.	Fórmula
Sulp. F. IV 5,6	fam. 4, 5, 6	fac aliquando intellegamus adversam quoque te aequae ferre posse	J	fac	intellegamus	N
F. VII 16,13	fam. 7, 16, 13	Quid agatis et ecquid in Italiam venturi sitis hac hieme, fac plane sciam .	J	fac	sciam	S
Cael. F. VIII 1,3	fam. 8, 1, 3	Tu si Pompeium, ut volebas, offendisti, qui tibi visus sit et quam orationem habuerit tecum quamque ostenderit voluntatem (solet enim aliud sentire et loqui neque tantum valere ingenio ut non appareat quid cupiat), fac mihi perscribas .	J	fac	perscribas	N
Pl. F. X 4,4	fam. 10, 4, 4 [1] [2]	Fac valeas meque mutuo diligas .	J	fac	ualeas+	S
Pl. F. X 7,2	fam. 10, 7, 2 [1] [2]	Fac valeas meque mutuo diligas .	J	fac	ualeas+	S
Pl. 11,3	fam. 10, 11, 3 [1] [2]	Fac valeas meque mutuo diligas .	J	fac	ualeas+	S
Pl. 15,4	fam. 10, 15, 4 [1] [2]	Fac valeas meque mutuo diligas .	J	fac	ualeas+	S
Pl. 17,3	fam. 10, 17, 3 [1] [2] [3]	Fac valeas meque mutuo diligas dignitatemque meam, si mereor, tuearis , sicut adhuc singula<ri> cum benevolentia fecisti.	J	fac	ualeas+	S
Pl. 21,6	fam. 10, 21, 6 [1] [2]	Fac valeas meque diligas .	J	fac	ualeas+	S
Cass. XII 12,5	fam. 12, 12, 5 [1] [2]	Fac valeas meque ames .	J	fac	ualeas+	S
XIV 1,6	fam. 14, 1, 6 [1] [2]	Fac valeas et ad me tabellarios mittas ut sciam quid agatur et vos quid	J	fac	ualeas+	S/N

		agatis.				
XVI 18,1	fam. 16, 18, 1	fac bellus revertare , <ut> non modo te sed etiam Tusculanum nostrum plus amem.	J	fac	reuertare	N
F. XVI 18,3	fam. 16, 18, 3	fac opus appareat .	J	fac	appareat	N
Q. I 2,16	ad Q. fr. 1, 2, 16	qua re magnum animum fac habeas et spem bonam.	J	fac	habeas	S
F. I 5b,2	fam. 1, 5b, 2 [1] [2]	tu fac animo forti magnoque sis speresque fore ut fracto impetu levissimi hominis tuam pristinam dignitatem et gloriam consequare.	J	fac	sis / speres	S
F. IV 4,3	fam. 4, 4, 3	nam sic fac existimes , post has miserias, id est postquam armis disceptari coeptum sit de iure publico, nihil esse actum aliud cum dignitate.	J	fac	existimes	N
Sulp. F. IV 5,4	fam. 4, 5, 4	hoc idem, si tibi videtur, fac ante oculos tibi proponas .	J	fac	proponas	N
Vat. F. V 9,2	fam. 5, 9, 2	Tu nos fac ames .	J	fac	ames	S
F. V 21,5	fam. 5, 21, 5	tu ita fac cupidus mei videndi sis ut istinc te ne moveas tam infirma valetudine nisi ex me prius quaesieris per litteras quid te velim facere.	J	fac	sis	N
VI 5,4	fam. 6, 5, 4	Quapropter primum fac animo forti atque magno sis ita enim natus, ita educatus, ita doctus es, ita etiam cognitus ut tibi id faciendum sit;	J	fac	sis	S
13,5	fam. 6,13,5	Tu fac habeas fortem animum, quem semper habuisti:	J	fac	habeas	S
14,3	fam. 6, 14, 3 [1] [2]	Quam ob rem fac animo magno fortique sis et, si turbidissima sapienter ferebas, tranquilliora laete feras .	J	fac	sis / feras	S
X 29	fam. 10, 29 [1] [2]	tu fac bono animo magnoque sis meque tibi nulla re defuturum esse confidas .	J	fac	sis / confidas	S
Br. Cass. XI 3,4	fam. 11, 3, 4	neque quam diu vixerit Caesar sed quam non diu regnarit fac cogites .	J	fac	cogites	S/N
XII 6	fam. 12, 6, 2	proinde fac animum tantum habeas tantumque apparatus quanto opus est ad universam rem publicam recipendam.	J	fac	habeas	N
7,2	fam. 12, 7, 2	tu fac in augenda gloria te ipsum vincas .	J	fac	uincas	N
XIV 4,3	fam. 14, 4, 3	sin, ut ego metuo, transactum est, quoquo modo potes, ad me fac venias .	J	fac	uenias	N
6	fam. 14, 6	Pollicem, si adhuc non est profectus, quam primum fac extrudas .	J	fac	extrudas	N

J. *facio* – exemplares justapostos das outras obras de Cícero

Loc. Merguet	TLL	Trecho	J/ut	V. principal	Comentário
Sex. Rosc. 74	S. Rosc. 74	Et simul tibi in mentem veniat facito , quem ad modum vitam huiusce depinxeris;	J	facito	//
Verr. a. pr. 51	Verr. I, 51	fac tibi paternae legis Anciliae ueniat in mentem	J	fac	//
Verr. III, 154	Verr. II, 3, 154	FAC DILIGENTIAM ADHIBEAS QUOD AD PRAETORES ADHIBEAT EXISTIMATIONEM ATTINET	J	fac	Trata-se de uma carta de outrem.
Verr. III, 157	Verr. II, 3, 157	FAC SCIAT IMPROBITATEM ARATORUM;	J	fac	Trata-se de uma carta de outrem.
N III, 6	nat. deor. 3, 6	fac nunc ego intellegam tu quid sentias.	J	fac	//

K. uolo – exemplares justapostos de Plauto e Terêncio, tipo *sequitur coniunctiuus*

Localização	Versos	Tradução e algum vocabulário	J/ut	V. principal	V. subord.	Mesmos sujeitos	ante post	Pos. no verso	Distância	Casos especiais	Obs. casos esp.	Interrogativa	Metro	canica deuerbia	Nome pers.	Sexo	Tipo	Comentário Analítico
Amph. 0056	utrum sit an non uoltis ? sed ego stultior,	Vocês querem que seja, ou não?	J	uoltis	sit	N	A	M	2	//	//	S	ia6	D V	Mercurius	M	deus/seruus	Christenson (2000) segue outra lição manuscrita <i>fit</i> em vez de <i>sit</i> , seguindo Sedgwick, o que faz o exemplar ter um indicativo e não mais um subjuntivo. A lição de Lindsay (1903), abonada também pela tradição manuscrita, prefere <i>sit</i> , assim como a edição da Loeb.
Asin. 0077	uolo amori †obsecutum† illius, uolo amet me patrem.	Eu quero que ele ame a mim, seu pai.	J	uolo	amet	N	P	M	0	//	//	N	ia6	D V	Demaenetu s	M	senex	Por conta do <i>obelus</i> , Bertini (1968) afirma "Hunc versum pro spurio semper habuerant editores et propter metricae offensionem et propter <i>obsecutum</i> passive usurpatum. [...] coniecturam adhuc nemo reperire potuit." E Gray (1894): "This line must be obelized. <i>Obsecutum</i> as a passive is out of the question. Nonius p. 501 quotes it as <i>amari obsecutam</i> which does not help. However the whole verse is so unsatisfactory and unmetrical that it may be confidently regarded as one of the glosses which have found their way into this scene. Probably the line is made up of two marginal comments on the preceding verse." Apesar da controvérsia, o verso está presente em Lindsay (1903), na edição crítica de Danese (2004) na edição Loeb que sigo, além de ser citado em Durham (1901) e Lodge (1971).
Asin. 0647	[LEO] uin faciam ut me Philaenium praesente hoc amplexetur?	Você quer que eu faça Filênio me abraçar, estando ele presente?	J	uin	faciam	N	P	M	0	//	//	S	ia7	C	Leonida	M	seruus	//
Aul. 0634	[SER] quid tibi surrupui? [EVC] redde huc sis. [SER] quid tibi uis	O que você quer que eu te devolva?	J	uis	reddam	N	P	M	0	//	//	S	tr7	C	Seruus Lyconidis	M	seruus	//

	reddam? [EVC] rogas?																	
<i>Aul.</i> 0670	nimis hercle ego illum coruom ad me ueniat uelim qui indicium fecit, ut ego filic aliquid boni ... dicam; nam quod edit tam duim quam perduim.	Eu gostaria demais que aquele corvo viesse a mim, aquele que me alertou, para que eu pudesse dizer algo bom a ele.	J	uel im	ueniat	N	A	M	0	prolepse	illum coruom	N	ia6	D V	Euclio	M	senex	Thomas (1913): " coruom : logically the subject of <i>ueniat</i> : see on 54." MacLennan & Stockert (2016): " <i>illum coruom</i> is a proleptic (antecipatory) accusative"
<i>Bacch.</i> 0334	nescit quid faciat auro. [NIC] mi dederit uelim .	Queria que tivesse me dado.	J	uel im	deder it	N	A	M	0	//	//	N	ia6	D V	Nicobulus	M	senex	//
<i>Bacch.</i> 0692	[CHRY] quid uis curem? [MNE] ut ad senem etiam alteram facias uiam.	Do que você quer que eu cuide?	J	uis	cure m	N	P	M	0	//	//	S	tr7	C	Chrysalus	M	seruus	//
<i>Bacch.</i> 0707	[CHRY] ego dabo. [MNE] tum nobis opus est sumptu. [CHRY] ah, placide uolo unumquicque agamus : hoc ubi egero, tum istuc agam.	Ah, quero que tranquilamente façamos uma coisa de cada vez: quando tiver feito isso, farei aquilo.	J	uol o	agam us	N	P	D	1	//	//	N	tr7	C	Chrysalus	M	seruus	//
<i>Capt.</i> 0121	[LOR] si non est quod dem, mene uis dem ipse . . . in pedes?	Se não há o que eu possa dar, você quer que eu me jogue aos seus pés?	J	uis	dem	N	P	M	0	//	//	S	ia6	D V	Lorarius	M	seruus	//
<i>Capt.</i> 0360	quae ad patrem uis nuntiari. uin uocem huc ad te? [TYN] uoca.	Você quer que eu o chame aqui até você?	J	uin	uoce m	N	P	M	0	//	//	S	tr7	C	Hegio	M	senex	Comentário da edição de Morris <i>apud</i> Lindsay (1900): "This paratactic construction is used 23 times in Plaut. (<i>Capt.</i> 858, <i>Pseud.</i> 324, 522, &c.), always with 1st pers., while <i>uin me facere</i> is used only three times."
<i>Capt.</i> 0383	qui hinc ad se ueniat. [TYN] ergo animum aduortas uolo quae nuntiare hinc te uolo in patriam ad patrem.	Então, quero que você preste atenção no que eu quero que você anuncie ao meu pai em casa daqui.	J	uol o	aduor tas	N	A	M	0	fórmula	//	N	ia6	D V	Tyndarus	M	seruus captiu us	//
<i>Capt.</i> 0388	[TYN] facis ita ut te facere oportet. nunc animum aduortas uolo :	Agora, quero que você preste atenção:	J	uol o	aduor tas	N	A	M	0	fórmula	//	N	tr7	C	Tyndarus	M	seruus captiu us	//
<i>Capt.</i> 0430	et, quo minus dixi quam uolui de te, animum aduortas uolo .	e, como eu disse menos do que queria sobre você, quero que você preste atenção.	J	uol o	aduor tas	N	A	M	0	fórmula	//	N	tr7	C	Tyndarus	M	seruus captiu us	//
<i>Capt.</i> 0858	uin te faciam fortunatum? [HEG] malim quam miserum quidem.	Quer que eu te faça feliz?	J	uin	facia m	N	P	M	1	//	//	S	tr7	C	Ergasilus	M	parasit us	//

Cas. 0234	[LYS] uera dicas uelim . [CLEO] credo ego istuc tibi.	Eu queria que você estivesse falando a verdade.	J	uelim	dicas	N	A	M	0	//	//	N	cr4	C	Lysidamus	M	senex	MacCary & Willcock (1976) citam ser este verso um aparte, assim como a edição da Loeb.
Cas. 0272	[CLEO] conuenit. uis tuis Chalinum huc euocem uerbis foras?	Você quer que eu chame Calino aqui fora sob suas instruções?	J	uis	euocem	N	P	M	3	//	//	S	tr7	C	Cleostrata	F	matrona	//
Cas. 0544	uin uocem ? [CLEO] sine eam: te nolo, si occupata est. [ALC] otium est.	Quer que eu a chame?	J	uin	uocem	N	P	M	0	//	//	S	tr7	C	Alcesimus	M	senex	//
Cas. 0559	nunc ego illum nihili, decrepitem meum uirum ueniat uelim , ut eum ludificem uicissim, postquam hunc delusi alterum.	Eu queria que aquele meu marido inútil e decrepito viesse agora, para que eu pudesse rir dele em troca, depois de rir deste outro.	J	uelim	ueniat	N	A	M	0	prolepse	meum uirum	N	tr7	C	Cleostrata	F	matrona	MacCary & Willcock (1976): " meum uirum ueniat uelim 'I should like my husband to come.' <i>uir</i> , subject of <i>ueniat</i> , is made the object of <i>uelim</i> ; this is a Greek construction, as in the well known οἶδ' ἄ σ' εἴ, 'I know thee who thou art' (Mark 1.24); cf. 859." Também notamos haver um <i>asyndeton bimembre</i> em <i>nihili decrepitem</i> .
Cist. 0082	[SEL] hoc uolo agatis . qua accersitae causa ad me estis, eloquar.	Quero que vocês prestem atenção. [Quero que façam isso].	J	uolo	agatis	N	P	M	0	//	//	N	tr7	C	Selenium	F	meretrices	//
Epid. 0019	[THES] quid tibi uis dicam nisi quod est? [EPI] ut illae res? responde. [THES] probe.	O que você quer que eu te diga a não ser os fatos?	J	uis	dicam	N	P	M	0	//	//	S	ia8	C	Thesprio	M	seruus	//
Epid. 0584	[ACR] quid loquar uis ? [PER] haec negat se tuam esse matrem. [ACR] ne fuat,	O que você quer que eu fale?	J	uis	loquar	N	A	M	0	//	//	S	tr7	C	Periphanes	M	senex	//
Men. 0606	[MEN] quid illuc est, uxor, negoti? [MAT] men rogas? [MEN] uin hunc rogem ?	Quer que eu pergunte para ele?	J	uin	rogem	N	P	M	1	//	//	S	tr7	C	Menaechmus	M	adulescens	//
Men. 0909	[SEN] audin quae loquitur? [MED] se miserum praedicat. [SEN] adeas uelim .	Eu gostaria que você fosse a ele.	J	uelim	adeas	N	A	M	0	//	//	N	tr7	C	Senex	M	senex	//
Merc. 0158	[CHAR] sicut mihi opsequens es? [ACAN] quid uis faciam ? [CHAR] tun? id quod uolo.	O que você quer que eu faça?	J	uis	faciam	N	P	M	0	//	//	S	tr7	C	Achantio	M	seruus	//
Merc. 0486 [1]	[EVT] uisne eam ad portum – [CHAR] qui potius quam uoles? [EVT] atque eximam mulierem pretio? [CHAR]	Você quer que eu vá ao porto [...] e tome a mulher pelo seu preço?	J	uisne	eam	N	P	M	0	//	//	S	tr7	C	Eutychus	M	adulescens	//

	qui potius quam auro expendas? [EVT] unde erit?																	
Merc. 0486 [2]	[EVT] uisne eam ad portum – [CHAR] qui potius quam uoles? [EVT] atque eximam mulierem pretio? [CHAR] qui potius quam auro expendas? [EVT] unde erit?	Você quer que eu vá ao porto [...] e tome a mulher pelo seu preço?	J	uis ne	exima m	N	P	M	8	//	//	S	tr7	C	Eutychus	M	adules cens	//
Merc. 0722	[LYN] uin dicam quoa est? illa – illa edepol – uae mihi! nescio quid dicam. [DOR] haeres. [LYS] hau uidi magis.	Você quer que eu diga de quem ela é?	J	uin	dicam	N	P	M	0	//	//	S	ia6	D V	Lysimachus	M	senex	//
Merc. 0728	[LYS] illast – etiam uis nomen dicam ? [DOR] nil agis,	Ela é - ainda quer que eu diga o nome?	J	uis	dicam	N	P	M	1	//	//	S	ia6	D V	Lysimachus	M	senex	//
Mil. 0300	[PAL] pergin, infelix? [SCE] quid tibi uis dicam nisi quod uiderim?	O que você quer que eu diga a não ser o que eu vi?	J	uis	dicam	N	P	M	0	//	//	S	tr7	C	Sceledrus	M	seruus	Hammond, Mack & Moskalew (1970): " uis dicam : after <i>uis</i> the paratactic construction in Plautus is far more common than the inf., see Intr. LXIX and on 458."
Mil. 0335	uin iam faciam uti stultiuidum te fateare? [SCE] age face.	Você quer que eu faça com que você admita ver as coisas de um modo tolo? [stultiuidus, a, um = stultusuideo = o que vê as coisas de modo tolo]	J	uin	facia m	N	P	M	1	//	//	S	tr7	C	Palaestrio	M	seruus	//
Mil. 0546	uidistine ambas? [SCE] uidi. [PER] erum exhibeas uolo .	Quero que você apresente seu mestre.	J	uol o	exhib eas	N	A	M	0	//	//	N	ia6	D V	Periplectom enos	M	senex	Hammond, Mack & Moskalew (1970): " <i>exhibere</i> is a legal word = 'to furnish', 'to produce'. Pe. pretends to wish to see Py. to ensure that Sc. is punished for his insolence."
Mil. 0876	domi demonstraui in ordine. hanc fabricam fallaciasque minus si tenetis, denuo uolo percipiatis plane;	Se vocês pouco aprenderam a maquinação e os truques, quero que vocês ouçam de novo de modo claro.	J	uol o	perci piatis	N	P	M	0	//	//	N	ia7	C	Periplectom enos	M	senex	//
Most. 0322	[CAL] uisne ego te ac tu me amplectare ?	Você quer que eu te abrace e que você me abrace?	J	uis ne	ample ctare	S	P	M	5	//	//	S	an 4	C	Callidamate s	M	adules cens	//

Most. 0578	[MIS] quid tibi ego morem uis geram ? [TRA] abi quaeso hinc domum.	Como você quer que eu adeque minha conduta? [TRA] Saia daqui para casa por favor. [morem gerere + dative = adequar a conduta com o desejo de alguém]	J	uis	geram	N	P	M	0	//	//	S	ia6	D V	Misargyrid es	M	danista	//
Most. 1074	aggrediar hominem, appellabo. [THEO] nunc ego ille huc ueniat uelim .	Agora eu gostaria que ele viesse para cá.	J	uelim	ueniat	N	A	M	0	//	//	N	tr7	C	Theopropides	M	senex	//
Persa 0293	[PAE] amicus sum, eueniant uolo tibi quae optas. [SAG] atque id fiat,	Eu sou seu amigo, quero que as coisas que você deseja aconteçam.	J	uolo	eueniant	N	A	M	0	//	//	N	ia7	C	Paegnium	M	puer	//
Persa 0575	[DOR] modo ut sciam quanti indicet. [TOX] uin huc uocem ? [DOR] ego illo accessero.	Quer que eu o chama para cá?	J	uin	uocem	N	P	M	1	//	//	S	tr7	C	Toxilus	M	seruus	//
Persa 0832	nam ego nil merui. [DOR] at enim quod ille meruit, tibi id opsit uolo .	Mas quero que haja contra você o que ele sofreu.	J	uolo	opsit	N	A	M	0	//	//	N	tr7	C	Dordalus	M	leno	//
Poen. 0279	Milphio, heus [Milphio], ubi es? [MIL] assum apud te eccum. [AGO] at ego elixus sis uolo .	Eis que estou aqui [/cozido]. [AGO] Mas eu quero que você esteja fervido. [elixus, a, um = fervido]	J	uolo	sis	N	A	M	0	//	//	N	tr7	C	Agorastocles	M	adulescens	//
Poen. 0439	ita me di amabunt – uin bona dicam fide?	Assim os deuses me amarão - você quer que eu diga em boa fé?	J	uin	dicam	N	P	M	1	//	//	S	ia6	D V	Agorastocles	M	adulescens	//
Poen. 0570	tardi sumus nos. [AGO] optime itis, pessime hercle dicitis. quin etiam deciderint uobis femina in talos uelim .	De fato, gostaria que suas coxas tivessem caído em seus tornozelos. [talus, i = tornozelo; femina, inis (nt.) = femur, ôris ou inis = coxa; quin = serve para corroboração]	J	uelim	deciderint	N	A	M	4	//	//	N	tr7	C	Agorastocles	M	adulescens	Moodie (2015): " deciderint Perfect subjunctive in a substantive clause of purpose without <i>ut</i> (A&G 565) after potential <i>uelim</i> ." Maurach (1988): " <i>Deciderint</i> : den Konjunktiv versteht H. Vairel (RP 52, 1978, 130) als eine "éventualité dont le lecteur n'envisage pas sérieusement qu'elle puisse se réaliser"; doch vielleicht stellt dieses Perfekt (vgl. Ba 334, Ru 662) nur einen Rest des Aoristischen dar."
Poen. 0593	eum mihi uolo demonstratis hominem. [ADVO] nos curabimus.	Quero que vocês me mostrem esse homem.	J	uolo	demonstratis	N	P	M	0	//	//	N	tr7	C	Collybiscus	M	uilicus	//
Poen. 0990	[MIL] quid ais tu? [AGO] quid uis? [MIL] uin appellem hunc Punice?	Quer que eu o chame em Púnico?	J	uin	appellem	N	P	M	0	//	//	S	ia6	D V	Milphio	M	seruus	//

Poen. 1066	[HAN] patrem atque matrem uiuerent uellem tibi.	Eu gostaria que eu pai e sua mãe estivessem vivos.	J	uel le m	uiuer ent	N	A	M	0	prolepse	patrem atque matrem	N	ia6	D V	Hanno	M	Poenus	//
Poen. 1151	patruo aduenienti cena curetur uolo .	Quero que uma janta seja preparada ao tio que está chegando.	J	uol o	curet ur	N	A	M	0	//	//	N	ia6	D V	Agorastocles	M	adulescens	//
Poen. 1197	[AGO] at enim hoc uolo agas . [HAN] at enim ago istuc.	Mas quero que você faça isso.	J	uol o	agas	N	P	M	0	//	//	N	an 4^	C	Agorastocles	M	adulescens	//
Poen. 1206	quod[que] haruspex de ambabus dixit -- [AGO] uelim de me aliquid dixerit .	Gostaria que ele tivesse dito algo sobre mim.	J	uel im	dixeri t	N	P	M	3	//	//	N	tr7	C	Agorastocles	M	adulescens	A fala de Agorastocles ocorre no meio da frase de Anterastilis e a tradução da Loeb marca em inglês a rubrica "quietly" para essa fala.
Poen. 1226	[AGO] nunc, patruus, tu frugi bonae es. tene. uin ego hanc apprendam ?	Voce quer que eu segure esta aqui?	J	uin	appre ndam	N	P	M	2	//	//	S	ia7	C	Agorastocles	M	adulescens	//
Poen. 1252	[HAN] aduortite animum, mulieres. primum, si id fieri possit, ne indigna indignis di darent, id ego euenisset uellem .	Primeiro, se isto pudesse acontecer, que os deuses não dessem coisas indignas a pessoas indignas, eu gostaria que aquilo tivesse acontecido.	J	uel le m	eueni sset	N	A	M	0	//	//	N	ia7	C	Hanno	M	Poenus	Moodie (2015): " 1251-56 As Franko (1996 440) notes, Hanno's <i>pietas</i> is emphasized here (there are four references to the gods in four lines)..."
Poen. 1288	sed mea amica nunc mihi irato obuiam ueniat uelim .	Mas agora gostaria que minha namorada viesse ao encontro de mim, que estou bravo. [obuiam = adv. ao encontro]	J	uel im	ueniat	N	A	M	0	//	//	N	tr7	C	Antamynides	M	miles	//
Pseud. 0324	[BAL] immo uin etiam te faciam ex laeto laetantem magis?	E mais, você quer ainda que eu te faça de alegre para mais alegre?	J	uin	facia m	N	P	M	2	//	//	S	tr7	C	Ballio	M	leno	//
Pseud. 0522	[PSEV] uin etiam dicam quod uos magis miremini?	Você quer que eu diga algo com que vocês se surpreendam?	J	uin	dicam	N	P	M	1	//	//	S	ia6	D V	Pseudolus	M	seruus	//
Pseud. 1061	nunc ego Simonem mi obuiam ueniat uelim , ut mea laetitia laetus promiscam siet.	Agora eu gostaria que Simo viesse ao meu encontro, de modo que ele seja igualmente alegre com minha alegria. [promiscam = adv. promiscue = igualmente]	J	uel im	ueniat	N	A	M	0	prolepse	Simone m	N	ia6	D V	Ballio	M	leno	//
Pseud. 1122-3 [1]	tem atque aliquem euocem hinc intus. le- no argentum hoc uolo . lo a me accipiat atque	Eu quero que o cafetão receba este dinheiro de mim e envie a mulher ao mesmo tempo comigo.	J	uol o	accipi at	N	P	M	2	//	//	N	tr sy 13 me	C	Harpax	M	cacula	//

	amittat mulierem mecum simul.												tr					
<i>Pseud.</i> 1122-3 [2]	tem atque aliquem euocem hinc intus. le- no argentum hoc uo- lo a me accipiat atque amittat mulierem mecum simul.	Eu quero que o cafetão receba este dinheiro de mim e envie a mulher ao mesmo tempo comigo.	J	uol o	amitt at	N	P	M	4	//	//	N	tr sy 13 me tr	C	Harpax	M	acula	//
<i>Rud.</i> 0511	[CHAR] pulmoneum edepol nimis uelim uomitum uomas .	Eu queria demais que você vomitasse um vômito pulmonar.	J	uel im	uoma s	N	P	M	1	//	//	N	ia6	D V	Charmides	M	senex	
<i>Rud.</i> 0662	nimis uelim improbissumo homini malas edentauerint .	Eu espero demais que eles tenham desdentado aquele homem horrível. [mala, ae = maxilar, queixo; edento, are = desdentar]	J	uel im	edent aueri nt	N	P	M	3	//	//	N	tr7	C	Trachalio	M	seruus	Fay (1969): " edentauerint depends on <i>uelim</i> ".
<i>Rud.</i> 0877	etiam retentas? [LAB] perii! [PLE] uerum sit uelim .	Morri! [PLE] Eu queria que fosse verdade.	J	uel im	sit	N	A	M	0	//	//	N	ia6	D V	Plesidippus	M	adules cens	//
<i>Rud.</i> 1332	dabitur talentum. [GRI] accededum huc: Venus haec uolo arroget te.	Vem para cá: quero que essa Vênus te arrogue .	J	uol o	arrog et	N	P	M	0	//	//	N	ia7	C	Gripus	M	piscat or	Fay (1969) e Sonnenschein (1891) indicam que <i>Venus e haec</i> estão juntos. Sonnenschein lê <i>adroget te</i> como "bind you over by an oath".
<i>Rud.</i> 1414	[DAE] nihil hercle hic tibi est, ne tu speres. iuris iurandi uolo gratiam facias .	Quero que você o livre do juramento. [~iam facere (+ genitivo, etc.) = renunciar, dispensar]	J	uol o	facias	N	P	M	1	//	//	N	tr7	C	Daemones	M	senex	//
<i>Stich.</i> 0115	[ANT] dic uicissim nunciam tu. [PAN] quid uis tibi dicam , pater?	O que você quer eu te diga, pai?	J	uis	dicam	N	P	M	1	//	//	S	tr7	C	Pamphila	F	uxor	//
<i>Stich.</i> 0312	nimis uellem hae fores erum fugissent , ea causa ut haberent malum magnum;	Eu queria demais que essas portas tivessem fugido do senhor, de modo que, por isso, recebessem um grande mal.	J	uel le m	fugiss ent	N	P	M	3	//	//	N	an sy 18 me tr	C	Pinacium	M	puer	//
<i>Stich.</i> 0397	bene uale. [GEL] uin amministrem ? [PAN] sat seruorum habeo domi.	Quer que eu auxilie?	J	uin	ammi nistre m	N	P	M	0	//	//	S	tr7	C	Gelasimus	M	parasit us	//
<i>Stich.</i> 0486	uin ad te ad cenam ueniam ? [EPI] si possim, uelim;	você quer que eu vá jantar em sua casa?	J	uin	uenia m	N	P	M	4	//	//	S	ia6	D V	Gelasimus	M	parasit us	//
<i>Stich.</i> 0669	[STI] uolo eluamus hodie, peregrina omnia	Quero que nos purifiquemos hoje; deixa	J	uol o	eluam us	N	P	M	0	//	//	N	ia6	D V	Stichus	M	seruus	//

	relinque, Athenas nunc colamus. sequere me.	tudo estrangeiro de lado; agora moremos em Atenas. [eluo, ere = lavar, purificar; colo, ere = habitar]																
<i>Stich.</i> 0735	[STI] <u>uin</u> amicam huc euocemus ? ea saltabit. [SANG] censeo.	Quer que chamemos a nossa moça para cá?	J	uin	euocemus	N	P	M	2	//	//	S	tr7	C	Stichus	M	seruus	//
<i>Trin.</i> 0059	[MEG] <u>uin</u> commutemus , tuam ego ducam et tu meam?	Quer que troquemos, eu casaria com a sua e você com a minha?	J	uin	commutemus	N	P	M	0	//	//	S	ia6	D V	Megaronides	M	senex	//
<i>Trin.</i> 0372	[LYS] eo, pater. [PHIL] pol ego istam uolo me rationem edoceas . [LYS] licet.	Eu quero que você me instrua do sentido disso.	J	uolo	edoceas	N	P	M	2	//	//	N	tr7	C	Philito	M	senex	//
<i>Trin.</i> 1091	adimit animam mi aegritudo. Stasime, tene me. [STA] uisne aquam tibi petam ? [CHAR] res quom animam agebat, tum esse offusam oportuit.	Quer que eu te pegue água?	J	uisne	petam	N	P	D	2	//	//	S	tr7	C	Stasimus	M	seruus	//
<i>Truc.</i> 0473	eam nunc malitiam accuratam miles inueniat uolo .	Agora quero que o soldado encontre essa maldade bem executada.	J	uolo	inueniat	N	A	M	0	//	//	N	tr7	C	Phronesium	F	meretrix	//
<i>Truc.</i> 0481	date aquam manibus. nunc ecastor adueniat miles uelim .	Agora gostaria que o soldado viesse.	J	uelim	adueniat	N	A	M	1	//	//	N	tr7	C	Phronesium	F	meretrix	//
<i>Truc.</i> 0502	[STRAT] peperit mulier, ut ego opinor. [AST] <u>uin</u> adeam ad hominem? [PHRO] uolo.	Quer que eu aborde ele?	J	uin	adeam	N	P	M	0	//	//	S	tr7	C	Astaphium	F	ancilla	//
<i>Truc.</i> 0924 [1]	[PHRO] <u>uin</u> te amplectar , sauium dem? [STRAB] quiduis face <qui> gaudeam.	Quer que eu te abraçe, dê um beijo?	J	uin	amplectar	N	P	M	1	//	//	S	tr7	C	Phronesium	F	meretrix	//
<i>Truc.</i> 0924 [2]	[PHRO] <u>uin</u> te amplectar, sauium dem ? [STRAB] quiduis face <qui> gaudeam.	Quer que eu te abraçe, dê um beijo?	J	uin	dem	N	P	M	3	//	//	S	tr7	C	Phronesium	F	meretrix	//
<i>Ad.</i> 0138	unum uis curem : curo. et est dis gratia	Você quer que eu me preocupe com um só: me preocupo.	J	uis	curem	N	P	M	0	//	//	N	ia6	D V	Demea	M	senex	Martin (1976): " uis curem : <i>uelle</i> + subj. is commoner than <i>uelle ut</i> + subj. in Pl. and T. In fact <i>ut</i> is found in T. only after <i>uolo</i> (1st person pres. indic.), and most Plautine exx. follow either <i>uolo</i> or <i>uelim</i> ."

Ad. 0519	quod cum salute eius fiat, ita se defetigarit uelim ut triduo hoc perpetuo prorsum e lecto nequeat surgere.	Que aconteça com a saúde dele, gostaria que ele se fatigasse tanto que...	J	uel im	defeti garit	N	A	M	0	//	//	N	tr7	C	Ctesipho	M	adules cens	Martin (1976): " defegarit : pre. subj. after <i>uelim</i> is common, perf. subj. is rare; but here the perfect implies 'prove to have tired himself out'."
Ad. 0532	[SYR] uah quam uellem etiam noctu amicis operam mos esset dari!	Ah! Como eu queria que fosse costume dar atenção aos amigos também de noite!	J	uel le m	esset	N	P	M	5	//	//	N	tr7	C	Syrus	M	seruus	Martin (1976): " uellem : <i>uolo</i> etc. followed bu subj. without <i>ut</i> originates from parataxis; here, <i>uellem</i> 'I could wish' (potential subj.), <i>esset</i> 'would that it were' (optative)."
Ad. 0681	[AES] ita uelim me promerentem ames dum vivas, mi pater,	Gostaria que você me amasse, merecendo eu, enquanto você viver, meu pai, assim como...	J	uel im	ames	N	P	M	2	//	//	N	ia6	D V	Aeschinus	M	adules cens	//
Andr. 0388	" ducas uolo hodie uxorem;" tu "ducam" inquires.	"Hoje quero que você se case."	J	uol o	ducas	N	A	M	0	//	//	N	ia6	D V	Dauos	M	seruus	//
Andr. 0418	[DAV] probe. [SIM] hodie uxorem ducas , ut dixi, uolo .	Hoje quero que você, como eu disse, se case.	J	uol o	ducas	N	A	M	2	//	//	N	ia6	D V	Simo	M	senex	Shipp (1960): " hodie . . . volo , Davos had anticipated his exact words, 388"
Andr. 0708	[PAM] ego hanc uisam. [DAV] quid tu? quo hinc te agis? [CHA] uerum uis dicam ? [DAV] immo etiam.	Você quer que eu diga a verdade?	J	uis	dicam	N	P	M	0	//	//	S	ia7	C	Charinus	M	adules cens	//
Eun. 0894	[CHAE] ego uero maneo. [THA] uin interea, dum uenit, domi opperiamur potius quam hic ante ostium?	Você quer, enquanto ele vem, que esperemos em casa em vez de aqui em frente à porta? [opperior, iri = esperar]	J	uin	opper iamur	N	P	D	4	//	//	S	tr7	C	Thais	F	meretr ix	Barsby (1999): " 894-5 uin . . . . . . opperiamur . . . ? : paratactic deliberative subj. = 'do you wish us to wait?' T. uses this construction not infrequently after forms of uelle (18 examples: McGlynn I(6)), though his preference is for acc. + inf. (cf. 248, 764, 979, 1002, 1069)."
Eun. 1054	obsecro, Gnatho, in te spes est. [GNA] quid uis faciam ? [THA] perforce hoc	O que você quer que eu faça?	J	uis	facia m	N	P	M	0	//	//	S	tr7	C	Gnatho	M	parasit us	//
Haut. 0162	[MEN] utinam ita di faxint! [CHR] facient. nunc si commodumst, Dionysia hic sunt hodie; apud me sis uolo .	[...] quero que você esteja na minha casa.	J	uol o	sis	N	A	M	0	//	//	N	ia6	D V	Chremes	M	senex	//
Haut. 0818	[CLIT] quid igitur dicam tibi uis ? abiisti, mihi amicam adduxti quam non licitumst tangere.	Então, o que você quer que eu te diga?	J	uis	dicam	N	A	M	1	//	//	S	ia6	D V	Clitipho	M	adules cens	//

Haut. 0846	[CHR] cedo, quid uis faciam ? [MEN] inuenisti hodie filiam.	Diz, o que você quer que eu faça?	J	uis	faciam	N	P	M	0	//	//	S	ia6	D V	Chremes	M	senex	//
Haut. 1066	[SOS] perplacet. [CLIT] pater, hoc nunc restat. [CHR] quid? [CLIT] Syro ignoscas uolo quae mea causa fecit. [CHR] fiat. [CANTOR] vos ualete et plaudite.	Quero que você perdoe a Syrus as coisas que fez por minha causa.	J	uolo	ignoscas	N	A	M	0	//	//	N	tr7	C	Clitipho	M	adulescens	//
Hec. 0436	[PAM] quid cessas? [PAR] quid uis dicam ? an conueniam modo?	O que você quer que eu diga?	J	uis	dicam	N	P	M	0	//	//	S	ia6	D V	Parmeno	M	seruus	Carney (1963) comenta a possível origem jussiva da construção, citando Bennett, e também cita Allardice (1929, p. 133).
Hec. 0753	[LAC] lepida's. sed scin quid uolo potius sodes facias ? [BAC] quid uis? cedo.	Mas você sabe o que eu quero mais que você faça, se possível? [sodes = si audes = por favor]	J	uolo	facias	N	P	M	2	//	//	S	ia8	C	Laches	M	senex	//
Hec. 0787	[BAC] ob eam rem uin ergo intro eam ? [LAC] i, atque exple animum eis; coge ut credant.	Por isso você quer que eu entre?	J	uin	eam	N	P	M	2	//	//	S	ia7	C	Bacchis	F	meretrix	//
Phorm. 0102	" uoltisne eamus uisere?" alius "censeo.	Vocês querem que vamos ver?	J	uoltis	eamus	N	P	M	0	//	//	S	ia6	D V	Geta	M	seruus	Martin (1959): " uoltisne eamus , 'Shall we go?' originates from <i>uoltisne? eamus?</i> where <i>eamus</i> is simplest regarded as deliberative subjunctive ('D'you want? Are we o go?')."
Phorm. 0449	[DEM] te. [CRA] ego quae in rem tuam sint, ea uelim facias . mihi	Eu quero que você faça aquilo que seja [favorável] à sua situação.	J	uelim	facias	N	P	M	0	//	//	N	ia6	D V	Cratinus	M	aduocatus	Maltby (2012): "what is in your own best interest: a legal cliché, comparable to Hegio's 'there are as many opinions as there are men' (454).".
Phorm. 0819	[DEM] at tu intro abi. [CHR] heus, ne filii quidem hoc nostri resciscant uolo .	Não quero nem que nossos filhos descubram isso.	J	uolo	resciscant	N	A	M	0	//	//	N	ia8	C	Chremes	M	senex	O estatuto sintático da expressão <i>ne... quidem</i> é ambíguo: posse ser interpretado como uma negação específica ao substantivo rodeado por ela, ou o <i>ne</i> ser interpretado como a introdução de uma subordinada negativa, o que faria o exemplar não ser mais de justaposição. McGlynn (1967, v. 2, p. 292-6) considera o exemplar como justaposição, (item I (6): " <i>seq. subiunct., ut omissa.</i> ") e Bennett (1914, p. 216) não deixa clara sua interpretação ("There is also an instance of <i>uolo ne .... quidem</i> , viz. <i>Phor.</i> 819"). Pela raridade, no latim arcaico, da construção

Bacch. 0077	me amplexari. [PIS] quid eo mihi opust? [BAC] ut ille te uideat uolo .	Por que é necessário que eu faça isso? [BAC] Quero que ele te veja.	ut	uolo	uideat	N	A	M	0	1	//	//	N	tr7	C	Bacchi s	F	meretri x	//
Bacch. 0988a	[CHRY] quid me tibi adesse opus est? [NIC] uolo ut quod iubeo facias , ut scias quae hic scripta sient.	Quero que você fala o que eu mando, para que saiba o que está escrito aqui.	ut	uolo	facias	N	P	M	2	1	//	//	N	vr	C	Nicobu lus	M	senex	//
Cas. 0828	[LYS] facies tune hanc rem mi ex parata imparatam? id quaerunt, id uolunt , haec ut infecta faciant .	Buscam isto, querem isto, que façam essas coisas desfeitas.	ut	uolun t	faciant	S	P	M	2	1	apositiva	id	N	ba 4	C	Lysida mus	M	senex	MacCary & Willcock (1976): " id : antecedent of <i>ut</i> . quaerunt uolunt : two more or less synonymous words put together without connection (<i>asyndeton bimembre</i>) are a natural feature of early latin: cf. <i>uelitis iubeatis</i> , the phrase used by magistrates when they asked the populus for approval of a proposal (F. Leo, <i>Analecta plautina</i> III (1906) 4).".
Merc. 0560	redeam; ut mihi aedis aliquas conducat uolo ubi habitet istaec mulier. atque eccum it foras.	Quero que ele me arranje uma casa onde esta mulher possa morar.	ut	uolo	conducat	N	A	M	0	1	//	//	N	ia6	D V	Demip ho	M	senex	//
Most. 0632	[TRA] uelim quidem hercle ut uno nummo plus petas .	Eu gostaria que você pedisse por mais uma única moeda.	ut	uelim	petas	N	P	M	5	1	//	//	N	ia6	D V	Tranio	M	seruus	//
Most. 1098	quia enim id maxime uolo . ut illi istoc confugiant . sine:	Pois quero isto muitíssimo, que eles fujam para lá.	ut	uolo	confugiant	N	P	M	2	1	apositiva	id	N	tr7	C	Theopr opides	M	senex	//
Persa 0696 [1]	geminum autem fratrem seruire audiui hic meum, eum ego ut requiram atque uti redimam uolo .	Eu quero que eu o reencontre e que eu o recompre.	ut	uolo	requiram	S	A	M	2	2	//	//	N	ia6	D V	Sagaris tio	M	seruus	//
Persa 0696 [2]	geminum autem fratrem seruire audiui hic meum, eum ego ut redimam atque uti redimam uolo .	Eu quero que eu o reencontre e que eu o recompre.	ut	uolo	redimam	S	A	M	0	2	//	//	N	ia6	D V	Sagaris tio	M	seruus	//

<i>Pseud.</i> 0921	[PSEV] haec ea occasio est: dum ille dormit, <u>uolo</u> tu prior ut occupes adire.	Esta é a nossa chance: enquanto ele dorme, quero que você seja o primeiro a abordá-lo. [occupo, are + prior = ser o primeiro a]	ut	uolo	occupes	N	P	D	2	2	//	//	N	cr4	C	Pseudo lus	M	seruus	//
<i>Pseud.</i> 1247	[PSEV] quid hoc? sicin hoc fit, pedes? statin an non? an id <u>uoltis</u> ut me hinc iacentem aliquis tollat ?	Ou vocês querem isto, que alguém me leve daqui enquanto estou deitado?	ut	uoltis	tollat	N	P	M	4	1	apositiva	id	N	ba 4	C	Pseudo lus	M	seruus	//
<i>Rud.</i> 0768	[LAB] immo hasce ambas hic in ara ut uiuas comburam , id <u>uolo</u> .	Não, queimar essas duas vivas aqui no altar, isso é que eu quero.	ut	uolo	comburam	S	A	M	1	1	apositiva	id	N	tr7	C	Labrax	M	leno	Fay (1969): " id refers to <i>lignum</i> in 766: if, with OCT, we there retain the MSS's <i>ignem</i> , it will refer to the preceding <i>ut</i> -clause." A edição da Loeb indica que a emenda <i>lignum</i> é de Schoell e segue a tradição de P <i>ignem</i> .
<i>Rud.</i> 0961	quid inde aequom est dari mihi? dimidium <u>uolo</u> ut dicas . [GRIP] immo hercle etiam plus,	Quero que você diga metade.	ut	uolo	dicas	N	P	M	0	2	//	//	N	an 4	C	Trachal io	M	seruus	//
<i>Andr.</i> 0165	sed quid opust uerbis? sin eueniat quod <u>uolo</u> , in Pamphilo ut nil sit morae, restat Chremes qui mi exorandus est, et spero confore.	Se acontecer o que quero, que não acha nada de resistência em Pamphilus, resta Chremes...	ut	uolo	sit	N	P	D	3	1	apositiva	quod	N	ia6	D V	Simo	M	senex	Shipp (1960): " quod , anticipating the <i>ut</i> clause."
<i>Andr.</i> 0550	[SIM] immo ita <u>uolo</u> itaque postulo ut fiat , Chreme, neque postulem abs te ni ipsa res moneat. [CHR] quid est?	Na verdade assim quero e assim desejo que aconteça, Chremes, [...].	ut	uolo	fiat	N	P	M	2	2	apositiva	ita	N	ia6	D V	Simo	M	senex	//
<i>Hec.</i> 0396	quod te scire ipsa indicat res. nunc si potis est, Pamphile, maxime <u>uolo</u> doque operam ut clam partus eueniat patrem atque adeo omnis. sed si id fieri non potest quin sentiant,	Agora, se for possível, Pamphilus, quero muito e dou atenção a que o parto aconteça escondido do pai e de fato de todos.	ut	uolo	eueniat	N	P	M	4	1	//	//	N	tr7	C	Pamphi lus	M	adulesc ens	Carney (1963): " <i>clam</i> is used as a preposition here (cf. n. to l.261)); <i>patrem</i> refers to Ph. Translate: 'without her father's knowing'." Goldberg (2013): " clam : adv. + acc. (OLD 2b)

Phorm. 0322 [1]	[GET] quid ages? [PHO] quid uis , nisi uti mane at Phanium atque ex crimine hoc Antiphonem eripiam atque in me omnem iram deriuem senis?	O que você quer, a não ser que Phanium permaneça e que eu livre Antipho desse crime e que eu desvie toda a ira to velho contra mim?	ut	uis	mane	N	P	M	1	2	apositiva	quid	S	tr7	C	Phormi o	M	parasit us	//
Phorm. 0322 [2]	[GET] quid ages? [PHO] quid uis , nisi uti mane at Phanium atque ex crimine hoc Antiphonem eripiam atque in me omnem iram deriuem senis?	O que você quer, a não ser que Phanium permaneça e que eu livre Antipho desse crime e que eu desvie toda a ira to velho contra mim?	ut	uis	eripiam	N	P	D	8	2	apositiva	quid	S	tr7	C	Phormi o	M	parasit us	//
Phorm. 0322 [3]	[GET] quid ages? [PHO] quid uis , nisi uti mane at Phanium atque ex crimine hoc Antiphonem eripiam atque in me omnem iram deriuem senis?	O que você quer, a não ser que Phanium permaneça e que eu livre Antipho desse crime e que eu desvie toda a ira to velho contra mim?	ut	uis	deriuem	N	P	D	1 4	2	apositiva	quid	S	tr7	C	Phormi o	M	parasit us	//

M. uolo – exemplares justapostos de Plauto e Terêncio, tipo *in responso*

Localização	Versos	T radução e algum vocabulário	J/ut	V. principal	V. subord.	Memos	ante post	Pos. no verso	Distância	Casos especiais	Obs. casos esp.	Metro	canica	Nome pers.	Sexo	Tipo	Comentário Analítico
Bacch. 0604	[PAR] numquid uis ? [PIS] abeas . celeriter facto est opus.	Quer algo? [PIS] Que você parta.	J	uis	abeas	N	P	M	0	numquid / resposta		ia6	D V	Pistocler us	M	adulesc ens	Barsby (1986): "... This is the standard leave-taking formula of comedy and no doubt of ordinary conversation..."
Capt. 0191	numquid uis ? [HEG] uenias temperi. [ERG] memorem mones.	Quer algo? [HEG] Que você venha na hora. [temperi = adv. ligado a <i>tempus</i>]	J	uis	uenias	N	P	M	0	numquid / resposta	//	ia6	D V	Hegio	M	senex	//

<i>Curc.</i> 0525	[LYCO] numquid uis , leno? [CAP] istas minas decem, qui me procurem, dum melius sit mi, des . [LYCO] dabuntur, cras peti iubeto.	Quer algo, cafetão? [CAP] Que você dê estas dez minas, para que eu cuide de mim, até que eu me sinta melhor.	J	uis	des	N	P	D	1 1	numquid / resposta	//	ia7	C	Cappadox	M	leno	Collart (1962), no comentário a esse verso, reporta ao comentário do verso 271-2: "la 2e sg. du subj. présent peut encore, chez Plaue, exprimer un ordre (cf. v. 436) ou une défense (cf. v. 213 et 539) à un interlocuteur particulier, mais généralement avec une nuance de prière ou de conseil; cf. E. T., <i>Synt.</i> §251; Bennett, <i>Synt.</i> , I, p. 163 et 168."
<i>Poen.</i> 0801 [1]	[COL] numquid me? [AGO] apscedas , sumas ornatum tuom.	Quer algo mais? [AGO] Que você vá, que tome suas roupas.	J	0	apscedas	N	P	M	1	numquid / resposta	sine verbo	ia6	D V	Agorastocles	M	adulescens	Moodie (2015): " me Supply uis as the verb." Maurach (1988): "Sjögren, De part. 156 weiß zu <i>numquid me?</i> keine Stützstelle zu nennen, also Unterbrechung nach me. Zu andersartigen Ellipsen von <i>uis</i> Ba 757, Merc 282. Derlei Abschiedsformeln wurden zuweilen witig beantwortet [...]; her folgt barsch der Abgangsbefehl."
<i>Poen.</i> 0801 [2]	[COL] numquid me? [AGO] apscedas , sumas ornatum tuom.	Quer algo mais? [AGO] Que você vá, que tome suas roupas.	J	0	sumas	N	P	M	2	numquid / resposta	sine verbo	ia6	D V	Agorastocles	M	adulescens	v. comentário ao exemplar [1].
<i>Pseud.</i> 1147	[HAR] quin tu mecum fabulare? [BAL] fabulor. quid uis tibi? [HAR] argentum accipias . [BAL] iamdudum, si des, porrexī manum.	Por que você está falando comigo? [BAL] Estou falando. O que você quer para você? [HAR] Que você receba o dinheiro.	J	uis	accipias	N	P	D	2	resposta	//	tr7	C	Harpax	M	cacula	//
<i>Trin.</i> 0192	[CAL] numquid uis ? [MEG] cures tuam fidem. [CAL] fit seditulo.	Quer algo? [MEG] Que você cuida da sua boa fé.	J	uis	cures	N	P	M	0	numquid / resposta	//	ia6	D V	Megaroni des	M	senex	Nutting (1908): " Numquid uis? regular formula preparatory to leave-taking. - Cures : connect with <i>uis</i> ."
<i>Hec.</i> 0753 [2]	[LAC] lepida's. sed scin quid uolo potius sodes facias? [BAC] quid uis ? cedo. [LAC] eas ad mulieres huc intro atque istuc iusiurandum idem	O que você quer? Diz. [LAC] Que você vá daqui para dentro junto às mulheres e [...]	J	uis	eas	N	P	D	1	resposta	//	ia8	C	Laches	M	senex	Carney (1963), comentando v. 754: " <i>Eas</i> : constructed as was <i>facias</i> .", provavelmente se referindo ao verso anterior.

N. uolo – exemplares com *ut* de Plauto e Terêncio, tipo *in responso*

Localização	Versos	Tradução e algum vocabulário	J/ut	V. principal	V. subord.	Mesmos sujeitos	Pos. no verso	Pos. no verso	Distância	Posição <i>ut</i>	Casos especiais	Obs. casos esp.	Metro	<i>cantica deuerbia</i>	Nome pers.	Sexo	Tipo	Comentário Analítico
<i>Amph.</i> 0542	[IVP] numquid uis ? [ALC] ut quom apsim me ames , me tuam te apsentitamen.	Quer algo? [ALC] Que me ame quando estiver ausente, eu, sua, mesmo na sua ausência.	ut	uis	ames	N	P	M	3	1	numquid / resposta	//	tr7	C	Alcumena	F	matrona	Christenson (2000): " 'Anything else? (<i>sc. aliud</i>), 'Is that all?' <i>numquid uis</i> is 'a polite formula of departure whereby one might gracefully indicate a desire to terminate a conversation and withdraw' (Hough (1945) 282; cf. Horace's attempt to take leave of a pest at S. 1.9.6). Jupiter clearly wants to depart (cf. 531n.), and expects a brief and equally formulaic answer such as <i>uale, ut ualeas, uel sim</i> . But P. often has a character humorously pretend to understand the formula literally, as Alcmena here."
<i>Amph.</i> 0544	iam ego sequar. numquid uis ? [ALC] etiam: ut actutum aduenias . [IUP] licet,	Quer algo? [ALC] Sim: que você retorne logo.	ut	uis	aduenias	N	P	M	2	1	numquid / resposta	//	tr7	C	Alcumena	F	matrona	Christenson (2000): " numquid uis? : Jupiter delivers the formula of dismissal with increasing irritation (542n.). etiam 'Yes', a colloquialism (OLD 5). Cf. 362n. ut actutum aduenias : she again gives a literal response to Jupiter's <i>numquid uis?</i> (542n); the gift of the bowl has achieved its intended effect (536-7n) and actutum is now satisfactory (cf. 530n.) to Alcmena."
<i>Aul.</i> 0351	[STRO] Strobilus. [STA] quid uis ? [STRO] hos ut accipias coquos tibicinamque obsoniumque in nuptias.	O que você quer? [STRO] Que você receba estes cozinheiros, a flautista e as	ut	uis	accipias	N	P	M	1	2	resposta	//	ia6	D V	Strobilus	M	seruus	//

		provisões para as núpcias.																
<i>Capt.</i> 0448	numquid aliud? [TYN] ut quam primum possis redeas .	Quer algo mais? [TYN] Que você volte o mais rápido possível.	ut	0	redeas	N	P	M	4	1	numquid / resposta	sine verbo	tr7	C	Tyndarus	M	seruus	Lindsay (1900): " Numquid aliud? This variation of the usual formula of leave-taking, <i>numquid uis?</i> (see note on v. 191) is not uncommon in Plautus [...]."
<i>Cist.</i> 0119	ne quem ames. abi intro. [GYM] numquid me uis ? [LENA] ut ualeas . [GYM] uale.	Quer algo? [LENA] Que você vá bem.	ut	uis	ualeas	N	P	M	0	2	numquid / resposta	//	tr7	C	Lena	F	lena	//
<i>Epid.</i> 0462 [1]	si tibi molestum non est. [PER] non edepol scio molestum necne sit, nisi dicis quid uelis . [MIL] mi illam ut tramittas , argentum accipias.	Não sei se isso é ruim ou não, a menos que você me diga o que quer. [MIL] Que você entregue ela para mim e receba o dinheiro.	ut	uelis	tramittas	N	P	D	2	2	resposta	//	ia6	D V	Miles	M	miles	Duckworth (1940), comentando o v. 463: "With <i>tramittas</i> and <i>accipias</i> , <i>uolo</i> is to be supplied."
<i>Epid.</i> 0462 [2]	si tibi molestum non est. [PER] non edepol scio molestum necne sit, nisi dicis quid uelis . [MIL] mi illam ut tramittas, argentum accipias .	Não sei se isso é ruim ou não, a menos que você me diga o que quer. [MIL] Que você entregue ela para mim e receba o dinheiro.	ut	uelis	accipias	N	P	D	4	1	resposta	//	ia6	D V	Miles	M	miles	Duckworth (1940), comentando o v. 463: "With <i>tramittas</i> and <i>accipias</i> , <i>uolo</i> is to be supplied."
<i>Epid.</i> 0512 [1]	[FID] haec sic audiui. numquid me uis ceterum? [PER] malo cruciatu ut pereas atque abeas cito.	Quer alguma outra coisa de mim? [PER] Que você morra numa cruz terrível e parta rápido.	ut	uis	peras	N	P	D	3	2	numquid / resposta	//	ia6	D V	Periphanes	M	senex	Duckworth (1940): " <i>ut pereas atque abeas</i> is a good instance of ὅστερον πρότερον".
<i>Epid.</i> 0512 [2]	[FID] haec sic audiui. numquid me uis ceterum? [PER] malo cruciatu ut pereas atque abeas cito.	Quer alguma outra coisa de mim? [PER] Que você morra numa cruz terrível e parta rápido.	ut	uis	abeas	N	P	D	5	2	numquid / resposta	//	ia6	D V	Periphanes	M	senex	//
<i>Men.</i> 0328	numquid uis ? [SOS] ut eas maxumam malam crucem.	Quer algo? [SOS] Que você vá para a pior das cruzes.	ut	uis	eas	N	P	M	0	2	numquid / resposta	//	ia6	D V	Sosicles	M	adulescens	Gratwick (1993): "a polite leave-taking, 'Anything else?', here as often the cue for a dry rejoinder".
<i>Merc.</i> 0621	bonum sodalem? [EVT] quid me facere uis ? [CHAR] idem quod me uides,	O que você quer que eu faça? [CHAR] O mesmo que você me vê fazendo, que você	ut	uis	pereas	N	P	D	4	2	apositiva/ resposta	idem	tr7	C	Charinus	M	adulescens	//

	ut pereas . quin percontatu's, hominis quae facies foret	morra.																
<i>Mil.</i> 0259	numquid aliud? [PAL] intro ut abeas . [PER] abeo. [PAL] et quidem ego ibo domum	Algo mais? [PAL] Que você entre.	ut	0	abeas	N	P	M	2	2	numquid / resposta	sine verbo	tr7	C	Palaestrio	M	seruus	Hammond, Mack & Moskalaw (1970): " numquid aliud : supply <i>uis</i> , see on 185. - intro ut abeas : Pa.'s reply depends on <i>uolo</i> understood."
<i>Mil.</i> 1050	[PYR] quid nunc tibi uis , mulier? memora. [MILPH] ut quae te cupit, eam ne spernas , quae per tuam nunc uitam uiuit: sit necn' sit spes in te uno est.	O que você quer agora, mulher? Diz. [MILPH] Que você não rejeite aquela que te deseja, que vive agora por meio da sua vida. [sperno, ere = rejeitar]	ut	uis	spernas	N	P	M	7	1	resposta	ut ne	an7	C	Milphidippa	F	ancilla	//
<i>Mil.</i> 1195	[PAL] abicito atque orna te. [PLEV] numquid aliud? [PAL] haec ut memineris .	Algo mais? [PAL] Que você lembre disso.	ut	0	memineris	N	P	M	2	2	numquid / resposta	sine verbo	tr7	C	Palaestrio	M	seruus	Hammond, Mack & Moskalaw (1970): " numquid aliud : supply <i>uis</i> , see on 185. - memineris : the notion of a wish accounts for the subj."
<i>Mil.</i> 1274	ne tu mirere mulierem. sed quid <est quod> uolt me facere? [MILPH] ad se ut eas : tecum uiuere uolt atque aetatem exigere.	Mas o que é que ela quer que eu faça? [MILPH] Que você vá à casa dela: ela quer viver e passar a vida com você	ut	uolt	eas	N	P	D	4	2	resposta	//	ia7	C	Milphidippa	F	ancilla	//
<i>Persa</i> 0735	[TOX] num quippiam aliud me uis ? [DOR] ut bene sit tibi.	Quer algo mais de mim? [DOR] Que você esteja bem.	ut	uis	sit	N	P	M	1	1	numquid / resposta	//	ia6	D V	Dordalus	M	leno	//
<i>Poen.</i> 0911	[SYN] ita di faxint! numquid aliud? me morare, Milphio. [MIL] ualeas beneque ut tibi sit . SYN pol istuc tibi et tuo est ero in manu.	Algo mais? Você está me atrasando, Milphio. [MIL] Que você vá e que fique bem.	ut	0	sit	N	P	D	7	1	numquid / resposta	sine verbo	tr7	C	Milphio	M	seruus	Quanto a <i>ualeas</i> , cf. meu comentário a <i>Amph.</i> 9. Assim, como lá, considero-o ambíguo quanto à presença ou não da conjunção.
<i>Poen.</i> 1398	[ANTA] heus tu, leno! [LYC] quid lenonem uis inter negotium? [ANTA] ut minam mi argenti reddas prius quam in neruom abducere.	O que você quer do cafetão no meio de um negócio? [ANTA] Que você me devolva minha mina de prata antes que seja levado à prisão.	ut	uis	reddas	N	P	D	5	1	resposta	//	tr7	C	Antamynides	M	miles	//

		[neruus, i = prisão]																
<i>Pseud.</i> 0276	sed scin quid nos uolumus ? [BAL] pol ego propemodum: ut male sit mihi.	Mas você sabe o que nós queremos? [BAL] Praticamente: que me passe mal.	ut	uolumus	sit	N	P	M	4	1	resposta	//	tr7	C	Pseudo lus	M	seruus	//
<i>Pseud.</i> 0321 [1]	[BAL] quid nunc uis ? [CALI] ut opperiare hos sex dies aliquos modo, ne illam uendas neu me perdas hominem amantem. [BAL] animo bono es.	O que você quer agora? [CALI] Que você espere por uns seis dias e que não a venda nem arruine a mim, um homem apaixonado. [opperior, ire = esperar]	ut	uis	opperiare	N	P	M	0	2	resposta	//	tr7	C	Calliph o	M	senex	De Melo (2007b, p. 23-4) classifica os verbos <i>uendas</i> e <i>perdas</i> como pertencentes a "Subject or Object clauses".
<i>Pseud.</i> 0660	[PSEV] quid nunc uis ? [HAR] inde ut me arcessas , erus tuos ubi uenerit.	O que você quer agora? [HAR] Que você me chame de lá quando seu senhr tiver chegado.	ut	uis	arcessas	N	P	M	2	1	resposta	//	tr7	C	Harpax	M	cacula	//
<i>Pseud.</i> 0665	[HAR] numquid uis ? [PSEV] dormitum ut abeas . [HAR] abeo. PSEV] atque audin, Harpax?	Quer algo? [PSEV] Que você vá embora para dormir.	ut	uis	abeas	N	P	M	1	2	numquid / resposta	//	tr7	C	Pseudo lus	M	seruus	//
<i>Rud.</i> 1216	[DAE] omnian licet? [TRA] licet. sed scin quid est quod te uolo ? quod promitisti ut memineris , hodie ut liber sim. [DAE] licet.	Mas você sabe o que é que eu quero de você? Que se lembre do que prometeu, de modo que eu hoje eu seja livre.	ut	uolo	memineris	S	P	D	2	2	resposta	//	tr7	C	Trachal io	M	seruus	Fay (1969) comentando o verso 1217: " ut memineris depends on <i>uolo</i> ; quod promitisti on <i>memineris</i> ." Sonnenschein (1891) entende que <i>ut liber sim</i> é regido por <i>memineris</i> .
<i>Truc.</i> 0432 [1]	[DIN] num quippiam aliud me uis ? [PHRO] ut quando otium tibi sit ad me reuisas , et ualeas. [DIN] uale.	Quer algo mais de mim? [PHRO] Que, quando você tiver tempo livre, me visite de novo, e que passe bem.	ut	uis	reuisas	N	P	D	6	1	numquid / resposta	//	ia6	D V	Phrone sium	F	meretri x	//
<i>Truc.</i> 0432 [2]	[DIN] num quippiam aliud me uis ? [PHRO] ut quando otium tibi sit ad me reuisas, et ualeas . [DIN] uale.	Quer algo mais de mim? [PHRO] Que, quando você tiver tempo livre, me visite de novo, e que passe bem.	ut	uis	ualeas	N	P	D	8	1	numquid / resposta	//	ia6	D V	Phrone sium	F	meretri x	Seria possível se pensar que <i>ualeas</i> fosse um subjuntivo independente como é comum em despedidas. Ainda assim, é notável que a presença do elemento coordenante et coloca <i>ualeas</i> no mesmo patamar de <i>reuisas</i> e, portanto, também sob a regência de <i>ut</i> .

<i>Eum.</i> 0191	[PHAE] in hoc biduom, Thais, uale. [THA] mi Phaedria, et tu. numquid uis aliud? [PHAE] egone quid uelim ? cum milite isto praesens absens ut sies ; dies noctesque me ames, me desideres, me somnies, me exspectes, de me cogites, me speres, me te oblectes, mecum tota sis;	Quer algo mais? [PHAE] Se eu quero algo? Que, quando presente com este soldado, você esteja ausente; que me ame dia e noite, me deseje...	ut	uelim	sies	N	P	D	5	2	resposta	//	ia6	D V	Phaedri a	M	adulesc ens	Apesar de ser desencadeado pela pergunta formular <i>numquid uis?</i> , a forma <i>uelim</i> é que, por sua vez, desencadeia a construção com subjuntivo. Além disso, todos os subjuntivos que seguem fazem parte de uma enumeração hiperbólica que amplia o sentido de <i>absens ut sies</i> . Contar todos esses subjuntivos seria desconsiderar o peso retórico e artificial do trecho, que abusa do uso de uma construção; do ponto de vista estatístico, essa amostra traria dados não independentes, já que todos estão fortemente condicionados um ao outro e à situação, o que gera distorções nas conclusões que se possa fazer. Barsby (1991): " 191 [...] egone quid uelim? : the 'echo' of the original question produces a subj., which can be regarded either as deliberative ('what should I want?') or as a virtual indirect question (= <i>rogasne numquid ego uelim?</i>). See <i>NLS</i> §175, 179, Allardice 132." E ainda: " 192 praesens absens ut sies : sc. <i>uelim</i> , 'that you should be sent in mind when you are present in body'; for <i>uelle + ut</i> see <i>OLD</i> 6c."
<i>Phorm.</i> 0151	[DAV] numquid, Geta, aliud me uis ? [GET] ut bene sit tibi.	Quer algo mais de mim, Geta? [GET] Que te haja bem.	ut	uis	sit	N	P	M	1	1	numquid / resposta	//	ia6	D V	Geta	M	seruus	//

O. uolo – exemplares justapostos das outras obras de Cícero

Loc. Merguet	TLL	Trecho	J/ut	V. principal
Quinct. 19	<i>Quinct.</i> 19	nunc hoc uelim cures	J	uelim

Sex. Rosc. 90	<i>S. Rosc. 90</i>	qui omnes, quod ad me attinet, uellem uiuerent	J	uellem
Sex. Rosc. 138	<i>S. Rosc. 138</i>	qui dicat "uellem quidem liceret: hoc dixissem"	J	uellem
Verr. III, 155	<i>Verr. II, 3, 155</i>	UOLO, MI FRATER, FRATERCULO TUO CREDAS	J	uolo
Verr. III, 225	<i>Verr. II, 3, 225</i>	uellem etiam hoc posset dicere, nihil ad se istam rationem pertinere	J	uellem
Caecin. 85	<i>Caecin. 85</i>	uelim, recuperatores,... sic existimetis	J	uelim
Caecin. 100	<i>Caecin. 100</i>	ut haec ex iure ciuili proferunt, sic adferant uelim..	J	uelim
Cluent. 198	<i>Cluent. 198</i>	uellem praesentem possem P. Helvidium Rufum ... nominare!	J	uellem
leg. agr. II, 63	<i>leg. agr. 2, 63</i>	uellem fieri posset ut..	J	uellem
Sulla 46	<i>Sull. 46</i>	mihi hoc credas uelim	J	uelim
har. resp. 50	<i>har. resp. 50</i>	uelim sic hoc uir summus... accipiat	J	uelim
Cael. 7	<i>Cael. 7</i>	uellem aliqui ex uobis... hunc male dicendi locum suscepisset	J	uellem
Cael. 23	<i>Cael. 23</i>	uellem dictum esset ab eodem etiam de Dione	J	uellem
Cael. 74	<i>Cael. 74</i>	uellem alio potius eum cupiditas gloriae detulisset	J	uellem
Deiot. 43	<i>Deiot. 43</i>	quocirca... uelim existimes	J	uelim
Phil. I, 13	<i>Phil. 1, 13</i>	hoc ignoscant di immortales uelim... populo romano	J	uelim
Phil. I, 16	<i>Phil. 1, 16</i>	uellem adesset M. Antonius, modo sine aduocatis	J	uellem
Phil. II, 24	<i>Phil. 2, 24</i>	ea uelim reprehendas, si potes	J	uelim
Phil. II, 41	<i>Phil. 2, 41</i>	uelim mihi dicas	J	uelim
Phil. II, 44	<i>Phil. 2, 44</i>	uisne igitur te inspiciamus a puero?	J	uisne
Phil. III, 16	<i>Phil. 3, 16</i>	uellem hanc contemptionem pecuniae suis reliquisset!	J	uellem
Phil. IX, 1	<i>Phil. 9, 1</i>	uellem di immortales fecissent	J	uellem
Phil. XIII, 22	<i>Phil. 13, 22</i>	uelim ut adhuc fecistis, me attente audiat	J	uelim
L I, 20	<i>leg. 1, 20</i>	uisne ergo ipsius iuris ortum a fonte repetamus?	J	uisne
L II, 1	<i>leg. 2, 1</i>	sed uisne... locum mutemus et in insula... sermoni reliquo demus operam sedentes?	J	uisne
F II, 5	<i>fin. 2, 5</i>	nunc idem... uelim definias, quid sit uoluptas	J	uelim
F IV, 3	<i>fin. 4, 3</i>	in qua (institutione) animaduertas uelim quid mutandum putes	J	uelim
L III, 26	<i>leg. 3, 26</i>	haud equidem adsentior, tu tamen ad reliqua pergas uelim	J	uelim
Lae 5	<i>Lael. 5</i>	tu uelim a me animum parumper auertas, Laelium loqui ipsum putes	J	uelim
fr V, 48	<i>phil. fgr. V 48</i>	quare uelim dari mihi, Luculle, iubeas, indicem tragicorum	J	uelim
F I, 26	<i>fin. 1, 26</i>	de cetero uellem equidem... ipse (Epicurus) doctrinis fuisset instructor... aut ne deteruisset alios a studiis	J	uellem
F III, 10	<i>fin. 3, 10</i>	quam uellem... te ad Stoicos inclinauisses!	J	uellem
T I, 81	<i>Tusc. 1, 81</i>	uellem adesse posset Pansetius	J	uellem
T V, 20	<i>Tusc. 5, 20</i>	nos uellem praemio elicere possemus, qui nobis aliquid attulisset, quo hoc firmiter crederemus	J	uellem
N I, 91	<i>nat. deor. 1, 91</i>	sic homines... exstittis? uellem diceretis	J	uellem
R I, 15	<i>rep. 1, 15</i>	hic Scipio: quam uellem Panaetium nostrum nobiscum haberemus!	J	uellem
O II, 7	<i>off. 2, 7</i>	quibus uellem satis cognita esset nostra sententia	J	uellem
O III, 1	<i>off. 3, 1</i>	uellem nobis hoc idem uere dicere liceret	J	uellem
C 32	<i>Cato 32</i>	uellem equidem idem possem gloriari, quod Cyrus	J	uellem

P. uolo – exemplares com *ut* das outras obras de Cícero

Loc. Merguet	TLL	Trecho	J/ut	V. principal
imp. Pomp. 48	<i>Manil.</i> 48	quod ut illi proprium ac perpetuum sit... uelle et optare debetis	ut	uelle
Sulla 1	<i>Sull.</i> 1	maxime uellem, iudices, ut P. Sulla... fructum aliquem percipere potuisset	ut	uellem
dom. 44	<i>dom.</i> 44	UELITIS IUNEATIS UT M. TULLIUS IN CIUITATE NE SIT BNAQUE EIUS UT MEA SINT	ut	uelitis
dom. 47	<i>dom.</i> 47	UELITIS IUBEATIS UT M. TULLIO AQUA ET IGNI INTERDICATUR	ut	uelitis
Vatin. 14	<i>Vatin.</i> 14	uolo ut mihi respondeas tu	ut	uolo
Vatin. 17	<i>Vatin.</i> 17	uolo uti mihi respondeas	ut	uolo
Vatin. 21	<i>Vatin.</i> 21	uolo uti mihi respondeas	ut	uolo
Vatin. 29	<i>Vatin.</i> 29	uolo uti mihi respondeas	ut	uolo
Vatin. 18	<i>Vatin.</i> 18	uolo uti respondeas	ut	uolo
Piso 72	<i>Pis.</i> 72	at hoc nusquam opinos scriptum fuisse in illo elogio...: uelitis iubeatis, ut, quo M. Cicero uersum fecerit, sed quod uindicarit	ut	uelitis
Phil VIII, 31	<i>Phil.</i> 8, 31	huius industriam maxime quidem uellem ut imitarentur ei, quos oportebat	ut	uellem
F II, 72	<i>fin.</i> 2, 72	id... uolumus, id contendimus, ut officii fructus sit ipsum officium	ut	uolumus
T V, 83	<i>Tusc.</i> 5, 83	quoniam uideris hoc uelle, ut... uirtus satis habeat ad uitam beatam praesidii	ut	uelle
D I, 67	<i>div.</i> 1, 67	illud, quod uolumus, expressum est, ut uaticinari furur uera soleat	ut	uolumus
R III, 6	<i>rep.</i> 3, 6	qui utrumque uoluit et potuit, id est ut cum maiorum institutis, tum doctrina se intrueret	ut	uoluit
O I, 56	<i>off.</i> 1, 56	efficitur... id, quod Pythagoras uult in amicitia, ut unus fiat ex pluribus	ut	uult
fr VIII, 9	[??]	declarat... (Ajax) se uelle, ut suum tumulum... praetereuntes sic loquantur	ut	uelle